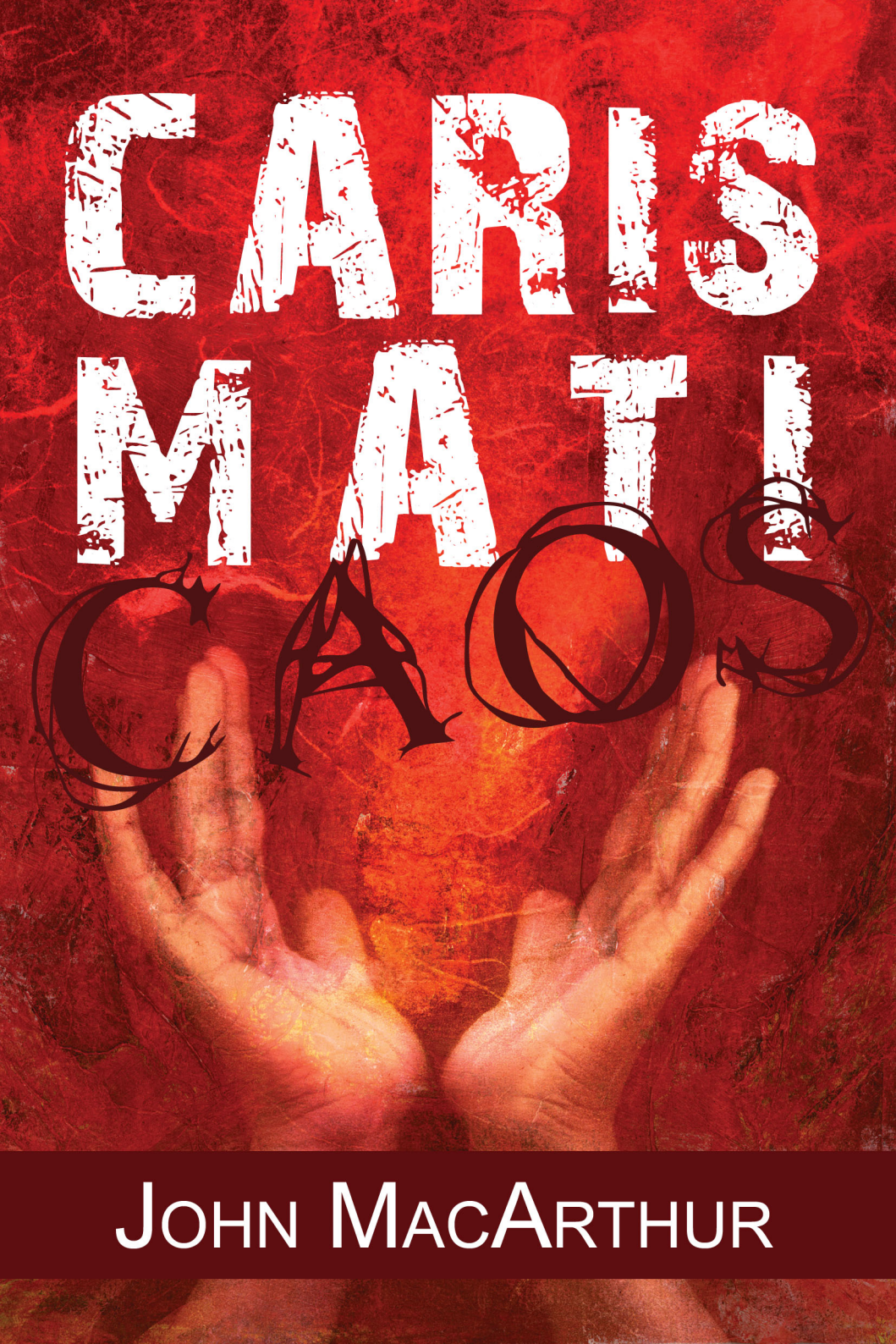

CARISMATICOS
JOHN MACARTHUR

John MacArthur, Jr

O CAOS CARISMÁTICO



Editora Fiel

O CAOS CARISMÁTICO
Traduzido do original em inglês
Charismatic Chaos por John MacArthur
Copyright © 1992 by John MacArthur, Jr

Publicado por Zondervan Publishing House
Grand Rapids, Michigan 49530

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Editora Fiel

Caixa Postal 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.:(12)3936-2529
www.editorafiel.com.br

Presidente: Rick Denham
Presidente emérito: James Denham Jr.
Editor: Tiago Santos
Tradução: Rogerio Portella
Revisão: Francisco Wellington e Tiago Santos
Capa: Diego Baptista
Arte Final: Layout - Wirley Correa
Formato e-book: Daniel Gardner

Mais conteúdo gratuito:



[E-Book]

O Que é uma Igreja Saudável?

Mark Dever

Por seguir os exemplos dos autores do Novo Testamento e dirigir-se aos membros da igreja, desde o pastor aos membros regulares, Mark Dever desafia todos os crentes a fazerem sua parte no cuidado para com a igreja local. Este livro oferece verdades atemporais e princípios práticos para ajudar-nos a cumprir nosso papel, dado por Deus, no corpo de Cristo.



[audioBook]

Quando Pecadores Dizem "Sim"

Dave Harvey

As pessoas chegam ao casamento com visões de mundo bem distintas, o que traz inúmeros transtornos na vida conjugal. Esta obra cativante e bem humorada de Dave Harvey trata da questão do pecado no casamento com muita franqueza, mostrando que só o poder transformado do pecado pode vencê-lo.



[vídeo]

Plena Satisfação em Deus

John Piper

Esta série de palestras trata de uma questão muito negligenciada hoje em dia – o fato de buscarmos nossa alegria em Deus. Existimos para glorificar a Deus e nos alegrarmos eternamente nele. Com muita sensibilidade, o Pr. John Piper argumenta biblicamente que Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele.

Clique aqui e acesse!

"E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5.18-21).

"Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei" (Gl 5.22-23).

Sumário

Introdução.....11
A experiência é um teste válido da verdade? 25
A viagem insuperável 31
Duas abordagens básicas do cristianismo.....36
O historiador carismático Vinson Synan registrou: 39
Pedro era carismático? 42
Paulo confiava na experiência?.....46
Entusiasmados, mas ingênuos 48
A origem da teologia experimental 49
A batalha pela Bíblia se intensifica 53
Deus ainda concede revelações?..... 57
O que significa a inspiração?.....63
Conceitos modernos sobre a inspiração.....64
Revelação progressiva? 67
O cânon está terminado.....74
Como o cânon bíblico foi escolhido e terminado.....76
Profetas, fanáticos ou hereges?..... 82
Os profetas de Kansas City.....82
Montanismo 92
Catolicismo romano 94
Neo-ortodoxia 98
As seitas 101
Do Sola Scriptura a "algo mais" 103

Como devemos interpretar a Bíblia?.....108
Três erros que devem ser evitados 111
Cinco princípios para a interpretação correta da Bíblia....117
Só mais uma coisa é necessária.....122
Quatro textos bíblicos comumente mal interpretados 124
Corte-a reto 135
Deus realiza milagres hoje?.....137
O que são milagres? 137
O que podemos dizer sobre os milagres modernos? 141
O que aconteceu com a era dos milagres?.....144
Quando e por que Deus usou milagres?.....145
Milagres são necessários hoje?.....152
Deus promete milagres para todos?.....155
O que tornou os apóstolos pessoas singulares?.....157
O poder de Deus diminuiu?.....164
O que está por trás da "Terceira Onda"
e aonde ela está indo? 167
Sinais e maravilhas?.....171
Evangelismo de poder? 178
Uma orientação bíblica?.....183
Uma herança evangélica?.....194
Como atuam os dons espirituais? 200
Dons espirituais e a mente humana.....201
Dons espirituais ou desventuras espirituais?.....207
Dons na igreja de Corinto 212
Paganismo em Corinto.....214
A influência das religiões de mistério.....215
Visita à Primeira Igreja de Corinto.....218
Desencaminhados pelos falsos dons 220
Apenas o que tem valor é falsificado 224

O que acontecia na igreja primitiva?.....226
A doutrina carismática da subseqüência.....228
Um exame mais detalhado de Atos 8 238
Um exame mais detalhado de Atos 10 241
Um exame mais detalhado de Atos 19 244
Busque o poder ou libere-o? 248
O batismo do Espírito é um fato ou um sentimento? 250
Qual a diferença entre o batismo
e o ser cheio do Espírito? 254
Deus ainda cura?.....257
O que era o dom bíblico de milagres?.....264
Doença — um problema universal.....267
Um exame mais detalhado sobre curandeiros 271
e curas 271
O que nos diz a evidência?.....275
Deus cura — à maneira dEle.....279
Como Jesus curava? 279
Como os apóstolos curavam?.....282
O dom de curar acabou,
mas o Senhor continua a curar 286
Qual a explicação para as curas carismáticas? 287
Por que os cristãos adoecem? 288
Deus prometeu curar todo os que tiverem fé?.....290
Os cristãos devem ir ao médico? 291
O dom de línguas é para hoje? 293
O dom de línguas bíblico.....298
As línguas são um idioma celestial? 300
Línguas falsificadas 302
O abuso das línguas em Corinto.....303
Línguas cessarão.....306

Agostinho também escreveu: 311
O derramamento final? 313
Que tipos de línguas são faladas hoje? 316
Por que as línguas são bastante populares? 325
O que é a verdadeira espiritualidade? 327
Os "renovados" e os "não-renovados" 331
O homem natural versus o homem espiritual 333
Marcas da verdadeira espiritualidade 335
Dons não garantem espiritualidade 336
Santificação ou superficialidade? 338
Paulo versus os superapóstolos 339
O que significa ser cheio do Espírito Santo? 341
Você não é cheio progressivamente, e sim de uma vez....343
Como ser cheio do Espírito Santo 344
O que acontece quando alguém é cheio do Espírito? 345
Pedro: um padrão de ser cheio do Espírito....346
Como você pode saber que está cheio do Espírito? 348
Deus Promete Saúde e Prosperidade? 351
A religião falsa e a verdadeira 352
O deus errado 358
O Jesus errado....367
A fé errada....374
Consciência cristã ou ciência cristã? 384
Epílogo
Como devemos responder ao movimento carismático? 389
Confrontar o erro 389
Uma palavra final 391

Introdução

Em 1978,[1] quando a edição original deste livro foi publicada, eu não estava preparado para as reações amplas e diversas que ela produziria. É claro que esperava alguma reação. Quase todo livro publicado sobre este assunto tem provocado divergências. As questões envolvidas parecem estimular as emoções mais profundas das pessoas. Talvez não seja possível tomarmos qualquer posição sobre o movimento carismático sem incomodarmos *alguém*.

No entanto, de forma muito curiosa, as expressões de *concordância* que recebi pegaram-me desprevenido. Literalmente, milhares de pessoas escreveram-me para agradecer pela tentativa de tratar bíblica e doutrinariamente da questão carismática. Entre elas, diversos pastores e outros líderes cristãos agradecidos pela abordagem bíblica de um assunto que eles temiam abordar. Fiquei perplexo com o número de cristãos que consideram o movimento carismático sem apoio bíblico, mas relutam em afirmar isso em voz alta.

Nos anos seguintes ao lançamento do livro, obtive uma nova compreensão do motivo de existir tanta confusão a respeito dos dons carismáticos na igreja. Um poderoso fator de intimidação trabalha contra os que tentam abordar esses assuntos de modo bíblico. A crítica à doutrina ou à prática carismática é vista, comumente, como algo divisivo ou grosseiro. Carismáticos extremistas podem promover, por meio de televisão e rádio cristãos, quase qualquer

1 *Os carismáticos*. São José dos Campos, SP: Fiel, 1981.

idéia que imaginam, mas os que tentam examinar de forma crítica esses ensinos, à luz da Escritura, são compelidos a silenciar.

Falo com base em experiência pessoal. Nosso programa de rádio *Grace to You* é ouvido diariamente em uma rede com centenas de emissoras. Quase todas elas compartilham de nosso entendimento doutrinário e compromisso com a suficiência absoluta das Escrituras. Contudo, a maioria delas hesita em transmitir séries de estudos que tratam de 1 Coríntios 12 a 14, Atos 2, Romanos 12 ou outras passagens que confrontam as discrepâncias carismáticas. Várias das emissoras possuem filosofias de trabalho que proíbem explicitamente qualquer ensino que desafia as crenças de seus ouvintes carismáticos.

O diretor de uma rádio escreveu-me isto: "Por favor, reconsidere sua política de lidar com o movimento carismático e outros temas controversos em seus programas de rádio. Apesar de compartilharmos de suas convicções a respeito destes assuntos, muitos de nossos ouvintes não o fazem. Eles são queridos irmãos em Cristo, e não consideramos útil à causa de Cristo atacar suas crenças. Comprometemo-nos a manter a paz entre os irmãos e a unidade no corpo de Cristo. Obrigado por sua sensibilidade para com estas preocupações".

Esse tipo de raciocínio sacrifica a verdade em favor de uma paz superficial. Essa atitude permeia a igreja contemporânea. Na verdade, ela concedeu aos carismáticos extremados liberdade para apresentarem conceitos fantasiosos, enquanto impõe uma mordaça àqueles que lhes fazem objeção. Quem se pronuncia é inevitavelmente tachado de divisivo, violento ou desamoroso.[2] O legado desse

2 Parece irônico que os críticos do extremismo carismático sejam tão freqüentemente repreendidos por serem insensíveis e divisivos. Prestem atenção a estes comentários feitos pelo líder carismático Benny Hinn: "Alguém está me atacando por algo que ensino. Quero dizer-lhe algo, irmão: Cuidado!... Procurei um versículo na Bíblia, mas não consegui achá-lo. O versículo que diz: 'Se você não gosta deles, mate-os'. Gostaria muito de tê-lo encontrado!... Francamente, você me enoja — é isso o que penso!... De vez em quando eu gostaria que Deus me desse uma metralhadora do Espírito Santo; eu arrancaria sua cabeça!" (Do programa

posicionamento não é unidade e paz, apenas confusão e contenda. A prova disso por ser vista nas centenas de igrejas, diretorias de missões, escolas e outras organizações cristãs que permitiram a infiltração da influência carismática sem lhe darem resposta. Em última análise, elas devem sacrificar completamente sua posição não-carismática ou sofrer os efeitos devastadores de uma divisão.

Assim, o caos carismático se espalha, pois as vozes que propagam ensinos excêntricos superam os fracos sussurros de quem desafia os cristãos a examinarem as Escrituras, para certificarem-se de tudo (At 17.11).

Não é indelicado analisar diferenças doutrinárias à luz da Escritura. Não é necessariamente faccioso expressar desacordo com o ensino de alguém. Na verdade, recebemos o imperativo moral de examinar o que é proclamado em nome de Jesus, de expor e de condenar os falsos ensinos e o comportamento não-

---

Praise-a-thon, da Trinity Broadcasting Network, em de novembro de 1990.)
Paul Crouch não é muito mais caridoso. Ele disse a respeito de seus críticos: "Creio que eles estão condenados e a caminho do inferno; não acredito que haja redenção para eles... Digo: Vão para o inferno! Saiam da minha vida! Saiam do meu caminho!... Desejo dizer a todos os escribas, fariseus e caçadores de heresias — todos vocês que vivem expondo pequenos erros doutrinários aos olhos de todos... Saiam da frente de Deus; parem de bloquear as pontes de Deus, ou Ele os fulminará, se seu não... Saiam da minha vida! não quero falar com vocês nem ouvi-los! Não quero ver a cara feia de vocês! Saiam da minha frente em nome de Jesus". (Do programa "Praise the Lord", da Trinity Broadcasting Network, em 2 de abril de 1991.)
A cólera de Hinn e de Crouch foi dirigida contra homens e mulheres piedosos (muitos dos quais também carismáticos) que suscitaram questionamentos *bíblicos* válidos sobre alguns ensinos novos dos mestres da Palavra da Fé (ver Capítulo 12), propagados pela rede de televisão de Crouch. Crouch chamou a análise dos críticos de "esterco doutrinário".
Não conheço um único incidente, em nenhum lugar — e certamente não em um canal de televisão internacional que transmite programas ao vivo —, em que *alguma pessoa* tenha falado publicamente, com tanto desprezo pelos carismáticos, usando o mesmo tipo de linguagem rude e severa como a desses dois exemplos. Por que alguém deveria considerar insensível e desagradável o ser examinado quanto à sua doutrina, mas considera aceitável defender-se com ameaças tão grosseiras?

bíblico. O apóstolo Paulo sentiu, algumas vezes, a necessidade de repreender certas pessoas por meio das epístolas que deveriam ser lidas em público (Fp 4.2,3; 1 Tm 1.29; 2 Tm 2.17). João, o apóstolo do amor, condenou, por escrito, de forma contundente, a Diótrefes líder eclesiástico que ignorava o ensino apostólico (3 Jo 9,10). Como demonstra sua segunda epístola, o conceito de João a respeito do amor verdadeiro estava inseparavelmente ligado à verdade. De fato, o amor divorciado da verdade nada mais é do que sentimentalismo hipócrita. Esse sentimentalismo é predominante no evangelicalismo contemporâneo.

O desafio bíblico não é evitar a verdade controversa, e sim falar a verdade em amor (Ef 4.15). Esforcei-me para agir desse modo. Tenho vários amigos carismáticos que amam o Senhor com sinceridade e, apesar de discordarmos em alguns assuntos fundamentais, considero-os irmãos preciosos. Entristece-me o fato de alguns deles acreditarem que minhas críticas ao movimento carismático sejam ofensivas. No entanto, a Escritura é o padrão pelo qual todo ensino deve ser avaliado, e meu único desejo é focalizar a luz da Palavra de Deus sobre um movimento que invadiu a igreja contemporânea.

Ainda que algumas resenhas tenham imaginado a existência de zombaria ou sarcasmo nos meus comentários da primeira edição deste livro, asseguro-lhes que meu propósito não era ridicularizar, nem naquele momento, nem agora. Alguns carismáticos sentiram que eu retratei mal seu movimento, ao escolher os exemplos mais grotescos e esquisitos da ingenuidade do movimento. Por exemplo, a primeira edição incluía este relato:

> Recentemente vi, na televisão, uma senhora contar como o pneu de seu carro fora "curado". Não faz muito tempo, recebi uma carta de alguém da Flórida que ouvira um testemunho maravilhoso de uma mulher que ensinou seu cão a louvar o Senhor num latido estranho.

Concordo que ambos os exemplos são bizarros. Talvez seja injusto caracterizar o movimento carismático com exemplos como estes. Gostaria que isso fosse verdade. Gostaria que esses dois exemplos fossem raros, mas não são. E a razão pela qual não o são é que, nas fileiras carismáticas, nenhuma experiência tem de ser testada pelas Escrituras.[3]

Creio que as décadas passadas confirmaram esta avaliação. Os exemplos absurdos da imprudência dos carismáticos são crescentes, à medida que se perde o controle dos grupos que estão à margem do movimento. Apesar disso, carismáticos radicais crescem perceptivelmente em influência e visibilidade.

• Jan Crouch, que, com o marido, Paul, lidera a Trinity Broadcasting Network (TBN), disse ao vivo na Costa Rica: "Deus respondeu as orações de duas crianças de doze anos para ressuscitar pintinhos dentre os mortos"![4] A sra. Crouch contou a mesma história em uma programa da TBN que é transmitido em todos os Estados Unidos e ao redor do mundo.

• A revista *Charisma*, o principal periódico do movimento, apresenta em páginas inteiras e duplas o Rapha Ranch, um centro de saúde que trata câncer com "fitas de áudio que contêm mensagens bíblicas subliminares". "Você não tem que morrer" é o título de uma fita de vídeo que pode ser adquirida no Rapha Ranch. Parte da propaganda descreve a estância como o lugar onde pacientes que têm câncer podem "vir e ser curados". O anúncio proclama os poderes curadores das fitas da "terapia de mensagens subliminares da Palavra":

> Relatam-se às centenas testemunhos de cura, salvação e libertação! Em nossa série de Fitas de Terapia da Palavra, a Palavra de Deus é lida em voz alta, para ser ouvida não só de modo consciente pelos ouvidos, mas também para

3 *Os carismáticos*. São José dos Campos, SP: Fiel, 1981. p. 53

4 Coruch, Jan. Costa Rica say 'thank you for sending chrstian television! *Praise the Lord* (newsletter), p. 4, Sept. 1991.

penetrar de forma subconsciente em seu cérebro, enquanto dezenas de milhares de passagens bíblicas subliminares são ouvidas em apenas uma hora. A leitura da Palavra é acompanhada de lindas músicas ungidas que criam a atmosfera de fé, pela qual se pode receber de Deus. Todos os dias chegam ao nosso ministério testemunhos surpreendentes a respeito de curas, vidas transformadas, salvação e milagres, à medida que a mente das pessoas é renovada para a Palavra de Deus.[5]

• O evangelista Robert Tilton enviou pelo correio uma "moeda miraculosa" (na verdade, um amuleto inútil) a centenas de milhares de pessoas, com a promessa de um "milagre financeiro" àquele que seguisse suas instruções e lhe enviasse "um cheque com a melhor oferta que você puder dar!" Um lembrete ameaçador estava gravado, em letras manuscritas, na superfície inferior do folheto: "Apenas você e Deus sabem qual é sua melhor oferta". Um jornal secular designa o programa de televisão Success-N-Life (Sucesso na Vida) — de Robert Tilton — como "o império de crescimento mais rápido na televisão cristã".[6]

• Um de meus assistentes participou de um encontro de homens de negócio carismáticos, em Chicago, no qual um sacerdote católico testemunhou que Maria lhe dera o dom de línguas, enquanto ele rezava o terço. A seguir, um pastor carismático, líder do encontro, levantou-se e exclamou: "Que testemunho maravilhoso! Vocês não se sentem felizes por que Deus não se prende às nossas idéias do que é doutrinariamente aceitável? Algumas pessoas tentariam desmerecer o testemunho deste irmão, porque esse testemunho não se harmoniza com o sistema teológico delas. Entretanto, não importa como vocês foram cheios do Espírito Santo, conquanto que tenham recebido o batismo!" Os presentes, centenas deles, irromperam em aplauso fervoroso e contínuo. Nenhum deles parecia questionar o caráter espúrio do testemunho que estava tão evidentemente em conflito com a verdade bíblica.

---

5 Choose your weapons, saints of God. *Charisma,* p. 14-, 15, Sept. 1989.
6 The Prophet of prosperity. *Dallas Times Herald*, Dallas, 24 June 1990, Caderno A, p. 1.

Esse acontecimento resume a tendência carismática de testar a doutrina de acordo com a experiência, em vez de agir de modo contrário. As celebridades carismáticas mais notáveis e influentes *raramente confessam lealdade sincera* à autoridade da Bíblia. Os líderes carismáticos preocupados com a verdade bíblica — estou convencido de que existem muitos — deveriam ser a voz mais distinguível que clama contra esses abusos pelos quais são identificados. Infelizmente, poucos têm agido desse modo. Os que denunciaram o erro fizeram um serviço valioso; no entanto, eles mesmos têm sido atacados com crueldade por outros carismáticos. Eles são abordados por pessoas que citam o texto de 1 Crônicas 16.22 ("Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas"),[7] como se o versículo silenciasse todo o debate doutrinário — como se todas as pessoas que *alegam* possuir a unção divina falassem a verdade! Em decorrência disso, a maioria dos carismáticos tem falhado em não expor e rejeitar as influências mais obviamente antibíblicas e anticristãs do movimento.

Em vez disso, a maioria dos carismáticos retrocede ao argumento de defesa mais fácil — quase todas as críticas ao seu movimento são injustas e duras. Os não-carismáticos, intimidados pela acusação, são silenciados com eficácia. Alguém ainda se espanta com o fato de que tantos membros das igrejas estejam confusos?

Visto que os não-carismáticos se tornam cada vez mais temerosos de questionar as alegações carismáticas, a influência desse movimento se espalha quase sem contestação. Valendo-se dos meios de comunicação modernos — especialmente a televisão —, o movimento carismático alcançou todo o planeta, expandindo-se com velocidade admirável. O ensino carismático ultrapassou os Estados Unidos e Europa, chegando às partes mais remotas da América do

7 No contexto, este versículo proíbe a violência física contra os reis. De modo algum ele condena o escrutínio cuidadoso ou a crítica dirigida a pregadores e mestres. Essa aplicação viola a ordem inequívoca de 1 Ts 5.21: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom".

Sul, Oriente, África, Índia, Pacífico Sul, Europa Oriental e Rússia. O nome de Cristo é conhecido em quase todos os lugares. Milhões de pessoas em todo o mundo crêem, literalmente, que Deus tem concedido sinais, maravilhas e milagres em uma escala sem precedentes, desde os tempos bíblicos. Essas alegações continuam a se multiplicar a uma velocidade tão incrível, que mal podem ser catalogadas e, menos ainda, verificadas.

Encontros fantásticos com Jesus e com o Espírito Santo são tratados como algo comum. Mensagens pessoais da parte de Deus já integram a rotina. Curas de todos os tipos são alegadas. É comum ouvirmos testemunhos comoventes a respeito de como Deus, em resposta à fé, corrigiu problemas de coluna, fez pernas crescerem e removeu tecido canceroso. Aparentemente, os apresentadores de programas cristãos são oniscientes e discernem que milagres e curas de vários tipos ocorrem durante suas apresentações. Eles incentivam os telespectadores a participarem e tomarem posse dos milagres.

Alguns desses milagres são muito bizarros: a nota de um dólar transforma-se em outra nota de vinte dólares, máquinas de lavar e outros utensílios domésticos são "curados", tanques de combustível vazios tornam-se sobrenaturalmente cheios, e demônios são exorcizados de máquinas de auto-atendimento. Pessoas "caem" no Espírito; outras alegam ter estado no céu e regressado. Algumas afirmam ter ido ao inferno e voltado!

Experiências incríveis parecem ser a agenda do dia, ao passo que Deus — em um rompante hipercinético —, age de forma sobrenatural, equiparada apenas com os seis dias da Criação e as pragas do Egito!

Alguns chegam a negar a eficácia do evangelismo sem milagres. Afirmam que a mensagem do evangelho é enfraquecida ou anulada, se não é acompanhada de sinais e maravilhas. Crêem que algumas pessoas necessitam *ver sinais e maravilhas,* antes de crer. Esse conceito gerou um novo movimento, designado pomposamente "a Terceira Onda do Espírito Santo", também conhecido como Movimento de

Sinais e Maravilhas (ver Capítulo 6). Essa recente variação do velho tema carismático tem atraído muitos evangélicos e outras pessoas das principais denominações que anteriormente se mostravam cautelosas a respeito da influência pentecostal e carismática. Carismáticos e não-carismáticos precisam avaliar com clareza as questões bíblicas em jogo.

Alguns argumentam que as pessoas de fora do movimento carismático não têm direito de avaliá-lo. O batista carismático Howard Ervin escreveu:

> A tentativa de interpretar as manifestações carismáticas do Espírito Santo sem a experiência com os carismas é tão irreal quanto a aplicação da "ética cristã à parte da dinâmica da regeneração... Compreender a verdade espiritual é um predicado da experiência espiritual. O Espírito Santo não revela segredos espirituais aos descomprometidos e, francamente, a experiência pentecostal exige comprometimento total".[8]

J. Rodman Williams tem a mesma opinião:

> A informação, a instrução e o ensino concernentes a eles tornam-se relevantes no contexto de participação no Espírito Santo e dos dons conseqüentes do Espírito Santo. Uma tese fundamental pode ser estabelecida: *qualquer informação vital a respeito dos dons do Espírito, os carismas pneumáticos, pressupõe a participação neles*. Sem essa participação, tudo o que for dito a respeito dos dons pode resultar apenas em confusão e erro.[9]

Contudo, a experiência não é o teste da verdade bíblica; pelo contrário, a verdade bíblica julga a experiência. Esse é o tema central deste livro. Também é o argumento-chave da resposta às alegações do movimento carismático. Frederick Dale Bruner expressou isso

8 Ervin, Howard M. *These are not drunken, as ye suppose*. Plainfield, N.J.: Logos, 1968. p. 3-4.
9 Williams, J. Rodman. *Renewal theology*. Grand Rapids: Zondervan, 1990. p. 326. Ênfase no original.

com clareza: "O teste de qualquer coisa identificada como cristã não é seu significado, sucesso ou poder, isso apenas torna o teste imperativo. O teste é a verdade".[10]

Tornou-se quase impossível definir o movimento carismático em termos doutrinários. Nos anos seguintes à primeira edição deste livro, o movimento cresceu assustadoramente. Na verdade, ele alcançou o que o movimento ecumênico foi incapaz de conseguir — a unidade exterior, de modo geral indiferente a qualquer preocupação teológica. O movimento carismático abriu as porta para quase todas as denominações e seitas que aderem a algum tipo de manifestação dos dons carismáticos.

Também conhecido como *neopentecostalismo*, o movimento carismático é herdeiro do pentecostalismo, surgido por volta de 1900. O pentecostalismo, até 1959, era representado nos EUA principalmente pelas seguintes denominações: Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Pentecostal Unida. No entanto, em 1959, o pentecostalismo ultrapassou as barreiras denominacionais quando Dennis Bennett, reitor da Igreja Episcopal de São Marcos, em Van Nuys (Califórnia), experimentou o que ele cria ter sido o batismo do Espírito Santo e o dom de línguas.[11] Depois disso, como declarou John Sherrill, os muros sucumbiram. [12] E o movimento carismático espalhou-se entre episcopais, metodistas, presbiterianos, batistas e luteranos. E tem crescido desde então, incorporando católicos, teólogos liberais e vários grupos pseudocristãos.

Portanto, é dificil (ou impossível) de definir o movimento carismático por meio de alguma doutrina ou ensino advogado por todos os adeptos do movimento. O que os carismáticos têm em comum é a *experiência* — que crêem ser o batismo do Espírito Santo. A maior

10 Bruner, Frederick D. *A heology of the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970. p. 33.

11 Quanto a esse relato, cf. Bennett, Dennis. *Nine o'clock in the morning*. Plainfield, N.J.: Logos International, 1970.

12 Sherrill, John L. *They speak with other tongues*. Old Tappan, N.J.: Spire, 1964. p. 51.

parte dos carismáticos define o batismo do Espírito como uma experiência posterior à salvação, a segunda bênção que acrescenta algo vital ao que os cristãos receberem na salvação. O batismo do Espírito, crêem eles, é comumente acompanhado da evidência de falar em línguas ou, talvez, de outros dons carismáticos. Essa experiência é considerada essencial para todo cristão que deseja conhecer na sua própria vida a plenitude do poder divino e miraculoso.

Se você é um cristão que não tem experimentado alguns fenômenos carismáticos sobrenaturais, talvez se sinta excluído. Talvez esteja pensando que Deus o considera um cristão de segunda classe. Se Ele se interessasse mesmo por você, você não teria experimentado um milagre ou manifestado algum dom espetacular? Por que você não subiu a um nível superior de bem-aventurança espiritual? Por que não ouviu Jesus falar-lhe com voz audível? Por que Ele não lhe apareceu fisicamente? Nossos amigos carismáticos andam mesmo mais perto de Deus e possuem um conceito mais profundo do poder do Espírito Santo, uma experiência de louvor mais completa, uma motivação mais forte para testemunhar e maior devoção pelo Senhor Jesus Cristo? Talvez nós, os não-carismáticos, apenas não estamos à altura deles?

Quando converso com cristãos que não passaram por experiências carismáticas, sinto freqüentemente certa apreensão, medo e alarme. Parece que o movimento carismático separou os cristãos em "agraciados" e "não-agraciados" espirituais.

Apesar de haver dedicado minha vida à pregação da sã doutrina bíblica, centrada na obra do Espírito Santo na vida de cada crente, devo confessar que, de acordo com a definição carismática, encontro-me entre os "não-agraciados". Admito ter perguntado a mim mesmo: *todos os que passam supostamente por essas experiências incríveis estão falando a verdade? Estou perdendo aquilo que Deus está fazendo? Meus irmãos carismáticos estão em um nível mais elevado na caminhada com Cristo?*

Creio que ansiedades semelhantes também ocorrem entre os próprios carismáticos. Será que algum participante dessas reuniões

é tentado a exagerar, dramatizar ou mesmo fingir algum milagre ou experiência especial, por causa da necessidade de acompanhar os irmãos aparentemente mais espirituais?

Estou certo de que isso é verdade. Percebo sua ocorrência diariamente nas emissoras de televisão cristãs, à medida que as alegações carismáticas tornam-se mais fantasiosas. De quando em quando, desvenda-se alguma fraude. Certo evangelista conhecido nacionalmente foi encontrado usando um receptor de som no ouvido; por meio desse receptor, a esposa lhe passava informações supostamente reveladas pelo Espírito Santo. Outro curandeiro, menos conhecido, caiu em descrédito quando foi provado que ele incluía no auditório pessoas saudáveis que vinham com muletas e cadeiras de rodas para receber "cura".

Ainda piores são os consecutivos escândalos de natureza sexual ocorridos entre os líderes carismáticos aparentemente "cheios do Espírito" — uma "epidemia" nas décadas de 80 e 90. Esses acontecimentos foram catastróficos para a causa de Cristo em todo o mundo, minando o testemunho corporativo de todos os cristãos perante o mundo. Esses escândalos são o legado do movimento que se aproveita de sinais e maravilhas como única prova irrefutável da verdadeira espiritualidade. Para autenticar essas afirmações, alguns líderes carismáticos recorrem a "milagres" fraudulentos ou simulados. A espiritualidade é considerada uma questão externa; a santidade de caráter não é essencial para quem crê que os fenômenos sobrenaturais validam sua reivindicação de falar em nome Deus. Esse sistema produz hipocrisia, trapaça, charlatanismo e fraude.

Por favor, entenda: não estou dizendo que todos os líderes carismáticos são corruptos — sei que isso não é verdade. Vários de meus amigos carismáticos estão comprometidos genuinamente com Cristo e são exemplos da piedade verdadeira. Tampouco alego que seu movimento é o único que produz hipócritas. Estou convencido, porém, de que os ensinos fundamentais do movimento carismático

criam uma ênfase exagerada em evidências externas e, por isso, estimulam afirmações mirabolantes, falsos profetas e outras formas de embuste espiritual.[13] Onde essas coisas florescem, o escândalo é inevitável — e o movimento carismático foi marcado, na década de 80, por uma exagerada quantidade de escândalos.

Agradeço a Deus pelos carismáticos que amam nosso Senhor com sinceridade e desejam obedecer-Lhe. Paulo escreveu: "Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado... com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei" (Fp 1.18). Alegro-me pelo fato que Cristo está sendo anunciado em muitos ministérios carismáticos e de que pessoas estão sendo ganhas para Ele. Contudo, isso não deve eximir o movimento carismático ou seus ensinos de passar pelo exame bíblico criterioso. A Escritura nos adverte: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom" (1 Ts 5.21).

À primeira vista, este livro talvez pareça acadêmico demais por causa do número de notas. Por favor, não se deixe levar pela impressão. Garanto-lhe que não achará o livro monótono ou abstrato. Porém, considerei importante apresentar os ensinos carismáticos em suas próprias palavras (sempre que possível) e ser meticuloso na documentação de todas as citações.

Em quase todos os exemplos, citei material *impresso* em lugar de conversas pessoais, cartas e outras fontes informais. Somente no Capítulo 12, onde lido com o movimento Palavra da Fé, citei fitas cassetes de ensino e programas de televisão. Ao proceder assim, sei

13 Não estou afirmando que os carismáticos estimulam a dubiedade ou a hipocrisia de modo voluntário ou conscientemente. Em qualquer filosofia que tende a mediar a espiritualidade por meio de padrões exteriores — quer se trate do legalismo fundamentalista, ascetismo hipócrita, pietismo comunitário, institucionalismo religioso, farisaísmo crônico, misticismo idealista ou monasticismo rígido — manter as aparências tende a tornar-se prioridade, ignorando a franqueza e a honestidade. No movimento carismático, as experiências espirituais extraordinárias são mais valorizadas do que a devoção moderada. Ainda nos admiramos do fato de que algumas pessoas sentem-se tentadas a exagerar ou a fingir?

que algumas pessoas alegarão não terem sido citadas corretamente. Entretanto, tendo pesquisado o movimento, asseguro-lhes que minhas citações *são* precisas e representam fielmente o que os pregadores da Palavra da Fé têm ensinado.

Minha oração é que Deus use este livro para recordar a todos os cristãos, carismáticos ou não-carismáticos, a nossa responsabilidade de examinar cuidadosamente todas as coisas à luz da Escritura, a fim de deixarmos a Palavra de Deus ser o juiz de nossa experiência — não o contrário — e nos apegarmos *apenas* ao que é bom.

Capítulo 1

A experiência é um teste válido da verdade?

Certa mulher escreveu-me em tom raivoso: "Você recorre a traduções gregas e as palavras pomposas para explicar o que o Espírito Santo tem realizado na igreja hoje. Quero dar-lhe um conselho que pode salvá-lo da ira vindoura do Deus todo-poderoso: *ponha de lado sua Bíblia e seus livros e pare de estudar.* Peça ao Espírito Santo que venha sobre você e lhe conceda o dom de línguas. Você não tem o direito de questionar algo que nunca experimentou".

Um ouvinte do programa de rádio escreveu, após minha exposição de 1Coríntios 12 a 14: "Você e, especialmente, os ministros do evangelho que afirmam que o falar em línguas não é para hoje estão, na minha opinião e na de todos os que as falam, entristecendo o Espírito Santo e perdendo uma bênção de Deus. Para mim isso é tão ridículo quanto uma pessoa não-salva tentar persuadi-los de que vocês não pode ter certeza absoluta de entrar no céu... Se vocês não o experimentaram, não podem dizer a alguém que JÁ O EXPERIMENTOU que ele não existe".

As duas cartas refletem a tendência de avaliar a verdade por meio da experiência pessoal, e não pelas Escrituras. Há pouca dúvida de que os carismáticos, se forem honestos consigo mesmos, terão de reconhecer que a experiência pessoal — e não a Escritura — é o fundamento de seu sistema de crenças. Apesar de vários carismáticos desejarem atribuir à Bíblia uma posição destacada de autoridade em sua vida, as Escrituras, com muita freqüência, ocupam segundo lugar em definir o que eles crêem (o primeiro é a experiência). Como certo autor declarou:

"As experiências com Deus fornecem-lhes a base da fé".[1]

Isto é exatamente o contrário do que deveria ser. A nossa fé deveria constituir a base das nossas experiências. A experiência verdadeiramente espiritual será o resultado da vivificação da verdade na mente cristã — ela não ocorre em um vácuo místico.

É comum os não-carismáticos serem acusados de oposição à emoção e experiência. Permita-me declarar, de forma tão clara quanto possível, que creio na emoção e na experiência como resultados essenciais da fé genuína. Muitas de minhas experiências espirituais têm sido acontecimentos profundos, arrebatadores, que mudaram minha vida. Por favor, não pense, nem por um instante, que defendo uma religião fria, inanimada, baseada em um credo estéril ou em algum ritual vazio.

Na experiência espiritual autêntica, a emoção, os sentimentos e os sentidos intensificam-se freqüentemente, transcendendo o normal. Isso pode incluir fortes sensações de remorso pelo pecado, o poderoso sentimento de confiança que ultrapassa a dor de uma situação traumática, a paz inextinguível em meio às dificuldades, o sobrepujante sentimento de alegria relacionado à confiança e à esperança em Deus, a aflição intensa por causa dos perdidos, o louvor alegre pela compreensão da glória de Deus e zelo mais intenso pelo ministério. A experiência espiritual é, por definição, uma conscientização íntima que envolve fortes emoções em resposta à verdade da Palavra de Deus, ampliada pelo Espírito Santo, que é aplicada pessoalmente a nós.

Os carismáticos erram por tentarem alicerçar seus ensinos na experiência, em vez de entenderem que a experiência autêntica ocorre como *resposta* à verdade. Muitas experiências carismáticas acontecem de modo independente do — e, às vezes, contrário ao — plano revelado e à operação divina indicada nas Escrituras. Quando

1 Anderson, Gordon L. Pentecostals believe in more than tongues. In: Smith, Harold B. (Ed.). *Pentecostals from the inside out*. Wheaton, Ill.: Victor, 1990. p. 55.

essas experiências se tornam o fundamento da fé pessoal, quase não há limitação para esse tipo de falsa doutrina.

Vemos isso em muitos livros e programas de televisão. Visões, sonhos, profecias, "palavras de conhecimento", mensagens divinas particulares e outras experiências pessoais determinam o ensino. A Bíblia — quando consultada — é usada apenas como texto-prova ou distorcida para corroborar alguma interpretação nova. Não é incomum as passagens bíblicas serem tão distorcidas, que recebem um significado contrário ao que realmente ensinam. Kenneth Copeland, por exemplo, alega ter recebido muitas de suas interpretações exclusivas mediante revelação direta. Ao ensinar sobre o relato do jovem rico, em Marcos 10, Copeland buscava apoio para a afirmação do desejo divino de que seu povo tenha muitos bens materiais. As palavras de Jesus, no versículo 21, são bastante claras: "Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me". No entanto, Copeland afirma haver Deus lhe revelado que, na verdade, esse versículo promete dividendos monetários deste mundo. Copeland disse: "Esta foi a maior oportunidade de negócio já oferecida ao jovem, mas ele a recusou por desconhecer o sistema financeiro divino".[2]

Às vezes o suposto profeta desenvolve todo um conjunto de ensinos baseados na experiência — ou no capricho. O Dr. Percy Collett, por exemplo, um médico missionário carismático, desenvolveu uma grande série de mensagens celestiais detalhadas, todas baseadas em sua experiência pessoal extraordinária. Ele afirmou ter sido transportado ao céu durante cinco dias e meio, em 1982. Ele disse ter visto Jesus, o supervisor celestial da construção de mansões, e alegou que foi capaz de conversar face a face com o Espírito Santo.

2 Copeland, Kenneth. *Laws of Prosperity*. Fort Worth: Kenneth Copeland Publications, 1974. p. 65.

Um boletim que detalha, de modo exageradamente entusiasta, a jornada do Dr. Collett ao céu começa, por incrível que pareça, com estas palavras:

> Embora haja no cristianismo relatos abundantes de vislumbres da "outra" dimensão, por parte de pessoas que tiveram experiências "extracorpóreas", o que aconteceu com o Dr. Collett difere dessas experiências. Ele foi "arrebatado ao terceiro céu", como o foi o apóstolo Paulo. A diferença é que não foi permitido a Paulo dizer o que ele vira e ouvira, ao passo que ao Dr. Collett, quase 2.000 anos depois, foi ordenado fazê-lo.[3]

Collett oferece fitas de vídeo que narram os pormenores de sua permanência no céu; e seus relatos são peculiares: "Tudo que Deus criou na terra existe no céu: cavalos, gatos e cães. Tudo que ele criou na terra existe no céu; mas, com relação aos animais, eles são perfeitos. Por exemplo, os cães não latem... Não há encanamento. Pode-se ir à Casa de Banquetes e comer o quanto desejar, sem qualquer tipo de encanamento".[4]

Ele descreve: "O Departamento da Misericórdia é o lugar ao qual se dirige as almas dos bebês abortados, bem como as de alguns bebês com retardamento mental agudo. Ali, as pequeninas almas são treinadas por um período, antes de comparecerem perante o Trono de Deus".[5] Também afirma ter visto a Sala dos Registros "uma área imensa onde todas as palavras vãs proferidas pelos cristãos são mantidas, até que eles prestem conta delas ou sejam julgados; então, naquele momento elas serão lançadas no Mar do Esquecimento".[6] Collett descreve a "Sala do vestuário" (onde anjos costuram nossas vestes), mansões em construção, um "Elevador do Espírito Santo" e muitas outras visões incríveis.[7]

---

3 Relfe, Mary S. Interview with Dr. Percy Collett. *Relfe's Review,* report 55, p. 3, Aug. 1984.
4 Ibid. p. 1-8.
5 Ibid. p. 5.
6 Ibid.
7 Ibid. p. 5-6.

Ele acrescenta um detalhe macabro: "Quando viajava de volta à Terra, vi duas meninas: uma morena e a outra ruiva. Paramos para conversar com elas — seus corpos espirituais — no caminho de volta. Nós lhes perguntamos o que lhes acontecera. Elas afirmaram terem morrido em um acidente de carro numa rodovia da Califórnia. Seus corpos (físicos) estavam em sendo velados. Disseram que sua mãe chorava por causa delas e me pediram que lhe contasse".[8]

O Dr. Collett acredita possuir a prova conclusiva para confirmar sua história: "Cerca de um ano depois, dirigi-me à região onde vivia a mãe e estava contando esse testemunho. Uma mulher presente levantou-se e afirmou tratar-se da descrição de suas filhas. Eu lhe disse que não se inquietasse, porque suas filhas estavam em um lugar maravilhoso. Ela disse que jamais choraria outra vez".[9]

Depois que o Dr. Collett terminou o discurso sobre o céu para a sua terceira audiência em Montgomery (Alabama), abriu uma seção de perguntas formuladas pela audiência. A primeira pergunta, admito, foi uma surpresa: "Sou peão boiadeiro. Existem rodeios no céu?"

Entretanto, o Dr. Collett respondeu prontamente: "Há cavalos no céu, cavalos lindos. Todos eles louvam a Deus. Não existe tolice no céu. Não estou dizendo que um rodeio seja tolice, mas, no céu, não há ações do tipo Will Rogers".[10]

Os carismáticos não têm meios para julgar ou impedir testemunhos como esse, porque *a experiência valida-se a si mesma*. Em vez de compararem essas experiências com a Bíblia, para constatarem sua validade, os carismáticos tentam fazer com que a Bíblia amolde-se à experiência ou, na impossibilidade, apenas a ignoram. Quantos carismáticos, ensinados a crer que Deus lhes dá, a eles ou a seus líderes, novas revelações, deixam a Bíblia permanentemente na prateleira?[11]

8 Ibid. p. 7.
9 Ibid.
10 Ibid.
11 Alguns líderes carismáticos reconhecem o problema. Kenneth Hagin, defen-

Tudo começa com o batismo do Espírito

Um dos motivos por que a experiência constitui o critério dos carismáticos é a ênfase indevida no batismo do Espírito Santo como experiência posterior à salvação (v. Capítulo 8). De modo geral, os carismáticos acreditam que, após alguém se tornar cristão, ele deve procurar com diligência o batismo do Espírito. Os recipientes do batismo experimentam diversos fenômenos, como falar em línguas, sentir-se eufórico, ter visões e arroubos emocionais de diversos tipos. Quem não experimentou o batismo e os fenômenos subseqüentes não é considerado cheio do Espírito; ou seja, são pessoas imaturas, carnais, desobedientes — em outras palavras, cristãos incompletos.

Esse tipo de ensino abre as comportas para a crença de que o cristianismo vital é somente experiências sensoriais, uma após outra. Estabelece uma competição para saber quem recebeu a experiência mais vívida ou espetacular. E as pessoas que têm os testemunhos mais impressionantes são reputadas como pessoas de um nível espiritual mais elevado. Fazem-se declarações incríveis, que geralmente não são questionadas.

Por exemplo, o seguinte anúncio foi publicado diversas vezes, em 1977, nos diferentes exemplares do jornal carismático *The National Courier*:

> Uma fotografia genuína de nosso Senhor. Sim, creio tê-la registrado no filme. Em meados do verão, levantei-me às 3h30 da madrugada, por causa da forte sensação de ter ouvido uma voz: "Vá e fotografe o meu nascer do sol". Preparei a câmera ao lado do rio e esperei o sol. Naquele momento, antes da aurora, senti-me muito próximo de Deus... paz absoluta. Sobre um dos negativos, há a

sor do movimento Palavra da Fé (ver Capítulo 12), escreveu: "Certo ministro, anteriormente bastante sólido na fé, disse: 'Não preciso mais daquele livro. Já o ultrapassei'. A seguir, lançou a Bíblia ao chão. 'Tenho o Espírito Santo. Sou profeta. Deus me envia instruções de forma direta'". (*The gift of prophecy*. Tulsa: Kenneth Hagin Ministries, 1969. p. 24.)

forma perfeita de uma figura, com o reflexo na água, de braços erguidos, como se abençoasse — do lado oposto de qualquer outra sombra. Acredito que Deus me concedeu uma imagem de Si mesmo para compartilhar.

Esse item é assinado por "Dudley Danielson, fotógrafo". Dudley forneceu o endereço e também informou que cópias em tamanho normal, em cores naturais, estavam disponíveis por dez dólares (tamanhos maiores poderiam ser encomendados). Ele afirmou que o retrato abençoaria quem o recebesse.

O que a Bíblia diz não parece incomodar Dudley: "Ninguém jamais viu a Deus" (Jo 1.18). Tampouco parece perturbá-lo o fato de que a Escritura declara: "Deus é espírito" (Jo 4.24) e: "Homem nenhum verá a minha face e viverá" (Êx 33.20). Evidentemente, o que a Bíblia diz não é tão importante para ele como a "sensação de ouvir um voz", o sentimento de paz e a proximidade de Deus. Dudley crê possuir uma fotografia de Deus e por dez dólares ele está disposto a compartilhá-la.

A viagem insuperável

Percy Collett não é o único carismático que crê haver estado no céu e retornado para falar sobre ele. No verão de 1976, no programa "Clube 700", Marvin Ford contou sua experiência de morte, ascensão ao céu e retorno. Ford afirma que a gravata usada naquele dia reteve o aroma do céu. Ele a guardava para cheirá-la todas as vezes que quisesse refrescar a memória a respeito dessa experiência.

Um líder carismático que está se destacando é Roberts Liardon. Ele afirma ter feito um grande passeio pelo céu, quando tinha apenas oito de idade, e o próprio Jesus Cristo o guiou pessoalmente. Ele recorda:

Várias pessoas perguntaram-me sobre a aparência de Jesus. Ele tem cerca de 1,80m a 1,83m de altura; o seu cabelo tem um tom de castanho claro, nem muito longo, nem muito curto. Ele é o homem perfeito. Não importa o que você pensa sobre homem perfeito, Jesus o é. Ele é perfeito em tudo — em sua aparência, conversa — tudo. Lembro-me dEle assim...

Andamos um pouco mais — *e esta é a parte mais importante de minha história*. Vi três armazéns a cerca de 450 ou 550 metros da Sala do Trono de Deus. Eles são compridos e bem amplos... Entramos no primeiro. Assim que Jesus fechou a porta atrás de nós, olhei ao redor com grande admiração!

Em um lado do prédio, havia braços, dedos e outras partes externas do corpo. Pernas pendiam das paredes, mas a cena parecia natural, e não bizarra. Do outro lado do prédio, havia prateleiras repletas de pequenos pacotes de olhos perfeitos: verdes, castanhos, azuis, etc.

Esse armazém continha todas as partes do corpo humano que as pessoas necessitavam na terra, mas elas não haviam percebido que essas bênçãos esperam por elas no céu... Estão disponíveis tanto para santos e como para pecadores.

Jesus me disse: "*Essas são as bênçãos que ainda não foram reivindicadas. Este prédio não deveria estar abarrotado. Deveria ser esvaziado todos os dias*. Você deve chegar aqui com fé e obter as partes necessitadas por você e pelas pessoas de seu contato diário".[12]

Liardon descreve muitas outras visões incríveis, testemunhadas no céu: o Rio da Vida, um estádio repleto de pessoas que ele afirmou constituírem a "nuvem de testemunhas" mencionada em Hebreus 12.1, e um armário com frascos de pílulas rotulados: "Paz" e "Overdose do Espírito Santo".[13]

Eis a descrição extraordinária de Liardon sobre o que aconteceu junto ao rio da Vida:

Jesus e eu visitamos um braço do rio da Vida. Esse braço tinha a profundidade do joelho; era transparente como o cristal. Tiramos nossos sapatos e entramos na água. Vocês sabem qual foi a primeira coisa

12 Liardon, Robert. *I saw heaven.* Tulsa: Harrison House, 1983. p. 6, 19. Ênfase no original.

13 Ibid. p. 16-20. Sobre esse item, Liardon escreveu: "Pensei: *que coisa! Overdoses matam pessoas*. Mas, em seguida, raciocinei: *bem, o Espírito Santo não matará você, ele o traduzirá!*" E acrescentou: "Quando Jesus me viu junto àquele frasco, ele riu. E quando Ele ri, é a coisa mais hilária que alguém já viu ou ouviu. Ele se inclina para trás com a gargalhada, e você pensa que Ele vai cair de tanto rir. Ele ri de verdade! Essa é uma das razões de sua força: Ele ri bastante. A alegria do Senhor á a força dEle, entende?" (Ibid. p. 20).

que Jesus fez comigo? Ele jogou água em mim! Eu voltei e o molhei; e participamos de uma luta com água. Nós nos molhávamos e ríamos...

Era significativo para mim o fato de que o Rei da Glória, o Filho de Deus, usava seu tempo com o Roberts, de oito anos, e o molhava no rio da Vida!

Ao regressar do céu, colocarei uma marca histórica nesse acontecimento, que dirá: "Esse foi o momento em que Jesus Cristo se tornou não só meu Senhor e Salvador, mas também meu amigo". Sim, Ele se tornou meu Amigo. Agora caminhamos juntos e conversamos. Quando ouço uma boa piada, corro até Jesus e o ouço rir por causa dela. E, quando ele ouve uma boa piada, conta-a a mim.[14]

Liardon também alega que, enquanto estava no céu, foi ordenado ao ministério pelo próprio Jesus. "Andamos um pouco e estávamos calados. Então, Jesus se voltou e tomou ambas as minhas mãos em uma das suas. Colocou a outra mão no alto da minha cabeça e disse: 'Roberts, eu o estou chamando para uma grande obra. Você terá de ministrar e pregar como nenhuma outra pessoa; e será diferente de todos os outros... Vá, vá, vá como ninguém jamais foi até hoje. Vá e faça como eu fiz'".[15]

A viagem de Liardon ao céu aconteceu supostamente em 1973. Seja como for, ele disse não ter contado nada a ninguém durante oito anos. Ele afirma que Jesus lhe apareceu mais duas vezes. A segunda vez é descrita como extremamente sagrada, e não pode falar sobre ela. Entretanto, a terceira vez foi um pouco mais mundana:

> A terceira vez em que vi a Jesus, eu tinha cerca de onze anos. Jesus entrou pela porta da frente de minha casa, enquanto eu assistia ao programa de televisão *Laverne & Shirley*. Ele se aproximou e sentou-se no sofá, ao meu lado, olhou para a TV, e tudo neste mundo natural parou, como em um "clique". Eu não conseguia ouvir o som do telefone ou da televisão — escutava apenas a Jesus e tudo o que enxergava era a sua glória.

14 Ibid. p. 16-17.
15 Ibid. p. 22.

Ele olhou para mim e disse: "Roberts, desejo que você estude a vida dos generais do meu grande exército no decorrer dos séculos. Conheça-os como a palma de sua mão. Saiba por que eles foram bem-sucedidos. Descubra por que eles falharam, e nada lhe faltará nessa área".

Ele se levantou, voltou pela porta, e, em um "clique", a televisão voltou a funcionar. Eu continuei assistindo ao programa *Laverne & Shirley*.[16]

Liardon chegou à fase adulta e, agora, é uma pessoa de destaque no meio carismático. Grandes propagandas de seu ministério figuram quase todos os meses na revista *Charisma*. No entanto, os relatos de Liardon sobre o céu são bizarros, chegando ao ponto de tolice. É inconcebível alguém ver Jesus face a face e voltar a assistir a um episódio de *Laverne & Shirley*.

A maior parte dos cristãos considerará, de imediato, as histórias de Liardon como algo imaginário ou absurdo, quando não completamente blasfemo. No mundo carismático, esses relatos não são rechaçados com presteza. Multidões ouvem esses relatos e desejam ter experiências semelhantes. Em conseqüência, excursões ao céu tornaram-se algo chique — a "experiência suprema" para quem deseja algo incomum — e muitas pessoas alegam ter realizado essa viagem.[17] Em 11 de abril de 1977, uma canal de televisão carismático, sediado na região de Los Angeles, transmitiu uma entrevista com o Dr. Richard Eby — que afirmava ter morrido, ido ao céu e retornado.

---

16 Ibid. p. 26.

17 Para não ser superada, Aline Baxley, "ex-alcoólatra e viciada em drogas", diz ter ido ao inferno e que "Deus a trouxe de volta para contar sua história". Ela divulgou um folheto para contar sua história: "I Walked in Hell and There Is Life After Death". *Charisma,* p. 145, Nov. 1990. Anúncio.

O testemunho de Aline Baxley pode ter sido a vanguarda de uma nova tendência carismática. Recentemente assisti a um episódio do programa "Clube 700" no qual uma mulher afirmava ter sentido o inferno, em uma experiência de quase morte, durante uma cirurgia. Na semana seguinte, um amigo carismático enviou-me um livro que asseverava ser divinamente inspirado e detalhava as visões de uma mulher e suas experiências extracorpóreas no inferno. Baxter, Mary K. *A divine revelation of hell*. Washington: National Church of God, [19--].

De acordo com o Dr. Eby, ele caiu da sacada, bateu a cabeça e, supostamente, morreu. Ele relata ter experimentado o "Paraíso". Sua vista, anteriormente fraca, não precisavam mais de óculos; agora ele era capaz de enxergar centenas de quilômetros à frente. Seu corpo recebeu uma qualidade maravilhosa — era capaz de se locomover aonde desejasse; tornara-se visível, mas transparente.

O Dr. Eby disse ter encontrado algumas flores, partiu-as e percebeu não haver água no caule, porque "Jesus é a água viva".

O aroma do céu era especialmente impressionante, por causa do odor adocicado dos sacrifícios, o Dr. Eby falou. Ele disse que o cérebro humano possui doze nervos cranianos e acrescentou que os doze nervos representam as doze tribos de Israel. Além disso, ele declarou que o nervo principal do crânio de Deus é o do olfato. Eby disse ter aprendido que o propósito dos sacrifícios era enviar um doce aroma ao céu, para satisfazer o nervo principal do crânio de Deus.

Enquanto o Dr. Eby falava, o apresentador do programa de entrevistas dizia, repetidamente: "Maravilhoso! Fantástico! Isto é substancioso".

Substancioso? Nas Escrituras nada indica que o Dr. Eby ou qualquer pessoa que esteve no céu tenha recebido um corpo transparente que flutua no ar. O Cristo ressurreto não possuía um corpo desses. De acordo com a Bíblia, no céu os crentes não terão corpos até à sua ressurreição, quando Jesus voltar.[18]

A respeito do doce aroma dos sacrifícios, o Dr. Eby expressou um entendimento completamente errado do sistema de sacrifícios da Bíblia. A principal característica dos sacrifícios era a morte do animal, não o odor de carne queimada (cf. Hb 9.22).

Quanto à afirmação de que os doze nervos cranianos representam as doze tribos de Israel, também seria justo dizer que os

18 Cf. Jo 5.28-29; 1 Ts 4.16-17.

dois olhos dos seres humanos representam as duas testemunhas de Apocalipse 11.1. Verifiquei, com um médico, a informação sobre os doze nervos cranianos e descobri que se trata, na verdade, de doze pares de nervos, ou seja, vinte e quatro nervos. Talvez seja melhor dizer que eles correspondem aos vinte e quatro anciãos mencionados em Apocalipse 4!

Esse tipo de adulteração negligente da palavra de Deus deveria incomodar o coração de qualquer cristão. No entanto, o Dr. Eby foi questionado no programa a respeito de suas bases bíblicas? Não! Disseram-lhe que suas informações eram "substanciosas" — ou seja, significavam substancialmente algum tipo de verdade mais profunda. Mais profunda em comparação ao quê? À Bíblia? Certamente, não. O Dr. Eby teve uma experiência, e pelo fato de que a abordagem carismática permite que a experiência valide-se a si mesma, ninguém questionou as afirmações dele. As idéias do Dr. Eby foram ouvidas em milhares, talvez milhões, de lares como exemplos das "coisas maravilhosas que Deus tem operado hoje".

Duas abordagens básicas do cristianismo

Com certeza, Percy Collett, Dudley Danielson, Marvin Ford, Roberts Liardon, Aline Baxley e Richard Eby são, todos, exemplos extremos, mas não *são* incomuns. O testemunho deles representa o que se ouve comumente entre nossos irmãos carismáticos. Visto que grande quantidade de experiências é relatada, na literatura e na mídia religiosa, um padrão sutil e sinistro está se desenvolvendo. Em vez de corresponder à interpretação adequada da Palavra de Deus, o cristianismo está colecionando experiências fantásticas e insensatas. A Bíblia é manipulada para adaptar-se a essas experiências ou completamente ignorada. O resultado é o misticismo pseudocristão.

O misticismo é um sistema de crenças que almeja perceber a realidade espiritual à parte de fatos objetivos e comprováveis.

Procura a verdade por meio de sentimentos, intuição e outras sensações interiores. As informações objetivas são freqüentemente descartadas; portanto, o misticismo deriva sua autoridade de si mesmo. O sentimento espontâneo torna-se mais importante que o fato objetivo. A intuição sobrepuja a razão; a impressão interior, a realidade externa. Veremos em breve que o misticismo é o âmago do existencialismo moderno, do humanismo e de muitas formas de paganismo — destacando-se o hinduísmo e seu aliado, a filosofia da Nova Era.

O misticismo irracional encontra-se no âmago da experiência carismática. Ele subverteu a autoridade bíblica dentro desse movimento, substituindo-a por um novo padrão: a experiência pessoal. Não se deixe enganar, o efeito prático do ensino carismático é elevar a experiência pessoal a um plano superior, em detrimento do entendimento correto das Escrituras. Isto corresponde exatamente à advertência da mulher mencionada no início deste capítulo: "*Ponha de lado sua Bíblia e seus livros e pare de estudar*". As "revelações" particulares e as sensações pessoais são mais importantes para ela do que a verdade eterna da Palavra inspirada de Deus.

Existem apenas duas abordagens básicas da verdade bíblica. Uma é a abordagem histórica e objetiva, que enfatiza a ação de Deus entre os seres humanos — conforme as Escrituras ensinam. A outra abordagem é pessoal e subjetiva — enfatiza a experiência humana de Deus. Como devemos formar nossa teologia? Devemos nos dirigir à Bíblia ou às experiências de milhares de pessoas? Se nos dirigirmos às pessoas, teremos tantas opiniões quantos forem os indivíduos. Isto é exatamente o que acontece em todo o movimento carismático moderno.

A teologia objetiva e histórica é teologia da Reforma, é o evangelicalismo histórico, é a ortodoxia histórica. Começamos pelas Escrituras. Nossos pensamentos, idéias ou experiências são validados ou não mediante a comparação com a Palavra.

Por outro lado, o conceito subjetivo é a metodologia do catolicismo romano histórico. Intuição, experiência e misticismo sempre tiveram papel central na teologia católica.[19] O conceito subjetivo também jaz no coração do liberalismo e da neo-ortodoxia (v. meus comentários sobre o assunto no Capítulo 3). Nesses sistemas, a verdade é determinada pela intuição e pela sensação. A verdade é o que sucede ao intérprete.

O conceito subjetivo também é a metodologia do pentecostalismo histórico, surgido nos primeiros anos do século XX. Os historiadores carismáticos traçam a origem do movimento moderno a um pequeno seminário bíblico em Topeka (Kansas), dirigido por William Parham. Parham era adepto do movimento Holiness, o qual ensina que a santificação completa — o estado espiritual capaz de alcançar a perfeição absoluta nesta vida — pode ser obtida pelos cristãos mediante a "segunda bênção", uma experiência marcante de transformação, subseqüente à salvação. Parham era um propagandista entusiasmado da cura pela fé. Após uma experiência na qual ele afirmou ter sido curado de "uma doença cardíaca em sua pior forma", jogou fora todos os remédios, cancelou seu seguro e recusou qualquer forma de tratamento médico pelo resto da vida. [20]

Parham fundou o College of Bethel em 1900, e o estabelecimento encerrou suas atividades no ano seguinte. Todavia, o que aconteceu nesta escola em 1º de janeiro de 1901 espalhou-se por todo o cristianismo no decorrer do século XX.

A metodologia bíblica usada pelo Bethel College era peculiar; empregava o conceito de "cadeia de referências temáticas", popular naqueles dias. Os tópicos principais deviam ser estudados mediante

19 Quanto a uma abordagem edificante sobre o relacionamento entre a teologia católica romana e o pensamento carismático, ver Clark, Gordon H. *I Corinthians:* a contemporary commentary. Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1975. p. 223-227.

20 Synan, Vinson. The touch felt around the world. *Charisma*, p. 80, Jan. 1991.

a leitura consecutiva do assunto, à medida que surgiam na Bíblia".[21] Em outras palavras, estudavam-se tópicos usando uma concordância para descobrir os termos-chave; jamais se estudou integralmente um livro da Bíblia. Assim, nenhum versículo era considerado parte do contexto maior. Estudavam-se doutrinas por meio do exame do índice das Escrituras, coligidos e isolados dos respectivos contextos. Portanto, a hermenêutica sadia e a exegese cuidadosa eram impossíveis. Todavia, Parham possuía objetivos claros: "Quando o seminário foi aberto, os alunos começaram a estudar as principais doutrinas do movimento Holiness".[22]

O historiador carismático Vinson Synan registrou:

Durante alguns anos, Parham se interessou especialmente pelas opiniões divergentes quanto ao recebimento do batismo no Espírito Santo. Por volta de 1890, a maior parte das pessoas ligadas ao movimento Holiness equiparava o batismo no Espírito ao recebimento da experiência da santificação. Ensinavam que o fogo do Espírito Santo purificava o coração do pecado natural, capacitando o receptor a testemunhar a outras pessoas e a viver de maneira vitoriosa. Entretanto, desde a época de John Wesley, o primeiro a enfatizar a segunda bênção, não havia nenhuma evidência comumente aceita do recebimento dessa bênção.

Ao apresentar essa dificuldade aos alunos, Parham explicou que os adeptos do movimento Holiness ensinavam teorias diferentes a respeito do recebimento do batismo. "Alguns", ele observou como exemplo, "afirmam ter recebido bênçãos ou evidências, como gritar ou saltar". Ao mesmo tempo, durante vários anos, Parham viveu impressionado com a possibilidade de que a glossolalia [o falar em línguas] fosse restaurada na forma de facilidade para falar línguas estrangeiras, concedida a missionários, para que não mais tivessem de gastar tempo com estudo normal de línguas.[23]

21 Ibid. p. 81-82.
22 Ibid. p. 82.
23 Ibid.

O interesse de Parham por essas questões determinou o currículo da classe. Ele convocou os alunos e suas concordâncias para ajudá-lo a resolver o enigma.

Nos últimos dias de novembro de 1900... Parham entregou aos alunos uma tarefa de casa incomum. Visto que tinha um compromisso de pregar em uma igreja de Kansas City, no final de semana, ele instruiu a classe:

Os dons encontram-se no Espírito Santo; e, com o batismo do Espírito Santo, os dons, bem como todas as graças, devem se manifestar. Portanto, alunos, enquanto eu estiver fora, percebam se não há alguma evidência do batismo, para não haja dúvidas sobre o assunto".

Ao retornar, em 30 de dezembro, Parham encontrou o veredicto unânime. Foi-lhe relatado: "Embora haja coisas diferentes que ocorreram quando a bênção do Pentecostes foi derramada... a prova inequívoca, em todas as ocasiões, foi a de que as pessoas falaram em outras línguas". À luz desta conclusão, todo o seminário concordou em buscar uma restauração do poder do Pentecostes, com a evidência de falar em línguas.[24]

Assim, a primeira pessoa dos tempos modernos a procurar o batismo do Espírito Santo com a evidência das línguas (e supostamente a recebê-lo) era uma aluna de Parham. O primeiro dia do ano de 1901 foi escolhido como a data em que os alunos deveriam buscar o batismo. Bem cedo, na manhã do primeiro dia do século XX, um pequeno grupo de estudantes de Topeka deu início à reunião de oração. Durante várias horas, nada incomum aconteceu. Então,

Naquele dia, mais tarde, uma aluna de 30 anos, chamada Agnes Ozman, aproximou-se de Parham e pediu-lhe que impusesse as mãos sobre ela para o recebimento do Espírito Santo com o sinal apostólico de falar em línguas. Ela testemunhou: "Enquanto ele orava e impunha as mãos [sobre] minha cabeça, comecei a falar em línguas, glorificando a Deus. Falei diversas línguas. Isso se tornou evidente quando [um dialeto] era falado. Glória a Deus!"[25]

24 Ibid. p. 83.
25 Ibid.

Depois disso, outros relataram o recebimento do Espírito Santo. A maior parte das pessoas testemunhou que não podia impedir o falar as línguas; quando tentavam falar inglês, outras línguas fluíam. Todos os presentes acreditavam que estavam falando línguas terrenas reconhecíveis. De fato, Agnes Ozman afirmou ter escrito em chinês, apesar de nunca ter estudado o idioma.[26]

Essas experiências foram amplamente avaliadas à luz de todo o contexto da Bíblia? A a exegese cuidadosa das passagens bíblicas sobre línguas foi usada para interpretar alguma das experiências dos alunos? Atentou-se à possibilidade de ter sido um fenômeno demoníaco? Pelo contrário, Synan registrou: "Essa experiência confirmou o testemunho e ensinamento de Parham, de que as línguas eram a evidência inicial do batismo no Espírito Santo".[27] Nenhum outro estudo bíblico sobre o assunto foi considerado necessário. Assim nasceu o pentecostalismo.

Sessenta anos depois, o movimento carismático surgiu com a experiência de Dennis Bennett, reitor da Igreja Episcopal de São Marcos, em Van Nuys (Califórnia).[28] Hoje, tanto o movimento pentecostal como o carismático baseiam-se em experiências, emoções, fenômenos e sentimentos. Como escreveu Frederick Dale Bruner:

---

26 Ibid.

27 Ibid. Com relação à aplicação a missões, Synan acrescentou: "O significado maior desse acontecimento para Parham jazia na crença de que as línguas eram 'xenoglossolalia', ou seja, línguas estrangeiras conhecidas, que o Senhor poderia conceder a futuros missionários, para a evangelização de outros países. Isso, mais tarde, solidificou-se na mente dele quando lingüistas e intérpretes estrangeiros e governamentais visitaram a escola e disseram que pelo menos vinte línguas e dialetos eram falados e compreendidos com perfeição". (Ibid.)
Entretanto, nenhuma dessas afirmações foi confirmada de modo independente. Se fossem verdadeiras, tornar-se-ia difícil explicar o fracasso do seminário naquele mesmo ano. Segundo as expectativas, Bethel deveria ter se tornado o maior centro de treinamento missionário da história da igreja. Porém, desconheço qualquer missionário — de Bethel ou de outra organização carismática — que tenha usado as línguas na maneira concebida por Parham.

28 Bennett, Dennis. *Nine o'clock in the morning*. Plainfield, NJ: Logos, 1970.

Em resumo, o pentecostalismo deseja ser considerado cristianismo experimental, cuja experiência mais elevada é o batismo do crente no Espírito Santo...

É importante observar que não é a *doutrina*, e sim a a experiência com o Espírito Santo que os pentecostais fazem questão de salientar.[29]

Pedro era carismático?

É interessante especular se Pedro seria um carismático, se vivesse hoje entre nós; porque ele mesmo falou em línguas, curou pessoas e profetizou. Também passou por experiências fantásticas. Por exemplo, ele testemunhou com os próprios olhos a transfiguração de Cristo, conforme relatou em 2 Pedro 1.16-18.

Essa experiência o deixou atordoado e o levou a balbuciar algo a respeito de fazer três tendas naquele lugar: uma para Jesus, outra para Elias e outra para Moisés — porque estar ali era agradável a todos eles (Mt 17.1-4). Ele estava tão emocionado, por causa da experiência, que, como sempre, disse a coisa errada.

Apesar disso, foi uma experiência incrível. Jesus pôs de lado o véu da sua carne e revelou sua glória, a glória a ser manifestada em sua segunda vinda. Pedro, Tiago e João vislumbraram a segunda vinda. Essa foi a "majestade" a respeito da qual Pedro falou em 2 Pedro 1.16.

No entanto, Pedro baseou sua teologia em experiências semelhantes a essa? Leia 2 Pedro 1.19-21:

> Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

29 Bruner, Frederick D. *A Theology of the Holy Spirit*, Grand Rapids: Eerdmans, 1970. p. 21. Ênfase no original.

Uma melhor tradução do texto grego, no versículo 19, seria: "Temos a confirmadíssima palavra profética". Outra tradução mais clara seria esta: "Temos ainda mais firme a palavra profética". Mais firme em comparação ao quê? À experiência. Na verdade, Pedro estava dizendo que, embora a transfiguração tivesse sido uma experiência maravilhosa, a Escritura era o teste mais fidedigno de sua fé. Ainda que houvesse contemplado o próprio Senhor em sua glória, Pedro estava certo de que a palavra de Deus, registrada por homens movidos pelo Espírito Santo, era um fundamento mais sólido para sua fé.

O principal ensino de Pedro era exatamente aquilo que tantos carismáticos não conseguem entender: *toda experiência tem de ser testada pela palavra mais firme da Escritura*. Quando procuramos a verdade sobre a vida e a doutrina cristã, não podemos descansar apenas na experiência de alguémpessoal. Temos de alicerçar todo o nosso ensino na Palavra de Deus revelada. A maior deficiência do movimento carismático é dar mais valor à experiência do que à Palavra de Deus, para determinar o que é verdade.

A maior parte dos carismáticos crê que o progresso na vida cristã significa possuir algo mais, algo melhor, alguma experiência eletrizante. Um ex-carismático, membro de nossa igreja, disse-me por que sua frustração crescia no movimento carismático: "Passa-se o resto da vida à procura de outra experiência". A vida cristã se transforma em uma peregrinação de experiência em experiência; e, se cada experiência não for mais espetacular que a anterior, muitas pessoas começarão a imaginar que algo está errado.

Ouvi certo homem na televisão dizer que guiava o carro quando, repentinamente, ele olhou e viu Jesus sentado a seu lado, em forma física. O homem disse: "Isso foi maravilhoso. Eu dirigia e conversava com Jesus; Ele estava sentado a meu lado". Em seguida, ele afirmou: "Se tiver fé suficiente, poderá conversar com Jesus — Ele aparecerá para você!"

A Bíblia diz a respeito de Cristo: "*A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora,* mas crendo, exultais com alegria indizível e

cheia de glória" (1 Pe 1.8 — ênfase acrescentada). É evidente que Pedro não acreditava na possibilidade de que seus leitores vissem a Jesus; tampouco achava que essas visões eram necessárias à fé, esperança, amor ou alegria. Apesar disso, vários carismáticos concluíram que você pode experimentar a presença física de Jesus, se tiver fé suficiente.

Não são apenas carismáticos mal informados ou imaturos que concebem essas experiências. Há alguns anos, almocei com um pastor carismático muito conhecido e influente. Era também um autor muito lido e uma pessoa freqüente nos meios de comunicação dos Estados Unidos. Ele me disse: "De manhã, quando me barbeio, Jesus entra no banheiro, põe o braço à minha volta e conversamos". Ele pausou para avaliar minha reação e disse-me: "John, você acredita nisso?"

"Não, não acredito", respondi. "Porém, o que mais me incomoda é o fato de que *você* acredira."

"Por quê?", ele perguntou. "Por que é tão difícil você aceitar a idéia de que Jesus vem visitar-me pessoalmente a cada manhã?"

Eu pensei: *será que ele continua fazendo a barba?Ou cai de temor e tremor na presença do Senhor santo e glorificado?* Quando Isaías viu o Senhor no trono, ele disse: "Ai de mim! Estou perdido!" (Is 6.5) Pedro viu o Senhor e prostrou-se, dizendo: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8). Não creio que alguém pudesse continuar a barbear-se na presença do Senhor ressurreto!

A razão pela qual tantos carismáticos parecem ser atraídos por supostas visões de Jesus e passeios pelo céu é o fato de cometerem o mesmo erro promovido por Henry Frost, em seu livro *Miraculous Healing (Cura Miraculosa)*:

> Podemos afirmar com certeza: à medida que a apostasia se desenvolve, Cristo manifestará sua divindade e senhorio, em medida crescente, por meio de sinais e milagres, incluindo curas. Não devemos dizer, portanto, que a palavra é suficiente.[30]

30 Frost, Henry. *Miraculous healing.* New York: Revell, 1939. p. 109-110.

Não devemos dizer que a Escritura é suficiente? O próprio Deus afirma a suficiência de sua Palavra! (Sl 19.7-14; 2Tm 3.15-17). Quem é Henry Frost para dizer o contrário?

Embora muitos carismáticos não afirmem sua posição tão claramente como Frost, a verdade é que, no âmago do seu sistema de crenças, existe a negação da suficiência da Bíblia. Eles são culpados do mesmo tipo de pensamento que Filipe expressou em João 14.6-9. Jesus estava com os discípulos na última ceia e declarou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto".

Jesus disse algo maravilhoso nessa ocasião. Ele mostrara aos discípulos que os deixaria. Agora, os consolava ao dizer que não lamentassem; eles tinham visto o Pai nEle e conheceram a Deus por intermédio dEle. Tudo ficaria bem.

Contudo, Filipe não estava satisfeito. Não lhe era suficiente ouvir as palavras de Jesus. Aparentemente, Filipe precisava de algo mais — uma visão, um milagre, um sinal, qualquer coisa — porque afirmou: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta" (Jo 14.8). Em outras palavras: "O que disseste e fizeste não é suficiente. Tua promessa não é o bastante. Prova-a. Faze algo mais por nós — dá-nos uma visão de Deus; dá-nos uma experiência".

Jesus ficou visivelmente ofendido com o pedido de Filipe. Ele disse, com tristeza: "Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai" (14.9). Isso equivale a: "Filipe, eu não sou suficiente? Você me viu, tem observado minhas obras, tem ouvido minhas palavras e precisa de mais?"

As palavras de Filipe foram um insulto a Deus, o Filho. É triste, mas muitas pessoas hoje repetem o mesmo insulto, ao procurarem algo mais. Insultam a Deus, que se revelou de modo suficiente na Escritura.

Ninguém deveria preferir experiências à Palavra de Deus. Toda experiência deve ser examinada e validada pelas Escrituras. Qualquer outro tipo de experiência é falso. Lembram-se dos dois discípulos

solitários, de coração aflito, que andaram com o Senhor a caminho de Emaús (Lc 24.13-35)? À medida que prosseguiam pelo caminho, Jesus lhes abriu as Escrituras. Começando por Moisés e pelos Profetas, ensinou-lhe o que se referia a Ele mesmo. Mais tarde, eles declararam: "Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?" (24.32).

Esses discípulos tiveram uma experiência; o coração lhes ardia no peito. Contudo, antes da experiência, o Senhor lhes abriu as Escrituras. A Bíblia descrevem, repetidas vezes, a alegria, a bênção e a experiência (v. Sl 34.8; Ml 3.10). Todas essas experiências, caso detenham valor, conformam-se totalmente com o plano de Deus revelado nas Escrituras e procedem do estudo e da obediência à Palavra de Deus — e não da busca por algo além do que Deus nos revelou.

Paulo confiava na experiência?

O que dizer do apóstolo Paulo? À semelhança de Pedro, ele também foi alguém dotado de maneira incomum. E, com certeza, passou por experiências espantosas, como a conversão súbita na viagem para Damasco. Viu uma luz tão brilhante que o cegou. Ouviu uma voz. Caiu ao chão. Num instante, ele foi transformado de assassino de cristãos em escravo do Senhor Jesus Cristo (At 9).

Quando Paulo começou a pregar e ensinar, fez de sua experiência o ponto central da mensagem? O texto de Atos 17.2 e 3 torna clara a origem bíblica de seu discurso: "*Paulo, segundo o seu costume*, foi procurá-los e, por três sábados, *arrazoou com eles acerca das Escrituras*, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio" (ênfase acrescentada).

Mesmo depois que Paulo foi levado ao terceiro céu (2 Co 12.1-4), Ele não teve permissão de falar o que viu. Evidentemente, que Deus não achava que essa experiência causaria mais impacto ou credibi-

lidade à mensagem do evangelho do que a simples pregação de sua verdade. Isso contrata profundamente com a abordagem do movimento contemporâneo de sinais e maravilhas (ver Capítulo 6).

Perto do final de sua vida, Paulo teve uma argumentação sobre a Palavra de Deus. Enquanto era mantido preso em Roma, "vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência. Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas" (At 28.23).

É lastimável que muitos carismáticos não sigam os passos de Paulo. Em vez disso, seguem a trilha dos teólogos liberais e neo-ortodoxos, existencialistas, humanistas e pagãos. É inquestionável que a maior parte dos carismáticos faze isso de modo involuntário. Eles diriam: "Cremos na Bíblia. Não queremos contradizer as Escrituras; desejamos defender a Palavra de Deus". Apesar disso, os carismáticos são vítimas de uma terrível tensão, enquanto tentam defender a Bíblia e, ao mesmo tempo, fazem da experiência a autoridade prática. Os conceitos dos líderes e teólogos carismáticos demonstram esse conflito.

Por exemplo, Charles Farah tentou harmonizar a tensão entre a palavra de Deus e as experiências. Atentando ao fato de que existem dois vocábulos gregos traduzidas por "palavra", ele criou a teoria de que *logos* é a Palavra objetiva e histórica, e *rhema* é a Palavra pessoal, subjetiva. O problema com essa conceituação é que nem o significado do grego nem o uso neotestamentário fazem qualquer distinção desse tipo. *Logos*, disse Farah, transforma-se em *rhema* quando se dirige a você. O termo *logos* é forense, ao passo que *rhema* é experimental. Farah escreveu: "O *logos* nem sempre se transforma em *rhema*, a Palavra de Deus para você".[31] Ou seja: o *logos* se transforma

31 Farah, Charles. Toward a theology of healing. *Christian Life*, v. 38, p. 78, Sept. 1976.

em *rhema* quando fala pessoalmente a você. O *logos* histórico e objetivo, no sistema de Farah, carece de impacto transformador, até transformar-se em *rhema* — a palavra divina pessoal para você.

Isso soa perigosamente semelhante ao que os teólogos neo-ortodoxos têm dito há anos: a Bíblia se torna a Palavra de Deus apenas quando se dirige a você. Todavia, a Palavra de Deus é a Palavra de Deus, quer alguém experimente o seu poder, quer não. A Bíblia não depende da experiência de seus leitores, para que se torne a Palavra de Deus inspirada. Paulo afirmou que a Escritura era capaz, em e por si mesma, de tornar Timóteo "sábio para a salvação" (2 Tm 3.15). Ela não precisava da experiência de Timóteo para validá-la.

E Paulo acrescentou: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (3.16). Ele declarou que as Escrituras *eram inspiradas* e úteis, e não que elas se tornariam inspiradas e úteis, dependendo da experiência do leitor. Evidencia-se que a Palavra de Deus é completamente suficiente.

Entusiasmados, mas ingênuos

Em sua maioria, os carismáticos parecem ser sinceros. Muitos deles parecem os judeus sobre os quais Paulo afirmou: "Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento" (Rm 10.2). Os carismáticos têm zelo sem conhecimento; são entusiasmados, mas falta-lhes esclarecimento. Como afirmou John Stott: "Eles são entusiasmados, mas ingênuos".[32]

Ao fazerem da experiência o principal critério da verdade, revelam o que Stott designa "antiintelectualismo deliberado".[33] Eles abordam a vida cristã sem a mente, sem pensar, sem usar o entendimento. De fato, alguns carismáticos dizem que Deus concede

32 Stott, John R. W. *Your mind matters*. Downers Grove, Ill.: IVP, 1972. p. 78.
33 Ibid. p. 10.

deliberadamente às pessoas expressões ininteligíveis, a fim de menosprezar e humilhar o orgulhoso intelecto humano.

Entretanto, o conceito de que Deus deseja suplantar ou matar nossa mente racional é evidentemente antibíblico. Deus afirmou: "Vinde, pois, e arrazoemos" (Is 1.18); e: "Transformai-vos pela renovação da vossa *mente*" (Rm 12.2 — ênfase acrescentada). Deus deseja a renovação de nossa mente, não o seu desprezo. Ele se deu a conhecer mediante uma revelação racional que exige o uso da razão e o entendimento da verdade histórica e objetiva (cf. Ef 3.18; 4.23; Fp 4.8; Cl 3.10).

Toda a revelação divina é dirigida à percepção, ao pensamento, ao conhecimento e ao entendimento. Esse é o principal ensino de Paulo em 1 Coríntios 14 — passagem-chave da questão carismática. Ele conclui esse grande capítulo com as seguintes palavras: "Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua" (14.19). Quem conhece a Cristo deve usar a mente para apreender a verdade divina. Não somos instruídos a confiar nas emoções e a tentar extrapolar a verdade com base nas experiências. Como escreveu James Orr: "A religião divorciada do pensamento sério e nobre sempre demonstrou, em todo o curso da história da igreja, a tendência de tornar-se fraca, estéril e prejudicial".[34] Com certeza, devemos *responder* à verdade por meio das emoções, mas devemos, em primeiro lugar, apreendê-la com o entendimento e nos submetermos a ela com a vontade.

A origem da teologia experimental

O misticismo, o conceito de que a teologia pode proceder da experiência pessoal, não se originou nos carismáticos. Diversas outras

34 Orr, James. *The christian view of god and the world*. New York: Scribner's, [19--]. p. 21.

influências, todas anticristãs, contribuíram para a formação do conceito da teologia experimental: existencialismo, humanismo e paganismo.

O *existencialismo* é um ponto de vista filosófico que afirma o caráter absurdo e a falta de significado da vida.[35] Ensina que devemos ser livres para agir segundo nossos desejos, desde que estejamos dispostos a assumir a responsabilidade por nossas escolhas. Os existencialistas se preocupam primariamente com a maneira como eles se sentem. Não prestam conta a nenhuma autoridade; na verdade, eles se tornam fonte de autoridade para si mesmos. Crêem que a verdade é tudo o que nos arrebata e nos põe em movimento.

O *humanismo* é a filosofia que preconiza o poder ilimitado da humanidade.[37] Dêem às pessoas tempo e educação suficientes, e elas poderão solucionar qualquer problema. Sendo meio-irmão do existencialismo, o humanismo estimula as pessoas a se auto-afirmarem e a *serem* alguém. Nesta era tecnológica, em que muitas pessoas se sentem apenas como um número, destituídas de um nome verdadeiro, o humanismo é muito atraente. Vivemos nos dias de fóruns dos ouvintes, dos programas de entrevistas e de trivialidades. Todos querem se fazer ouvir e acham uma oportunidade.

O humanista, à semelhança do existencialista, não reconhece uma autoridade suprema. A verdade é relativa. A verdade é o que menos importa; a questão é: "O que *você* acha?" Inexistem absolutos, e cada um faz o que é certo aos próprios olhos (cf. Jz 21.25).[38]

O *paganismo* é outro exemplo de teologia experimental. A maior parte das crenças e práticas pagãs têm raízes nas religiões de mistério surgidas em Babel. No tempo de Cristo, as pessoas, em todo o mundo greco-romano, participavam de religiões de mistério, com seus múltiplos deuses, orgias sexuais, idolatria, mutilação e, talvez, sacrifícios humanos. Os historiados afirmam que os participantes dessas práticas pagãs experimentavam sentimentos de paz, alegria, felicidade e êxtase.

---

37 Quanto a uma avaliação do humanismo, ver Geisler, Norman L. *Is man the measure?* Grand Rapids: Baker, 1983.

38 Quanto a um debate sobre a natureza absoluta da verdade, ver:
- Barrett, William. *Irrational man.* Garden City, N.Y.: Doubleday, 1962.
- Schaeffer, Francis A. *How should we then live?* Old Tappan, N.J.: Revell, 1976.

O historiador Samuel Angus escreveu: "O devoto poderia, em êxtase, sentir-se acima das limitações comuns, para contemplar a visão beatífica [Deus] ou, entregue ao entusiasmo, crer que estava inspirado por ou cheio de Deus — esse fenômeno é, em alguns aspectos, similar às experiências dos primeiros cristãos a respeito do derramamento do Espírito".[39]

De acordo com Eugene H. Peterson, a teologia experimental também era o cerne do culto a Baal, a religião dos cananeus:

> A ênfase do baalismo era a ligação psicológica e a experiência subjetiva... A transcendência da divindade era sobrepujada no êxtase das sensações...
>
> O baalismo é a adoração reduzida à estatura espiritual do adorador. Seus cânones são: ser interessante, relevante e estimulante...
>
> O javismo [o judaísmo do Antigo Testamento] estabeleceu uma forma de adoração centrada na proclamação da palavra do Deus da aliança. O javismo apelava à vontade. A racionalidade do ser humano inteligente era destacada, quando este era convocado pessoalmente a corresponder à vontade de Deus. No javismo dizia-se algo: palavras que chamavam os homens a servir, amar, obedecer, agir de modo responsável, decidir...
>
> A distinção entre a adoração culto a Baal e a adoração a Javé equivale à distinção entre a abordagem da vontade do Deus da aliança, que deveria ser compreendida, conhecida e obedecida, e a abordagem da força cega e vital da natureza, que poderia ser apenas sentida, absorvida e imitada.[40]

Atualmente, com a ênfase exagerada na experiência, muitos adeptos do movimento carismático encontram-se perigosamente próximos de um tipo de neobaalismo! A experiência pode ser uma arma perigosa nas mãos de Satanás. Ele se deleita em fazer cristãos procurarem experiências em detrimento da Palavra de Deus.

O cristianismo está em perigo. Temos sido vítimas do espíri-

---

39 Angus, S. *The mistery-religions and christianity*. New York: Dover, 1075. p. 66-67.
40 Peterson, Eugene H. Baalism and yahwism updated. *Theology for Today*, p. 139-41, July 1972.

to de experiências de nossos dias. O legado do misticismo, com sua prole filosófica e religiosa — existencialismo, humanismo e paganismo — se alastrará por toda a igreja, se não formos vigilantes. As experiências podem ser produzidas por fenômenos psicológicos, fisiológicos ou demoníacos. O único teste verdadeiro para toda experiência é este: está de acordo com a Palavra de Deus?

A batalha pela Bíblia se intensifica

O aclamado livro de Harold Lindsell *The Battle for the Bible (A Batalha pela Bíblia)*[41] foi bem intitulado. A batalha pela Bíblia tem durado séculos e intensificou-se há pouco mais de cem anos. Desde o final do século XIX até o início da década de 1920, teólogos liberais e neo-ortodoxos lançaram um ataque frontal contra a autoridade bíblica, acusando, abertamente, a Bíblia de erro. Agora o segundo ataque, mais sutil, vem da porta de trás, e as pessoas enredadas pelo cristianismo de experiências parecem liderar a investida, atacando a Bíblia por questionarem a sua suficiência. Esse tipo de experimentalismo mina a autoridade da revelação divina, do mesmo modo como o liberalismo o tem feito durante várias décadas.

Um artigo escrito por Robert K. Johnson, publicado na revista *Christianity Today* (*Cristianismo hoje)*, descreve a recente mudança na teologia evangélica:

> Os evangélicos estão começando a... analisar a viabilidade de uma teologia baseada na experiência. Influenciados pelos defensores da abordagem carismática (por exemplo, Michael Harper, Robert Mumford, Dennis Bennett, David Wilkerson, Larry Christenson) ou da abordagem relacional (por exemplo, Bruce Larson, Keith Miller, Charlie Shedd, Wes Seeliger, Ralph Osborne), os evangélicos estão começando a elaborar suas teologias em torno do que significa para o homem o estar na presença de Deus [e não em torno da verdade objetiva da Palavra de Deus].

41 Lindsell, Harold. *The battle for the Bible.* Grand Rapids: Zondervan, 1976.

... Essa crescente tentativa moderna é o reverso da *abordagem* [dos reformadores] quanto à fé cristã. Os evangélicos estão sugerindo que a teologia deve passar do Espírito para a Palavra, e não da palavra para o Espírito — o padrão de sua herança.

Influenciados pelo mundo cristão, os evangélicos que adotaram a abordagem relacional ("incarnacional") ou carismática ("neopentecostal") para a sua teologia desafiam cada vez mais seus irmãos na fé a reconsiderarem o evangelho com base em sua própria experiência com ele. Eles alegam que a teologia evangélica tradicional é, em grande parte, irrelevante ou inadequada...

A prescrição para a saúde que tem sido crescentemente anunciada no evangelicalismo é: a igreja deve estabelecer uma teologia relevante e adequada, que não comece com a reflexão sobre a pessoa de Cristo, e sim com a reflexão sobre nossa *experiência* com Ele, por intermédio do Espírito Santo.[42]

Em outras palavras, alguns evangélicos contendem agora que a teologia relevante deve começar pela experiência subjetiva, e não pela revelação objetiva. Vista dessa forma, a teologia é apenas uma explicação da experiência. A verdade objetiva não tem qualquer sentido, se não a experimentarmos.

Esse é o tipo de pensamento que levou Larry Christenson, um luterano carismático famoso, a escrever: "Existe a sã teologia bíblica do batismo com o Espírito Santo. Todavia, o batismo com o Espírito Santo não é uma teologia que deve ser debatida ou analisada. É uma experiência na qual entramos".[43]

Admito que essa maneira de considerar a doutrina possui certo apelo. A ortodoxia fria, sem vida é o resultado inevitável de isolar a verdade objetiva da experiência vibrante. Mas a resposta à ortodoxia fria não é a elaboração de uma teologia baseada na experiência. A experiência genuína deve proceder da sã doutrina. Não devemos basear o que cremos naquilo que temos experimentado. O contrário é verdadeiro. Nossas experiências

42 Johnson, Robert K. Of tidy doctrine and truncated experience. *Christianity Today*, p. 11, Feb. 1977.

43 Christenson, Larry. *Speaking in tongues*. Minneapolis: Dimension Books, 1968. p. 40.

devem resultar daquilo que cremos. Temos de examinar e avaliar continuamente nossas experiências à luz da verdade objetiva da preciosa Palavra de Deus. Qualquer outra abordagem conduz à especulação e ao erro. Elaborar uma teologia baseada na experiência equivale a edificar sobre a areia. No entanto, elaborar uma teologia com base na da Palavra inspirada e revelada por Deus equivale a edificar sobre a rocha (cf. Mt 7.24-27).

A questão toda diz respeito à autoridade. Qual é a autoridade máxima na sua vida? A experiência ou a Palavra de Deus? Jesus disse: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). Maturidade, santificação e todas as experiências legítimas dependem da verdade da Escritura. O verdadeiro crescimento na graça não pode ser obtido mediante a experiência.

Apesar disso, a onda da teologia de experiências continua rolando; a doutrina e a teologia estão sendo arremessadas para longe. Na verdade, essa tendência ameaça a próxima geração. Ela procurará a verdade, somente para descobrir que não existe qualquer conexão histórica.

Os carismáticos tendem a discordar. Eles consideram assuntos racionais (por exemplo, a teologia e a ortodoxia bíblica) como um empecilho ao testemunho da igreja. Michael Harper disse: "O mundo espera por uma nova manifestação de Cristo no interior de seu Corpo, a igreja. Ele está cansado das... doutrinas vazias dos teólogos".[44]

J. Rodman Williams afirma que devemos adequar nossa teologia à experiência, em vez de insistirmos para que a experiência seja avaliada pela teologia: "Tenho tentado enfatizar que as implicações teológicas desse movimento dinâmico do Espírito Santo não têm pouca importância. No seu âmago está o conhecimento de que algo aconteceu!"[45] Essa é a chave — *algo aconteceu*. Não se importe com a doutrina ou a teologia sem substância. Algo aconteceu e devemos presumir tratar-se de um ato do Espírito Santo. O próprio Williams admite: "Podemos ter

44 Harper, Michael. *A new way of living*. Plainfield, N.J.: Logos, 1973. p. 12.
45 Williams, J. Rodman. *The era of the Spirit*. Plainfield, N.J.: Logos, 1971. p. 55.

dificuldade para encontrar a linguagem teológica adequada ou maneiras de relacionarmos o acontecimento às várias doutrinas da fé cristã".[46]

Receio que a igreja contemporânea perca a batalha pela Bíblia. Hoje, pouquíssimos cristãos assemelham-se aos bereanos, que "receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim" (At 17.11). Devemos nos comprometer com o estudo das Escrituras, permitindo que nossa experiência com a Palavra viva proceda desse estudo, e não de impressões pessoais, fenômenos sobrenaturais ou de outras evidências potencialmente falsificáveis ou desconfiáveis. Assim, nossa experiência conduzirá à maior e mais pura alegria e bênção imagináveis — por estarem enraizadas e firmadas na verdade divina.

46 Ibid.

Capítulo 2

Deus ainda concede revelações?

"Deus me disse..." tornou-se o refrão do movimento carismático. Profecias particulares e esquisitas são proferidas por todos os tipos de pessoas que evidentemente crêem que Deus lhes fala. Sem dúvida, a mais infame delas é a profecia de ameaça de morte proferida por Oral Roberts. Em 1987, Roberts contou à sua audiência nacional que Deus o ameaçara "chamar ao lar", se não conseguisse levantar oito milhões de dólares até à data marcada por seus credores. Nunca saberemos se e como essa ameaça seria cumprida; no último minuto, Roberts recebeu o cancelamento da punição na forma de um cheque de quantia elevada, proveniente de um proprietário de uma pista de corrida de cães, na Flórida.

Apesar disso, dois anos mais tarde, quando Roberts foi obrigado a fechar seu centro médico, City of Faith (Cidade da Fé), que custou muitos milhões de dólares e estava sediado em Tulsa, ele perguntou a Deus o motivo. E afirma que Deus lhe respondeu:

> Deus falou em meu espírito: "Eu o fiz construir o City of Faith com tamanho suficiente para atrair a atenção do mundo todo à fusão de minhas ondas curativas de oração e medicina. Entretanto, eu não queria que essa revelação se localizasse em Tulsa. Chegou o momento em que desejo que esse conceito da fusão de minhas ondas curativas seja conhecido de todas as pessoas e se espalhe por todas as gerações futuras".
>
> E, de forma tão clara como sempre O ouvia em meu espírito, o Senhor me deu uma impressão: "Você e seus sócios conseguiram fazer a fusão da oração e da medicina para o mundo todo, para a igreja e para todas as gerações". Ele disse: "Está consumado".

Então, perguntei: "Depois de oito anos tu nos farás fechar o hospital e, depois de onze anos, a escola de medicina?"

Ele disse: "Sim, a missão foi cumprida do mesmo modo como o meu Filho, depois de três anos de ministério público, disse na cruz: 'Pai, está consumado'".[1]

Podemos ficar boquiabertos ante à arrogância de Oral Roberts, mas ele não é o único carismático que acredita receber revelações particulares da parte de Deus. A maior parte dos carismáticos sente, em um tempo ou outro, que Deus fala com eles de modo específico, ou por meio de voz audível, impressão interior, visão, ou simplesmente por usá-los como meio para compor músicas, poemas ou anunciar profecias.

Linda Fehl, fundadora do Rapha Ranch, vende fitas cassetes contendo a canção intitulada *The Holy Ghost* (O Espírito Santo). Ela afirma que essa música lhe foi dada pelo Espírito Santo, enquanto era curada de câncer.[2] O responsável pelas publicações de uma editora cristã disse-me, certa vez, que recebe semanalmente manuscritos de carismáticos que afirmam que Deus os inspirou a escrever artigos, canções ou poemas.[3] Meu amigo editor reparou que esses

1 Oral Roberts: victory out of defeat. *Charisma*, p. 88, Dec. 1989.

2 The Tapes that are healing the Nations. *Charisma*, p. 69, Dec. 1988. Anúncio.

3 De vez em quando, um dos livros "inspirados" acha quem o publique. O livro *The Vision* (Old Tappan, N.J.:Spire, 1974), escrito por David Wilkerson, é um desses exemplos. O livro tem por subtítulo "A Thrilling Prophecy of The Coming of Armageddon" (Uma Profecia Sensacional sobre a Vinda do Armagedom). "Estou profundamente convencido de que esta visão procede de Deus, de sua veracidade e de que ela se cumprirá", Wilkerson escreveu (p. 12). Todavia, essas afirmações não estavam corretas. Wilkerson predisse: "A natureza liberará sua fúria com intensidade crescente na próxima década. Haverá curtos períodos de alívio, mas quase todos os dias a humanidade testemunhará a ira da natureza em alguma parte do mundo" (p. 36). Wilkerson previu um terremoto arrasador que daria início a um pânico em algum pontos dos EUA — "o maior e mais destrutivo da sua história" (p. 32). Ele previu muitas catástrofes, incluindo o colapso financeiro mundial. Talvez a profecia mais irônica seja a previsão do declínio das doutrinas ligadas ao "pensamento positivo" (p. 25).
Há pouco tempo recebi pelo correio outro livro supostamente inspirado. Um endosso na contracapa do livro, escrito pelo dr. T. L. Lowery, pastor-sênior da National

manuscritos são quase sempre mal escritos, cheios de erros gramaticais, prejudicados por erros sobre os fatos e problemas de lógica ou repletos de poemas de péssimo nível de linguagem ou de tentativas frustradas de se obter boas rimas.

Talvez você pense que apenas fanáticos, pessoas excêntricas e carismáticos ingênuos sejam os únicos tipos que fariam tais afirmações. Observe o que afirmou Jack Hayford, autor conhecido internacionalmente e pastor da The Church on the Way (A Igreja no Caminho), em Van Nuys (Califórnia). Ele disse à Pentecostal Fellowship of North America (Comunhão Pentecostal da América do Norte) que Deus lhe informou a chegada de um novo tempo:

> Hayford... relatou uma visão na qual Jesus estava sentado à destra do Pai. Na visão de Hayford, Jesus começou a mover-se para frente e a levantar-se do assento. À medida que a unção alcançou as dobras de suas roupas, começou a espalhar-se e caiu sobre a igreja. Jesus disse: "Começo a levantar-me a fim de preparar minha segunda vinda. Quem se levantar comigo compartilhará dessa porção dobrada de unção".[4]

Larry Lea, autor e pastor carismático popular, escreveu:

> Recentemente, estava em Chicago, preparando-me para pregar, quando o Espírito do Senhor veio sobre mim. Ele disse no meu coração: "*Eu lhe direi agora o nome da potestade incumbida desta nação*".
>
> Ouvi com atenção.

Church of God, em Washington (D.C.), dizia: "Diferentemente de outros livros, creio que o Espírito Santo tornou possível a escrita deste livro atemporal. As experiências e a mensagem são da importância crucial para o corpo de Cristo. Creio que a unção divina repousará sobre este livro e ministrará a toda pessoa que ler seu conteúdo". É evidente que o pastor Lowery crê que esse livro é equivalente à Escritura. Todavia, folheei as 171 páginas e o encontrei repleto de especulações, fantasias bizarras e muitos ensinos incoerentes com a Bíblia. (Baxter, M. Kathryn. *A divine revelation of hell*. Washington: National Church of God, [19--].)

4 Pentecostals set priorities. *Charisma*, p. 44, Jan. 1991).

"A potestade que vocês estão enfrentando — a potestade demoníaca que mantém esta nação sob seu controle é potestade da cobiça".

Com certeza, não precisaremos de muito tempo para encontrar na Palavra do Senhor evidências que confirmem isso.[5]

Kenneth Hagin com certeza apresenta o relato mais inusitado. Ele disse que na juventude, quando era solteiro, Deus o fez romper o relacionamento com uma jovem, ao revelar-lhe a imoralidade dela. Como isso aconteceu? De um modo nada convencional. Hagin afirma que Deus o transportou miraculosamente de uma igreja no domingo, bem no meio do sermão. Para piorar a situação, era ele quem pregava!

Repentinamente, eu havia ido! Bem no meio do sermão, encontrei-me sozinho na rua de uma cidadezinha distante uns 24 quilômetros — eu sabia que era a noite de sábado. Encostei-me num prédio e vi a jovem descendo a rua. Logo que ela chegou onde eu estava, um carro desceu a rua. O motorista aproximou o carro do meio-fio e buzinou; ela entrou no carro. Ele deu meia-volta e começou a sair da cidade. De repente, eu estava sentado no banco de trás!

Eles foram ao campo e cometeram adultério. Eu os observei. Ainda estava na nuvem. Subitamente, ouvi o som da minha voz, e a nuvem dissipou-se. Encontrava-me junto ao púlpito. Não sabia o que dizer, por ignorar o que estive falando; por isso, falei: "Curvemos, todos, a cabeça", e oramos. Olhei para o relógio, e... estive fora, na nuvem, cerca de quinze minutos.

Enquanto cumprimentava as pessoas, à medida que saíam, a jovem se aproximou. Eu disse: sentimos sua falta ontem à noite. Ela respondeu: "Sim, eu estava em _____" (e pronunciou o nome da cidadezinha). Repliquei: "Sim, eu sei".[6]

Com base nessa experiência questionável, Hagin asseverou a promiscuidade da jovem e presumiu sua culpa de adultério. A seguir, ele relatou outro caso semelhante, no qual foi transportado a um carro em que outra jovem participava de algo moralmente compro-

5 The Strongman of greed. *Charisma*, p. 40, Mar. 1991. Ênfase no original.
6 Hagin, Kenneth E. The glory of God. Tulsa: Faith Library, 1987. p. 14-15. Ênfase acrescentada.

metedor.[7] Por mais irônico que pareça, após o relato desses casos, ele escreveu: "Amigos, vocês têm de perceber que existe uma linha tênue entre o fanatismo e a realidade. Muitas pessoas incorrem no erro de procurar experiências".[8] Hagin jamais extraiu de suas histórias uma aplicação tão verdadeira como essa.

Deus o transportou verdadeira e miraculosamente para esses carros, a fim de testemunhar atos de fornicação? Deus falou com Oral Roberts? Ele compôs uma canção para Linda Fehl? Jack Hayford realmente viu a Cristo levantando-se de seu trono junto a Deus? A profecia de Larry Lea era de fato "uma Palavra do Senhor"? Os cristãos têm recebido, pela inspiração do Espírito Santo, revelações diretas da parte de Deus? Hoje, as pessoas podem — quando escrevem canções ou livros, pregam ou ensinam, tomam decisões — afirmar com legitimidade que se encontram sob inspiração divina?

Muitos carismáticos respondem um "sim" vibrante! Por exemplo, J. Rodman Williams escreveu:

> A Bíblia tornou-se, verdadeiramente, uma co-testemunha da atividade de Deus no presente... Se hoje alguém tiver uma visão de Deus, de Cristo, é bom saber que isso aconteceu antes. Se alguém recebe uma revelação de Deus, é bom saber que a revelação também ocorria na comunidade dos primeiros cristãos. Se alguém diz: "Assim diz o Senhor" e ousa dirigir-se aos irmãos na primeira pessoa — ainda que vá além das palavras da Escritura — isso também aconteceu há muito tempo. Quão singular e extraordinário! Se alguém fala na comunhão do Espírito a Palavra da verdade, isso não é uma expressão de seus próprios pensamentos e reflexões (por exemplo, se fala sobre algum assunto do dia); tampouco é uma simples exposição da Bíblia, porque o Espírito transcende observações pessoais, por mais interessantes e profundas que sejam. O Espírito, sendo o Deus vivo, se move entre e além dos registros do testemunho do passado, embora esses registros sejam valiosos como modelo para o que acontece hoje.[9]

7 Ibid. p. 15-16.
8 Ibid. p. 16.
9 Williams, J. Rodman. *The era of the Spirit*. Plainfiled, N.J.: Logos, 1971. p. 16.

O que Williams disse? Eles afirmou que a Bíblia não é nossa fonte final de revelação divina, apenas um "testemunho" da revelação adicional que Deus tem concedido hoje. Williams está dizendo que os cristãos podem fazer acréscimos à Bíblia — e que podem aceitar outros acréscimos como algo normal e convencional. Ele crê que a Bíblia é o "modelo" do que o Espírito Santo está fazendo hoje, ao inspirar os crentes.

Esse é um conceito relativista e amedrontador, mas a sua popularidade está crescendo, à medida que o movimento carismático se expande. Edward N. Gross afirmou, ao observar essa tendência mortal na igreja contemporânea:

> A era dos modelos chegou. Um modelo substitui a lei. Modelos são percepções humanas da verdade. São tentativas e, por isso, estão sujeitas a mudança, quando há novas informações. Esses modelos estão abertos e são testados constantemente. Mais nenhum cientista ousa afirmar que um único modelo é capaz de explicar todos os fenômenos conhecidos, por temer que alguma informação recém-descoberta prove que ele é um tolo, velho e precipitado. O mundo científico progrediu da velha abordagem (sistemas fechados) para a nova (sistemas abertos)...
>
> Se a Bíblia é um sistema de verdade fechado, sem a outorga de nenhuma revelação nova, dada por meio de profetas ou apóstolos inspirados, a "abordagem de modelo" é uma ferramenta errônea e perigosa para a hermenêutica.
>
> Não deve haver confusão nesta área. O ensinamento ortodoxo do cristianismo sempre afirmou que a revelação divina, especial e salvífica à humanidade, restringe-se aos ensinos das Escrituras...
>
> Esta é a questão. Se a Bíblia é completa, ela representa um sistema de verdade fechado. Se ela envolve um padrão fixo e absoluto de verdade, os ensinos da Escritura podem ser verificados e enunciados de forma dogmática. Se Deus ainda concede novas revelações, a verdade divina ainda está sendo revelada progressivamente. E, se este for o caso, nosso dever é ouvir com fé os profetas de hoje, à medida que eles desvendam a verdade de Deus por meio de representações mais novas e mais claras do que as encontradas na Escritura. Poucos cristãos consideram as sutilezas dos "profetas" modernos um aprimoramento das verdades santificadoras apresentadas na Palavra. Certamente, eu não as considero.[10]

10 Gross, Edward N. *Miracles, demons & spiritual warfare*. Grand Rapids: Baker,

Tampouco eu. A Bíblia é um sistema de verdades fechado, completo e suficiente — e nada lhe pode ser acrescentado (Jd 3; Ap 22.18-19). Ela contém todas as verdades espirituais que Deus desejou revelar.

O que significa a inspiração?

A palavra *inspirado* provém de um vocábulo latino que significa "soprar em". Infelizmente, ela não transmite o verdadeiro significado do vocábulo grego traduzido por "inspirado", que foi utilizado nas Escrituras. Na realidade, o conceito de soprar *em* não se encontra em 2 Timóteo 3.16 ("Toda a Escritura é inspirada por Deus"). Essa Interpretação tem enganado muitas pessoas quanto ao verdadeiro significado de *inspiração*. Elas presumem que Deus teria soprado algum tipo de vida divina nas palavras de quem escreveu os documentos originais da Escritura. No entanto, o vocábulo grego que expressa a inspiração é *theopneustos*, que significa "soprado por Deus". Literalmente, o versículo deve ser lido: "Toda Escritura é soprada por Deus", ou seja, a Bíblia não é um conjunto de palavras sobre as quais Deus soprou vida divina. Ela é o próprio sopro de Deus! A Escritura é o próprio Deus falando.

Esta é uma verdade que as pessoas se mostram propensas a entender de maneira equivocada. A inspiração não significa que a Bíblia *contém* revelação de Deus ou que partes importantes da verdade revelada *encontram-se* nas Escrituras. Também não significa que homens transcreveram a verdade de Deus com as palavras deles ou que Deus só auxiliou os escritores. A inspiração significa que as palavras da Bíblia são as palavras do próprio Deus. Cada palavra da Escritura *foi exalada* por Deus.

O Senhor disse a Moisés junto à sarça ardente: "Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar" (Êx 4.12). Jeremias, o profeta chorão de Judá, recebeu esta incumbência: "Tudo

1990. p. 150-152.

quanto eu te mandar falarás... Eis que ponho na tua boca as minhas palavras" (Jr 1.7,9). E Deus falou a Ezequiel: "Filho do homem, vai, entra na casa de Israel... mete no coração todas as minhas palavras que te hei de falar e ouve-as com os teus ouvidos... fala com eles" (Ez 3.4, 10-11).

O versículo-chave que se refere à descrição de como Deus fala por meio da Bíblia é 2 Pedro 1.21. Ele diz literalmente: "Nenhuma profecia foi produzida pela vontade humana, mas homens movidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus". A palavra mais importante aqui é "movidos", cujo significado é ser carregado pelo Espírito Santo.

O teólogo Thomas A. Thomas lembra-se de que, na infância, costumava brincar em pequenas nascentes que desciam as montanhas próximas à sua casa.

> Nós, meninos, gostávamos de brincar com o que chamávamos "barcos". Nossos "barcos" eram gravetos colocados na água; então, corríamos ao lado deles e os seguíamos até serem levados pela correnteza. Quando a água se movia velozmente sobre as pedras, os gravetos também era velozes... Em outras palavras, na minha infância, o graveto servia como "barco", enquanto era levado, carregado sob o controle total e a direção da água. Ele se movia impelido pela água. Algo semelhante aconteceu com os escritores da Bíblia. Eles foram levados, mantidos sob o controle e a direção do Espírito Santo de Deus. Escreviam à medida que o Espírito Santo os movia a escrever. Eram impelidos por Ele, de modo que escreveram exatamente o que o Espírito Santo desejou que fosse registrado. Em um sentido muito real, eles não escreveram suas palavras, mas a própria Palavra de Deus.[11]

Conceitos modernos sobre a inspiração

Qual é o conceito moderno a respeito da Escritura? Alguns teólogos da atualidade tendem a aceitar a inspiração contínua ou a revelação atualizada. Pelo menos um deles, Dewey Beegle, crê

11 Thomas, Thomas A. *The doctrine of the Word of God*. Philadelphia: Westminster, Presbyterian & Reformed, 1972. p. 8-9

que alguns dos hinos clássicos da igreja são inspirados da mesma maneira como a Bíblia. Ele escreveu: "Alguns dos grandes hinos são iguais aos Salmos; podemos ter certeza de que, se Isaac Watts, Charles Wesley, Augustus Toplady e Reginald Heber vivessem nos dias de Davi e Salomão, e *não sendo mais inspirados do que estes em seus dias*, alguns de seus hinos de louvor a Deus teriam achado lugar no cânon bíblico".[12]

Beegle se referiu, em especial, à experiência de George Matheson, um pastor escocês cego que ministrou no século XIX e escreveu *O Love That Whilt Not Let Me Go* (Oh! amor que não me deixará partir"), em uma época de grande tribulação pessoal. Na noite do casamento da filha caçula, Matheson recordou vividamente a agonia sofrida vinte anos antes, quando sua noiva o rejeitou, ao descobrir que ele estava ficando cego. Matheson compôs o hino em poucos minutos, apesar de afirmar não possuir o senso natural de ritmo. De acordo com ele, o hino não precisou ser alterado nem corrigido; surgiu "com a aurora do alto".

Beegle acredita que a experiência de George Matheson tenha sido

> ... o tipo de inspiração pelo qual os salmos foram escritos. Não há diferença de tipo. Caso exista alguma diferença, é uma questão de grau. Quando os escritores bíblicos serviram como canal de revelação divina, precisavam de mais auxílio divino, mas a inspiração não era de um tipo distinto da concedida a todos os mensageiros de Deus no decorrer da história. O que distingue a Bíblia é o registro da revelação especial, e não uma forma distinta de inspiração.[13]

Ele acredita que o cânon da Escritura jamais foi encerrado[14] e escreveu: "A revelação e inspiração do Espírito de Deus continua atuando... Por essa razão, não há base para considerar todos os

12 Beegle, Dewey. *The inspiration of Scripture*. Philadelphia: Westminster, 1963, p. 140. Ênfase no original.
13 Ibid. p. 141.
14 Beegle, Dewey. *Scripture, tradition, and infallibility*. Grand Rapids: Eerdmans, 1973. p. 308.

escritores bíblicos como pessoas qualitativamente distintas dos intérpretes pós-canônicos".[15] E continua:

> Se a igreja possuísse uma compreensão mais dinâmica da inspiração divina no século XX, seu testemunho e alcance seriam mais eficazes. É bom e correto proteger o caráter distinto da Bíblia, mas pensar apenas em termos de sua inspiração como totalmente diferente do tipo de inspiração de nossos dias é um preço altíssimo a pagar. Os cristãos necessitam hoje do mesmo senso de serem motivados e enviados por Deus como o tinham os escritores e intérpretes bíblicos. Em sentido genuíno, a dificuldade de interpretar o relato da revelação de Deus, nesta era complexa, requer tanta inspiração e sabedoria de Deus quanto as exigia o processo de interpretação nos tempos bíblicos.[16]

Com efeito, muitos carismáticos crêem exatamente assim. A verdade, porém, é que não existe um modo de "proteger o caráter distintivo da Bíblia", se Deus inspira novas revelações hoje. Se o cânon ainda está aberto, e se Deus ainda outorga novas profecias, canções e palavras de sabedoria, devemos procurar, com toda a diligência, compilar e estudar essas revelações mais recentes, juntamente com as Escrituras — e, talvez, com mais cuidado, pelo fato de lidarem mais especificamente com nosso tempo e cultura.

Alguns carismáticos realmente pensam assim.[17] Todavia, isto é um erro do pior tipo. O cânon *não* está aberto. A Palavra de Deus, constituída pelo Antigo Testamento e Novo Testamento, é um milagre ímpar.

---

15 Ibid.

16 Ibid. p. 319.

17 Um artigo recente da revista *Charisma* recomendou o seguinte: "Para meditarmos sobre novas profecias pessoais, devemos registrá-las integralmente, se possível. Se alguém se aproxima de nós dizendo que tem uma palavra de Deus, devemos pedir à pessoa que espere um momento, até conseguirmos um gravador de áudio ou ainda pedir à pessoa que a escreva. Se a palavra vier de alguém do púlpito, durante uma reunião que não está sendo gravada, devemos tentar escrever o quanto conseguirmos, obtendo, ao menos, os pontos principais" (Hamon, Bill. How to receive a personal prophecy. *Charisma*, p. 66, Apr. 1966).

Ela foi reunida num período de 1500 anos. Mais de quarenta homens de Deus, profetas e apóstolos, escreveram as Palavras divinas — cada letra, cada palavra — sem erro e com harmonia perfeita. Nenhum hino é digno de ser comparado com a Bíblia. Nenhuma profecia moderna, ou palavra de sabedoria, está no mesmo nível da eterna Palavra de Deus. Céus e terra passarão, a Palavra de Deus permanecerá (Mt 5.18).

Revelação progressiva?

Os carismáticos se esforçam para explicar como a suposta revelação que eles recebem por meio de línguas, profecias e visões combina-se com a Escritura. J. Rodman Williams, como vimos, alega que esses fenômenos carismáticos são apenas novas manifestações do que ocorria nos tempos bíblicos: "É bom saber que... Se alguém diz: 'Assim diz o Senhor' e ousa dirigir-se aos irmãos na primeira pessoa — ainda que vá além das palavras da Escritura — isso também aconteceu há muito tempo".[18] Sua explicação dos dons espirituais é um argumento em prol da revelação contínua: "No Espírito, a comunidade presente é a arena da presença vital de Deus, assim como o era qualquer outra comunidade dos relatos bíblicos. Na verdade, à luz do que podemos aprender e aceitar com seriedade deste testemunho passado, podemos esperar *novos* acontecimentos hoje e no porvir".[19] Williams continuou e descreveu como as novas revelações surgem. Ele enfatizou muito o "dom de profecia":

> Deus fala na profecia. É algo simples, profundo e surpreendente! Na comunidade, a palavra pode ser proferida subitamente por qualquer um dos presentes; deste modo, um "Assim diz o Senhor" irrompe entre os congregados. Isso ocorre, freqüentemente (mas nem sempre), na primeira pessoa: "Estou contigo para abençoar-te" e possui a direção de "eu-tu". Ela não ocorre em uma língua celestial, e sim na língua

18 Williams, J. Rodman. *The era of the Spirit*. Plainfield, N.J.: Logos, 1971. Ênfase acrescentada.
19 Ibid. Ênfase no original.

materna de quem fala, com suas inflexões, cadências e modos. De fato, pode até faltar refinamento ao discurso ou conter erros gramaticais; pode ser uma mistura de vocabulário bíblico tradicional com expressões cotidianas; também pode ser titubeante ou fluente — isso não importa. Na profecia, Deus usa o que encontra e, por meio de instrumentos humanos frágeis, o Espírito anuncia a Palavra do Senhor...

Tudo isso, repito, é bastante surpreendente e extraordinário. É claro que muitos de nós estamos acostumados com as sentenças proféticas registradas na Bíblia e dispostos a aceitá-las como Palavra de Deus. Acostumamo-nos com os "Assim diz o Senhor" de Isaías ou Jeremias, mas dar ouvidos hoje a Tom ou Mary, no século XXI, falando da mesma forma... Muitos de nós estamos convictos de que a profecia terminou na época do Novo Testamento (a despeito de toda evidência neotestamentária em contrário), até que mediante a arremetida dinâmica e repentina do Espírito Santo, a profecia ressurgiu. Agora, admiramo-nos de que tenhamos interpretado erroneamente, por muito tempo, o Novo Testamento![20]

Isso equivale a afirmar que os exemplos correntes da profecia carismática são revelações divinas idênticas às Escrituras. Essa declaração é preocupante pela possibilidade evidente de fraudes e erros cometidos pelos profetas modernos. Williams reconheceu esse perigo e escreveu:

A profecia não pode ser recebida, de maneira alguma, como algo casual. Visto que ela a própria mensagem de Deus para seu povo, a comunidade tem de prestar atenção séria e diligente a cada palavra proferida e aplicá-la à sua vida. Além disso, por causa do perigo constante do abuso da profecia — a pretensão de ter uma mensagem da parte de Deus —, há necessidade de discernimento espiritual.[21]

Embora Williams admita o risco, em nenhuma parte de seu livro ele descreve como a "atenção séria e diligente" e o "discernimento espiritual" devem ser usados para distinguir o verdadeiro do falso.

Talvez, posteriormente, Williams tenha percebido os problemas que produzira, pois tentou esclarecer suas opiniões no *Logos Journal*:

20 Ibid. p. 27-28.
21 Ibid. p. 29.

> Não pretendo, de modo nenhum, colocar as experiências contemporâneas no mesmo nível de autoridade da Bíblia. Em vez disso, afirmo, com vigor, a autoridade decisiva da Escritura. Portanto, Deus não fala hoje com a mesma autoridade com que falava aos autores bíblicos. No entanto, *ele continua a falar* (ele não parou de se comunicar com o término do cânon do Novo Testamento); portanto, Ele se "move entre e além dos registros do testemunho do passado", porque é o Deus vivo, que ainda fala e age entre seu povo.[22]

Essa explicação não resolve o problema. A distinção entre autoridade bíblica e revelação adicional parece bastante forçada. Como algumas palavras de Deus podem possuir autoridade inferior a outras?

A verdade é que o conceito de Williams não se distingue do posicionamento neo-ortodoxo assumido por Dewey Beegle. Caso o evangelicalismo permita que esse ponto de vista se alastre, o caráter ímpar das Escrituras será sacrificado, e a base de todas as nossas crenças estará comprometida. Isto é precisamente o que acontece hoje. Por causa da crescente influência da doutrina carismática, grande parte da igreja talvez abandone, equivocadamente, sua pedra fundamental: o princípio *Sola Scriptura* — a Palavra de Deus é a única fonte de autoridade divina.

Uma vez que uma igreja vejas as Escrituras como menos do que a autoridade final, completa e infalível de fé e prática, ela terá aberto as portas ao caos teológico. Qualquer crente pode reivindicar estar proferindo uma revelação divina — e quase tudo pode se passar por verdade divinamente revelada. Não se engane, alguns dos mais conhecidos líderes carismáticos têm abusado da confiança de seu rebanho, por afirmarem o recebimento de novas verdades divinas, quando, de fato, ensinam mentiras e invenções.

Talvez o exemplo mais descarado seja a "profecia" entregue por Kenneth Copeland, amplamente publicada. Ele afirmou que Jesus lhe dera uma mensagem "durante a Campanha da Vitória, de três

22 Williams, J. Rodman. Opinion. *Logos Journal,* p. 35, May-June 1977.

dias, realizada em Dallas (Texas)".[23] Julgue por si mesmo se essa mensagem poderia vir do Jesus das Escrituras:

> É tempo de acontecerem essas coisas, diz o Senhor. É tempo de aumentar a atividade espiritual. Oh! Sim, a atividade demoníaca crescerá ao mesmo tempo! Mas não deixem que isso os perturbe.
>
> Não se inquietem quando as pessoas os acusarem de pensar que são Deus. Não se perturbem quando as pessoas os acusarem de viver como fanáticos. Não se preocupem quando os humilharem e falarem de modo rude e desagradável sobre vocês. Elas falaram assim a meu respeito, por que não agiriam desse modo com vocês?
>
> Quanto mais vocês se assemelharem a mim, mais as pessoas pensarão assim a respeito de vocês. Elas me crucificaram por dizerem que eu era Deus. No entanto, eu não disse que era Deus; apenas afirmei andar com Ele, e que Ele estava em mim. Aleluia! Isso é o que vocês estão fazendo![24]

A "profecia" de Copeland é evidentemente falsa. O verdadeiro Jesus — o Jesus do Novo Testamento — *afirmou* ser Deus. Usando o nome de Deus da aliança, Jesus disse aos líderes judeus: "Antes que Abraão existisse, EU SOU" (Jo 8.58). Ele fez essas afirmações repetidas vezes (Mc 14.61-64; Jo 5.16-18; 10.30-33). O apóstolo João escreveu um evangelho inteiro para destacar e substanciar essas afirmações (cf. Jo 1.1,14).

Copeland é um profeta genuíno ou é um daqueles a respeito de quem Pedro disse, quando advertiu: "Haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou" (2 Pe 2.1*b*)? A resposta óbvia a essa pergunta é obscura apenas para quem está incerto sobre a possibilidade de que as "profecias" modernas suplantam a Palavra de Deus.

Nem todas as profecias e visões dos carismáticos são tão nitidamente conflitantes com a Escritura. Algumas são apenas frívolas. Larry Lea escreveu:

---

23 COPELAND, Kenneth. Take time to pray. *Voice of victory*, p. 9., Feb. 1987.
24 Ibid.

Há vários anos, um de meus queridos colegas de ministério disse-me: "Larry, enquanto orava por você, outro dia, tive uma visão. Eu o vi com grandes orelhas, semelhantes às do 'Mickey Mouse'. O restante do seu corpo parecia normal, exceto as orelhas do tamanho das de um elefante. Quando pedi ao Senhor que me contasse o significado da visão, o Espírito do Senhor me respondeu e disse: "Larry Lea melhorou sua audição; desenvolveu ouvidos espirituais".[25]

Os carismáticos abandonaram a exclusividade da Escritura como Palavra de Deus; e o resultado é a competitividade espiritual. O anseio por algo novo e esotérico substituiu a firme confiança na Palavra de Deus, estabelecida pelo cristianismo histórico. Isto é um convite à falsificação satânica. Confusão, erro e engano diabólico são os resultados inevitáveis.

Melvin Hodges é um pastor carismático que tem admitido suas reservas quanto às "novas" revelações, Ele disse:

> Atualmente, muitas pessoas tentam elevar os dons de profecia e revelação a um nível impróprio. Existem exemplos de igrejas governadas pelos dons de inspiração. Diáconos foram escolhidos, e pastores, removidos ou instalados por profecias, resultando em desordem. A causa é óbvia. A profecia nunca teve o objetivo de usurpar o lugar dos ministérios de governo ou do dom da palavra de sabedoria. Paulo ensinou que o corpo é formado de muitos membros, e não de um só. Se a profecia usurpa o papel da palavra de sabedoria ou da palavra de conhecimento, o corpo todo será dominado por um único ministério, isto é, o de profecia. Em outras palavras, todo o corpo passa a ser governado pelo membro profético...

O conceito da infalibilidade da voz profética tem confundido muitas pessoas. Alguns pensam ser pecaminoso questionar o que consideram a voz do Espírito. Entretanto, no ministério de todos os dons, existe cooperação entre o divino e o humano.[26]

---

25 Lea, Larry. Are you a mousekateer? [sic]. p. 9, *Charisma*, Aug. 1988.
26 Hodges, Melvin L. *Spiritual gfts*. Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1964. p. 19-20.

Observe que Hodges menciona "os dons de profecia e revelação". É evidente que ele crê que Deus está ortorgando novas revelações hoje. Ao mesmo tempo, ele está perfeitamente cônscio dos problemas causados na igreja pelas chamadas declarações proféticas. Do começo ao fim, ele evita a conclusão de que o "dom de profecia" possui menor autoridade do que a Bíblia. Apesar disso, ele deseja advertir os carismáticos a não levarem as profecias tão a sério ou darlhes muita ênfase. Ele procura uma forma de solucionar a confusão, mas não há jeito. Quando a "declaração profética" é equiparada, em qualquer grau, à "revelação divina", o resultado é a confusão total. A Bíblia perde sua característica exclusiva, e todas as conseqüências nefastas, descritas por Hodges, ocorrerão indubitavelmente.

Nem todos os carismáticos concordariam com a afirmação de que os problemas relacionados ao abuso das profecias seja exagerado. Alguns culpariam o uso equivocado do dom por parte de pessoas ignorantes. Sua resposta ao problema seria a oferta de treinamento. Certo grupo deu início a uma "Escola de Profetas". Sua propaganda afirma em parte:

> Talvez você se sinta chamado para ser um oráculo do Senhor e tenha encontrado dificuldades para explicar suas experiências, ou para encontrar alguém a quem pudesse contá-las e aprender com elas. A Escola de Profetas foi planejada para ajudar a dar base e clareza aos milhares de sonhos e visões que constituem a marca dos ministérios de profetas e videntes, bem como para auxiliar na restauração do ministério profético no corpo de Cristo. Existem muitas pessoas desiludidas e desencantadas com o ministério profético, por causa dos abusos e do uso equivocado dos dons. Não reaja de forma exagerada, pois, se você teve a experiência amarga de passar pela imitação, saiba da existência da realidade a ser descoberta... Abusos e representações equivocadas ocorrem apenas por causa de ignorância abominável. Venha e seja treinado na Escola de Profetas, preparando-se, de forma adequada, para cumprir o destino que Deus escolheu para você![27]

27 Bernard Jordan presents the monthly school of the prophet. *Charisma*, p. 31, Dec. 1990. Anúncio.

Entendo isso como uma maneira peculiar de lidar com o problema das falsas profecias. Alguma escola é capaz de ensinar aos profetas aspirantes como usar o seu "dom"? As pessoas podem ser ensinadas a dar "base e clareza" a seus sonhos e visões? A distinção entre a profecia falsa e a verdadeira é apenas uma questão de estudo?

Creio que não. A falsa profecia não é um pecado de menor importância. Deus falou aos israelitas: "Minha mão será contra os profetas que têm visões falsas e que adivinham mentiras" (Ez 13.9*a*).

A lei prescrevia um remédio severo para os falsos profetas:

> *Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto. Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele (Dt 18.20-22).*

Não havia outra chance. O falso profeta — qualquer pessoa que profetizasse algo que *não* acontecia — deveria ser morto. Alegar que se fala em nome do Senhor é uma questão séria.

Apesar disso, alguns carismáticos crêem que *todo* crente desejoso de obter revelações divinas pode recebê-las. O mesmo exemplar da revista *Charisma*, que continha o anúncio da escola de profetas, também apresentava um conjunto de fitas de áudio com a promessa de ensinar aos crentes "como ouvir a voz de Deus". Lê-se na propaganda: "Ouvir voz de Deus em toda necessidade e situação é herança dos crentes". Jerry Hester, o narrador das fitas, apresenta "Seminários de Ouvir" que "instruem como conversar com Deus em um nível íntimo durante as 24 horas do dia".[28]

28 Do only prophets hear God's voice? no! *Charisma,* p. 112, Dec. 1990. Anúncio.

Portanto, se você quiser *anunciar* uma revelação particular da parte de Deus, poderá dirigir-se à Escola de Profetas; caso deseje apenas *receber* uma revelação divina particular, vá ao Seminário de Ouvir.

Tudo isso produz um efeito infeliz: afasta os cristãos da Bíblia, que é digna de confiança, e os ensina a procurar a verdade por meios subjetivos — conversas particulares com Deus, profecias, sonhos e visões. Isso deprecia a Palavra de Deus, eterna e inspirada, e leva as pessoas a buscarem fora da Bíblia formas de revelação divina mais particulares e recentes. Essa é, talvez, a tendência mais prejudicial e destrutiva do movimento carismático, como ressaltou René Pache:

> A preeminência excessiva dada ao Espírito Santo, na devoção dos carismáticos e na sua preocupação com dons, êxtases e "profecias", leva-os negligenciar as Escrituras. Por que se prender a um livro do passado, quando é possível a comunicação diária com o Deus vivo? No entanto, esse é exatamente o ponto perigoso. À parte do controle constante da revelação escrita, seremos consumidos, não muito tempo depois, pela subjetividade; e o crente, embora tenha as melhores intenções, poderá sucumbir com rapidez em desvios, iluminismo e exaltação. Que todos nos lembremos da proibição de diminuir ou acrescentar qualquer coisa da Palavra de Deus (Dt 4.2; Ap 22.18-19). Quase todas as heresias e seitas começaram com uma suposta revelação ou nova experiência por parte do fundador, algo que estava fora do padrão estritamente bíblico. [29]

O cânon está terminado

De fato, não existe revelação mais particular ou recente do que a Bíblia. Deus não precisa conceder-nos revelações particulares, a fim de ajudar-nos a andar com Ele. "Toda a Escritura é inspirada por

29 Pache, René. *The inspiration and authority of Scripture*. Chicago: Moody, 1969. p. 319.

Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, *a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra*" (2 Tm 3.16-17). A Bíblia é suficiente. Ela contém tudo que necessitamos para as boas obras.

Os cristãos de ambos lados da questão carismática precisam entender uma verdade vital: *a revelação divina está completa*. O cânon da Bíblia está terminado. Ao escrever as palavras finais do último livro do Novo Testamento, o apóstolo João registrou o seguinte aviso: "Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro" (Ap 22.18,19). Em seguida, o Espírito Santo acrescentou uma doxologia e encerrou o cânon.

Após o término do cânon do Antigo Testamento, nos dias de Esdras e Neemias, seguiram-se quatrocentos "anos de silêncio", nos quais nenhum profeta proclamou revelação divina em nenhuma forma.

Esse silêncio foi rompido por João Batista, por meio de quem Deus se pronunciou novamente, antes da era do Novo Testamento. Então, Deus moveu diversos homens para escreverem os livros do Novo Testamento; e o último desses livros foi o Apocalipse. Por volta do século II d.C., o cânon completo era reconhecido pelas pessoas, exatamente como o temos hoje. Os concílios eclesiásticos do século IV confirmaram e oficializaram a afirmação universal da igreja: os 66 livros de nossa Bíblia são a única Escritura inspirada por Deus. O cânon está completo.

Assim como o cânon do Antigo Testamento foi seguido por silêncio, assim também o término do Novo Testamento foi seguido por ausência absoluta de novas revelações, sob qualquer forma. Desde a finalização do livro do Apocalipse, nenhuma profecia verbal ou escrita foi reconhecida universalmente pelos cristãos como verdade proveniente de Deus.

Como o cânon bíblico foi escolhido e terminado

Judas 3 é uma passagem crucial a respeito da completude de nossas bíblias. Essa declaração, escrita por Judas antes da finalização do Novo Testamento, previa o encerramento completo do cânon: "Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos". No texto grego, o artigo definido que precede a palavra *fé* aponta para uma fé única, "*a* fé". Não há outra. Passagens como Gálatas 1.23 ("Ouviam somente dizer: Aquele que, antes, nos perseguia, agora, prega a fé") e 1 Timóteo 4.1 ("Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé"), indicam que esse uso objetivo da expressão "a fé" era comum nos dias dos apóstolos. O erudito em grego Henry Alford escreveu que *a* fé "neste versículo é objetiva: a suma da fé cristã".[30]

Observe também a expressão fundamental "uma vez por todas", em Judas 3. A palavra grega neste versículo é *hapax*, que se refere a algo realizado de uma vez por todas, com resultados permanentes e sem necessidade de repetição. Nada precisa ser acrescentado *à fé* que "uma vez por todas" foi entregue aos santos.

George Lawlor, escritor de uma excelente obra sobre Judas, fez o seguinte comentário:

> A fé cristã é imutável. Isso não significa que homens e mulheres de cada geração não precisam encontrá-la, experimentá-la e vivê-la; significa, sim, que toda nova doutrina, embora sua legitimidade possa ser asseverada de forma plausível, é uma doutrina falsa. Toda alegação de transmitir uma revelação adicional ao que já foi outorgado por Deus, neste corpo de verdade, é falsa e precisa ser rejeitada.[31]

---

30 Alford, Henry. *Alford's greek testament*. Grand Rapids: Baker, 1980. vol. IV, p. 530.

31 Lawlor, George L. *Translationand exposition of the Epistle of Jude*. Philadel-

Em Judas 3, a palavra "entregue" também é importante. No grego, ela é um particípio aoristo passivo, indicando, no contexto, um ato realizado no passado sem qualquer elemento de continuidade. Neste exemplo, a voz passiva significa que a fé não foi descoberta por homens, porém *dada aos homens por Deus*. Como Ele o fez? Por meio de sua Palavra — a Bíblia.

Assim, por meio das Escrituras, Deus nos deu um corpo final e completo de doutrinas. A fé cristã repousa sobre a revelação objetiva e histórica. Isso elimina a possibilidade de qualquer profecia inspirada, visão ou de outras formas de nova revelação, até que Deus fale outra vez por ocasião do retorno de Cristo (Cf. At 2.16-21; Ap 11.1-13).

Enquanto isso, a Bíblia nos adverte sobre o perigo dos falsos profetas. Jesus disse que em nossa época "surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mt 24.24). Sinais e maravilhas não provam que alguém fala em nome de Deus. João escreveu: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (1 Jo 4.1).

Por fim, a Escritura é o teste de todas as coisas; é o padrão do cristão. De fato, a palavra *cânon* significa "regra, padrão ou vara de medida". O cânon da Escritura é a vara de medida da fé cristã... e está completo.

É evidente que, no decorrer da história, livros espúrios foram apresentados como parte genuína das Escrituras. Por exemplo, as versões bíblicas católicas incluem os *Apócrifos* (escritos na mesma época em que alguns livros do Antigo Testamento foram produzidos; no entanto, eles foram excluídos da literatura canônica). A Igreja Católica Romana recebeu esses livros como parte da Bíblia; no entanto, é claro que eles não integram as Escrituras.[3232] Contêm erros históricos, geográficos e teológicos.

---

phia: Presbyterian & Reformed, 1972. p. 45.

32 Quanto a uma discussão proveitosa sobre os livros apócrifos, ver Geisler Norman L.; Nix, William E. *A general introduction to the Bible*. Chicago: Moody, 1986. Capítulos 15 e 17.

Apesar de Jerônimo (345-419 d.C.) ter sido, claramente, o porta-voz da exclusão dos livros apócrifos do cânon, alguns dos antigos pais da igreja (principalmente Agostinho) os aceitaram, embora não como se fossem iguais ao Antigo Testamento hebraico. Mais tarde, no século XVI, os reformadores afirmaram o princípio de *Sola Scriptura* — a verdade de que só a Bíblia é a revelação detentora de autoridade — portanto, negaram aos apócrifos lugar entre os escritos inspirados. A Igreja Romana reagiu contra os reformadores no Concílio de Trento (1545-1563), ao declarar que todos os livros apócrifos era canônicos. Protestantes e católicos têm mantido essa disparidade até hoje.

O cânon do Antigo Testamento foi aceito pelo povo de Deus desde o tempo em que seu último livro foi escrito. Como os judeus sabiam quais livros eram inspirados? Eles escolheram os livros escritos pelos porta-vozes de Deus reconhecidos. Estudaram esses livros cuidadosamente e não encontraram neles erros de história, geografia ou teologia.

Os cristãos da igreja primitiva aplicaram testes similares para provar quais livros do Novo testamento era autênticos e quais não. O teste-chave era a *autoria apostólica*. Cada livro do Novo Testamento deveria ter sido escrito por um apóstolo ou por um auxiliar deles. Por exemplo, Marcos, que não era apóstolo, foi companheiro de Pedro. Lucas, que também não era apóstolo, trabalhou com o apóstolo Paulo. O segundo teste usado pela igreja primitiva era o do *conteúdo*. Atos 2.42 diz-nos que, na primeira reunião da igreja, os crentes se dedicaram à oração, à comunhão, ao partir do pão e à doutrina dos apóstolos. Mais tarde, quando consideravam quais escritos deveriam ser aceitos, perguntaram: "Isto concorda com a doutrina apostólica?" Esse teste era muito importante, porque todos os heréticos tentavam introduzir-se na igreja. Contudo, seus erros doutrinários eram facilmente observáveis, por contradizerem o ensinamento apostólico.

O terceiro teste era *a resposta das igrejas*. Se o povo de Deus aceitava o livro, usava-o para o culto, integrava-o à sua vida; e se os crentes eram, universalmente, ensinados e abençoados pelo livro, esse era outro selo importante de aprovação.

Por volta de 404 d.C., foi terminada a *Vulgata*, versão latina da Bíblia. É a tradução mais antiga dos 66 livros da Bíblia. Eles são os mesmos livros encontrados nas versões modernas. Deus falou de uma vez por todas, e sua Palavra foi preservada com o passar do tempo.[33]

Desde o tempo dos apóstolos até ao presente, a verdadeira igreja sempre creu que a Bíblia é completa. Deus outorgou sua revelação; e agora a Bíblia está completa. Deus falou. O que ele nos outorgou é completo, eficaz, suficiente, inerrante, infalível e detentor de autoridade. As tentativas de fazer acréscimos à Escritura ou alegações de revelação complementar da parte de Deus sempre foram características dos hereges e adeptos de seitas, e não do verdadeiro povo de Deus.

Embora os carismáticos neguem qualquer tentativa de acréscimo à Bíblia, seus conceitos sobre as declarações proféticas, os dons de profecia e revelação funcionam realmente como acréscimos. E, à medida que fazem acréscimos — ainda que involuntariamente — à revelação divina final, eles minam a singularidade e a autoridade da Bíblia. Novas revelações, sonhos e visões são considerados tão determinantes à consciência dos crentes quanto o livro de Romanos ou o evangelho de João.

Alguns carismáticos dizem que as pessoas entendem equivocadamente o que significam declarações proféticas e novas revelações. Afirmam que não estão fazendo nenhum esforço para alterar a Escritura, nem para igualarem-na com essas declarações e revelações proféticas. Admitem que estão apenas recebendo explicações da Escritura e aplica-

33 Quanto a uma avaliação mais detalhada do cânon, ver:
- Geisler, Norman L.; Nix, William E. *A general introduction to the Bible*. Chicago: Moody, 1986
- F. F. Bruce, *The canon of Scripture*. Downers Grove, Ill: IVP, 1988.

ções de seus ensinos dirigidos à igreja contemporânea, à semelhança da profecia de Ágabo, registrada em Atos 11.28.[34]

É muito tênue a linha de separação entre a explicação da Escritura e a tentativa de fazer-lhe acrescimos. No entanto, a Bíblia não é explicada quando ouvimos alguém que pensa ter o dom de profecia, e sim ao ser estudada cuidadosa e diligentemente. (Ver o relato sobre Filipe e o eunuco etíope em At 8.28-35.) Não há atalhos para a interpretação adequada da Palavra de Deus (cf. At 17.11; 2 Tm 2.15).

Os cristãos devem agir com coerência nas questões que envolvem a inspiração e a revelação. O entendimento exato dessas doutrinas é essencial para a distinção entre a voz de Deus e a do homem. Como vimos, homens que professavam falar em nome de Deus e expressavam suas próprias opiniões deviam ser executados, de acordo com a lei do Antigo Testamento (Dt 13.1-5). Os crentes da época do Novo Testamento são incentivados a provar os espíritos, julgar todas as supostas profecias e expulsar os falsos profetas e hereges (1 Jo 4.1; 1 Co 14.29).

A capacidade de separar a Palavra de Deus do que é falso sempre tem sido importante. Deus usou um processo histórico para estabelecer a autenticidade do cânon, a fim de que a igreja toda pudesse usufruir de um padrão inequívoco. Se jogarmos fora esse padrão histórico e redefinirmos a revelação e a inspiração, destruiremos nossa capacidade de receber a verdade divina. Caso subvertamos o caráter singular da Bíblia, não conseguiremos distinguir a voz de Deus da voz humana. Além disso, posteriormente, qualquer pessoa poderá dizer o que desejar, afirmando-o como Palavra de Deus, e ninguém terá o direito de negar isso. Agora mesmo estamos terrivelmente próximos dessa situação hipotética.

O Espírito Santo *está* atuando poderosamente na igreja hoje, mas não como a maior parte dos carismáticos imagina. O papel do

34 Não é correto usar Ágabo para dar apoio à teoria da continuidade da revelação. Suas profecias foram registradas enquanto o cânon estava aberto.

Espírito Santo é o de outorgar-nos poder quando pregamos, ensinamos, escrevemos, conversamos, testemunhamos, pensamos, servimos e vivemos. Ele nos leva à verdade divina e nos direciona à vontade de Deus para a nossa vida. Entretanto, o Espírito Santo faz isso *por intermédio* da palavra de Deus, nunca à parte dela. É um equívoco referir-se à inspiração e à revelação como se estas fossem o ministério do Espírito Santo em guiar e dar poder. Usar expressões do tipo "Deus me disse", ou "Essa idéia não foi minha; recebi-a do Senhor", ou "Essas palavras não são minhas; o Senhor me entregou uma mensagem" confunde a questão da direção do Espírito na vida dos crentes.

Dar ensejo a esse tipo de confusão é algo que nega o caráter único e a autoridade absoluta da Escritura. Os termos e conceitos de Efésios 5.18-19 e 2 Pedro 1.21 não devem ser confundidos. Ser cheio do Espírito e falar uns aos outros com salmos e hinos não é a mesma coisa que ser movido pelo Espírito Santo para compor a Escritura inspirada.

Capítulo 3

Profetas, fanáticos ou hereges?

Talvez o aspecto mais preocupante do afã do movimento carismático por novas revelações seja a maneira negligente e indiscriminada pela qual tantas profecias questionáveis são recebidas como verdade divina.

Os profetas de Kansas City

Um grupo de supostos profetas, em Kansas City, demonstra quão longe tem ido o abuso da profecia no movimento carismático. Um livro que promove as atividades do grupo tornou-se, de imediato, um best-seller internacional.[1] Centenas, talvez milhares, de igrejas ao redor do mundo estão usando os padrões de ministério profético que estão de acordo com os "Profetas de Kansas City".

Todos esses homens, associados a uma única igreja — antes designada Kansas City Fellowship, mas agora chamada Metro Vineyard Fellowship — dizem que não gostam de ser rotulados como "profetas". Preferem se autodesignar pessoas que têm o "dom profético". Em outras palavras, eles não crêem possuir um ofício detentor de autoridade semelhate ao dos profetas do Antigo Testamento. Tampouco afirmam ser infalíveis. Ao contrário, todos os Profetas de Kansas City admitem ter profetizado falsamente.[2]

---

1 Pytches, David. *Some Said It thundered*. Nashville: Oliver Nelson, 1991.
2 Ibid. p. 109.

No entanto, as profecias proferidas por esses homens são recebidas por milhares de pessoas como a verdade revelada por Deus. O pastor da Metro Vineyard, Mike Bickle, encoraja ativamente o rebanho a aceitar as profecias modernas como um meio divino de revelar a verdade para a igreja.

Um dos videntes mais expressivos da igreja, Bob Jones, afirma que Deus lhe fala anualmente no Dia da Expiação (judaico). De acordo com a terminologia de Jones, o Senhor o coloca "sob o Cajado do Pastor" e lhe dá uma mensagem referente a toda a igreja em relação ao ano seguinte.[3] Nos últimos anos, Bickle e Jones têm proferido e explicado as profecias perante a congregação, encorajando as pessoas a agir de acordo com as profecias, como se fossem a Palavra de Deus.

A profecia do Cajado do Pastor, proferida por Jones, em 1989, incluía uma nova explicação do motivo por que tantas profecias modernas não se cumprem. Jones afirmou:

> [Deus] disse: "Se eu liberasse agora 100% da *rhema*, a responsabilidade seria tremenda, e vocês teriam tantos Ananias e Safiras em seu meio, que seriam incapazes de crescer — as pessoas ficariam bastante amedrontadas". No entanto, ele disse: "Se a profecia fosse correta, ela mataria, em vez de amedrontar as pessoas e conduzi-las ao arrependimento"... Isso foi o que ele me disse; portanto, acredito que, se eu acertar dois terços dela, estarei em uma posição muito boa.[4]

Bickle acrescentou: "Com relação aos dois terços: a primeira vez que Bob me disse isso, eu repliquei: dois terços?. Ele respondeu: 'Sim, é o maior nível que esta nação já vislumbrou até hoje. Este é o mais alto de todos os níveis'".[5]

---

3 Jones, Bob. *The shepherd's rod*. Kansas City, Mo.: Kansas City Fellowship, October 1989. Cassete sonoro.

4 Ibid.

5 Ibid. Bickle não é mais um defensor tão aguerrido de Jones como antes. Em novembro de 1991, John Wimber distribuiu uma circular às igrejas Vineyard informando que Jones passava por um processo de "restauração", após a confissão de ter

Em outras palavras, os supostos profetas alegam possuir uma palavra da parte do Senhor, mas a chances de que ela será falsa é de uma em três — na avaliação mais otimista! Não nos admiramos com o fato de que suas profecias lançam tantos crentes em confusão extrema.

A despeito de seus pobres resultados, os Profetas da Cidade de Kansas City continuam a colecionar elogios do mundo todo. Freqüentemente, eles são preletores no ministério de conferências internacionais de John Wimber (ver. Capítulo 6).[6]

No prefácio de *Some Said It Thundered*, O Dr. John White escreveu:

> De tempos em tempos, surgem na igreja disputas por causa de profetas. No início do século XIX, surgiu a controvérsia irvingita, em Londres; e o profeta principal teve de confessar, anos mais tarde, que fora enganado. Vários de nós descobrimos que ouvir algo da parte de Deus não é tão fácil. Na verdade, a igreja sofreu tantas experiências ruins com os profetas, que agora reagimos de forma muito rápida e temerosa. Corremos o risco de perder algo bom, por causa de experiências ruins. jogar fora um bebê vivo por causa do horror com a água suja do banho.[7]

Entretanto, será que existe algo bom nas revelações proféticas modernas? Esta é uma pergunta que muitos carismáticos não têm disposição de responder.

Por exemplo, o próprio White defende com ferocidade os Profetas de Kansas City. Apesar de reconhecer que eles "cometeram erros".[8] White parece acreditar que a crítica contra os profetas é inerentemente satânica: "Satanás teme as palavras recém-saídas dos lá-

---

se envolvido em conduta sexual imprópria e em abusos de seu dom de profecia.

6 Wimber ofereceu-se para levar os Profetas de Kansas City para a Vineyard, a fim de corrigir-lhes os excessos, discipulá-los e torná-los responsáveis. Todavia, quase imediatamente, ele passou a usá-los para ensinar.

7 p. ix-x.

8 Ibid. p. xix.

bios de Deus... Visto que Satanás receia tanto a Palavra recente, ele suscitará controvérsias sempre que ela proceder de modo miraculoso dos lábios de um profeta verdadeiro ou dos lábios de um evangelista inflamado pelo Espírito".[9]

Curiosamente, White crê que a controvérsia em torno dos Profetas de Kansas City constitui uma forte evidência de sua genuinidade. Na seção denominada erroneamente "Cuidado com os falsos profetas", ele cita as advertências de Jesus a respeito dos falsos profetas encontradas em Mateus 7.15, 24.11 e Marcos 13.22. Em seguida, White afirma: "Somos advertidos de que isso ocorrerá. A maioria dos estudiosos acredita que as palavras de Jesus são aplicáveis aos últimos dias. Elas podem estar se referindo a nós agora. Como podemos discernir o verdadeiro do falso? Por meio de uma característica: *os verdadeiros profetas não serão populares*".[10]

Permita-me dizê-lo do modo mais claro possível: Este é o *pior* ponto de partida para o debate a respeito de como discernir os falsos profetas. Com certeza, quem fala a verdade é impopular; entretanto, a popularidade não é um teste de autenticidade, nem mesmo de fidelidade. Jesus e João batista passaram por certoa etapas de seu ministério,em que foram bastante populares.

O único teste do verdadeiro profeta é a fidelidade de suas profecias: "Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele" (Dt 18.21,22). Na época da lei, qual era a punição para esse tipo de profecia? "O profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar... *esse profeta será morto*" (Dt 18.20 — ênfase acrescentada).

9 Ibid. p. xi-xii.
10 Ibid. p. xiii. Ênfase no original.

Admiravelmente, na avaliação de cinco páginas a respeito de como discernir falsos profetas, White não *menciona nem mesmo uma vez a exatidão ou a fidelidade como teste*! De fato, ele declara explicitamente a crença de que esses não são *testes válidos* das credenciais do profeta. Crê que profecias falsas não desqualificam, necessariamente, a pessoa para falar em nome de Deus. E conclui a sessão sobre o discernimento dos falsos profetas com essas palavras: "É claro que os profetas são seres humanos. *Portanto, eles podem cometer erros e mentir.* E não precisam deixar de ser profetas por causa de seus equívocos e erros".[11]

Essa declaração deixa transparecer a ignorância a respeito do que a Escritura afirma sobre profecias inspiradas. O dom profético no Novo Testamento (Rm 12.6; 1 Co 12.10) está relacionado com a declaração, e não com a revelação. O profeta do Novo Testamento "fala aos homens, edificando, exortando e consolando" (1 Co 14.3). Ele é um pregador, não uma fonte de revelação contínua. Está incumbido de anunciar, e não de predizer; ou seja, ele proclama a verdade já revelada. De modo geral, ele não é um condutor de novas revelações.

Na igreja primitiva, antes da finalização do Novo Testamento, alguns profetas foram enviados por Deus em determinadas ocasiões para exortar a igreja com mensagens inspiradas, à medida que o profeta falava. Isso era necessário para instruir a igreja sobre questões

---

11 Ibid. p. xvi. Ênfase no original. White procura apoio para sua declaração em uma interpretação dúbia de 1 Reis 13.7-32. Às vezes, imagina-se que a passagem versa sobre o verdadeiro profeta que profetizou palavras falsas; entretanto, observe que o falso profeta da narrativa não é identificado como "homem de Deus", ao passo que o profeta honesto (porém desobediente) da passagem recebe essa identificação. 2 Reis 23.18 identifica o falso profeta como "o profeta que viera da Samaria". Ele poderia ser um vidente incrédulo com poderes de origem demoníaca — por essa razão, expressou seu pedido supersticioso (1 Rs 13.31). Observe também que ele não foi punido imediatamente pela mentira, embora o "homem de Deus" que ele enganou tenha morrido por causa de sua própria desobediência.
Na Bíblia, existem vários exemplos de homens injustos que profetizaram corretamente. Todavia, não há um exemplo de um verdadeiro profeta de Deus que tenha proferido falsa profecia, enquanto falava em nome de Deus.

ainda não tratadas pela Bíblia. Esse aspecto revelador da profecia foi exclusivo à era apostólica.

A perspectiva carismática contemporânea, que transforma todo profeta em instrumento de revelação divina, deprecia a Escritura *e* a profecia. Ao permitir que os profetas misturem erros com mensagens supostamente "procedentes dos lábios de Deus", os carismáticos têm aberto as portas a falsos ensinamentos, confusões, erros, fanatismo e caos. Como poderia a mensagem genuinamente inspirada por Deus ser corrompida por erros ou mentiras? A profecia inspirada deveria estar no mesmo nível da Escritura. É a própria Palavra de Deus. *Toda* revelação profética continha um "assim diz o Senhor" — explícita ou, ao menos, implicitamente. A profecia reveladora não era a opinião ou a especulação do profeta. Tampouco era simples impressão de sua mente. Não era um palpite ou adivinhação. Não era clarividência. Era *uma palavra da parte do Senhor* (cf. 1 Sm 3.1; Jr 37.17). E, visto que o profeta falava em nome de Deus, ele era reputado com o mais elevado padrão de confiança — e julgado com a maior severidade, caso profetizasse falsamente (Dt 13.1-5; 18.20-22).[12]

12 Algumas pessoas imaginam que a distinção entre a profecia do Antigo e a do Novo Testamento negue o princípio de Deuteronômio 3.1-5 e 18.20-22. Alegam que os profetas na era da igreja não devem ser julgados de acordo com a fidelidade de suas profecias, pois a profecia no Novo Testamento possui caráter diferente da profecia do Antigo. Wayne Grudem (*The gift of prophecy in the New Testament and today.* Wheaton: Crossway, 1988.), por exemplo, argumenta que há dois níveis de profecia no Novo Testamento. Um deles é a profecia apostólica, infalível e equiparável à profecia do Antigo Testamento e à Palavra de Deus escrita e inerrante. O outro é o dom de profecia, que tem por objetivo edificar, encorajar e consolar. Com isto eu concordo. Todavia, diferentemente de Grudem, não creio que esse segundo nível de profecia possua caráter revelador.
Grudem acredita que os profetas de hoje pronunciam mensagens que lhes foram reveladas por Deus, de modo sobrenatural. Contudo, ele crê que essas mensagens nem sempre são precisas. Infelizmente, Grudem jamais responde ao óbvio dilema criado por essa posição: como é possível que *uma* mensagem revelada por Deus contenha erros? Por definição, falsas profecias não procedem de Deus.
Quanto a uma excelente discussão sobre o caráter infalível da profecia inspirada

É lógico que o profeta, ao transmitir uma revelação, tornava-se porta-voz das próprias palavras de Deus. Toda revelação profética autêntica era verdadeira, confiável e inerrante, como a própria Escritura. De outro modo, tornaríamos Deus mentiroso ou deveríamos minimizar o significado da revelação e aceitar o nível secundário de inspiração. Teríamos de criar uma teoria de acordo com a qual, de algum modo, Deus capacitaria os profetas contemporâneos a entregar mensagens que seriam verdadeiras para ele mesmo, mas não teriam autoridade como Escritura. Isto é exatamente o que alguns apologistas da profecia carismática moderna tentam fazer.

Bill Hamon, por exemplo, lidera uma rede de "ministérios proféticos". Ele escreveu:

> É claro que o ministério profético não foi dado à igreja a fim de suplantar a Bíblia. Qualquer "acréscimo" recente à Escritura, outorgada como mensagem profética e aceita como infalivelmente inspirada, deve ser falsa. Em vez disso, o ministério profético traz iluminação e explicação sobre o que já foi escrito, tornando-o pessoal aos crentes.[13]

Entenda que, ao falarem sobre a profecia, Hamon e outros carismáticos se referem a uma nova revelação divina. Hamon crê que "todas as profecias pessoais são condicionais, quer suas condições sejam apresentadas com clareza, quer não".[14] Isto é, as profecias "*podem* ser canceladas, alteradas, revertidas ou reduzidas; porque esse tipo de profecia, para se realizar, exige a participação e a cooperação adequada de quem recebe a palavra profética".[15] Portanto, no esquema de Hamon, o fato de que uma profecia deixa de se cumprir não é uma prova de sua

---

do Novo Testamento, ver o Apêndice 3 — Is the New Testament Gift of Prophecy Fallible? — em Norman Geisler, *Signs and Wonders* (Wheaton, Ill.: Tyndale, 1988), p. 157-162.

13 Hamon, Bill. How to receive a personal prophecy. *Charisma*, p. 63, Apr. 1991.

14 Ibid. p. 65.

15 Ibid. Ênfase no original.

falsidade. Caso as circunstâncias mudem ou falte fé ao próprio profeta, Deus pode mudar a profecia — ou mesmo cancelá-la.[16]

Indubitavelmente, Hamon nega equiparar a revelação profética moderna à Escritura. Contudo, na prática, torna-se impossível manter qualquer distinção. Mais adiante, no mesmo artigo, Hamon escreveu:

> Escreva e leia suas profecias pessoais e medite nelas. O apóstolo Paulo disse a Timóteo: "Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto" (1 Tm 4.14,15).[17]

Retirando versículos do contexto, Hamon encoraja as pessoas a prestarem às profecias pessoais o tipo de estudo e reflexão reverentes que devemos dar à Bíblia (cf. Js 1.8; Sl 1.2). É exatamente neste ponto que incorrem em dificuldades os carismáticos que desejam afirmar a supremacia das Escrituras, mas aceitam revelações particulares. Devo escrever minhas profecias e meditar nelas? Se eu as ignorar, isso será pecado? Se for pecado, terei canonizado a revelação. Se não for pecado, eu a terei considerado supérflua. Hamon optou por canonizá-la.

Ele comete esse erro por aconselhar às pessoas que ignorem a razão, a lógica e os sentidos, quando tentam "dar testemunho com a exatidão de uma palavra profética, em espírito e conteúdo".[18] Ele escreveu:

---

16 A opinião de Hamon coloca Deus à mercê do acaso, caracterizando-o como alguém volúvel — que adapta sua Palavra aos acontecimentos fora de seu controle — como se fosse incapaz de conhecer ou controlar o futuro. Essa opinião é, evidentemente, o produto da teologia que rejeita o ensinamento bíblico a respeito da soberania divina.

17 Ibid. p. 66. Ênfase no original. Ver também nota 17, no Capítulo 2.

18 Ibid.

Às vezes, ouço pessoas dizerem: "Não dou testemunho com essa profecia". Entretanto, após questioná-las, descobri que a profecia não se encaixava com a teologia, os desejos ou os objetivos dessas pessoas e que suas emoções reagiam negativamente à profecia. Elas falharam em entender que não damos testemunho com a alma — a mente, as emoções ou a vontade.

Nossa faculdade de raciocínio encontra-se na mente, e não no espírito. Portanto, nossas tradições, crenças e opiniões não são testemunhas verdadeiras da verdade profética. A reação espiritual tem origem profunda em nosso ser. Muitos cristãos descrevem a localização física de sua sensação correspondente na região superior do abdome.

O testemunho negativo — com a mensagem "não", "tenha cuidado" ou "algo não está certo" — é manifestado comumente com o sentimento de tensão, inquietação ou desconforto. Existe uma sensação profunda, mas quase ininteligível, de que algo está errado. Só podemos confiar nessa sensação quando estivermos em maior sintonia com nosso espírito do que com nossos pensamentos. Se você pensa, causa essas sensações ¸então, isto é apenas uma reação da alma.

Por outro lado, quando o Espírito de Deus testemunha, ao nosso espírito, que uma palavra profética está correta, procede de Deus e está de acordo com sua vontade e propósito, nosso espírito reage com o fruto do Espírito Santo. Sentimos paz e alegria profundas e inexplicáveis e uma sensação arrebatadora de amor — podemos até sentir que nosso espírito pula de contentamento. Essa sensação nos permite saber que o Espírito Santo dá testemunho ao nosso espírito de que tudo está em ordem, embora não possamos entender todas as coisas ditas, pois, do contrário, nossa alma não será capaz de se ajustar imediatamente a todos os pensamentos apresentados.[19]

Em outras palavras, ignore sua mente, esqueça suas crenças, desconsidere sua teologia e o bom senso; a sensação na parte

19 Ibid. p. 68.

superior de seu abdome lhe dirá quão importante uma "profecia" realmente é.

Isto é um absurdo total. Não achamos esse tipo de conselho na Bíblia. A sensação que a parte superior de seu abdome transmite não diz nada sobre a veracidade ou não de uma profecia. Você pode estar sofrendo de indigestão! Quantas pessoas, ao seguirem esse tipo de conselho, ouvem um autodenominado oráculo falar e manipular membros de igrejas para doarem suas economias ao ministério do profeta?

Esse modo de pensar permeia o movimento carismático. Por fim, muitas profecias não passam de sensações. Essa é a razão por que o erro e a confusão são tão desenfreados nas congregações lideradas por aqueles que chamam a si mesmos de profetas.

Recebi uma fita de áudio de um desses pastores-profetas, James Ryle, pastor da Boulder Valley Vineyard, no Colorado. Ryle descreveu com detalhes alguns de seus sonhos, que ele considerou revelações proféticas da parte de Deus. Segundo os sonhos de Ryle, Deus está pronto para ungir músicos cristãos com a mesma unção concedida aos Beatles. Ele cita uma palavra do Senhor: "Chamei esses quatro moços de Liverpool para mim mesmo. Havia um chamado divino na vida deles; eles foram dotados por minha mão; eu os ungi, porque tinha um propósito — desencadear um avivamentos carismático com o avivamento musical em todo o mundo".

O que aconteceu? De acordo com Ryle, Deus lhe disse: "Os quatro moços de Liverpool desertaram e não serviram em meu exército. Serviram a seus próprios propósitos e usaram o dom para favorecer o outro lado". Ryle afirmou que Deus lhe disse que suspendeu a unção em 1970 e a reteve desde então. No entanto, Ele está a ponto de liberá-la novamente à igreja.[20] Ryle é jovem, bem-preparado, articulado e tem pregado a respeito de sua profecia em várias igrejas. Fitas de audio dessas men-

20 Ryle, James. *Sons of thunder.* Longmont, Colo.: Boulder Valley Vineyard. Pregado em 1º de julho de 1990.

sagens circulam em vários países, e milhares de pessoas recebem sua profecia como verdade absoluta da parte de Deus.

No entanto, permanece o fato de que, desde o término do cânon, *nenhum avivamento genuíno ou movimento ortodoxo foi liderado, em momento algum, por pessoas cuja autoridade se baseava em revelações particulares da parte de Deus*. Diversos grupos têm afirmado receber novas revelações, mas todos eles têm sido fanáticos, hereges, sectários ou fraudulentas. Carismáticos e não-carismáticos precisam considerar se há um paralelo entre esses grupos e o movimento carismático moderno.

Montanismo

Montano, originário da Frígia, no século II d.C acreditava ser um profeta enviado por Deus para reformar a igreja mediante o ascetismo, a prática da glossolalia e a continuidade das revelações proféticas. Duas falsas profetisas, Priscila e Maximila, foram instrumentos para difusão do montanismo. Eusébio, um dos pais da igreja, escreveu: "[Montano] incentivou duas mulheres e encheu-as com o espírito bastardo, para que proferissem dizeres insanos, absurdos e irresponsáveis".[21] Alguns historiadores interpretam isso com o significado de que as mulheres falavam em línguas.

Hipólito escreveu sobre os montanistas:

> Eles têm sido enganados por duas mulheres, Priscila e Maximila, a quem consideram profetisas, asseverando que o espírito Paracleto penetrou nelas... Exaltam essas mulheres acima dos apóstolos e de todo dom da graça, de modo que alguns deles chegam a dizer que há nelas algo superior a Cristo... Introduziram novidades como jejuns e festas, abstinências e dietas de raízes, transformando essas mulheres em autoridades.[22]

21 Citado em Bettenson, Henry. (Ed.). *Documents of the christian church*. London: Oxford, 1963. p. 77.
22 Ibid.

O montanismo se espalhou rapidamente por toda a igreja primitiva e alcançou Roma na segunda metade do século II. Eusébio descreveu a procedência e a extensão do movimento:

> Montano, dizem, expôs-se inicialmente aos ataques do adversário, por causa do desejo desenfreado de liderança. Ele era um neófito e foi possuído por um espírito; repentinamente, começou a entrar em um tipo de transe extático, a falar palavras ininteligíveis, profetizando de forma contrária ao costume da igreja — a tradição mantida desde os tempos primitivos.
>
> ... Alguns dos que ouviram essas afirmações espúrias repreenderam-no como a alguém possuído por um demônio... relembrando a advertência do Senhor de se guardarem, com vigilância, da vinda e do surgimento de falsos profetas; outros, no entanto, foram arrebatados, e não poucos se ensoberbeceram, considerando-se possuídos pelo Espírito Santo e detentores do dom de profecia.[23]

Tertuliano, um dos mais destacados pais da igreja, converteu-se ao montanismo nos últimos anos de sua vida e descreveu assim um culto de adoração montanista:

> Agora temos entre nós uma irmã, a quem foram concedidos dons de revelação, usados na igreja nos cultos dominicais, na forma de visões extáticas do Espírito... Depois que as pessoas saem, no fim do culto, é costume dela relatar-nos o que viu... "Entre outras coisas", ela diz, "foi-me mostrada uma alma em forma corpórea, semelhante a um espírito; não se tratava de um objeto desprovido de qualidade, e sim de algo paupável, macio e translúcido, de coloração etérea, sob a forma totalmente similar à de um homem".[24]

Isso parece familiar? A descrição de Tertuliano assemelha-se ao que ocorre em igrejas carismáticas de nossos dias.

Montano e seus seguidores afirmavam receber de Deus revelações que complementavam a Palavra comunicada por Cristo e pelos

23 Ibid.
24 Ibid., p. 78.

apóstolos. Eles criam que o Espírito Santo falava pela boca de Montano e das duas profetizas. Montano acreditava viver nos últimos dias imediatamente anteriores ao retorno de Cristo. Ensinava que o reino de Deus seria estabelecido em sua própria vila, Pepuza, e que ele teria um papel proeminente no reino. Essas e outras falsas profecias estavam entre as principais razões pelas quais o restante da igreja considerava esse movimento herético.

Montano opunha-se ao formalismo da igreja e intimidava os cristãos com ousadia, ao proclamar que seus seguidores eram mais espirituais do que aqueles que possuíam apenas a "letra morta" das Escrituras.

Em muitos aspectos, os montanistas eram ortodoxos. Todavia, o movimento era cismático, crendo que somente eles eram a única igreja verdadeira. O restante da igreja avaliava o montanismo como heresia séria que deveria ser rejeitada. Agostinho escreveu conta eles, e o Concílio de Constantinopla declarou o montanismo equivalente ao paganismo.[25]

O movimento carismático contemporâneo é, em vários sentidos, herdeiro espiritual do montanismo. Na verdade, não seria totalmente injusto chamar o movimento carismático contemporâneo de *neo*montanismo. Pelo menos um dos principais escritores carismáticos, Larry Christenson, afirma que o movimento montanista é parte da tradição histórica carismática.[26]

Catolicismo romano

A semelhança entre o conceito carismático da revelação e os ensinamentos tradicionais da Igreja Católica Romana é algo que

25 Cairns, Earle E. *Christianity through the centuries*. Grand Rapids: Zondervan, 1954. p. 110-111.

26 Christenson, Larry. Pentecostalism forgotten forerunner. In: Synan, Vinson. (Ed.). *Aspects of pentecostal-charismatic origins*. Plainfiled, N.J.: Logos, 1975, p. 32-34

vale a pena avaliar. O ponto de partida é o conceito católico romano da tradição. O estudioso católico Gabriel Moran faz alguns esclarecimentos:

> *Tradição dogmática* é a verdade revelada por Deus na Escritura, anterior à morte do último apóstolo. A tradição dogmática é comumente designada "revelação primária".
>
> A *tradição disciplinar* inclui as práticas e os ritos litúrgicos da igreja, nas eras apostólica e pós-apostólica, que não fazem parte da revelação divina contida na escritura. A tradição disciplinar é comumente chamada "revelação secundária".[27]

"A tradição", disse o católico francês George Tavard, "é o excedente da Palavra, o que vai além da Sagrada Escritura. Não se trata de algo separado nem idêntico a ela. Seu conteúdo consiste em 'outros escritos' por meio dos quais a Palavra tornou-se conhecida".[28]

Outro católico com uma opinião bastante similar ao que os carismáticos afirmam hoje era Kasper Schatzgeyer (1463-1527). Ele ensinou: "A 'revelação íntima do Espírito Santo' é uma possibilidade diária. Tão logo a incredulidade seja vencida, ela se torna tão necessária quanto o ensino procedente dos lábios do próprio Cristo".[29]

Tudo isto suscita a questão: "Onde termina a Bíblia?". Por causa da interpretação da palavra *tradição*, o ensino doutrinário católico romano está aberto. Sempre existe a possibilidade de acrescentar algo de autoridade semelhante à das Escrituras. O Concílio de Trento (1545-1563), reunido para confirmar a oposição católica à Reforma Protestante, promulgou o seguinte decreto a respeito da igualdade entre a Escritura e a tradição:

---

27 Moran, Gabriel. *Scripture and tradition*. New York: Herder & Herder, 1963. p. 20.
28 Tavard, George. *Holy writ or holy church*. New York: Harper, 1959. p. 8.
29 Ibid. p. 164.

O Santo Sínodo Geral e Ecumênico de Trento... tendo sempre em vista o objetivo da remoção dos erros e da purificação do evangelho preservado na igreja — anteriormente prometida pelos profetas nas Sagradas Escrituras —, anunciado pela primeira vez por boca de nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, para ser pregado pelos apóstolos a toda criatura como fonte da verdade salvífica e da disciplina da conduta; percebendo que essa verdade e disciplina estão contidas *nos livros escritos e nas tradições não escritas* — recebidos pelos apóstolos dos lábios do próprio Cristo ou pelos mesmos apóstolos mediante o ditar do Espírito Santo — foram passados de geração em geração até chegarem a nós; seguindo o exemplo dos Pais ortodoxos, *este Sínodo recebe e venera, com afeição e reverência iguais e pias, todos os livros no Novo e do Antigo Testamento... e as mencionadas tradições*... como procedentes dos lábios de Cristo ou do falar do Espírito Santo, em sucessão preservada e ininterrupta na Igreja Católica.[30]

De acordo com essa declaração, Deus tem supostamente concedido revelações por meio da Igreja Católica Romana, desde os dias do Novo Testamento. Das "tradições não escritas... passadas de geração em geração até chegarem a nós", há um curto passo até à infabilidade do papa, que, de acordo com o dogma católico, é o sucessor de Pedro. A teologia católica ensina que, ao pronunciar-se *ex cathedra* (como pastor e mestre de todos os cristãos), o papa o faz com autoridade apostólica absoluta e infalível. Dois exemplos de acréscimos "infalíveis" à Escritura e de tradição nos últimos anos são:

Na bula papal de 8 de dezembro de 1854, intitulada *Ineffabilis Deus* ('Deus inefável'), Pio IX decretou solenemente que a "a bendita Virgem Maria foi, desde o primeiro momento de sua concepção, por graça singular e privilégio do Deus todo-poderoso, com vistas aos méritos de Cristo Jesus, o Salvador da raça humana, preservada imune de toda mancha do pecado original; [isso] foi revelado por Deus e, portanto, [deve ser] firme e totalmente crido pelos fiéis".[31]

O último acréscimo à longa lista de doutrinas católicas... surgiu em 1º de

30 Bettenson, Henry. (Ed.). *Documents of the christian church*. London: Oxford, 1963. p. 261. Ênfase acrescentada.

31 McBrien, Richard P. *Catholicism*. Oak Grove. Minn.: Winston, 1981. p. 880.

novembro de 1950, com um pronunciamento *ex cathedra* do papa Pio XII, do trono de São Pedro, de que o corpo de Maria foi ressuscitado do túmulo logo após sua morte e seu corpo e sua alma foram reunidos, elevados aos céus e entronizados como Rainha do Céu. A esse pronunciamento foi adicionada a advertência costumeira: "Todo o que, de agora em diante, duvidar ou negar esta doutrina, terá se afastado completamente da fé católica". [32]

Esses dois decretos possuem dois pontos comuns. Primeiro, foram revelados à revelia da Escritura, como parte da "tradição" — revelações extrabíblicas. Segundo, os fiéis da Igreja Católica são admoestados a crer neles sem questioná-los, sob a ameaça de excomunhão.

Uma vez que a doutrina católica dá ocasião a revelações adicionais que têm autoridade igual à da Escritura, ela é capaz de produzir um erro após outro, ao conceber ensinos não encontrados na Palavra de Deus. Quando um grupo vai além da Escritura e permite a existência de outra fonte da verdade, as portas escancaram-se, e qualquer coisa pode passar por elas.

O catolicismo acrescentou muitas tradições às Escrituras, como penitências, o purgatório, a infalibilidade papal, as orações pelos mortos e todo o sistema de sacramentos. Nada disso tem o apoio na Bíblia; mas são todos afirmados pelos fiéis católicos como verdade divina revelada por meio da igreja.

Será que os carismáticos não têm estabelecido, de modo semelhante, tradições particulares? Por exemplo, em vários círculos carismáticos, "cair no Espírito" é uma expressão comum. Quem "cai no Espírito" é derrubado, sem os sentidos ou em transe, pelo toque de algum suposto transmissor do poder divino. A prática possui mais pontos comuns com o ocultismo do que com a Bíblia (ver Capítulo 7).

32 Boettner, Loraine. *Roman catholicism.* Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1962. p. 162.

Conversei com um carismático que me disse: "Sim, é fundamental cair no Espírito. Na verdade, não se deve passar mais do que duas ou três semanas sem ele". Um ex-carismático disse-me não existirem limites. Às vezes, torna-se uma competição para saber quem "cai" mais freqüentemente.

Perguntei a um amigo carismático: por que você faz isso? Sua resposta foi: "Por que esta é a maneira como o poder de Deus vem sobre mim". Que passagem bíblica afirma isso?, perguntei. Ele respondeu: "Bem, não há nenhuma passagem".

Nenhuma passagem bíblica? Então, onde achamos autorização para essa prática? Na tradição pentecostal? A metodologia católica romana e a carismática andam de mãos dadas neste ponto.

Neo-ortodoxia

A teologia neo-ortodoxa alega que a Escritura não é objetivamente a Palavra de Deus, mas tem o potencial de falar ao coração das pessoas em momentos significativos, quando essas lhe permitem. De acordo com a neo-ortodoxia, Deus jamais pretendeu falar por meio da Palavra; em vez disso, Ele se comunica de um modo pessoal, em revelações particulares, quando O encontramos.

A neo-ortodoxia acredita que a Bíblia é um bom modelo e uma testemunha dinâmica, mas não é, de forma intrínseca, a Palavra de Deus. A Palavra deve ser consultada como uma aplicação. Ou seja, ela se torna Palavra de Deus apenas quando fala ao coração humano. À primeira vista, isso talvez pareça bom, mas existe um erro fatal. Este ensino relega totalmente a revelação divina ao âmbito da subjetividade. Abre a porta para que cada pessoa defina a verdade em termos individuais, transformando sentimentos em regra absoluta. À semelhança do movimento carismático, a neo-ortodoxia procura encontrar a verdade na experiência humana.

Norman Geisler e William Nix definem de modo claro o ponto de vista neo-ortodoxo:

Segundo a neo-ortodoxia, a Bíblia é um livro humano e falível. Mas, apesar disso, é o instrumento da revelação divina para nós, por ser o registro da revelação divina especial em Cristo. A revelação, no entanto, é pessoal; a Bíblia não é verbalmente inspirada por Deus. É apenas um meio humano, falível, pelo qual podemos encontrar a revelação pessoal a respeito de quem Cristo é. Por si mesma, a Bíblia não é a Palavra de Deus; no máximo, ele se torna a Palavra de Deus individualmente, quando Cristo é encontrado por meio dela.[33]

O conceito que está por trás da neo-ortodoxia é que a Bíblia é inspirada quando ela cria uma experiência pessoal para você. J. K. S. Reid afirma: "Deus se apresenta de modo magistral em toda a Bíblia, concedendo vida à sua Palavra em qualquer ponto de seu comprimento ou largura. Portanto, também é coreto afirmar que a Bíblia *torna-se* a Palavra de Deus... A Escritura se transforma na Palavra de Deus por designação específica e firme".[34] Emil Brunner disse que o Espírito de Deus está "aprisionado entre as capas da palavra escrita".[35] Ele é liberado na experiência humana.

A neo-ortodoxia,afirma que a Bíblia, não é tudo o que há. Deus ainda está dando revelações, inspirando pessoas da mesma maneira como inspirou os escritores bíblicos. "Se a Bíblia é, de fato, a 'Palavra de Deus', ela não é a palavra final", disse Charles H. Dodd, outro destacado teólogo que sustenta a posição neo-ortodoxa.[36]

O que acontece quando a inspiração das Escrituras depende da experiência subjetiva, e a própria Escritura não é a palavra final de

33 Geisler, Normam L.; Nix, William E. *A general introduction to the Bible*. Chicago: Moody, 1986. p. 175.

34 Reid, J. K. S. *The inspiration of Scripture*. London: Methuen, 1957. p. 278-279. Ênfase no original.

35 Citado em Finlayson, R. A. Contemporary ideas of revelation. In: Henry, Carl F. H. (Ed.). *Revelation and the Bible*. Grand Rapids: Baker, 1974. p. 225.

36 Dodd, C. H. The Bible as the Word of God. In: em Erickson, Millard. (Ed.). *The living God*: Readings in christian theology. Grand Rapids: Baker, 1973. p. 273.

Deus? Não há mais autoridade bíblica! Qualquer outra coisa escrita e dita hoje possui, à semelhança das Escrituras, grande potencial de "inspirar" as pessoas. Deste modo, quase tudo se transforma em fonte potencial de "revelação".

Os carismáticos dizem algo semelhante à neo-ortodoxia? Creio que muitos deles o fazem. Um artigo, escrito há muitos anos por Charles Farah para a revista *Christian Life*, é um bom exemplo. Farah disse: "À medida que os cristãos se movem cada vez mais em direção ao mundo do Novo Testamento, eles passam a confiar cada vez menos na razão e na experiência como fontes finais do conhecimento e se entregam cada vez mais ao conhecimento pneumático".[37]

E o que Farah define por "conhecimento pneumático"? Ele disse que é um "conhecimento que ultrapassa todo o conhecimento, uma percepção que excede toda a percepção, a certeza que excede toda a certeza, um entendimento que ultrapassa todo o entendimento".[38]

A declaração de Farah parece puro misticismo. Ele estaria defendendo uma versão contemporânea do gnosticismo? O gnosticismo era uma heresia do século II que também se referia ao "conhecimento pneumático" com o significado de conhecimento espiritual secreto disponível apenas à elite iluminada.

A resposta de Martinho Lutero à Dieta de Worms é famosa:

> Eis a minha resposta, clara e simples: a menos que eu seja convencido do erro pelo testemunho das Escrituras ou... pelo raciocínio evidente, permaneço convicto pelas Escrituras às quais eu apelo e minha consciência está cativa à Palavra de Deus; não posso e não quero me retratar de nada... Esta é a minha posição. Não posso fazer outra coisa. Deus me ajude. Amém.[39]

---

37 Farah, Charles. Toward a theology of healing. *Christian Life,* v. 38, p. 81, Sept. 1976.

38 Ibid.

39 Bettenson, Henry. (Ed.). *Documents of the christian church*. London: Oxford, 1963. p. 201.

Lutero apelou à Palavra de Deus e à razão. Precisamos realmente olhar para outro lugar à procura da verdade? Podemos experimentar de forma mística o "conhecimento que ultrapassa todo o conhecimento"? A tentativa de definir a verdade assim equivale a colocá-la além da palavra de Deus revelada. A Bíblia dá certeza. A Palavra de Deus dá entendimento (Sl 119.130). Quem pode ir além dela? A Palavra de Deus escrita é suficiente para suprir todas as nossas necessidades espirituais (Sl 19.7-14). A revelação extrabíblica *sempre* conduz ao erro!

As seitas

O *Livro de Mórmon* afirma o seguinte:

> Não supondes que eu próprio saiba destas coisas?... Eu vos testifico: sei que estas coisas sobre as quais vos falei são verdadeiras. E como supondes que eu tenho certeza de sua veracidade? Eis que eu vos digo que elas me foram mostradas pelo Santo Espírito de Deus... E este é o Espírito de revelação que está em mim.[40]

Os mórmons colocam outros dois livros no mesmo nível que as Escrituras: *Doutrina e Convênios* e *Pérola de Grande Valor*. Dessas duas "revelações" complementares surgem muitos erros a respeito de Deus, da natureza humana e da pessoa e obra de Cristo. O resultado é caos teológico.

A Ciência Cristã é outra seita que baseia seus ensinamentos na verdade supostamente outorgada por Deus para complementar a Bíblia. Lê-se no *Christian Science Journal*: "Por não ser uma filosofia

40 Livro de Mórmom. Alma 5.45-46. Cf. o sétimo artigo de fé: "Cremos no dom de línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação de línguas, etc.". Talmage, James E. *The articles of faith.* Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints, 1972. p. 2

humana, e sim uma revelação divina, a razão e a lógica da Ciência Cristã, baseadas em Deus, separam-na, necessariamente, de todos os outros sistemas".[41] A Ciência Cristã designa Mary Baker Eddy como "a reveladora da verdade para esta era".[42]

A Sra. Eddy escreveu: "Eu deveria me envergonhar-me de haver escrito *Ciência e Saúde com a Chave para as Escrituras*, se ele tivesse origem humana e se eu fosse, à parte de Deus, o seu autor. Entretanto, pelo fato de ter sido apenas a escriba que ecoava as harmonias do céu na metafísica divina, não posso ser muito modesta em minha avaliação do livro-texto da Ciência Cristã".[43]

Apesar de serem bem documentados em diversos livros os erros da Ciência Cristã sobre Deus, Cristo e as Escrituras, a Sra. Eddy convenceu-se de ter sido usada por Deus para revelar a verdade em seus dias.

Talvez os adeptos de seita mais notórios sejam os Testemunhas de Jeová. Incansáveis em seus esforços, vão de porta em porta espalhando sua doutrina de salvação pelas obras, negando a graça de Deus por meio de Cristo. Afirmam que Jesus era um ser criado, e não Deus o Filho. Eles acreditam que têm uma nova revelação? Sem dúvida! Eis uma afirmação calara da revista Watchtower (*A Sentinela)*. "*A Watchtower* é uma revista sem igual na terra... qualquer crédito não pertence aos editores da revista, e sim ao grande Autor da Bíblia com suas verdades e profecias; Ele é quem interpreta agora essas profecias".[44]

A Worldwide Church of God é outro grupo que ensina a salvação pelas obras, mediante novas revelações que excedem as Escrituras. Ela foi fundada por Herbert W. Armstrong, criador também

41 The christian science journal. July 1975, p. 362.
42 Ibid., p. 361.
43 Baker, Mary E. *The first church of Christ, scientist and miscellany*. Boston: First Church of Christ, 1941. p. 115.
44 Watchtower, p. 127, Apr. 1943.

do Ambassador College, da revista *The Plain Truth* e dos programas de rádio e televisão *The World Tomorrow*. Como Armstrong começou tudo isso? Por meio de novas revelações concedidas à sua mulher, que teve uma visão na qual um anjo lhe entregou todo o sistema. Ela contou tudo ao marido, e uma nova seita foi iniciada.

Sun Myung Moon, o falso messias da Coréia, afirma ser um mensageiro enviado por Deus. Moom afirma que possui a verdade divina absoluta — não proveniente da Escritura, da literatura ou do cérebro de qualquer pessoa. De acordo com Moon, se a sua "verdade" contradiz a Bíblia (e realmente contradiz), então, a Bíblia está errada.

Do Sola Scriptura a "algo mais"

Quase toda seita e falsa doutrina começa na premissa de que seu líder (ou líderes) tem acesso a novas revelações. Quase todo falso mestre, do espiritualista Edgard Cayce a L. Ron Hubbard, fundador da Cientologia, têm afirmado o recebimento de algum tipo de revelação da parte de Deus. Todos abandonaram o princípio *Sola Scriptura* e embarcaram numa aventura perigosa à procura de algo mais.

A aceitação da "profecia moderna" por parte dos carismáticos representa uma volta a uma rota perigosa. Pode-se ler na placa "algo mais". Porém, a rota da nova revelação é, de fato, o caminho para "algo menos". Está repleta de desvios, becos sem saída, buracos gigantes — e muitas coisas mais.

Alguns carismáticos sentem-se incomodados com esta dificuldade. Stephen Strang escreveu na revista *Charisma*:

> No que concerne a algo como a profecia pessoal, cremos que o extremismo é mais mortífero do que em assuntos menos sujeitos a mudança. Isso acontece porque existe um elemento de controle envolvido quando uma pessoa é capaz de falar em nome de Deus a um grupo... Nem sempre é fácil afirmar quando uma pessoa realmente fala em nome de Deus, ou pela carne, ou mesmo pelo inimigo.

Cremos que existem alguns que se passam por profetas e recebem a habilidade incomum de conhecer o futuro, não da parte do Espírito Santo, e sim de um espírito de adivinhação. Há também alguns carismáticos tão desejosos de conhecer a vontade de Deus, de receber uma palavra divina ou de se destacarem em um a obra em que seu dom especial seja manifestado, que se tornam alvos de espíritos que não procedem da parte de Deus.[45]

Strang identificou o problema central, mas não apresentou nenhuma solução. *Como* saber se um profeta verdadeiro está falando, se a mensagem procede de um espírito maligno de adivinhação ou, talvez, da imaginação de alguém? O discernimento da verdade é algo tão subjetivo quanto um mal-estar na parte superior do abdome? Como traçamos a distinção, se não por meio das Escrituras?

Joseph Dillow apresentou o seguinte relato a respeito de como um carismático, irmão em Cristo, tentou influenciá-lo em um ponto crítico de sua vida:

Recém-convertido, conheci um homem a quem chamarei "Bill". Ele tinha visões com certa regularidade e afirmava receber revelações divinas. Bill via o Senhor operando em quase todas as situações imagináveis da vida. Toda sensação pessoal era considerada orientação do Senhor. Certo dia, por volta da meia-noite, ele me telefonou por ter recebido uma mensagem de Deus que deveria compartilhar comigo. Bill tinha cerca de quarenta anos e morava sozinho, à distância de quase uma hora de carro da minha casa; porém ele queria vir e entregar a mensagem pessoalmente. Fiquei muito comovido pela preocupação, mas lhe disse que tudo ficaria bem se esperasse até ao dia seguinte. Ele insistiu, e acabei convidando-o a vir até minha casa. Quando chegou, estava visivelmente agitado. Naquela época, eu havia decidido ingressar em um seminário. Bill ficou muito irritado com isso. (Ele me disse: "A letra mata, mas o Espírito vivifica".) Agora, ele recebera uma mensagem divina de advertência para eu não dar esse passo. Ele estivera lendo Isaías, e o Senhor lhe dera uma revelação especial, que dizia: "Caso você estude no seminário, sua mulher será devorada por leões, e você perderá a salvação eterna!" Era algo bastante assustador, mas não acreditei. Ele vivia em um mundo de superstições, fomentado pela teologia do falar em línguas. A

45 Strang, Stephen. A Caution on personal Prophecy. *Charisma*, p. 9, Sept. 1989.

centralidade da Palavra estava perdida em sua vida. Na última ocasião em que ouvi falar sobre Bill, ele estava preso, porque "Deus lhe dissera" que desobedecesse à autoridade constituída e não concordasse com uma lei de zoneamento![46]

Bill é um exemplo extremo de uma abordagem da revelação questionável. Mórmons, testemunhas-de-jeová e outros membros de seitas também são exemplos excepcionais. Representam heresias que não equiparo às doutrinas de cristãos carismáticos que amam a Cristo e a Escritura. Entretanto, no que concerne ao assunto vital da revelação, os paralelos entre as afirmações carismáticas e os conceitos dos extremistas são evidentes. Este é o meu argumento: *os piores extremos começam, geralmente, com pequenos desvios*.

O preço do misticismo e subjetivismo carismático é muito elevado. Todos são livres para fazer, dizer e ensinar o que a suposta profecia desta semana revela. A erudição e o estudo meticuloso são preteridos por mensagens particulares da parte de Deus. Kenneth Hagin, por exemplo, escreveu: "Os teólogos, de modo geral, não têm certeza quanto a autoria da Epístola aos Hebreus. Para mim, a carta se parece com os escrito de Paulo. Certa vez, quando Jesus apareceu para mim em uma visão, eu lhe perguntei isso, e Ele me respondeu que Paulo a escrevera. Eu creio que foi Paulo!"[47] Não é necessário mais nenhum debate sobre o assunto. As próximas palavras de Hagin são: "Paulo escreveu aos cristãos hebreus".[48]

A Escritura, por sua vez, não identifica o autor de Hebreus. Homens piedosos, que estudaram o livro cuidadosamente à procura de evidências internas da autoria, afirmam que o assunto não pode ser estabelecido sem evidências bíblicas. Para Kenneth Hagin, isso não é importante; ele tem uma revelação particular sobre o assunto.

---

46 Dillow, Joseph. *Speaking in tongues*. Grand Rapids: Zondervan, 1975. p. 190.
47 Hagin, Kenneth A. The gifts and calling of God. Tulsa: Faith Library, 1986. p. 12.
48 Ibid. p. 13.

Assim, a singularidade e a autoridade central da Palavra foram perdidas; e os carismáticos desenvolveram um tipo de cristianismo místico que poderá ter, eventualmente, pouco conteúdo ou consitência bíblica.

O cristianismo evangélico tem crescido muito nos últimos anos. No entanto, nossas igrejas estão repletas de pessoas que ignoram as Escrituras no que diz respeito a serem ajudadas e crescerem. Dirija-se a uma livraria evangélica comum e descobrirá que a maioria dos livros se baseia em sentimentos e experiências, e não em estudo consistente da Bíblia, das doutrinas ou da teologia. Muitas pessoas realmente não se importam com o que a Escritura diz; elas têm certeza de que a Bíblia é muito simplista ou ingênua. Além disso, essas pessoas encontram-se muito ocupadas procurando aquele enganoso "algo mais", por meio do qual elas esperam resolver todos os problemas.

A carta seguinte foi escrita a um conhecido meu por um jovem carismático e ilustra a atitude de indiferença para com as Escrituras:

> A maior experiência de amor que já tive foi ao pé da cruz, à medida que o sangue de Jesus era derramado sobre mim. Ele me encheu com seu Espírito. Levou-me para além do véu, à cidade de Jerusalém, ao Santo dos Santos. Ali, eu me vi nele, e ele, em mim. Recebi o batismo, como que pelo fogo; e desde então seu amor reside em mim. Com base nisso, mantenho comunhão diária.
>
> Não sinto necessidade de estudar a Bíblia, pois conheço a Jesus como ele se revelou a mim em meu interior; e, visto que ele habita em mim, eis aí a Palavra.
>
> Consulto a Escritura, a Bíblia é vital e necessária, mas não é central nem crucial, pois eu o tenho — ou melhor, ele me tem. As Escrituras são uma fonte secundária.
>
> Mediante o batismo do Espírito Santo, a Palavra em mim (o próprio corpo espiritual de Jesus Cristo) é primária. Digo-o como uma experiência viva do que ele me mandou dizer.

Os reformadores lutaram contra esse tipo de erro usando o princípio *Sola Scriptura*. Os carismáticos abandonaram esse princípio. A verdadeira igreja precisa lutar agora, em pleno século XXI,

pela supremacia e suficiência da Palavra de Deus. Não ousaremos nos render a uma teologia que confere à tradição ou à experiência importância equivalente à das Escrituras. O que está em jogo é o caráter exclusivo da revelação de Deus, na Bíblia. Todas as afirmações que as Escrituras fazem sobre si mesmas estão sendo desafiadas. Quem ama a Palavra de Deus não pode concordar com esse erro.

Não há substitutos para a Palavra de Deus. Não existe "algo mais". Não busque nas "profecias" vãs da imaginação de alguém as forças necessárias para a jornada espiritual . Não busque orientação no conselho incerto das sensações e da intuição. Não oriente o seu viver por meio dos sinais errados da exortação de algum profeta que iludiu a si mesmo. Deus nos deu sua Palavra, que é "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3.16-17). Ela é toda a verdade de que carecemos em todas as necessidades espirituais da vida.

Capítulo 4

Como devemos interpretar a Bíblia?

Hermenêutica é um vocábulo que os teólogos usam para designar a ciência da interpretação bíblica. É a peça fundamental da teologia. Na realidade, as principais correntes teológicas que afirmam ser cristãs (evangelicalismo, liberalismo e neo-ortodoxia) diferem amplamente por causa dos métodos hermenêuticos distintos usados para entender o que a Bíblia afirma.

Pentecostais e carismáticos tendem a fundamentar maior parte de seus ensinos em princípios hermenêuticos paupérrimos. Gordon D. Fee escreveu:

> Os pentecostais, a despeito de alguns excessos, são elogiados pela recuperação do brilho alegre, entusiasmo missionário e pela vida no Espírito da igreja. Porém, ao mesmo tempo, eles se destacam pela péssima hermenêutica... Em primeiro lugar, sua atitude em relação à Escritura inclui uma desconsideração geral para com a exegese científica e a hermenêutica cuidadosa e refletida. Na realidade, a hermenêutica não tem sido algo tipicamente pentecostal. A Escritura é a Palavra e Deus e tem de ser obedecida. Em lugar da hermenêutica científica, desenvolveu-se uma variante pragmática — obedeça ao que você entender no sentido literal; espiritualize, interprete como alegoria ou torne devocional o restante...
>
> Em segundo, é justo — e importante — observar que, em geral, a experiência dos pentecostais precede a hermenêutica. Em certo sentido, o pentecostal tende a fazer exegese de sua experiência.[1]

---

1 Fee, Gordon D. Hermeneutics and historical precedent — a major problem in pentecostal hermeneutics. In: Spittler, Russell P. (Ed.). *Perspectives on the new*

Essa avaliação não procede de alguém hostil ao movimento pentecostal e carismático. Gordon Fee é pentecostal. Sua avaliação está correta; ele tem observado o problema de dentro do movimento, assim como muitos de nós o fazemos, embora não sejamos pentecostais.

Assista a um programa de televisão dos carismáticos e logo você perceberá evidências do que Fee está dizendo. Há alguns anos, vi, horrorizado, o convidado de uma rede de televisão carismática explicar a "base bíblica" de seu ministério de "pensamento positivo". "Meu ministério está plenamente baseado no versículo de minha vida, Mateus 19.26: 'Para Deus tudo é possível'. Deus me deu esse versículo porque eu nasci em 1926."

Evidentemente intrigado com o método de obtenção do "versículo da vida", o apresentador do programa de entrevistas pegou uma bíblia e começou a folheá-la com euforia. "Nasci em 1934", ele disse. "O versículo de minha vida deve ser Mateus 19.34. Que se lê ali?". Então, descobriu que Mateus 19 tem apenas 30 versículos. Sem desanimar-se, ele pulou para Lucas 19 e leu o versículo 34: "Responderam: Porque o Senhor precisa dele".

Emocionado, o apresentador exclamou: "Oh! o Senhor *precisa* de mim! O Senhor precisa de *mim*!" Que versículo da vida maravilhoso! Nunca tive um versículo da vida, mas agora o Senhor me deu um. Obrigado, Jesus! Aleluia! O auditório começou a aplaudi-lo.

Naquele momento, a esposa do convidado do programa, que também havia lido o texto de Lucas 19, disse: "Espere! Você não pode usar este versículo. Ele se refere a um *jumento*!

Esse incidente nos diz muito a respeito da maneira indiscriminada com a qual alguns carismáticos tratam a Bíblia. Buscando "uma palavra do Senhor", alguns brincam de "roleta bíblica", abrindo ao acaso as páginas da Bíblia, à procura de algo que se aplique à pro-

---

pentecostalism. Grand Rapids: Baker, 1976. p. 119-122.

vação ou necessidade pela qual estão passando. Quando acham um versículo, dizem: "O Senhor me deu um versículo".

Essa não é a maneira de lidarmos com a Bíblia. Talvez você já ouviu a história do homem que, procurando orientação para uma decisão importante, resolveu fechar os olhos, abrir a Bíblia, pôr ali o seu dedo e receber orientação do versículo sobre o qual estivesse o seu dedo. A primeira tentativa o trouxe a Mateus 27.5: : "Retirou-se e foi enforcar-se". Pensando que esse versículo não lhe era proveitoso, o homem decidiu tentar de novo. Dessa vez o seu dedo caiu em Lucas 10.37, destacando estas palavras de Jesus: "Vai e procede tu de igual modo". Indisposto a desistir, o homem tentou mais uma vez. Dessa vez o seu caiu sobre as palavras de Jesus em João 13.27: "O que pretendes fazer, faze-o depressa".

Essa história (estou certo de que é espúria) ressalta um fato importante: procurar nas Escrituras significado além de seu contexto histórico, gramatical e lógico, é imprudente e potencialmente perigoso. É claro que alguém pode dar consistência a qualquer idéia ou ensino contido nas Escrituras, se empregar como prova textos à parte de seu significado intencional. Essa é a mesma maneira como muitas seitas usam as Escrituras para estruturar suas falsas doutrinas.

A tarefa da hermenêutica consiste em determinar o significado de um texto em seu próprio contexto — obter o significado da própria Escritura, sem introduzir nelas as pressuposições de alguém.

A importância da interpretação bíblica diligente jamais será demasiadamente enfatizada. Interpretar a Bíblia de modo errado não é, em última análise, melhor do que não crer nela. Que proveito há em concordar que a Bíblia é a revelação de Deus, final e completa, e, depois, interpretá-la de modo errado? O resultado é o mesmo: o interprete fica aquém da verdade de Deus. Interpretar a Escritura para que ela diga o que jamais tencionou dizer é um caminho certo para a divisão, o erro, a heresia e a apostasia.

No entanto, quão negligentemente o evangelicalismo contem-

porâneo trata a interpretação bíblica. Talvez você já esteve num daqueles "estudos bíblicos" em que todos se reúnem em círculo, e cada um compartilha sua opinião a respeito do versículo em questão. "Bem, para mim este versículo significa..." E, ao final da reunião, o que você observa é um aglomerado da ignorância de todos, bem como várias interpretações potenciais do versículo, que talvez estejam todas erradas.

A verdade é: não importa o que um versículo significa para mim, para você ou para todos. O importante é o que o versículo realmente *significa*! Todo versículo tem um significado intrínseco, à parte de qualquer um de nós. Todo versículo possui um significado verdadeiro, quer já o tenhamos considerado, quer não. Cumpre ao estudante da Bíblia determinar o verdadeiro significado das Escrituras, entender o que *Deus* está afirmando no texto. Às vezes, o significado está bem evidente; às vezes, exige uma consideração mais detalhada do contexto. Admito que tenho me defrontado com passagens que não posso entender completamente. Mas permanece o fato de que cada palavra das Escrituras tem apenas o significado tencionado pelo autor, e a tarefa do intérprete consiste em determinar qual é esse significado.

Três erros que devem ser evitados

2 Timóteo 2.25 afirma a respeito do estudo bíblico: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade". Torna-se evidente que o manejar a Escritura requer diligência e cuidado. Ela deve ser tratada assim. Quem não procede desse modo será envergonhado.

Permita-me sugerir três erros evitáveis:

Evite ganhar uma discussão ao custo da interpretação correta. Para um pastor ou mestre é fácil — e, às vezes, tentador — dar outro significado a uma passagem bíblica para obter dela a resposta dese-

jada. Um bom exemplo desse erro é encontrado no *Talmude* (série de comentários sobre as Escrituras hebraicas). Um rabino tenta convencer pessoas de que o assunto mais importante da vida é a preocupação com os seres humanos. Para isso, ele usa as pedras da torre de Babel (em Gênesis 11) para apoiar sua afirmação, alegando que os edificadores da torre foram impedidos de continuar sua obra, porque colocavam as coisas materiais em primeiro lugar e as pessoas em último. À medida que a torre aumentava, o transportador gastava algumas horas para levar uma carga de tijolos aos pedreiros que trabalhavam no topo da torre. Se algum homem caísse da torre enquanto descia, ninguém daria atenção. Era só um trabalhador a menos. Se ele caísse enquanto subia, lamentava-se a queda devido à perda da quantidade de tijolos transportados. Essa, disse o rabino, foi a razão por que Deus lhes confundiu a língua — eles falharam em dar prioridade aos seres humanos.

Isso não se encontra na Bíblia e, na verdade, distorce a lição desse capítulo de Gênesis. É verdade: as pessoas são mais importantes do que tijolos, mas esse não é o ensino central do episódio da torre de Babel. Gênesis 11 não diz nada a respeito da importância das pessoas e da insignificância dos tijolos. Este é o ensino central da passagem: *Deus* é mais importante do que *ídolos* e traz juízo sobre a idolatria. Babel foi o juízo de Deus sobre homens orgulhosos que O desafiavam. Jamais devemos inventar uma boa mensagem em detrimento da verdadeira lição de uma passagem bíblica.

Evite o estudo superficial. O estudo bíblico acurado é uma tarefa árdua. Como vimos, discernir o que Deus nos comunica por meio da Palavra não pode ser feito por deslizarmos o dedo sobre passagens bíblicas, à procura de mensagens onde os olhos pararem. Tampouco o entendimento da Bíblia é uma questão de opinião pessoal ("Para *mim* isso significa...").

O manuseio cuidadoso e acurado da Palavra de Deus requer diligência. Se formos diligentes, poderemos chegar à interpretação

correta das principais verdades da Escritura e ao fluxo do argumento de passagens específicas. Deus não ocultou de nós a sua verdade. Mas o significado não é sempre óbvio. Às vezes, o verdadeiro significado de uma passagem é revelado pela compreensão da cultura à qual se refere. Outras vezes, ele é esclarecido por uma simples nuança da língua original. Essa é a razão por que não podemos ser bem-sucedidos por meio do improviso casual ou do deslizamento de dedos pelas páginas da Bíblia — práticas tão populares em algumas igrejas hoje. Algumas diferenças de interpretação jamais serão resolvidas nesta vida, mas isso não nos exime da responsabilidade de estudar as Escrituras com cuidado e diligência.

1 Timóteo 5.17 nos diz que "devem ser merecedores de dobrados honorários" os que, na igreja, "se afadigam na palavra e no ensino". Ester foi o motivo por que Deus concedeu mestres à igreja — o entendimento de sua Palavra e a instrução correta do povo nas Escrituras exigem pessoas comprometidas com o trabalho dedicado, persistente e consciente, em resposta ao chamado divino.

Bernard Ramm escreveu:

> Pessoas devotas costumam afirmar a possibilidade de conhecer a Bíblia sem qualquer ajuda. Elas costumam prefaciar suas interpretações com uma afirmação semelhante a esta: "Queridos amigos, não li nenhum livro humano, nem consultei nenhum comentário feito por homens. Dirigi-me apenas à Bíblia, para verificar o que ela diz por si mesma". Isto parece muito espiritual e normalmente é acompanhado de *améns* dos ouvintes.
>
> Todavia, este é o caminho da sabedoria? Algum homem tem o direito ou a erudição para ignorar todo o ensino da igreja? Cremos que não.
>
> Em primeiro lugar, embora a reivindicação de ignorar todos os livros humanos e de consultar á própria Bíblia pareça algo piedoso e espiritual, *na verdade isto é egoísmo velado*. É uma afirmação sutil de que o homem pode conhecer adequadamente a Bíblia sem a erudição incansável, piedosa e consagrada de homens como Calvino, Bengel, Alford, Lange Ellicott ou Moule...
>
> Em segundo lugar, essa reivindicação expressa a velha confusão entre a inspiração e a iluminação do Espírito. A função do Espírito não é comunicar

novas verdades ou ensinar *assuntos desconhecidos*, e sim iluminar a revelação contida nas Escrituras. Suponha que selecionemos uma lista de palavras do livro de Isaías; e procuremos alguém que afirma poder ignorar o piedoso aprendizado cristão, e lhe peçamos que explique, por si mesmo, o significado de: Tiro, Sidom, Quitim, Sior, Moabe, Calno, Carquemis, Hamate, Aiate, Migrom, Micmás, Geba, Anatote, Laís, Nobe e Galim. O único esclarecimento que ele poderá obter sobre essas palavras será em comentários ou dicionários bíblicos.[2]

Ramm estava descrevendo a falta de respeito à obra de teólogos e expositores dotados por Deus, que passaram anos estudando e interpretando as Escrituras — e essa falta de respeito tende a ser uma característica dos carismáticos. Por quê? Será que é por causa da ênfase que os carismáticos dão à possibilidade de qualquer pessoa, na congregação, afirmar o que ela pensa lhe foi dito pelo Espírito a respeito de um versículo bíblico? Existe uma grande diferença entre interpretações esquisitas e o ensino de estudiosos que possuem habilidades e ferramentas para explicar o significado da Palavra de Deus. Infelizmente, os carismáticos parecem atraídos às interpretações esquisitas.

Em um programa de rádio, ouvi uma entrevista em que se perguntou a uma pastora carismática como ela obtinha os sermões. Ela respondeu: "Eu não os obtenho; recebo-os. Deus os entrega a mim". Suas palavras refletem uma atitude extremamente comum em seu movimento. Muitos realmente acreditam que estudar é falta de espiritualidade. E alguns afirmam (retirando um versículo completamente do contexto): "Afinal de contas, Jesus não disse: 'Por que o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer' (Lc 12.12)?"

Devemos nos preocupar muito com essa maneira negligente de lidar com a Bíblia. Muitas pessoas ocupam púlpitos com pouca ou nenhuma preparação, dizendo aos outros o que Deus afirma. De

2 Ramm, Bernard. *Protestant biblical interpretation.* Grand Rapids: Baker, 1970. p. 17-18. Ênfase no original.

forma geral, elas não dizem o que Deus disse. Muitas dessas pessoas desenvolvem sua teologia à medida que falam.

Não espiritualize ou alegorize, a menos que o texto o exija. Algumas pessoas usam a Escritura como fábula para ensinar o que querem ressaltar. Em vez de procurarem o significado do conteúdo bíblico, transformam-no em alegoria para apoiarem o que desejam ensinar.

Certo casal — que, por causa de seus problemas conjugais, procurou um de nossos pastores-assistentes para obter aconselhamento — é um exemplo extremo do uso de alegorias. O pastor começou a conversar com eles e perguntou-lhes, depois de cerca de trinta minutos: "Por que vocês se casaram? Vocês estão a quilômetros de distância um do outro".

— "Foi por causa do sermão pregado pelo pastor de nossa igreja", respondeu o marido.

— "Qual foi o tema?"

— "Bem, ele pregou sobre Jericó".

— "Jericó! Qual é a relação disso com o casamento?"

— "Bem, ele disse que o povo de Deus reivindicou a cidade, marchou sete vezes à volta dela, e as muralhas caíram. Ele falou que, se um jovem cresse que Deus lhe teria concedido alguma jovem, poderia reivindicá-la, marchar à volta dela sete vezes, e as muralhas de seu coração cairiam. Portanto, foi isso o que eu fiz, e nos casamos".

— "Isso não pode ser verdade", replicou o pastor-assistente. "Vocês estão brincando, não é?"

— "Não, é verdade", disse o marido. "Existem muitos outros casais que se uniram por causa do mesmo sermão!"

Algumas pessoas crêem que seu casamento foi estabelecido no céu. Na história que acabamos de mencionar, um casamento foi transformado em alegoria — e do tipo mais medíocre. Esse tipo de interpretação surgiu nos primeiros dias da igreja e continua

até hoje, especialmente no movimento carismático. Um famoso pregador carismático, com quem tenho conversado com freqüência, pregou uma série de sermões sobre o livro de Neemias. À medida que ele ensinava, todos os pontos do livro representavam algo diferente ou significavam alguma coisa simbólica. Eis algumas de seus ensinos:

As muralhas de Jerusalém estavam arruinadas, e isso dá a entender as muralhas destruídas da personalidade humana. Neemias representa o Espírito Santo, que vem para reedificar as muralhas da personalidade humana. Quando se refere ao açude do rei (Ne 2.14), esse pastor afirma que o açude simboliza o batismo do Espírito Santo e, a partir disso, continua ensinando sobre importância de falar em línguas.

O livro de Neemias não tem nenhuma ligação com as muralhas da personalidade humana, com o batismo do Espírito ou com o falar em línguas. Todavia, quando um pregador atribui esse significado à aplicação da história, algumas pessoas o consideram um ensino bíblico maravilhoso. Eu não concordo. Considero-o um tipo de mercenarismo, pois faz a Bíblia dizer o que eles querem, em vez de afirmar o que Deus nos diz (cf. 2 Co 2.17).

Para desenvolvermos uma abordagem correta na interpretação das Escrituras, temos o modelo dado pelo próprio Senhor na estrada de Emaús, logo após a sua ressurreição. À medida que caminhava com dois dos discípulos, ensinava-lhes e, "começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24.27). Neste versículo, o vocábulo grego que significa "expor" é *hermeuneuō*, do qual procede a palavra portuguesa *hermenêutica*. Quando Jesus ensinava as Escrituras, ele as interpretava de modo correto, em ordem. Ele usava *hermeuneuō* — hermenêutica. Jesus é o modelo perfeito do mestre que usa métodos interpretativos corretos. Interpretar as Escrituras de qualquer outro modo adultera a Palavra de Deus.

Cinco princípios para a interpretação correta da Bíblia

Eis cinco princípios básicos que podem ser de grande auxílio quando falamos em hermenêutica bíblica:

O princípio literal. Quando falamos em interpretar a Escritura literalmente, não nos referimos ao literalismo escravizante e rígido. Interpretar literalmente significa entender a Escritura em sua lógica normal, incluindo figuras de linguagem como parábolas, hipérboles, símiles, metáforas e simbolismo.

A Bíblia deve ser lida de maneira natural. No passado, os teólogos falavam sobre o *usus loquendi* — significando que as palavras da escritura devem ser interpretadas da mesma maneira como são entendidas em seu uso diário. Deus comunicou-nos sua Palavra por meio da linguagem humana, e existem razões para presumirmos que Ele o fez do modo mais evidente e simples. Suas palavras devem ser compreendidas da mesma maneira como interpretamos a linguagem do discurso normal. Apesar de existirem figuras de linguagem e simbolismo nas Escrituras, essas coisas são bem evidentes nos lugares em que são empregadas. A primeira coisa a ser procurada pelo intérprete cuidadoso é o significado literal, e não algum tipo de interpretação mística, profunda, oculta, secreta ou espiritualizada.

Algumas passagens apocalípticas, como as de Zacarias, Daniel, Ezequiel, Isaías e Apocalipse, contêm figuras e símbolos que precisam ser estudados com atenção, para descobrirmos a verdade literal que transmitem. No entanto, esse tipo de linguagem simbólica não é o padrão bíblico, e percebemos com clareza onde ela é empregada. Às vezes, o simbolismo é difícil de ser interpretado, mas, pelo estudo do ambiente histórico, podemos discernir seu significado. Até a linguagem figurada comunica verdades claras e literais. A Escritura não é um quebra-cabeça com o qual algumas pessoas desejam brincar.

As parábolas são outra forma de linguagem figurada, usada

ocasionalmente na Bíblia. São históricas que ilustram uma verdade espiritual; todavia, seus pormenores podem não ser reais. Pessoas, acontecimentos, tempos e lugares talvez sejam hipotéticos, metafóricos ou simplesmente não identificáveis. No entanto, as verdades espirituais ilustradas pelas parábolas sempre são literais e reais.

Aqueles que abandonaram a interpretação literal, em favor da interpretação mística ou alegórica, abriram mão da esperança de manter a exatidão e coerência. Em seu lugar, têm apenas a possibilidade de chegar aonde a imaginação conduzir. Quando negam o significado literal, não honram a Bíblia, por tentarem compreendê-la; antes, tornam-na sua escrava por moldá-la para dizer o que desejam que ela diga.

Alguns rabinos do período intertestamentário interpretavam a Escritura por meio da numerologia. Isto é, usavam o equivalente numérico de cada letra do alfabeto hebraico para extrair significados místicos das palavras. Sua linha de interpretação os levou a algumas interpretações bizarras. Por exemplo, em hebraico, o valor numérico da soma das letras do nome de Abraão é 318. Isso os levou a concluir que Abraão possuía 318 servos! É fácil perceber que, pela violação do propósito simples da linguagem, *qualquer* interpretação é possível.

O princípio histórico. Como já observamos, um dos passos cruciais para entendermos o significado de um texto é o conhecimento do ambiente cultural, geográfico e político no qual se insere a passagem. Quando entendemos o contexto histórico, a passagem freqüentemente interpreta-se a si mesma.

Para entendermos qualquer livro da Bíblia, temos de compreender a história envolvida. No caso de uma epístola envida às igrejas, quais eram algumas características da cidade em que viviam os crentes? Quais as condições político-sociais? Quem governava o quê? Quais as pressões sociais envolvidas e qual a intensidade? Quais eram as tensões, problemas e crises da comunidade? Como era a cultura da época? Quais os costumes das pessoas?

Por exemplo: é quase impossível o leitor moderno dar sentido à admoestação de 1 Pedro 1.13: "Cingindo os lombos do vosso entendimento..." (ARC). No entanto, quando sabemos que os soldados, nos dias do Novo Testamento, vestiam-se com longas túnicas esvoaçantes e precisavam prendê-las em torno da cintura, para não tropeçarem nelas quando se dirigiam à batalha, o significado do texto de Pedro torna-se imediatamente claro. Ele estava dizendo: "Preparem a mente para a batalha. Livrem-se de todo empecilho e daquilo que os atrasa".

Para responder perguntas culturais e históricas, podemos usar dicionários, manuais e comentários bíblicos, livros de história e costumes bíblicos. Eles possibilitam a reconstrução do ambiente bíblico de uma passagem, e do contexto histórico surgirá o significado evidente.

O princípio gramatical. Com certa freqüência, a construção sintática de uma passagem é a chave para o seu entendimento. Por exemplo: às vezes o significado de uma frase pode depender de algo tão simples como uma preposição. É importante saber se na expressão encontra-se "por causa de", "por meio de", "em", "por" ou "com". Em alguns casos, o vocábulo grego original pode ser traduzido por duas ou mais palavras portuguesas diferentes. É importante saber se a palavra que aparece em sua Bíblia portuguesa possui traduções alternativas. Além disso, caso a frase se refira a "isto" ou a "ele", é importante conhecer o antecedente do pronome.

A gramática pode não ser seu assunto predileto — com certeza não é o meu —, mas precisamos possuir conhecimentos básicos para interpretarmos a linguagem bíblica. Devemos seguir a ordem das palavras e das frases, para sabermos com exatidão o que a Palavra de Deus diz. O entendimento exato da passagem pode depender disso.

Às vezes, pessoas me perguntam: "O que você faz em primeiro lugar para preparar uma mensagem?" Eu lhes digo que estudo o texto bíblico na língua original — grego ou hebraico. Faço anotações

sobre a ordem das palavras e das frases. Verifico a estrutura e a gramática da sentença. Desejo saber exatamente o que ela diz.

Isso pode ser feito por qualquer pessoa que deseja investir um pouco de tempo e esforço. Mesmo não sabendo grego e hebraico, podemos usar uma tradução interlinear, que contém abaixo da língua original o texto correspondente em português. Pelo menos um bom comentário bíblico pode ser consultado. Preste atenção aos autores e pregadores que dão atenção à gramática; cuidado com os que não o fazem. Aprenda a fazer estudos bíblicos indutivos, separando os versículos em frases, destacando substantivos, verbos, modificadores e outras parte do discurso, a fim de observar o seu significado com mais clareza.[3]

O princípio da síntese. Os reformadores usavam a expressão latina *scriptura scripturam interpretatur* ("a Escritura interpreta a Escritura"). Com isso, eles afirmavam que as passagens obscuras devem ser entendidas à luz das mais evidentes. Se a Bíblia é a Palavra de Deus, ela precisa ser coerente consigo mesma. Nenhuma parte da Bíblia pode contradizer qualquer outra. Um autor divino, o Espírito Santo, inspirou toda a Bíblia; portanto, ela possui uma unidade maravilhosa e sobrenatural. O princípio da síntese une uma parte da Escritura à outra, para chegar ao significado claro e coerente. Caso sustentemos a interpretação de uma passagem que não se harmoniza com outra, uma delas foi interpretada incorretamente ou, talvez, ambas. O Espírito Santo não discorda de Si mesmo. E as passagens de significado óbvio devem interpretar as mais complexas. Nunca devemos elaborar uma doutrina com base em um texto obscuro ou de interpretação incerta.[4]

---

3 Um excelente manual sobre o estudo bíblico indutivo é o de Richard Mayhue — *How to Interpret the Bible for Yourself* (Chicago: Moody, 1986). Cf. também Jensen, Irving L. *Independent bible study*. Chicago: Moody, 1963.

4 Algumas seitas agem deste modo em relação a 1 Co 15.29, que menciona o batismo pelos mortos. Admitimos que esse é um texto difícil de ser interpretado, e há pelo menos trinta interpretações possíveis para explicar suas palavras. O versículo não deve ser usado para apoiar nenhuma doutrina nova. Ao contrário, precisamos entendê-lo à luz de passagens bíblicas mais claras.

Quando ensino uma passagem bíblica, geralmente guio a congregação a diversas partes da Escritura, para demonstrar como a passagem estudada se encaixa no contexto total da Bíblia. Em seu no excelente livro *God has Spoken* (*Deus Falou*), James I. Packer escreveu:

> A Bíblia assemelha-se a uma orquestra sinfônica, e o Espírito Santo é o maestro. Cada músico foi levado voluntária, espontânea e criativamente a tocar as notas como o grande maestro desejava, apesar de nenhum deles ser capaz de ouvir a música de forma integral... O valor de cada parte torna-se completamente evidente quando visto em relação a todo o restante.[5]

Pedro disse esta mesma coisa, ao escrever: "Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava" (1 Pe 1.10-11). Até os escritores da Bíblia não entendiam plenamente o significado do que escreviam. Hoje, pelo fato de que o Novo Testamento está completo, sabemos como a Bíblia se inter-relaciona em um todo glorioso e compreensivo.

O princípio da aplicação prática. A pergunta final que devemos formular é: e agora? O que tudo isso tem a dizer-me? 2 Timóteo 3.16*a* afirma: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil". Todas as suas partes aplicam-se à nossa vida de uma maneira ou de outra. Ela é útil para "o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça".

O *ensino* é a verdade divina fundamental, o princípio ensinado por toda passagem. Compreende os princípios pelos quais vivemos. Por exemplo: a Bíblia contém certos ensinos a respeito do casamento e da família. Devemos aplicar esses princípios à nossa vida. A *repreensão* é o modo como a Escritura desmascara nosso pecado,

5 Packer, J. I. *God has spoken*. London: Hodder and Stoughton, 1965. p. 74.

revela a culpa escondida e traz à luz o segredo embaraçador. Quando aplicamos corretamente o ensino, a primeira conseqüência é deixar que as Escrituras nos reprovem. A reprovação conduz à *correção*, que envolve o abandono dos pecados pelos quais fomos reprovados. Em seguida, ocorre a *educação na justiça* — o estabelecimento de um comportamento novo e justo, em resposta à verdadeira doutrina. Essa é a obra prática da Palavra de Deus.

Só mais uma coisa é necessária

Por mais valiosos que sejam esses cinco princípios de interpretação, eles serão inúteis sem a iluminação do Espírito Santo. Em 1 Coríntios 2, Paulo escreveu:

> *Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente... Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente (v. 12, 14).*

Paulo estava descrevendo o ministério de *iluminação* do Espírito Santo. Somente o Espírito Santo pode mostrar-nos a verdade espiritual. Qualquer pessoa é capaz de ouvir os fatos, estudar os ensinos de outras pessoas e obter alguma compreensão intelectual a respeito do significado da Escritura. Todavia, sem a obra do Espírito Santo, a Bíblia não penetrará nem transformará o coração humano. A obra do Espírito de Deus traz a iluminação — o verdadeiro significado do que foi escrito. Todo crente possui o Espírito Santo, Aquele que inspirou os escritores da Bíblia. E, sem o ministério de iluminação do Espírito Santo a nosso favor, a verdade da Escritura não poderia penetrar nosso coração e mente.

Freqüentemente, ao ler um livro, chego a uma seção que não compreendo. Tenho desejado, muitas vezes, ter o autor ao meu lado para lhe perguntar o significado de suas palavras. O cristão sempre tem o Autor da Bíblia à disposição. O Espírito Santo vive em nós e pode ajudar-nos a entender a Palavra de Deus.

Entretanto, digo-o novamente: o ministério de iluminação do Espírito Santo não deve substituir o estudo diligente. Eles atuam em conjunto. Devemos ter em mente que o próprio Deus exige que sejamos diligentes (2 Tm 3.16). À medida que estudamos toda a Escritura com dedicação, o Espírito Santo usa o conhecimento que possuímos e toda sabedoria à qual nos expusemos como meios para iluminar-nos o coração. Alguém já afirmou corretamente que apelar à Escritura sem a dependência completa do Espírito Santo é presunção. Esperar que o Espírito Santo nos oriente sem a Escritura é "fanatismo subcristão".

Todo cristão deve guardar-se cuidadosamente de entender de modo errado 1 João 2.27: "Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou".

Qual é a mensagem deste versículo? Ele nos diz que não precisamos de mestres e líderes para aprendermos a sabedoria divina? Isso seria incoerente com Efésios 4.11-12, que nos informa sobre o fato de que Deus outorgou "pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo".

O Espírito Santo concedeu a muitas pessoas o dom de ensinar (Rm 12.6-7) e chama todos os crentes a ensinarem uns aos outros (2 Tm 2.2). Em vez de contradizer essas instruções dadas pelo Espírito, João falava a respeito de hereges — anticristos que desviavam as pessoas. Esta passagem não nos autoriza a fazer o que desejarmos

com a Bíblia. Aliás, ela reafirma a possibilidade de conhecermos a diferença entre a heresia e verdade concernente ao evangelho de Cristo (cf. 1 Jo 2.22), porque temos o Espírito. Isto não é uma garantia absoluta de interpretação correta de todo versículo da Bíblia.

Muitas pessoas sinceras usam erroneamente 1 João 2.27 para justificar sua falta de estudo e aprendizado, chegando a interpretações equivocadas da Escritura, à medida que abrem a Bíblia e "deixam o Espírito Santo ensinar-lhes o significado". Essa atitude tem levado muitas pessoas ao erro — esse é precisamente o tipo de erro para o qual o movimento carismático se tornou um solo fértil.

Quatro textos bíblicos comumente mal interpretados

É difícil saber o que vem primeiro: teologia carismática ou os textos bíblicos mal interpretados que a apóiam. Observaremos quatro exemplos importantes da maneira descuidada de interpretação bíblica dos carismáticos.

Mateus 12.22-31. O que é o pecado contra o Espírito Santo? Charles e Frances Hunter, conhecidíssimo casal de ministros carismáticos, escreveram vários livros e pronunciam-se repetidamente a favor da experiência carismática.

Apesar de os Hunters não serem acadêmicos nem teólogos, eles se comunicam prontamente com as pessoas mais simples. A influência deles se espalha onde apresentam suas interpretações da Escritura. Na introdução do livro *Why Should I Speak in Tongues?*, os Hunters equiparam todas as pessoas que questionam o falar em línguas, ou outros aspectos do movimento carismático, aos fariseus, críticos de Jesus, que atribuíram a Satanás a obra de Jesus.[6] Os Hun-

6 Hunter, Charles; Hunter, Frances. *Why should I speak in tongues?* Houston: Hunter Ministries, 1976.

ters também insinuam que os críticos do movimento carismático estão perigosamente próximos de cometerem o pecado imperdoável de blasfemar contra o Espírito Santo.[7] Os Hunters estão certos? Desafiar a doutrina carismática equivale à blasfêmia contra o Espírito Santo? Sempre que alguém nega que os dons de línguas são para os nossos dias ou que o batismo do Espírito é uma experiência posterior à salvação, essa pessoa comete um pecado imperdoável?

A passagem citada pelos Hunters é Mateus 12.22-31. Um homem que nascera cego e mudo e estava possesso por um demônio foi levado a Jesus; e Ele curou o homem. Lemos no versículo 24: "Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios". Belzebu, o senhor das moscas, era uma divindade dos filisteus. Acreditava-se que ele era o príncipe dos espíritos maus, e seu nome tornou-se sinônimo de Satanás; portanto, a inferência dos fariseus é que Jesus expulsava demônios pelo poder de Satanás.

De acordo com os cinco princípios de interpretação apresentados anteriormente, o primeiro aspecto que devemos buscar é a interpretação literal da passagem. Os fariseus estavam dizendo literalmente que Cristo obtinha seu poder de Satanás. O significado é evidente; por isso, podemos passar para o princípio histórico.

O ministério público de Jesus já durava mais de dois anos. Nesse período Ele havia realizado vários milagres que provavam aos fariseus, e a todo Israel, que Ele era Deus. No entanto, os fariseus alegaram que as ações de Cristo eram realizadas pelo poder satânico.

Usando o princípio da síntese, verificamos outras partes da Bíblia e descobrimos que no batismo de Jesus, realizado por João (Mt 3), Ele recebeu poder do Espírito Santo: "Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele" (Mt 3.16).

7 Ibid. p. 7-8.

Antes desse momento, Jesus não havia realizado nenhum milagre. Jesus só começou a provar quem Ele realmente era depois que iniciou seu ministério, quando o Pai o confirmou e o Espírito Santo desceu sobre ele no batismo. Jesus sempre atribuiu seu poder ao Espírito Santo. Segundo a predição da Isaías, o Espírito desceu sobre Ele, capacitando-o a pregar e realizar maravilhas (Is 61.1-2). Contudo, os fariseus concluíram exatamente o oposto: o poder de Jesus vinha de Satanás.

Jesus lhes respondeu dizendo, em essência: "Se eu expulso Satanás por meio do poder dele, o que vocês pensam que ele está fazendo consigo mesmo?" (Mt 12.25-26). É óbvio que o diabo estaria destruindo seu próprio reino, e isso não faz sentido. Os fariseus nutriam tanto ódio por Jesus que perderam o senso de lógica. Em vez de serem racionais, estavam sendo ridículos.

Agora considere Mateus 12.31-32. Jesus disse:

> *Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.*

Alguém poderia falar contra a humanidade de Jesus — sua aparência, como Ele falava ou agia —, mas, se uma pessoa alegasse que suas obras milagrosas, realizadas pelo Espírito Santo, para provar a divindade de Cristo, eram feitas por Satanás, essa pessoa estaria num miserável estado de rejeição final. Não seria salva. Era isso que Jesus estava dizendo. Se aqueles fariseus tivessem visto e ouvido tudo o que Jesus dissera e realizara, mas permanecessem convictos de que o poder de Jesus era satânico, não haveria esperança para eles. Teriam concluído o oposto da realidade, embora houvessem recebido a revelação plena.

O que isso nos diz? Qual é a aplicação para hoje? Em primeiro lugar, esse foi um acontecimento histórico único, ocorrido quando Jesus estava fisicamente na terra; mas isso não acontece hoje. Portanto, em sentido primário, isso não é aplicável aos nossos dias. Talvez o seja no "porvir" (no reino), quando Cristo estiver outra vez na terra.

Existe uma aplicação secundária? Jesus estava afirmando que, se questionarmos as línguas ou outras práticas do movimento carismático, estaremos cometendo blasfêmia contra o Espírito Santo? Nem o contexto, nem o ambiente histórico apóiam essa interpretação. Jesus disse: "Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens". O ensino geral, aplicável a todas as eras, é que pessoas não-regeneradas podem ter os pecados perdoados, caso desejem arrepender-se e aproximar-se de Cristo. Contudo, a blasfêmia contínua contra o Espírito Santo e da qual a pessoa não se arrepende, definida nos termos de conhecer a Jesus e de atribuir as obras dele a Satanás, não pode ser perdoada.

De acordo com João 16.7-11, o Espírito Santo ressalta a Jesus, convencendo o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Um pouco antes, João escrevera que todos necessitam "nascer de novo", do Espírito (3.1-8). O Espírito Santo é o agente regenerador da Trindade, e, mais cedo ou mais tarde, todos devem responder ao Espírito Santo, a fim de virem a Cristo para a salvação. Se, em vez disso, alguém determina que rejeitará e desprezará a obra de convencimento do Espírito Santo, essa pessoa jamais se tornará um cristão verdadeiro. não há outra forma de essa pessoa tornar-se cristã.

O pecado contra o Espírito Santo é, primordialmente, um acontecimento histórico. Em segundo lugar, pode-se aplicá-lo às pessoas que rejeitam a obra do Espírito Santo em apresentar as credenciais divinas de Cristo. Esse pecado jamais pode ser usado contra as pessoas que desfiam as doutrinas carismáticas.

Hebreus 13.8. Muitos carismáticos usam essa passagem para

comprovar seu ensino. Este versículo contém uma promessa emocionante que deveria ser conhecida e memorizada pelos cristãos: "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre". Charles e Frances Hunter raciocinam: "Se [Jesus] batizou com a evidência de falar em línguas ontem, Ele fará o mesmo hoje e continuará a fazê-lo amanhã".[8]

Os Hunters afirmam: tudo o que aconteceu "ontem", no ministério terreno de Jesus e na era apostólica, também acontece agora. Revelação, línguas, curas e milagres ainda acontecem. A interpretação carismática de Hebreus 13.8 é praticamente idêntica em todos os seus escritos. Em várias igrejas pentecostais, podemos achar este versículo escrito em letras grandes na frente dos auditório.

A pergunta é: a interpretação pentecostal-carismática de Hebreus 13.8 passa no teste dos princípios hermenêuticos corretos? O significado literal do versículo é evidente. Jesus é imutável — ontem, hoje e para sempre. Se os carismáticos estão se referindo sobre a natureza de Cristo, estão certos. No entanto, com relação à sua manifestação histórica, eles precisam considerar bem seu ponto de vista.

Por que a expressão "hoje" restringe-se apenas ao ministério terreno de Jesus, e não aos dias do Antigo Testamento? Jesus não estava em corpo humano, mas era o Anjo do Senhor (cf. Gn 16.1-13; Êx 3.2-4; Jz 6.12,14; 13.21,22; Zc 1.12,13; 3.1,2). E o que podemos dizer sobre a época anterior ao Antigo Testamento? Jesus era a segunda pessoa da Trindade no céu (cf. Sl 2.7; Hb 10.5). Jesus não se manifestou na "mesma" forma em todos essas épocas. Tampouco aconteceram as mesmas coisas. Não existe qualquer indicação da ocorrência de línguas no ministério terreno de Jesus ou durante os anos do Antigo Testamento. Evidentemente, as línguas não fizeram parte do ministério de Jesus no "ontem" anterior a Atos 2.

8 Ibid. p. 13.

Com relação à expressão "para sempre", nenhum dos dons é eterno. O texto de 1 Coríntios 13.8-10 afirma claramente que os dons de profecia, línguas e conhecimento não durarão para sempre. Quando testada por princípios hermenêuticos corretos, a interpretação carismática de Hebreus 13.8 não se sustenta. Os carismáticos tentam impor ao versículo significados que não se encontram ali, para justificarem a afirmação de que línguas, milagres e curas acontecem hoje do mesmo modo que ocorriam no século I.

Marcos 16.17-18. Esta é outra passagem usada para comprovar a teoria pentecostal-carismática: "Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados".

No folheto intitulado *Our Gospel Message*, o pentecostal Oscar Vouga citou essa passagem e escreveu o seguinte: "Pela fé no nome de Jesus, hoje demônios são expulsos, muitas pessoas são libertadas dos poderes das trevas, vindo para o reino de Deus. Sinais acompanham a pregação do evangelho em qualquer lugar onde ele é pregado com fé, unção do Espírito Santo e poder".[9]

O problema evidente na interpretação de Vouga é que ele não lida com todos os elementos do texto. Ele silencia especialmente no que diz respeito a pegar em serpentes e beber alguma coisa mortífera.

No livro *Why Should I Speak in Tongues?*, Charles e Frances Hunter, agindo de modo leviano e inadequado, deixaram de lado a questão concernente a serpentes e bebida mortífera. Afirmam aos leitores que não se interessam pelo assunto de pegar em serpentes e não crêem ser um desejo de Deus que os cristãos vivam pondo as

9 Vouga, Oscar. *Our gospel message*. Hazelwood, Mo.: Pentecostal Publishing House, [19--]. p. 20.

mãos em cestas cheias de serpentes, para saberem se serão picados. Eles se referiram a Paulo (At 28.3-5), que foi picado acidentalmente por uma víbora. Os Hunters disseram: Paulo não se vangloriou de sua habilidade de pegar em serpentes sem ferir-se; apenas lançou a víbora ao fogo e louvou a Deus pela proteção. Eles querem dizer com isso que somente a pessoa picada por acidente recebe proteção.

O casal também reserva ao "acidente" a proteção contra algo venenoso. As pessoas não devem beber veneno para provar sua imunidade. No entanto, eles crêem que Deus dispõe de uma proteção para os cristãos, se houver necessidade, pois escreveram: "Observem que a Bíblia diz: 'Se' bebermos (acidentalmente) algo mortífero, isso não nos fará dano algum!"[10]

A dificuldade dessa interpretação é a ausência do qualificativo "acidentalmente" em Marcos 16.17-18. Os outros sinais alistados não têm qualquer relação com o acaso. Talvez os Hunters acreditem que a idéia de ser mordido por uma serpente ou a de beber algo mortífero por acidente ajudem a esclarecer o versículo — além de evitar que seus leitores participem de grupos carismáticos mais radicais que testam sua espiritualidade mediante o pegar em serpentes.

No entanto, inserir o vocábulo "acidentalmente" não traz qualquer vantagem, embora fazê-lo seja lícito. Quando eu era jovem, bebi veneno e tive de fazer uma lavagem estomacal. Cristãos morrem acidentalmente pela ingestão de coisas mortíferas. Crentes genuínos têm morrido por acidente, ao receberem a medicação errada (isso equivale a ser envenenado). E alguns cristãos morrem após serem mordidos por serpentes. Na verdade, mesmo os adeptos de igrejas carismáticas que pegam em serpentes acabam morrendo por causa das mordidas que recebem. Lemos a respeito disso nos jornais pelos menos duas vezes por ano.[11]

10 p. 9-10.

11 Ver nota 17, no Capítulo 7.

A inserção da palavra "acidentalmente", feita pelos Hunters, em Marcos 16.17-18, não é correta. Talvez eles perceberam isso, porque mencionam a maior de todas as "serpentes" — Satanás. Asseguram aos seus leitores que o batismo do Espírito Santo lhes dará poder para enfrentarem Satanás.[12] Ao lançar mão desse tipo de interpretação do texto bíblico, o casal Hunter usou uma alegoria para igualar Satanás às serpentes da passagem. Esse é o mesmo tipo de interpretação teológica usada pelos liberais para remover de textos bíblicos o seu sentido literal e miraculoso. Estou certo de que os Hunters não pretendiam fazer isso!

Uma das principais razões por que a abordagem alegórica não serve neste ponto é que ela não pode ser aplicada com coerência a toda a passagem. Marcos 16.17-18 nos informa que os crentes em Cristo serão capazes de realizar cinco tarefas: expulsar demônios, falar novas línguas, pegar serpentes, beber algo mortífero sem sofrer danos e curar enfermos. Se as serpentes representam Satanás, o que representam os outros quatro elementos? Podemos explicá-los também de forma alegórica? Como já vimos, alegorizar é um dos meios mais fáceis de incorrermos em erro no tocante à interpretação da Escritura.

O que podemos afirmar com certeza a respeito de Marcos 16.17-18? Em primeiro lugar, existe um debate quanto aos versículos 9 a 20 fazerem parte do texto original do evangelho de Marcos.[13] Imaginemos, porém, que esses versículos expressem de maneira exata os manuscritos originais inspirados. Aplicando-lhes o princípio da História, para interpretarmos a passagem, a primeira questão a ser formulada é: "Todos os cristãos, de todas as épocas, incluindo o presente, são capazes de realizar esses cinco sinais?" É óbvio que

12 Hunter, Charles; Hunter, Frances. *Why should I speak in tongues?* Houston: Hunter Ministries, 1976. p. 10.

13 Quanto a uma avalição interessante sobre este assunto, ver Hendriksen, William. *The gospel of Mark*. Grand Rpids: Baker, 1979. p. 682-687.

grande quantidade de crentes — carismáticos ou não — encontram-se doentes. Vários morrem de câncer, insuficiência renal, doenças cardíacas e outras enfermidades. Vários cristãos já perderam a vida por causa de picadas de serpentes e envenenamento.

Uma resposta carismática corriqueira neste ponto é que os cristãos devem submeter-se ao senhorio de Cristo e pedir — ou implorar — a concessão desses dons maravilhosos. Devemos perguntar, usando o princípio da gramática: "O texto diz isso?" A única condição imposta é "crer". A passagem não diz: "Creiam além do normal"; tampouco: "Sujeitem-se, busquem, peçam ou implorem". Além disso, o contexto demonstra que "aqueles que crêem" (16.17) é uma expressão que se refere a todos os cristãos, e não a algum tipo de elite espiritual. O versículo precedente afirma: "Quem crer e for batizado será salvo". Não existe motivo contextual para concluirmos que "aqueles que crêem " (v. 17) signifique qualquer outra coisa além de todos os cristãos.

Torna-se evidente que essas promessas não se cumpriram na vida de todos os cristãos em todos os tempos. Qual é, então, o seu significado? Se aplicarmos os princípios da História e da síntese, perceberemos que esses sinais foram verdadeiros para determinado grupo — a comunidade apostólica. E, na verdade, os apóstolos fizeram *realmente* todas essas coisas, conforme Atos dos Apóstolos registra claramente em diversos lugares. Todos esses sinais maravilhosos (exceto o beber alguma coisa mortífera) podem ser confirmados, nas Escrituras, como acontecimentos da era apostólica — e não depois dela. Não é correto afirmar que esses sinais seriam a norma para todos os crentes de hoje (2 Co 12.12; Hb 2.2-4).

Além disso, é cruel fazer os crentes acreditarem que, se não conseguem recuperar-se de uma doença, não possuem fé nem espiritualidade suficientes para reivindicarem os sinais alistados em Marcos 16. Tudo isso resulta em tremenda síndrome de culpa, baseada numa interpretação bíblica errônea. Ou os cinco sinais são válidos para todas as pessoas hoje ou nenhum deles tem valida-

de. Eles foram concedidos como uma unidade aos apóstolos, para confirmar-lhes a comunicação do evangelho e a identidade de seus primeiros mensageiros.

1 Pedro 2.24. Os carismáticos usam freqüentemente esta passagem para apoiarem sua forte ênfase sobre o dom de curar — "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados".

O princípio gramatical de interpretação aplica-se perfeitamente a este caso. Qual o significado da palavra "sarados" no contexto? Não há menção à cura física neste versículo — nem nos versículos circunvizinhos. O texto diz apenas que, ao morrer na cruz, Cristo levou os nossos pecados em seu corpo, e não as nossas *doenças*. 1 Pedro 2.24 diz que vivemos para a justiça — e não para a saúde — uma distinção importante.

Outro teste gramatical é a informação "por suas chagas, fostes *sarados*". O tempo verbal no passado aponta, de imediato, para a cruz, onde a alma da humanidade, enferma pelo pecado, foi curada. O versículo não afirma: "Pelas chagas dele vocês são continuamente sarados de males físicos".

O princípio da síntese também é útil para montrar por que a interpretação carismática de 1 Pedro 2.24 está errada. Quando pesquisamos outras passagens da Escritura, aprendemos que nossa alma foi redimida, embora o corpo não tenha alcançado o estado de glória. Romanos 8.23 diz: "Nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo". Esse versículo nos mostra que ainda vivemos em corpos afetados pela Queda. Ainda estamos sujeitos a doenças e outros males. O Espírito nos ajuda a vencer nossas fraquezas; por exemplo, ele ora por nós quando não sabemos orar como deveríamos (Rm 8.26). Entretanto, não há garantia de sermos livres de doenças nesta vida.

Também é importante observar que a expressão "por suas chagas fostes sarados" procede de Isaías 53.5. Isaías falava sobre cura física? O estudo do livro de Isaías demonstra que o profeta falava sobre a cura *espiritual* — que Israel precisava desesperadamente. Isaías 1.4-6 diz a respeito de Israel: "Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia? Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã". No capítulo 53, quando Isaías menciona o Servo Sofredor, por cujas chagas Israel seria curado, ele fala sobre cura espiritual, e não cura física. E quando as Escrituras dizem: "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades" (v. 4), reconhecer nestas palavras uma referência à enfermidade da alma não é uma violação do princípio de literalidade.

Mateus 8.17 menciona o fato de que, em certo sentido, Jesus carregou nossas doenças motivado por sua compaixão, enquanto Hebreus 4.15 revela que Cristo pode compadecer-se de nós, porque Ele mesmo sujeitou-se a ser tentado. Ele não retira as doenças de nós, mas sente compaixão pelo sofrimento que ela nos causa.[14] Em

14 Esse uso não contradiz interpretação primária de Mateus 8.17, apresentada com mestria por William Hendriksen:
Entretanto, devemos perguntar: em que sentido é verdade que Jesus carregou sobre si nossas enfermidades e doenças, removendo-as dos ombros de quem Ele recebia como amigo? Isso não ocorre, por exemplo, no sentido de que, ao curar uma pessoa doente, Ele transfere a doença para Si mesmo. A verdadeira resposta pode ser obtida exclusivamente por examinarmos o que a Escritura diz sobre o assunto. Duas coisas se destacam: a) Ele o realizou por meio de sua profunda *empatia* ou *compaixão*, compartilhando assim, plena e pessoalmente, das tristezas daqueles a quem Ele veio resgatar. Esse fato é mencionado repetidas vezes. Jesus curou porque se compadecia. Veja as seguintes passagens: Mt 9.36; 14.14; 20.34; Mc 1.41; 5.19; cf. 6.34; Lc 7.13. Essa nota de compaixão permeia até suas parábolas (Mt 18.27; Lc 10.33; 15.20-24, 31, 32). E igualmente importante: b) Ele o realizou mediante o *sofrimento vicário em favor do pecado*, que — e isso Ele também sentiu muito profundamente — era a raiz de toda doença e desonrava o Pai. Portanto, todas as vezes que Jesus via doenças ou aflições, Ele experimentava o Calvário, o Calvário pessoal, seu sofrimento intenso e vicário, por toda a exis-

última instância, a expiação curará todas as nossas doenças, quando tiver realizado sua obra final — a glorificação de nosso corpo. Assim, *há* cura na expiação, mas somente como o aspecto final da glória eterna no céu (cf. Ap 21.4).

Corte-a reto

Em 2 Timóteo 2.15, Paulo ordenou que Timóteo manejasse bem a palavra da verdade. A expressão grega significa literalmente "cortar reto". Por ser um fabricante de tendas, ele poderia ter usado um vocábulo ligado à sua profissão. Quando o fabricante de tendas trabalhava, valia-se de certos padrões. Naqueles dias usavam-se tendas feitas de retalhos de peles de animais. Cada peça deveria ser cortada e fixada de modo correto.

Paulo quis dizer simplesmente: "Se você não cortar reto as peças, o todo não combinará de forma adequada". O mesmo ocorre com a Escritura. A menos que todas as partes dela sejam interpretadas da forma certa, a totalidade da mensagem não se harmonizará com perfeição. No estudo bíblico e na interpretação, o cristão deve cortá-la reto, ser preciso, direto e exato.

Essas quatro passagens bíblicas freqüentemente mal-interpretadas não são exemplos isolados; essas interpretações errôneas são bastante comuns na pregação e no ensino carismático. Muitos

---

tência na terra; mas o experimentou especialmente na cruz. Eis a razão por que curar não era *fácil* para Ele (Mc 2.9; Mt 9.5). Isso também explica por que Ele ficou bastante comovido e agitado em espírito diante do túmulo de Lázaro.
Nesse sentido duplo o Senhor tomou sobre si nossas enfermidades e carregou nossas doenças. As aflições físicas nunca devem ser separadas daquilo que é a causa de sua existência — pecado. Observe como o contexto de Isaías 53.4-5 une essas duas coisas: o versículo 4 — 'Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades...' — é imediatamente seguido por: 'Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades'. (*The gospel of Matthew*. Grand Rapids: Baker, 1973, p. 400-401.)

adeptos desse movimento desejam interpretar a Escritura de modo a fazê-la harmonizar-se com seus propósitos.

Onde essa prática é tolerada, surgem falsos ensinos, confusão e erro. Não ousamos manejar a Palavra de Deus de modo negligente ou leviano. Há muitas coisas em jogo.

Capítulo 5

Deus realiza milagres hoje?

O que é um milagre? Um milagre ocorre quando rogamos a Deus que atenda à nossa necessidade financeira, e os correios trazem um cheque no dia exato em que necessitamos do dinheiro? Um milagre acontece quando surge uma vaga de estacionamento próxima à entrada do *shopping center*, quando precisamos dela? Há um milagre quando a mãe sente que algo errado acontece na sala ao lado e investiga a tempo de impedir o bebê de enfiar um clipe metálico na tomada elétrica? Ocorre um milagre quando algo faz uma jovem pensar em um amigo que não via há muito tempo e, ao telefonar para ele, descobre que exatamente naquele momento ele precisava de encorajamento?

É comum chamarmos todos esses acontecimentos de milagres; todavia, eles são mais bem designados *atos da providência*.[1] Revelam a atuação divina no cotidiano e geralmente resultam de resposta à oração. Entretanto, não são o tipo de sinais e prodígios sobrenaturais que a Bíblia classifica como *milagres* (cf. At 2.22).

O que são milagres?

Um *milagre* é um acontecimento extraordinário, realizado por Deus, mediante a agência humana, algo que não pode ser explicado

1 Providência é o controle divino sobrenatural e soberano sobre todos os acontecimentos naturais, de modo que os propósitos de Deus sejam realizados.

por forças naturais. Milagres sempre tiveram o objetivo de autenticar os instrumentos humanos que Deus escolheu para anunciar revelações específicas às testemunhas dos milagres. Em termos técnicos,

> Milagre é uma ocorrência na natureza, por si só tão extraordinária, e tão coincidente com a profecia ou a ordem de um mestre ou líder religioso, como plena garantia de convencimento dos que o testemunharam, de que Deus o realizou esse fenômeno com o desígnio de certificar que o mestre ou líder foi comissionado por Ele.[2]

Na Escritura, os milagres também são designados "sinais e maravilhas" (Êx 7.3; Dt 6.22; 34.11; Ne 9.10; Sl 135.9; Jr 32.21; Dn 6.27; Mt 24.24; Mc 13.22; Jo 4.48; At 2.43; Rm 15.19; 2 Co 12.12; 2 Ts 2.9; Hb 2.4). Os milagres envolvem forças sobrenaturais e sobre-humanas, associadas especificamente aos mensageiros de Deus, e não são apenas ocorrências estranhas, coincidências, eventos sensoriais ou anomalias da natureza.

De acordo com esta definição, os milagres são uma subcategoria do sobrenatural. A Criação, o Dilúvio, as maravilhas e as catástrofes naturais demonstram claramente Deus agindo, de modo sobrenatural, interferindo nos assuntos humanos, julgando os rebeldes e abençoando os fiéis. Essas coisas, segundo a definição que apresentamos, não são milagres. Tampouco são fenômenos inexplicáveis e misteriosos.

A sociedade moderna está obcecada pelo sobrenatural, a ponto de as pessoas estarem dispostas a explicar quase todo fenômeno incomum como algo sobrenatural. Ouvimos cada vez mais relatos de acontecimentos bizarros e incomuns que as pessoas interpretam, equivocadamente, como milagres. Por exemplo, em 1977, jornais de todos os Estados Unidos registraram o relato de Maria Rubio, de Lake Arthur (Novo México). Enquanto fritava tortilhas na cozinha,

2 Strong, Augustus H. *Systematic theology*. Philadelphia: Judson, 1907. p. 118.

ela percebeu que um das tortilhas parecia conter a semelhança de uma face gravada nos contornos da fritura. Ela concluiu que era a face de Jesus e até construiu um santuário para a tortilha. Milhares de pessoas visitaram o Santuário de Jesus da Sagrada Tortilha e concluíram tratar-se de um milagre moderno. A Sra. Rubio disse: "Não sei por que isso me aconteceu, mas Deus entrou na minha vida por meio dessa tortilha".[3]

Em 1980, em Deptford (New Jersey), Bud Ward, fotógrafo do corpo de bombeiros da cidade, estava dirigindo com sua mulher, quando entrou por engano na saída errada. Reparando em algumas chamas em um depósito atrás da pizzaria Naples, parou no estacionamento e começou a tirar fotografias. Quando receberam as fotos, a filha de Ward, que tinha nove anos de idade, observou em uma das fotos o que se parecia com uma imagem de Cristo. Espalharam-se boatos sobre a descoberta, e logo pessoas de todo o estado de New Jersey começaram a falar sobre a Pizza Jesus de Deptford. Várias pessoas ajoelhavam-se e rezavam sob a imagem projetada do negativo; outras pediam que a imagem lhes fosse projetada à altura do peito. Centenas creram tratar-se de um verdadeiro milagre.[4]

Tais aparições são geralmente anunciadas como milagres. Em agosto de 1986, em Fostoria (Ohio), a imagem de Jesus surgia aparentemente a cada noite nas sombras e marcas de ferrugem de um tanque de armazenamento de óleo de soja. Hawkers vendeu milhares de camisetas e canecas com a inscrição "I saw the vision" (Vi a Imagem) a quem viera contemplar o "milagre".[5]

Quase um ano depois, Arlene Gardner, de Estill Springs (Ten-

3 Greene, Bob. Jesus on a tortilla: making of miracle? *Chicago Tribune*, Chicago, July 11. 1978. Caderno A, p. 3.

4 Diemer, Joe. Jesus' image seen in fire. *The Gloucester County Times*, Woodbury, Dec. 23. 1980. Caderno A, p. 1.

5 Jaynes, Gregory. In Ohio: a vision west of town. *Time*, v. 128, n. 13, p. 8-14, Sept. 1986.

nessee), observou que, no momento em que seus vizinhos acendiam a luz da varanda, a imagem de um rosto aparecia refletida sobre sua geladeira. Ela cria ser a face se Jesus, apesar de várias pessoas terem dito que se parecia mais com Willie Nelson. Arlene e seu marido estavam tão convictos da ocorrência de um verdadeiro milagre, que deixaram a igreja quando o pastor expressou ceticismo.[6]

Segundo as evidências, o ceticismo é uma qualidade rara nestes dias, especialmente nos círculos católicos e carismáticos. O anseio das pessoas por fenômenos misteriosos e admiráveis está em um nível insuperável na história da igreja. Desejosas de testemunhar milagres, muitas pessoas parecem dispostas a crer que quase todas as coisas incomuns são maravilhas celestiais. Isso representa um tremendo perigo para a igreja, porque a Escritura nos adverte que falsos milagres — extremamente críveis — serão uma dos principais instrumentos de Satanás nos tempos finais. Jesus disse: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito" (Mt 24.24-25). Certamente, à luz dessas palavras de nosso Senhor, um tipo de ceticismo sadio, por parte dos cristãos, é bem-vindo.

Por favor, entenda: não sou um cético por natureza. Não sou, de maneira alguma, um daqueles que C. S. Lewis chamou de "naturalistas" — pessoas que afirmam que milagres não podem acontecer.[7] Creio em milagres. Acredito que todos os milagres registrados na Escritura aconteceram de maneira literal, tal como foram descritos. Creio, por exemplo, que Moisés e os israelitas realmente andaram pelo mar Vermelho dividido e não enlamearam os pés (Êx 14.21-22, 29). Acredito que Elias ressuscitou o filho da viúva dentre os mortos

6 Maybe it's not the freezer of Turin, but Arlene Gardner says she sees Jesus on her G.E.", *People*, p. 80, June 29, 1987.

7 Lewis, C. S. *Miracles*, New York: Macmillan, 1960. p. 5.

(1 Rs 17.21-23) e que fogo verdadeiro, literal, desceu do céu — um milagre genuíno (2 Rs 1.10,12). Creio com absoluta convicção que Elias fez um machado flutuar na água (2 Rs 6.6).

Além disso, creio que todas as curas, milagres, sinais e maravilhas atribuídos a Jesus nos quatro evangelhos ocorreram do modo como os evangelistas os descreveram. Acredito que os apóstolos realizaram literalmente todos os milagres registrados na Bíblia.

O que podemos dizer sobre os milagres modernos?

Também afirmo que Deus sempre atua no nível sobre-humano. Ele intervém sobrenaturalmente na natureza e nos assuntos humanos ainda hoje. Acredito que Deus possa curar pessoas sem os métodos naturais ou a medicina. Creio que para Deus *todas as coisas* são possíveis (Mt 19.26). Seu poder não diminuiu desde os dias da igreja primitiva. Com certeza, a salvação sempre é um ato divino sobrenatural!

Todavia, não creio que Deus usa homens e mulheres como agentes na realização de milagres, assim como Ele usou Moisés, Elias ou Jesus. Estou convencido de que os milagres, sinais e maravilhas anunciados hoje no movimento carismático não tem qualquer relação com os milagres apostólicos. Estou persuadido, pela Escritura e pela História, de que nada semelhante ao dom de milagres do Novo Testamento (quanto a uma discussão sobre o dom de milagres, ver Capítulo 9) é realizado hoje. O Espírito Santo não tem dado a qualquer cristão de nossos dias dons miraculosos comparáveis aos que foram outorgado apóstolos.

No entetanto, os carismáticos fazem algumas afirmações extraordinárias. Alguns crêem que Deus tem ressuscitado mortos. Por exemplo: Oral Roberts, falando na Charismatic Bible Ministry Conference (Conferência de Ministério Bíblico e Carismático), em 1987, disse: "Não posso contar-lhes sobre [todos] os mortos que ressuscitei. Tive de parar

um sermão, voltar-me e ressuscitar um morto".[8] Ninguém menos que C. Peter Wagner, professor de crescimento da igreja na Fuller Seminary School of World Mission acredita que isso pode ocorrer: "Também creio, agora, que pessoas têm sido literalmente ressuscitadas em todo o mundo. Ao afirmar isso, algumas pessoas me perguntam se creio que essa prática é 'normativa'. Duvido que seja normativa em qualquer circunstância local. No entanto, talvez ela seja normativa em termos do corpo universal de Cristo. Embora seja um acontecimento extremamente incomum, não me surpreenderia se ocorresse várias vezes por ano".[9] John Wimber alista a ressurreição dos mortos como um dos elementos básicos do ministério de cura.[10]

Com certeza, é significativo o fato de que *nenhuma alegação de ressurreição pode ser comprovada*. Que podemos dizer sobre a afirmação de Oral Roberts? Desafiado a informar nomes e endereços de pessoas ressuscitadas por ele, Roberts esquivou-se.[11] Posteriormente, ele se lembrou apenas de um incidente (ocorrido mais de vinte anos antes) quando supostamente ressuscitou uma criança diante de dez mil testemunhas:

> Em um culto de cura, ele se lembrou, uma mãe que estava na platéia pulou e gritou: "Meu bebê está morto". Robert disse que orou pela criança, que "se contorceu, se contorceu em meus braços". ... Roberts, por fim, reconheceu que nem a criança, nem outras pessoas que ele afirmou ter trazido à vida haviam sido declaradas clinicamente mortas. "Eu entendo", ele tergiversou, "a existência de diferenças entre a pessoa morta, que não respira, e [a pessoa] clinicamente morta".[12]

8 Woodward, Kenneth L.; Gibney Jr., Frank. Saving souls — or a ministry? *Time*, v. 130, n. 2, p. 52, July 13, 1987.
9 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Harbor: Vine, 1988. p. 112.
10 Wimber, John. *Power healing*. San Francisco: Harper & Row, 1987. p. 38, 62.
11 Geisler, Norman *Signs and wonders*. Wheaton, Ill.: Tyndale, 1988. p. 119.
12 Woodward, Kenneth L.; Gibney, Jr., Frank. *Saving souls* — or a ministry? *Time*, v. 130, n. 2, p. 52, July 13, 1987.

Que devemos fazer com isso? Isso se distancia muito da ressurreição de Lázaro — que esteve morto durante quatro dias —, realizada por Jesus. Se, como supõe o Dr. Wagner, "pessoas têm sido literalmente ressuscitadas em todo o mundo... várias vezes por ano", não seria racional esperar que pelo menos um desses milagres pudesse ser comprovado?

A verdade é: quem afirma realizar esses milagres hoje não é capaz de comprovar suas afirmações. Diferentemente dos milagres do Novo Testamento, realizados com milhares de pessoas incrédulas na platéia, os milagres modernos ocorrem em particular ou em encontros pré-arranjados. Os *tipos* de milagres alegados também não se assemelham, nem um pouco, aos do Novo Testamento. Jesus e os apóstolos curaram pessoas instantânea e completamente de cegueira congênita, paralisia, mão ressequida; e todos esses milagres são incontestáveis. Nem mesmo os inimigos de Jesus questionavam a realidade desses milagres. Além disso, os milagres do Novo Testamento eram imediatos, completos e permanentes. Nosso Senhor e seus discípulos jamais fizeram um milagre de modo incompleto ou parcial.[13]

Ao contrário disso, a maioria dos milagres contemporâneos quase sempre é parcial, gradual ou temporária. Os únicos milagres "instantâneos" são curas que parecem envolver formas de males psicossomáticos. Pessoas que têm deficiências perceptíveis raramente são auxiliadas pelos curandeiros modernos. Há pouco tempo, assisti a um tele-evangelista que entrevistava um homem supostamente "curado" de paralisia. O homem afirmou estar liberto da cadeira de rodas pela primeira vez em vários anos. Entretanto, naquele momento, ele usava muletas e um aparelho corretivo nas pernas! Nenhuma

13 Quanto a uma discussão completa sobre esta questão, incluindo um exame das passagens bíblicas normalmente usadas para refutar essa alegação, ver Geisler, Norman. *Signs and wonders*. Wheaton, Ill.: Tyndale, 1988. p. 149-155. Apêndice 2 — Are Miracles Always Successful, Immediate and Permanent?

realizador de curas reivindica o tipo de sucesso incontestável visto nos ministérios de Cristo e dos apóstolos.

O que aconteceu com a era dos milagres?

O falecido David du Plessis, conhecido por pentecostais e carismáticos como "Sr. Pentecostes" cria que a era de milagres jamais acabara. Ele escreveu: "A primeira igreja foi criação do Espírito Santo; e Ele não mudou. No entanto, em cada geração, Ele deseja repetir o que fez na igreja cristã primitiva, por intermédio dos primeiros líderes e membros".[14] Du Plessis estava dizendo que os milagres e os acontecimentos escritos em Atos dos Apóstolos deveriam ser normativos em toda a história da igreja. Sua convicção exemplifica o pensamento da maior parte dos pentecostais e carismáticos.

Como destacou Frederick Dale Bruner: "Os pentecostais referem-se comumente a seu movimento como um sucessor digno e, talvez, superior à Reforma do século XVI e ao avivamento evangélico inglês do século XVIII, quase sempre como uma reprodução fiel do movimento apostólico do século I".[15]

Pentecostais e carismáticos, indistintamente, acreditam na imutabilidade da metodologia do Espírito Santo; mas acreditam que a igreja primitiva foi mudada, tornando-se formal e ritualista. Quando isso aconteceu, a igreja começou a perder o poder do Espírito Santo. Esse poder está sendo recuperado, acreditam eles, depois de quase dois mil anos. Du Plessis escreveu:

> Neste século, O Espírito Santo agiu, de forma miraculosa e quase simultaneamente, sobre aqueles que oravam por avivamento, em vários países, Isso ocorreu nos Estados Unidos, na Europa, Ásia e África — em todos os continentes

14 Du Plessis, David. *The Spirit bade me go*. Oakland: Du Plessis, [19--]. p. 64.
15 Bruner, Frederick D. *A theology of the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970. p. 27.

e em quase todos os países do mundo. O avivamento pentecostal passou a ser conhecido como movimento pentecostal.[16]

Muitos pentecostais e carismáticos falam sobre a restauração do "poder do Espírito Santo segundo o Novo Testamento" por meio de seu movimento. Afirmam que os atos realizados pelos apóstolos, no século I, têm sido repetidos hoje pelos crentes.

Isso é verdade? caso seja, por que as revelações modernas, visões, línguas, curas e milagres diferem tão dramaticamente dos realizados pelos apóstolos? O que aconteceu com os milagres, curas, sinais e maravilhas nos séculos que se passaram desde a morte do último apóstolo? O Espírito Santo esteve inativo durante todo esse tempo? Ou seu poder, nesse período, foi manifestado apenas por grupos minoritários e fanáticos? Os crentes podem esperar a realização de mesmo tipo de milagres, curas e ressurreição de mortos contemplados na igreja primitiva?

Para responder essa pergunta é crucial entender o momento e a razão da ocorrência desses milagres na Escritura.

Quando e por que Deus usou milagres?

A maioria dos milagres registrados na Bíblia ocorreu em três períodos relativamente curtos: nos dias de Moisés e Josué, durante os ministérios de Elias e Eliseu e no tempo de Jesus e seus apóstolos.[17] Nenhum desses períodos estendeu-se por mais de cem anos. Cada um desses períodos testemunhou a proliferação de milagres em outras eras. Entretanto, mesmo nesses períodos, os milagres não eram a norma para o dia-a-dia. Os milagres realizados diziam respeito a homens que eram mensageiros extraordinários enviados por Deus — Moisés e Josué, Elias e Eliseu, Jesus e os apóstolos.

16 Du Plessis, David. *The Spirit bade me go*. Oakland: Du Plessis, [19--]. p. 64.
17 Um quarto período — vindouro — é descrito no livro de Apocalipse.

À parte desse três períodos, os acontecimentos sobrenaturais registrados nas Escrituras foram incidentes isolados. Nos dias de Isaías, por exemplo, o Senhor derrotou sobrenaturalmente o exército de Senaqueribe (2 Rs 19.35-36), curou Ezequias e fez a sombra do sol retroceder (20.1-11). Nos dias de Daniel, Deus preservou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha (Dn 3.20-26). Todavia, na maior parte do tempo, acontecimentos miraculosos semelhantes a esses não caracterizavam o modo de Deus lidar com seu povo.

É importante salientar que os teólogos carismáticos têm afirmado que o conceito das três eras de milagres não possui base bíblica. Jack Deere (ex-professor do Seminário Teológico de Dallas) é atualmente membro da equipe de John Wimber na igreja Vineyard, em Anaheim (ver Capítulo 6). Ele afirma ter ensinado anteriormente o esquema das três eras, mas agora crê em sua falta de substância bíblica. Deere declarou ter mudado de opinião quando uma pessoa o desafiou a respeito do assunto, e ele não pôde sustentar seu ponto de vista. Agora ele diz que milagres são encontrados em qualquer parte da Bíblia e cita a Criação, o Dilúvio, a torre de Babel, o chamado de Abrão e outros acontecimentos sobrenaturais e juízos divinos. Deere acha que essas eventos provam que sinais e maravilhas são cruciais no programa divino em cada época.[18]

Contudo, a maior parte dos eventos citados por Deere são atos divinos sobrenaturais sem qualquer agência humana. Nenhum deles se encaixa no tipo de milagre que Deere tenta defender. Catástrofes mundiais, sinais nos céus e acontecimentos apocalípticos não equivalem a milagres apostólicos. O argumento de Deere falha em não reconhecer essa distinção. Ele deseja listar todos os atos divinos sobrenaturais como apoio para o ministério ininterrupto de milagres apostólicos.[19]

---

18 Deere, Jack. God's power for today's church. Nashville: Belmont Church, [19--]. Cassete n. 1

19 Deere está tão determinado a encontrar apoio bíblico para o ministério permanente de sinais e maravilhas, que interpreta erroneamente o texto de Jere-

A verdade é que, embora tenham havido três eras de milagres, as duas primeiras não se assemelharam à última. A era de Cristo e dos apóstolos foi sem igual. Nada na história da redenção aproximou-se dela no que concerne ao volume de milagres. Doenças foram banidas da Palestina. Demônios eram subjugados diariamente, e mortos, ressuscitados. A pujança e o alcance dessa era de milagres coloca-a bem acima das duas anteriores. Nunca houve nada semelhante em todo o tempo da pregação profética e do ministério de redação da Palavra de Deus no Antigo Testamento. Quando a verdade da Nova Aliança chegou — acompanhada das Escrituras que compõem o Novo Testamento —, todo o processo não durou mais do que cinqüenta anos; e Deus desencadeou sinais autenticadores como nunca fizera antes. Jamais houve uma época semlhante a essa, e não existem motivos para presumirmos sua repetição.

Ainda que o sobrenatural flua continuamente em todo o Antigo Testamento, milagres que envolviam a agência humana são extremamente raros. Escassos, principalmente, são curas e libertação de demônios. Essa é a razão por que o ministério de cura de Jesus exerceu tamanho efeito sobre os judeus. Nem mesmo seus maiores profetas demonstraram o tipo de poder que ele e seus discípulos possuíam — habilidade de curar qualquer pessoa e todas as pessoas (Lc 14.40; At 5.16).

---

mias 32.20: "Tu puseste sinais e maravilhas na terra do Egito até ao dia de hoje, tanto em Israel como entre outros homens; e te fizeste um nome, qual o que tens neste dia". Deere acredita que Jeremias estava afirmando que sinais e maravilhas continuaram no Egito e em Israel depois do Êxodo e que o profeta estava reconhecendo a existência de sinais e maravilhas em seus próprios dias. O que Jeremias estava realmente escrevendo era que Deus fizera um nome para Si mesmo por meio dos sinais e maravilhas operados no Egito e que seu nome era conhecido tanto em Israel como entre os gentios "até ao dia de hoje". Qualquer pessoa familiarizada com a história do Antigo Testamento sabe que os milagres do Êxodo foram ímpares e que os israelitas sempre os mencionavam como evidência da grandeza de seu Deus.

Uma leitura dos relatos do Antigo Testamento mostra que, à parte das pessoas que já mencionamos — Moisés e Josué, Elias e Eliseu, Jesus e os discípulos —, o único indivíduo que realizava rotineiramente atos sobrenaturais era Sansão. Ele era uma exceção para quase todas as categorias de operadores de milagres. Não ensinou nenhuma grande verdade; de fato, não era pregador nem mestre. Sansão era infiel e imoral; seu único papel parece ter sido a preservação de Israel, e poder lhe foi concedido especificamente para essa tarefa. Nenhuma outro personagem na História demonstrou poder físico igual ao dele.

Sansão não é um modelo de testemunho miraculoso que os carismáticos desejam ter. No entanto, seria mais provável Deus suscitar outro Sansão a repetir a era apostólica.

É claro que Deus pode intervir no fluxo da história, de modo sobrenatural, quando quiser. No entanto, Ele resolveu limitar-se primariamente a três períodos de milagres bíblicos, com demonstrações muito raras entre os intervalos. No resto do tempo, Deus atuou por meio de sua providência.

Pelo menos três características dos milagres bíblicos ajudam-nos a entender a razão por que Deus agiu assim.

Os milagres introduziram novas eras de revelação. Os três períodos de milagres foram épocas nas quais Deus concedeu revelação escrita — porções da Bíblia — em quantidades maiores. Aqueles que realizavam os milagres eram essencialmente os mesmos que anunciavam a era de revelação. Moisés escreveu os cinco primeiros livros da Bíblia. Elias e Eliseu deram início à era profética. Os apóstolos escreveram quase todo o Novo Testamento. Mesmo as raras maravilhas sobrenaturais ocorridas nas outras épocas estavam associadas a homens usados por Deus para compor a Escritura. A cura de Ezequias envolveu Isaías; e os três homens na fornalha eram companheiros do profeta Daniel.

Moisés realizou muitos milagres na tentativa de convencer faraó a deixar o povo de Israel partir. Aparentemente, os milagres acompanharam os israelitas desde saída do Egito e em toda a jornada pelo deserto. Quando a palavra de Deus escrita foi trazida a Moisés, pela primeira vez, na outorga dos mandamentos no monte Sinai, o encontro de Moisés com Deus foi acompanhado por sinais tão amedrontadores — o fogo, a fumaça, a trombeta e a voz trovejante — que até Moisés sentiu medo (Hb 12.18-21).

Assim iniciou-se o primeiro período de revelação. Moisés registrou todo o Pentateuco, e Josué — sucessor de Moisés — escreveu o livro que leva seu nome. Outros escritos foram acrescentados de forma intermitente após a morte de Moisés e Josué. Samuel, por exemplo, provavelmente escreveu Juízes e 1 e 2 Samuel. Davi compôs a maior parte de Salmos, e Salomão produziu a maior parte da literatura sapiencial. No entanto, esses livros não foram acompanhados de grande demonstração de milagres, como nos dias de Moisés e Josué.

O segundo maior conjunto de acontecimentos miraculosos acompanhou uma nova era de revelação bíblica — a era dos profetas do Antigo Testamento. Logo após o reinado de Salomão, a nação de Israel foi dividida em reino do Norte (Israel) e reino do Sul (Judá). O reino do Norte deteriorou-se rapidamente por causa da idolatria, alcançando o nível mais baixo no reinado de Acabe. Nesse momento, Deus suscitou Elias e Eliseu. Durante a vida deles, o ofício profético foi estabelecido por alguns milagres assombrosos. Profetas que lhes sucederam compuseram todos os livros de Isaías até Malaquias.

Como já vimos, um período de quase quatrocentos anos de silêncio (no que concerne à revelação) estendeu-se até aos dias de Cristo. Ninguém profetizou, nem foram registrados milagres nos últimos dias da época do Antigo Testamento.

Então, começou a época do Novo Testamento e o terceiro período de milagres. Nesse tempo — de 33 a 96 d.C. — Deus outorgou todo o Novo Testamento.

Os milagres autenticavam os mensageiros da revelação. Todos os milagres cumpriram um propósito importante. Não eram apenas exibicionismo divino; corroboravam e autenticavam as reivindicações dos profetas de falarem em nome de Deus. Por exemplo, os milagres de Moisés confirmaram inicialmente a faraó, e depois aos israelitas, que Moisés falava por Deus. A evidência dos milagres destacava a importância da lei escrita. Os milagres eram confirmações de que Deus estava falando.

Moisés e Josué, Elias e Eliseu, Jesus e os apóstolos, todos possuíam a capacidade de realizar sinais e maravilhas com freqüência. Esses sinais e maravilhas tinham o desígnio de convencer o povo de que Deus estava com esses homens e de que falava por intermédio deles.

Em 1 Reis 17, Elias ressuscita o filho de uma viúva. Ele trouxe o menino do quarto, entregou-o à mãe e disse: "Vê, teu filho vive" (v. 23). Qual foi a resposta da mãe? "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade" (v. 24).

João 10 nos mostra que Jesus estava debatendo com os líderes religiosos dos judeus, que o desafiaram: "Até quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente. Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito" (v. 24-25). Os milagres de Jesus serviam a um propósito: dar autenticidade a Ele mesmo e à sua mensagem.

No sermão do Dia de Pentecostes, Pedro disse à multidão que Jesus era um homem aprovado por Deus com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizara por intermédio dele entre o povo (At 2.22). O mesmo tipo de poder pertencia aos apóstolos. Na primeira viagem missionária de Paulo, ele e Barnabé ministraram em Icônio "falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, por mão deles, se fizessem sinais e prodígios" (At 14.3).

Nem todos os crentes receberam o poder de realizar milagres. Victor Bugden observou corretamente:

> Quão freqüentemente as pessoas mencionam, de modo irrefletido, a igreja de Atos como uma igreja que realizava milagres! Entretanto, seria mais acertado falar sobre a igreja que tinha *apóstolos que realizavam maravilhas*. Os apóstolos foram proeminentes na ocorrência inicial do falar em outras línguas. Seus porta-vozes explicam o acontecimento à multidão e pregam um sermão poderoso. No fim do relato concernente ao Dia de Pentecostes, somos informados: "Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos" (At 2.43).
>
> Outras passagens bíblicas confirmam isso: "Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo" (At 5.12). "E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios" (At 15.12)... "Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos"(2 Co 12.12).[20]

Por meio desses milagres, Deus autenticou repetidas vezes os mensageiros de sua nova revelação — nos tempos de Moisés e Josué, Elias e Eliseu e Jesus e os apóstolos.

Os milagres chamavam a atenção para novas revelações. Deus usou os milagres para atrair a atenção das pessoas às quais a mensagem era dirigida, para que tivessem certeza da procedência divina da mensagem. Assim, Deus podia dizer-lhes o que desejava que fizessem. Portanto, os milagres têm um propósito instrutivo que ultrapassa o efeito imediato do próprio milagre.

Por exemplo, os milagres realizados por Moisés no Egito tinham o objetivo de iluminar dois grupos de pessoas, os israelitas e os egípcios. Em Êxodo 7, lemos a respeito dos primeiros milagres de Moisés, e foi nessa ocasião que os israelitas começaram a crer

20 Budgen, Victor. *The charismatics and the Word of God*. Durham, England: Evangelical Press, 1989. p. 99. Ênfase no original

no poder de seu Deus. Faraó era um caso à parte. Somente com a ocorrência da décima e mais terrível praga — a passagem do anjo da morte por sobre o Egito, para eliminar o primogênito de todas as casa egípcias —faraó deixou os israelitas partir.

Os milagres de Elias e Eliseu também foram eficazes para convencer crentes e incrédulos de que eles anunciavam a Palavra de Deus. Uma ilustração vívida desse ponto encontra-se em 1 Reis 18, quando Elias derrotou quatrocentos profetas de Baal diante de uma grande multidão de israelitas. A Bíblia diz: "O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus! Disse-lhes Elias: Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape. Lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou" (18.39-40).

No Novo Testamento, milagres e sinais também foram usados para confirmar os crentes e convencer os incrédulos. Esse é o tema do evangelho de João, que foi escrito para "que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31). Os milagres e sinais de Jesus foram registrados para que incrédulos cressem. Isso também é verdade a respeito dos milagres dos apóstolos (cf. At 5.12-14).

Milagres são necessários hoje?

Quando o Antigo e o Novo Testamento foram completados, a revelação divina terminou (cf. Hb 1.1-2). Por meio de muitos sinais, maravilhas e milagres Deus autenticou seu Livro. Existe necessidade permanente de que milagres confirmem a revelação divina? Pode alguém, com fé, reivindicar um "milagre", como muitos ensinam? Deus realiza milagres sob demanda? E os fenômenos exaltados hoje como sinais, maravilhas e curas têm alguma semelhança com os milagres realizados por Cristo e pelos apóstolos?

A resposta a todas essas perguntas é não. Nas Escrituras, nada

indica que os milagres da era apostólica deveriam continuar nos períodos subseqüentes. Tampouco a Bíblia exorta os crentes a buscarem manifestações miraculosas do Espírito Santo. Em todas as epístolas do Novo Testamento, encontram-se apenas cinco mandamentos relacionados ao crente e ao Espírito Santo:

"Andemos... no Espírito" (Gl 5.25).
"Não entristeçais o Espírito de Deus" (Ef 4.30).
"Enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18).
"Não apagueis o Espírito" (1 Ts 5.19).
"Orando no Espírito" (Jd 20).

No Novo Testamento, não existe uma ordem no sentido de procurarmos milagres.

Os carismáticos acreditam que os dons miraculosos foram dados para a edificação dos crentes. Por acaso, a palavra de Deus apóia essa conclusão? Não. De fato, a verdade é o contrário. No que diz respeito às línguas, Paulo escreveu em 1 Coríntios 14.22: "De sorte que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos". As línguas jamais tiveram o desígnio de edificar os crentes, e sim o de convencer os judeus incrédulos da veracidade do evangelho, como aconteceu no Dia de Pentecostes descrito em Atos 2. (Quanto a uma discussão mais ampla sobre este assunto, ver Capítulo 10.)

Línguas, curas e milagres serviram como sinais para autenticar uma época da nova revelação. Logo que acabou essa época, cessaram os sinais. O teólogo B. B. Warfield escreveu:

> Os milagres não aprecem a esmo nas páginas da Escritura, aqui ali, ou em outro lugar, indiferentemente. Eles pertencem aos períodos de revelação e aparecem somente quando Deus falava ao povo por meio de mensageiros reconhecidos, declarando seus propósitos graciosos. A abundante manifestação de milagres na igreja apostólica é a marca da riqueza da era apostólica quanto à revelação. E, quando esse período de revelação terminou, o período de realização

de milagres também cessou, como algo natural... E a obra subseqüente de Deus, o Espírito Santo, não é trazer revelações novas e desnecessárias ao mundo, e sim difundir a revelação única e completa em todo o mundo, levando a humanidade a seu conhecimento salvífico.

Como expressou vividamente Abraham Kuyper (*Encyclopedia of Sacred Theology*. E. T. 1898, p. 368; cf. p. 355, ss): não é próprio do caráter divino comunicar a cada homem um estoque particular de conhecimento divino, a fim de satisfazer-lhe necessidades particulares; ao contrário, ele prepara uma mesa comum para todos e os convida a compartilhar da riqueza de seu grande banquete. Ele deu ao mundo uma revelação completa, adaptada a todos, suficiente para todos, oferecida a todos; e requer que cada pessoa retire dessa revelação completa seu alimento espiritual pleno. Portanto, não podemos esperar que esse agir miraculoso — um sinal do poder revelador de Deus — continue, e de fato não continua, após a revelação, à qual acompanhava, ter sido completada.[21]

Em Atos 7, quando Estêvão pregava seu famoso sermão, ele citou Moisés, que realizou "prodígios e sinais na terra do Egito, assim como no mar Vermelho e no deserto... recebeu palavras vivas para no-las transmitir" (v. 36-38). Observe que a Palavra de Deus traça paralelos entre os sinais de Moisés e suas "palavras vivas" — revelação direta da parte de Deus. Quer tenha usado Moisés, Elias e Eliseu, Jesus e os apóstolos, Deus sempre comprovou por meio de sinais e maravilhas que seus mensageiros portavam novas revelações.

Hebreus 2.3 e 4 afirma que o principal propósito dos milagres da Bíblia era a confirmação dos profetas: "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do

21 Warfield, B. B. *Counterfeit Miracles*, Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1918. p. 25-27.

Espírito Santo, segundo a sua vontade". Outra vez percebemos a Bíblia atestando que sinais, maravilhas, milagres e dons miraculoso eram a confirmação divina da mensagem de Cristo e de seus apóstolos ("os que a ouviram").

A expressão "foi... confirmada" está no passado e reflete com exatidão o texto grego. Temos aqui uma afirmação bíblica inequívoca de que milagres, maravilhas e sinais foram concedidos exclusivamente à primeira geração dos apóstolos, para corroborar-lhes a condição de mensageiros de novas revelações.

Deus promete milagres para todos?

Muitos carismáticos insistem que Deus deseja realizar milagres para todos os crentes. Eles declaram, freqüentemente: "Deus tem um milagre exclusivo para você". Os crentes devem procurar milagres particulares? Se vocês estudar os milagres realizados por Jesus, perceberá que nenhum deles foi realizado de maneira particular.

Embora Jesus tenha curado os males do povo e aliviado o sofrimento físico das pessoas, esses são apenas benefícios secundários. O principal propósito de Jesus era autenticar suas reivindicações messiânicas (cf. Jo 20.30-31). De modo semelhante, os apóstolos também curaram pessoas, mas o objetivo primário deles era autenticar as novas revelações — e essas revelações jamais são uma questão particular.

As pessoas que crêem nas reivindicações dos milagres modernos — especialmente os mais zelosos defensores dos sinais e das maravilhas contemporâneos — parecem relutantes em lidar com a possibilidade, ainda que seja remota, de que essas maravilhas autentiquem um tipo diabólico de "revelação". Victor Budgen divisa esse perigo:

O Diabo deseja substituir a palavra de Deus pela sua. Às vezes, essa ação é perceptível, pois tudo é tão evidente. Muitos dos cristãos reconhecem o erro. Moi-

sés Davi, dos "Meninos de Deus", afirmou: "Diversos profetas de Deus profetizaram muitas vezes a meu respeito, como alguém que seria cheio do Espírito de Deus desde o ventre de minha mãe; foi predito que eu realizaria muitas coisas grandiosas... eu seria semelhante a Moisés, Jeremias, Ezequiel, Daniel e, até, Davi" (Citado na *Crusade Magazine*, abril 1973, p. 5). Os cristãos rejeitam essa afirmação, especialemente à luz dos ensinos heréticos desse grupo. Um livreto sobre o surgimento de Sun Myung Moon e seus adeptos relata: "Entre alguns cristãos pentecostais da igreja secreta, em Piongiang, houve recentemente uma profecia sobre um messias coreano. Por isso, o povo tornou-se um solo fértil para essa idéia" (J. Isamu Yamamoto, *The Moon Doctrine*, Intervarsity, 1980, p. 4). No entanto, por mais extremados que esses grupos pareçam, não devemos esquecer que existem pessoas hoje que se comparam aos profetas da Bíblia, que crêem em novas "revelações" e engendram uma ambiente no qual todos os tipos de falsos ensinos podem ser aceitos... Qualquer pessoa que escreva sobre esse tema pode ser acusada de ressaltar os exemplos mais extravagantes; contudo, muitos movimentos heréticos atraíram primeiramente cristãos genuínos. Várias das pessoas enredadas temporariamente pela seita de Jim Jones, com suas curas, revelações e posterior suicídio coletivo, parecem ter sido cristãos sinceros e genuínos, iludidos e desencaminhados pelo maligno. A única proteção verdadeira e guia seguro que Deus nos deu contra o engano é o apego à Bíblia e à crença de que Ele proveu uma Palavra final e todo-suficiente apenas na Escritura.[22]

De fato, os cristãos que procuram por sinais miraculosos expõem-se ao engano satânico. Em nenhuma das epístolas de Paulo encontramos ordens no sentido de que os crentes procurem a manifestação do Espírito por meio de sinais e maravilhas. Paulo ordenou apenas que andassem no Espírito (Gl 5.25) ou, usando outra expressão: "Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo" (Cl 3.16). Em outras palavras, os crentes devem obedecer à Palavra no poder do Espírito.

O livro de Apocalipse está repleto de visões, maravilhas e sinais. Deveria ser o lugar ideal para o escritor encorajar os crentes a procurarem essas manifestações miraculosas. Mas, o que ele diz? "Bem-aventurados aqueles que *lêem* e aqueles que *ouvem* as pala-

22 Budgen, Victor. *The charismatics and the Word of God*. Durham, England: Evangelical Press, 1989. p. 243-244.

vras da profecia e *guardam* as coisas nela escritas" (Ap 1.3 — ênfase acrescentada).

Quais os meios ordenados por Deus para fortalecer a nossa fé? "A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10.17). Não precisaremos de um milagre, caso desejemos esperança, ansiemos por firmeza ou queiramos incentivo para toda a vida. Precisamos das Escrituras. Romanos 15.4 afirma: "Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança".

O que tornou os apóstolos pessoas singulares?

Alguns carismáticos realmente crêem que os fenômenos vistos hoje provam que Deus está outorgando de novas revelações, comprovadas por novos milagres, pela instrumentalidade de apóstolos modernos. Toda essa afirmação ignora o papel da Bíblia e a função dos apóstolos. Eles foram homens especiais, separados para um papel exclusivo, em uma era ímpar. Os apóstolos eram o fundamento da igreja em desenvolvimento (Ef 2.20). Esse fundamento é a base para a edificação da igreja e não pode ser estabelecido outra vez. Não podem existir apóstolos modernos.

Além disso, como vimos, os milagres eram peculiares aos apóstolos e aos colabores mais próximos deles. O cristão comum não possuía a capacidade de realizar sinais e maravilhas. Paulo afirmou isso em 2 Coríntios:

> *Tenho-me tornado insensato; a isto me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou. Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos (12.11,12).*

Paulo estava defendendo seu apostolado diante dos crentes de Corinto, alguns dos quais duvidavam de sua autoridade apostólica. Se

realizar milagres fosse uma experiência comum aos crentes, seria inútil Pulo tentar provar seu apostolado pela menção dos milagres que realizara. Torna-se óbvio que, mesmo na era apostólica, os cristãos eram incapazes de realizar sinais, maravilhas e atos poderosos. Visto que essas habilidades eram exclusivas dos apóstolos, Paulo podia usar sua experiência com sinais e maravilhas como prova de sua autoridade.

Como mensageiros da Palavra de Deus, os apóstolos tinham poderes miraculosos; e o mesmo tipo de poder foi concedido, às vezes, a pessoas comissionadas por eles, como Estêvão e Filipe (v. At 6). No entanto, esse poder não tinha caráter permanente. Desde o nascimento da igreja, no Dia de Pentecostes, nenhum milagre ocorreu sem a presença de um apóstolo ou de alguém diretamente comissionado por eles, conforme o registro de todo o Novo Testamento.

No Novo Testamento, não encontramos nenhuma informação sobre milagres acontecendo aleatoriamente entre os cristãos. Mesmo a outorga miraculosa do Espírito Santo aos samaritanos (At 8), aos gentios (At 10) e aos seguidores de João Batista em Éfeso (At 19) ocorreu somente quando os apóstolos estavam presentes.

A Bíblia afirma reiteradamente que os apóstolos eram inigualáveis. No entanto, os carismáticos estão determinados a ressuscitar os dons e sinais apostólicos. Alguns até crêem que certos homens podem reivindicar o ofício apostólico hoje. Por exemplo, Earl Paulk ensina que certos indivíduos "ungidos" foram chamados para serem apóstolos.[23] Jack Deere está incerto a respeito de que o ministério apostólico está em atividade hoje, mas ele ministrou um *workshop* em Sidney (Austrália) no qual afirmou sua convicção de que o poder apostólico está *próximo* e de que a nova era apostólica será maior que a primeira.[24]

23 Bowman Jr., Robert M.; Hawkins, Craig S.; Schlesinger, Dan. The gospel according to Paulk - Part 2. *Christian Research Journal*, p. 16, Summer 1988.
24 Banister, Graham. Spiritual warfare: the signs & wonders gospel. *The Briefing*, p. 15, Apr. 1990.

O conceito de que o ofício apostólico está em atividade hoje é coerente com o ensino carismático rudimentar. Portanto, Budgen escreveu corretamente: "Qualquer pessoa comprometida genuinamente com a crença de que todos os dons estão disponíveis em nossos dias deve, por questão de coerência, crer que Deus ortorga apóstolos à igreja moderna".[25]

Entretanto, a questão da autoridade apostólica tem causado alguns conflitos no movimento carismático — o que é compreensível. Quando pessoas que afirmaram ter recebido autoridade apostólica fazem profecias que não se cumprem, enunciam "palavras de conhecimento" que se mostram falsas e prometem curas que jamais se concretizam, essas alegações de autoridade apostólica devem ser questionadas.

Apesar disso, alguns líderes carismáticos insistem na herança da autoridade apostólica e anseiam praticar essa autoridade. Esse desejo conduz freqüentemente a abusos aterradores. Talvez o episódio mais notório seja o ocorrido na década de 1970, proveniente de um grupo de líderes carismáticos sediados em Fort Lauderdale. Conhecido pelo nome de movimento "Shepherding" (Pastoreio) ou "Discipleship" (Discipulado), esse grupo — influenciado pelo ensino de Ern Baxter, Don Basham, Bob Mumford, Derek Prince e Charles Simpson — concluiu que a Escritura exige submissão absoluta aos líderes espirituais. Como se podia esperar, diversos líderes usaram esse ensino para manter uma influência cruel e tirânica sobre o povo. Insistiam que as pessoas lhes submetessem todas as decisões — casamento, finanças e carreira pessoais. Homens inescrupulosos, passando por líderes espirituais, tiraram vantagem da credulidade das pessoas. À semelhança das seitas, vários desses líderes obtiverem domínio completo sobre a vida das pessoas. Agora, a maioria

25 Budgen, Victor. *The charismatics and the Word of God*. Durham, England: Evangelical Press, 1989. p. 91.

dos líderes carismáticos tenta distanciar-se da terminologia e das práticas dos piores extremistas. Os principais ensinos desse grupo sobrevive disfarçado com nomes semelhantes a *church life* (vida da igreja) e *covenant life* (vida pactual).[26]

Contraste esse tipo de liderança autoritária com o estilo dos apóstolos:

> A autoridade era usada de maneira graciosa. Os apóstolos não se valiam de sua posição, nem vociferavam ordens, nem atraíam a atenção para si mesmos. Paulo parecia relutante ou embaraçado para exercitar suas prerrogativas. Isso emerge do capítulo final de 2 Coríntios, quando Paulo afirmou: "Portanto, escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação e não para destruir" (2 Co 13.10).[27]

Podemos apresentar seis razões bíblicas pelas quais o ofício apostólico não é para hoje:

A igreja está edificada sobre o fundamento apostólico. Como já observamos antes, de modo sucinto, o ofício apostólico era um fundamento. Escrevendo aos crentes de Éfeso, Paulo afirmou que a igreja está edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular" (Ef 2.20). Embora o ensino principal possa ser questionado, estudiosos de grego acreditam que a melhor tradução do texto seja "apóstolos/profetas". Ambos os termos referem-se às mesmas pessoas; "apóstolos" refere-se o ofício, e "profetas", à função.[28]

---

26 Bowman Jr., Robert M.; Hawkins, Craig S.; Schlesinger, Dan. The gospel according to Paulk - Part 1. *Christian Research Journal*, v. 10, n. 3, p. 13, Winter/Spring 1988.

27 Budgen, Victor. *The charismatics and the Word of God*. Durham, England: Evangelical Press, 1989. p. 94.

28 Ver, por exemplo, Smith, Charles R. *Tongues in biblical perspective*. Winona

Quer essa interpretação seja correta, quer não, o versículo ensina com clareza que os apóstolos foram designados para ser o fundamento da igreja. Isto é, seu papel é dar base, apoio e direção — prover o alicerce da igreja recém-estabelecida. Eles foram os fundadores da igreja. Esse papel foi desempenhado por eles e, por definição, não pode ser repetido.

Os apóstolos foram testemunhas oculares da ressurreição. Quando documentava seu apostolado à igreja de Corinto, Paulo escreveu: "Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?" (1 Co 9.1). Em 1Coríntios 15.7-8, Paulo registra que o Cristo ressurreto foi visto por Tiago; em seguida, por todos os apóstolos e, finalmente, por ele mesmo.

Hoje, alguns carismáticos afirmam terem visto o Senhor ressurreto (ver Capítulo 1). Entretanto, essas afirmações jamais poderão ser comprovadas. Mas, no caso das aparições de nosso Senhor ressurreto, registradas na Bíblia, torna-se claro que Ele apareceu poucas vezes, geralmente a grupos de pessoas, como os discípulos no cenáculo. Essas aparições acabaram quando houve a ascensão. A *única* exceção (cf. 1 Co 15.8) foi o seu aparecimento a Paulo, que o viu no caminho de Damasco (At 9.1-9). Mesmo nessa ocasião, Paulo estava acompanhado por outras pessoas que viram a luz brilhante e reconheceram que ele ficara cego por causa de uma experiência inegavelmente sobrenatural. Esse foi o único aparecimento de Jesus posterior à sua ressurreição. Ele apareceu duas outras vezes (At 18.9; 23.11). Não há evidência fidedigna de seu aparecimento a qualquer outra pessoa desde o fim da era apostólica.

Os apóstolos foram escolhidos pessoalmente por Jesus Cristo. Mateus 10.1-4 descreve a nomeação dos doze apóstolos. O mesmo acontecimento é narrado em Lucas 6.12-16. Mais tarde, Judas traiu o Senhor e suicidou-se, sendo substituído por Matias, mediante o lançamento de sortes feito pelos apóstolos. Eles criam que Jesus controlaria providencialmente o sorteio e, conseqüentemente, a

---

Lake, Ind.: BMH, 1972. p. 60.

escolha (cf. Pv 16.33). Paulo teve sua experiência exclusiva com o Senhor, a caminho de Damasco.

Jesus pode ter falado hebraico ou aramaico, ao escolher os apóstolos (há divergência entre os eruditos sobre esse ponto). No entanto, se ele falou em hebraico, deve ter usado a palavra *shaliach*, para designar "apóstolo". Em hebraico, o *shaliach* é o substituto da pessoa que ele representa — o suplente, o representante que detém autoridade plena para agir em lugar de seu senhor. Os apóstolos foram designados por Jesus a fim de representá-lo dessa maneira.

É verdade que outras pessoas são designadas "apóstolos" no Novo Testamento, como em 2 Coríntios 8.23; mas são designadas "apóstolos da igreja" — termo não técnico com um significado amplo. Uma coisa é ser apóstolo do Senhor, enviado pessoalmente por Jesus; outra coisa bem diferente é ser apóstolo da igreja, enviado pelo conjunto dos crentes.[29] Também não há, na Escritura, nenhum registro de milagre realizado pelos apóstolos da igreja.

Paulo deixou claro aos crentes da Galácia que tipo de apóstolo ele *era*: "Não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos" (Gl 1.1).

Os doze originais (com Matias no lugar de Judas) e Paulo receberam a comissão intransferível de revelar a doutrina e fundar a igreja. Quando as epístolas pastorais estabeleceram as bases para a liderança eclesiástica permanente, elas mencionaram presbíteros e diáconos, jamais apóstolos.

Os apóstolos eram confirmados por sinais miraculosos. Pedro curou o homem coxo à entrada do portão do templo (At 3.3-11). Ele curou também outras pessoas (5.15,16) e ressuscitou Dorcas (9.36-42). Paulo trouxe Êutico de volta à vida, depois de o ra-

29 Quanto a uma argumentação a favor do conceito de que os apóstolos de Jesus estavam limitados aos doze (além de Paulo), ver Geldenhuys, J. Norval. *Supreme authority*. Grand Rapids: Eerdmans, 1953.

paz ter caído e falecido (At 20.6-12). Além disso, ele foi picado por uma serpente venenosa e não sofreu danos (28.1-6). Como já afirmamos, mesmo na era apostólica nenhum milagre semelhante a esses foi realizado por outras pessoas além dos apóstolos ou homens comissionados por eles.

Os apóstolos tinham autoridade absoluta. Os apóstolos tinham muito mais autoridade do que os outros profetas, cujas afirmações tinham de ser julgadas quanto à exatidão e à autenticidade (ver, por exemplo, 1 Co 14.29-33). Quando os apóstolos falavam, não havia discussão. Eles já haviam sido reconhecidos como instrumentos da revelação divina. Em sua breve carta de advertência à igreja, Judas afirmou: "Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo" (v. 17).

Os apóstolos têm um lugar de honra eterno e único. Apocalipse 21 descreve a Nova Jerusalém. Parte dessa descrição afirma: "A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (v. 14). Os nomes do doze apóstolos estão selados para sempre na muralha da Nova Jerusalém, no céu. (Os teólogos têm debatido se o décimo segundo lugar deve ser ocupado por Matias ou Paulo ou, talvez, por ambos.) Seu nomes são únicos; seu ofício é exclusivo; seu ministério é ímpar; os seus milagres são inigualáveis. Os apóstolos foram, inquestionavelmente, um grupo especial; não tiveram sucessores. A era dos apóstolos e de seus feitos jaz para sempre no passado.

No início do século II, os apóstolos tinham falecido e as coisas, mudado. Alva McClain escreveu: "Quando a igreja surge no século II, a situação concernente aos milagres encontra-se tão modificada, que parecemos contemplar outro mundo".[30]

30 McClain, Alva J. *The greatness of the kingdom*. Grand Rapids: Zondervan, 1959. p. 409.

Samuel Green escreveu no *Handbook of Church History* (*Manual de História Elesiástica)*:

> Quando entramos no século II, estamos, em grande medida, num mundo modificado. A autoridade apostólica não estava mais na comunidade cristã; os milagres realizados pelos apóstolos haviam passado... Não podemos duvidar que havia um propósito divino em dividir dos períodos seguintes a era da inspiração e dos milagres, usando um marco tão amplo e definido.[31]

A era apostólica foi singular e terminou. Isto é o que afirmam e testemunham, reiteradamente, a História, Jesus, a teologia e o próprio Novo Testamento.

O poder de Deus diminuiu?

Em Atos 5.16, no início da era apostólica, quando a igreja estava começando, lemos que as multidões eram curadas pelos apóstolos. 25 anos depois, Paulo, o maior dos apóstolos, não conseguia livrar-se de um espinho na carne (v. 2 Co 12.7-10). Apesar de que, em certo momento, ele parecia ter a capacidade de curar as pessoas à vontade (At 28.8), no final de sua vida ele, aparentemente, não apresentava a evidência de possuir esse dom. Ele aconselhou Timóteo a tomar um pouco de vinho por causa do estômago — um jeito comum de tratar algumas doenças naqueles dias (1 Tm 5.23). Um pouco mais tarde, no final da carreira, Paulo deixou um irmão querido doente em Mileto (2 Tm 4.20). Se lhe fosse possível, ele o teria curado com certeza.

Conforme as primeiras páginas de Atos dos Apóstolos, no início da igreja, Jerusalém presenciou muitos milagres. Após o martírio de Estêvão, não há registro de nenhum outro milagre realizado naquela cidade. Algo estava mudando.

---

31 Green, Samuel. A handbook of church history. London: Religious Tract Society, 1913. p. 22.

Os milagres da era apostólica não deviam ser um padrão para as gerações cristãs futuras. Não temos nenhuma ordem para buscar ou realizar milagres. *Fomos* ordenados a estudar a Palavra de Deus e obedecer-lhe, pois ela é capaz de tornar-nos sábios e maduros. Também recebemos a ordem de viver pela fé e não pelo que vemos (2 Co 5.7).

Em João 14.12, encontramos esta promessa de nosso Senhor: "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai". Ao ouvir alguns dos advogados contemporâneos do ministério de sinais e maravilhas, você pensará que esta promessa ignorou a era apostólica e está se cumprindo nas reuniões deles.

"Obras maiores" não se refere a milagres mais espetaculares. O contexto de João 14 não apresenta qualquer sugestão de sinais e maravilhas sobrenaturais. Que obra ultrapassa a ressurreição de mortos? O texto de João 5.20-21 indica que é a outorga de vida espiritual a pecadores. É evidente que as obras dos apóstolos foram maiores do que as de Jesus em quantidade, e não em qualidade. Eles levaram o evangelho aos confins do mundo conhecido em seus dias. Entretanto, grande parte dessa atuação foi realizada após os milagres começarem a sair de cena.

Alguns carismáticos alegam: se entendemos que a era de milagres já passou, expomos um conceito deficiente a respeito de Deus. Jerry Horner, professor auxiliar de literatura bíblica na Oral Roberts University, declarou: "Quem deseja um Deus que perdeu toda a energia? Ele poderia fazer algo em um século e, no seguinte, seria incapaz de realizá-lo?... Deus perdeu todo o seu poder?"[32]

Russell Bixler, outro carismático, conclui que, se pessoas negam a normalidade de milagres semelhantes aos dos apóstolos hoje, elas têm uma "fé que não permite Jesus seja o mesmo ontem, hoje e

32 Citado em Hunter, Charles; Hunter, Frances. *Why should "I" speak in tongues?* Houston: Hunter Ministries, 1976. p. 74-75.

para sempre. Elas estão muito contentes com um Deus distante, que não realizou nada significativo em dois mil anos".[33]

Deus perdeu todo o poder? Ele não realizou nada significativo em dois mil anos? Isto não é verdade. Percebemos à nossa volta evidências da maravilhosa obra de Deus: na transformação, mediante o novo nascimento, da vida de milhões de pessoas, em todo o mundo, que crêem em Cristo; na resposta diária à oração; na união providencial de pessoas e recursos para Lhe darem glória; na capacidade de recuperação rápida de sua igreja, que resistiu à perseguição implacável e a vários ataques internos, no decorrer dos séculos, e continua a fazê-lo hoje.

No entanto, Deus não tem dado à igreja moderna porta-vozes com o poder de realizar milagres. Você pode estar certo de que, se Deus fizesse isso, eles não se assemelhariam aos milagreiros carismáticos tais como os que vemos na televisão ou em qualquer tenda. Por que Deus confirmaria uma teologia péssima? Por que Ele concederia o poder de realizar milagres a quem ensina heresias? Todo movimento moderno que enfatiza os milagres como um tema central está maculado por teologia errada, por doutrina confusa e incoerente, por heresia ou pela combinação de todos esses elementos. No próximo capítulo, examinaremos, com detalhes, o maior e mais influente dos movimentos que expõem a teologia de sinais e maravilhas.

Efésios 3.20 apresenta uma promessa para a nossa época: Nosso Senhor "é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós". O que Deus faz em e por nós hoje não é o mesmo que Ele fez na era apostólica. Ele tinha um propósito especial para os apóstolos e seus milagres; e a vontade dele se cumpriu. Deus tem um propósito maravilhoso e especial para nós, porque Ele é Deus, e todas as suas ações são maravilhosas.

33 Bixler, Russel. *It can happen to anybody*. Monroeville, Pa.: Witaker, 1970. p. 59.

Capítulo 6

O que está por trás da "Terceira Onda" e aonde ela está indo?

Quando um de seus discípulos perguntou-lhe como se preparava para orar por curas miraculosas, John Wimber respondeu: "Bebo uma Coca *Diet*".[1] De acordo com o discípulo, essa não foi uma resposta irreverente — apenas a resposta normal de quem vive no mundo dos milagres.[2]

Wimber é o líder e o personagem-chave da ramificação do movimento carismático, conhecida como "A Terceira Onda do Espírito Santo", também designada Movimento de Sinais e Maravilhas. A nova tendência carismática parece ter varrido o globo na década de 1980. Isto é algo real ou apenas um substituto sintético, desprovido de substância verdadeira, como um refrigerante sem açúcar?

A expressão *Terceira Onda* foi cunhada por C. Peter Wagner, professor de Crescimento de Igreja na School of World Mission (Fuller Theological Seminary), autor de vários livros sobre crescimento de igreja e um dos principais proponentes da metodologia da Terceira Onda.[3] De acordo com Wagner: "A primeira onda foi o movimento

---

1 Williams, Don. *Signs, wonders, and the kingdom of God*. Ann Arbor: Vine, 1989. p. 19.

2 Ibid.

3 Wagner escreveu: "O rótulo 'Terceira Onda' surgiu quando eu estava sendo entrevistado sobre o assunto pela revista *Pastoral Renewal*. Posso afirmar que ele não tem qualquer ligação com o título *The Third Wave,* o best-seller de Alvin Toffler. É apenas um termo que achei conveniente no momento e que outros têm usado para descrever esta nova atuação do Espírito Santo". Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*, Ann

pentecostal; a segunda, o movimento carismático; agora, a terceira onda está unindo esses movimentos".[4]

Apesar de reconhecer a ancestralidade espiritual da Terceira Onda, Wagner rejeita os rótulos *carismático* e *pentecostal*.

A Terceira Onda é um novo mover do Espírito Santo entre os evangélicos que, por uma razão ou outra, escolheram não se identificar com os pentecostais ou com os carismáticos. Suas origens estão em anos mais anteriores, porém considero-o um movimento ativo a partir da década de 1980, que cresce à medida que se aproximam os últimos anos do século XX... Vejo a Terceira Onda como uma forma distinta da primeira e da segunda onda, mas, ao mesmo tempo, muito semelhante. As três ramificações são necessariamente similares, porque o Espírito de Deus é quem faz a obra... As principais diferenças estão no entendimento do batismo no Espírito Santo e no papel das línguas para autenticá-lo. Eu mesmo, por exemplo, prefiro não ser identificado como carismático. Não me considero carismático. Sou apenas um evangélico congregacional que está aberto a atuação do Espírito Santo, por meu intermédio e de minha igreja, da maneira que Ele escolher.[5]

Wagner reconhece, posteriormente, que recusa o rótulo *carismático* não por causa de qualquer distinção doutrinária, e sim por causa do estigma ligado ao adjetivo:

Não permitimos que a Comunhão dos 120 [classe de Escola Dominical de Wagner] seja chamada de "carismática", tampouco aceito pessoalmente essa designação. Tenho apenas admiração e apreciação pelo movimento carismático e pelos carismáticos. Somente não prefiro ser um deles... A razão de nossa preferência semântica é principalmente social. Querendo ou não, as principais denominações evangélicas desenvolveram uma atitude negativa em relação ao movimento carismático nos últimos vinte anos. Grande parte dessa atitude tem sido causada por excessos que a maioria dos carismáticos prefere ignorar. No entanto, essa atitude acabou sendo atribuída a todo o movimento. Todavia, muitos desses evangélicos não têm uma dis-

Arbor: Vine, 1988. p. 15.
4 Ibid. p. 13.
5 Ibid. p. 18-19.

posição negativa em relação ao mover do Espírito Santo. Essa é uma das razões, creio eu, para o surgimento da Terceira Onda, diferente das duas ondas anteriores, dos pentecostais e dos carismáticos, que continuam fortes.[6]

Não é totalmente correto considerar a Terceira Onda como parte do movimento carismático? Embora seja verdade que muitas das pessoas que se identificam com a Terceira Onda evitem o linguajar carismático, quando escrevem ou falam sobre o batismo do Espírito, poucos (ou talvez nenhum) dos mestres da Terceira Onda tratam o assunto como pouco mais do que uma diferença na terminologia.[7] A diferença afirmada por Wagner entre o movimento carismático e a Terceira Onda parece ser apenas uma questão de deflexão semântica.[8]

Na verdade, a maior parte dos ensinos e pregações da Terceira Onda ecoa a doutrina carismática padrão.[9] No seu cerne, existe a obsessão pelas experiências sensacionais e uma preocupação com os dons apostólicos: línguas, curas, revelação profética, palavras de conhecimento e visões. À semelhança de pentecostais e carismáticos, os adeptos da Terceira Onda buscam com avidez experiências de êxtase, fenômenos místicos, poderes miraculosos e maravilhas sobrenaturais — enquanto tendem a omitir os métodos tradicionais

6 Ibid. p. 54.

7 Ver, por exemplo, Wimber, John. *Power evangelism*. San Frasncisco: Harper & Row, 1986. p. 136-151.

8 Até Wimber parece concordar com isso: "Creio que a 'terceira onda' do Dr. Wagner seja um novo estágio do desenvolvimento da renovação carismática, e não uma onda. Talvez os movimentos pentecostal e carismático sejam parte de um grande mover do Espírito Santo neste século. Sob essa perspectiva, as semelhanças entres os movimentos são mais importantes do que suas diferenças" (Ibid., p. 122).

9 É difícil caracterizar a doutrina da Terceira Onda de um modo que faça jus a todos os que se identificam com o movimento. Neste capítulo, não afirmo que todos os adeptos da Terceira Onda têm parte nos erros que destaco. Uma característica da Terceira Onda é a subestimação das diferenças doutrinárias (ver nota 71). Conseqüentemente, opiniões divergentes dentro do movimento não são expressadas. Peter Wagner, por exemplo, assegurou-me pessoalmente que não compartilha de alguns pontos de vista expostos por outros líderes da Terceira Onda.

de crescimento espiritual: oração, estudo bíblico, o ensino da Palavra, a perseverança na obediência e a comunhão com outros crentes.

Além disso, a Terceira Onda não tem, como Wagner deixa implícito, agido de modo a evitar os "excessos" dos movimentos pentecostal e carismático. Ao contrário, os grupos da Terceira Onda abriram-se para alguns dos piores erros e dos extremistas mais inquietantes dos movimentos anteriores. Os Profetas de Kansas City são um exemplo (ver Capítulo 3). Os livros de Wimber estão repletos de exemplos semelhantes dos países do Terceiro Mundo.[10] Chuck Smith (pastor da Calvary Chapel, em Costa Mesa, e com quem Wimber esteve associado) disse a um pesquisador: "John Wimber absorveu em sua doutrina todo ensino extravagante desenvolvido pelos pentecostais".[11] Essa afirmação, com certeza, não está longe da verdade.

Alguns membros do conselho de nossa igreja visitaram recentemente a Igreja Vineyard, pastoreada por Wimber, em Anaheim. Na noite em que estiveram lá, testemunharam um pandemônio. Wimber queria que todos falassem em línguas ao mesmo tempo. Algumas mulheres se debatiam no chão; um homem deitou-se de costas em estado de catatonia, e, em toda parte, centenas de pessoas dançavam, corriam, gritavam e subiam em cadeiras.

A despeito de toda a evidência em contrário, os apologistas da Terceira Onda têm sido bem-sucedidos em vender a imagem de seu movimento como um fenômeno não-carismático. Igrejas e denominações ingênuas têm aberto as portas — e oferecido o púlpito — a mestres da Terceira Onda, alguns deles com credencias acadêmicas impressionantes. A Terceira Onda está rolando como um tsunami destrutivo, deixando caos e confusão em seu rastro.

---

10 O Apêndice B, "Signs and Wonders in the Twentieth Century" (p. 175-85), em *Power Evangelism*, apresenta ampla evidência desse assunto.

11 Citado por Dean, Robert. Don't be caught in the undertow of the Third Wave", *Biblical Perspectives*, May-June 1990, p. 1.

O esforço para divulgar a Terceira Onda como não-carismática se enquadra no padrão de promoção astuta e de enganos semânticos que permeiam os ensinos da Terceira Onda. Na verdade, quase todas as marcas distintivas da Terceira Onda são, em última análise, falsas promessas. Consideraremos quatro delas:

Sinais e maravilhas?

Os adeptos da Terceira Onda crêem que sinais e maravilhas fantásticos comprovam a genuinidade de seu movimento. Os fenômenos miraculosos são o próprio âmago do credo da Terceira Onda. Seus proponentes estão persuadidos de que milagres, visões, línguas, profecias e curas são suplementos *essenciais* do evangelho. Acham que o cristianismo sem essas coisas é impotente, adulterado pela mentalidade materialista do Ocidente.[12]

Sinais e maravilhas são a chave do evangelismo da Terceira Onda. Alguns de seus adeptos até afirmam que os incrédulos *têm de* experimentar o miraculoso para serem trazidos à fé plena. A mera pregação da mensagem do evangelho, crêem eles, jamais ganhará o mundo para Cristo. A maior parte das pessoas não crerá sem ver milagres, eles dizem, e quem crer sem vê-los será convertido de modo inadequado e, por isso, prejudicado em seu crescimento espiritual.[13]

Wimber menciona o confronto de Elias com os profetas de Baal, no monte Carmelo, como exemplo clássico de um "encontro de poder", no qual o poder de Deus vence os poderes do mal.[14] Sinais e maravilhas semelhantes a esse encontro, dizem os defensores da Terceira Onda, são os principal meios que devemos usar para disseminar o evangelho.

12 Wimber, John. *Power evangelism*. San Francisco: Harper & Row, 1986. p. 39-41.
13 Ibid. p. 46.
14 Ibid. p. 17.

Os operadores de milagres modernos ainda não fizeram cair fogo do céu, mas os entusiastas da Terceira Onda relatam alguns sinais e maravilhas extraordinários ocorridos no movimento. Wimber, por exemplo, contou um incidente em que um dedo extirpado do pé de uma mulher supostamente cresceu outra vez.[15] Ele descreveu outra mulher, na Austrália, cujo palato fendido fechou-se miraculosamente três dias após Deus ter lhe dado uma "palavra de conhecimento" sobre a sua cura.[16] Wagner recontou um informe de Carlos Annacondia, pregador argentino, que lhe disse:

> Duas manifestações do Espírito Santo, em particular, parecem impressionar os incrédulos mais do que qualquer outra coisa nas cruzadas evangelísticas: cair no poder do Espírito e a obturação de dentes. Com certa regularidade, dentes estragados são obturados, e novos dentes crescem onde outros caíram. O fato interessante, segundo Annacondia, é que a maioria dos dentes obturados é de incrédulos, e apenas alguns, de crentes.[17]

Como vimos, Wagner e Wimber estão convencidos de que muitas pessoas têm ressuscitado (ver Capítulo 5).

Com toda a franqueza, considero esses relatos absurdos. É difícil resistir à conclusão de que são invencionices ou lorotas que crescem à medida que são recontadas. Em todos os casos, as pessoas supostamente beneficiadas pelos milagres permanecem anônimas. Nos dois casos mencionados por Wimber, ele afirma que médicos testemunharam os acontecimentos. Entretanto, não apresenta nenhuma documentação comprobatória.

---

15 Citado em Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine, 1988. p. 35.

16 CT Institute Symposium. The Holy Spirit: God at work, *Christinity Today*, March 1990, p. 29-30. Suplemento.

17 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine, 1988. p. 96. Wagner não responde à pergunta: por que dentes estragados são obturados e não restaurados à saúde plena?

Se os operadores de milagres da Terceira Onda crêem sinceramente que suas obras portentosas devem servir como sinais para os incrédulos, por que não divulgam as provas de que realmente aconteceram? Fenômenos como a reconstituição de dedos e de membros do corpo, a cura de defeitos congênitos, a odontologia sobrenatural e a ressurreição de mortos deve ser fácil de documentar, especialmente se médicos estão presentes. A validação dessas maravilhas por parte de uma fonte independente ocuparia manchetes internacionais. Isso com certeza ajudaria a produzir o tipo de resposta que seus proponentes esperam obter algum dia.[18]

No entanto, começa a surgir um padrão na literatura da Terceira Onda: os milagres mais espetaculares sempre envolvem pessoas anônimas. Os milagres autênticos tendem a ser mais comuns e difíceis de provar — são curas que envolvem dor nas costas, "cura interior", alívio de enxaqueca, libertação emocional, zumbido nos ouvidos, etc. Os únicos incidentes interessantes que envolvem pessoas conhecidas descrevem situações em que a cura *não* ocorreu.

Um exemplo é o relato de Wagner a respeito de seu amigo Tom Brewster, um paraplégico que cria na cura. Brewster estava tão esperançoso de que Deus o curaria, que até distribuiu entre os amigos uma "Declaração de Expectativa" — uma expressão de sua fé de que um dia poderia andar. Essa fé nunca esmoreceu, diz Wagner, apesar de que já transcorreram quase trinta anos desde um acidente de mergulho que o confinou em uma cadeira de rodas. No entanto, o milagre jamais aconteceu. Brewster morreu, depois, por causa de uma cirurgia mal-sucedida na bexiga.[19]

---

18 Andrew Shead ("Spiritual Warfare: The Critical Moment", *The Briefing*, v. 45, p. 7, April 1990) resume o que Wimber declarou na Sydney Spiritual Warfare Conference: "Encontramo-nos em um ponto crítico da história. Na próxima década, o mundo se voltará para Jesus como nunca antes. A neutralidade para com o evangelho será algo do passado. Como isso acontecerá? Por meio da igreja revitalizada, pela unidade, fé e piedade, que recobrará os poderes apostólicos perdidos e com estes curará a AIDS, ajudará os desprivilegiados e incutirá o evangelho em centenas de milhões de pessoas".

19 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine,

É difícil ler esse relato sem observar quão notoriamente ele se contrasta com vários supostos milagres contados por Wagner, Wimber e outros autores da Terceira Onda. Os milagres mais dramáticos são acompanhados de informações escassas e, quase sempre, anônimas. Raramente, eles envolvem pessoas conhecidas de quem relata os milagres. Às vezes, testemunhas oculares são citadas, mas não há qualquer documentação. Até a observação de óvnis é acompanhada de evidências mais convincentes.

Um grupo de cinco médicos cristãos esteve numa das recentes conferências realizadas por John Wimber, em Sydney (Austrália). Esses homens esperavam confirmar a veracidade das alegações de Wimber quanto à ocorrência de curas miraculosas nesses encontros. Um deles, o Dr. Philip Selden, declarou:

> O fato de que John Wimber sabia de nossa presença e observação pode ter servido para "baixar" o tom das reivindicações que, conforme endentemos, foram proferidas nas conferências anteriores... O próprio Sr. Wimber reclamou de dores nas costas e afirmou que as pessoas deveriam esperar alívio da dor, mas nenhuma mudança que poderia ser documentada por médicos. Ele confessou jamais vira uma vértebra degenerada ser restaurada à forma normal...
> Como eu suspeitava, a maior parte das situações pelas quais ele orou eram psicossomáticas, triviais ou categorias que os médicos teriam dificuldade em documentar: problema no polegar do pé esquerdo, distúrbios nervosos, problemas respiratórios, esterilidade, comprimento diferente das pernas (meu favorito — não se pode medir as pernas com precisão), dores nas costas, pescoço, etc.[20]

O médico concluiu: "Neste ponto, estamos incertos da comprovação de qualquer cura orgânica".[21]

Que explicação é oferecida às pessoas que não são curadas? A princípio, Wimber parece certo quanto a este assunto:

1988. p. 123-125. Ver também. o relato de Wimber sobre o amigo falecido David Watson, em *Power Healing*, p. 147-149. Wimber dedicou esse livro ao amigo.

20 Selden, Philip. Spiritual warfare: medical reflections. *The Briefing*, v. 45, p. 19, April 1990.

21 Ibid. p. 20.

Existem diversas razões pelas quais as pessoas não são curadas, quando oramos por elas. A maioria dessas razões envolve alguma forma de pecado e incredulidade:

- Algumas pessoas não têm fé em Deus para serem curadas (Tg 5.15);
- Pecados pessoais não confessados criam uma barreira à graça de Deus (Tg 5.16);
- Desunião, pecado e incredulidade persistentes e disseminados em comunidades e famílias de crentes impedem a cura de membros individuais do corpo (1Co 11.30);
- Devido a diagnósticos incompletos ou incorretos da causa dos problemas, as pessoas não sabem como orar de modo correto;
- Algumas pessoas presumem que Deus sempre cura instantaneamente; e, quando ele não faz isso, elas param de orar.[22]

No entanto, Wimber declarou mais adiante, de forma enigmática: "Jamais culpo o doente por falta de fé, caso a cura não ocorra".[23]

Talvez Wimber ainda não considerou bem a sua teologia da cura. Evidentemente, ele rejeita o princípio bíblico de que os males físicos podem ser parte do plano soberano de Deus para os crentes (ver Capítulo 9). No entanto, ele se esforça para explicar o motivo por que muitas pessoas *não* são curadas e admite: "Conheço um número crescente de pessoas decepcionadas que vieram para serem curados, mas isso não aconteceu".[24]

A realidade é que a Terceira Onda, com toda a sua ênfase em sinais e maravilhas, não produz nada comprobatório que se qualificar, de acordo com o sentido do Novo Testamento, como sinal ou maravilha autênticos.

---

22 Wimber, John. *Power healing*. San Francisco: Harper & Row, 1987. p. 152.
23 Ibid. p. 174.
24 CT Institute Symposium. The Holy Spirit: God at work. *Christianity Today*, March 1990, p. 33. Suplemento.

Afinal de contas, os milagres de Jesus têm de ser o padrão pelo qual devemos avaliar todas as coisas. Antes ou depois dEle, ninguém realizou tantos sinais e maravilhas em seu ministério terreno (Jo 20.30; 21.25). Os milagres de Jesus eram totalmente diferentes dos realizados pelo movimento moderno de sinais e maravilhas. Nenhum de seus milagres envolvia enfermidades psicossomáticas; todos eram visíveis e verificáveis. Em resumo, eram sinais verdadeiros e maravilhas verdadeiras.

O que mais aprendemos dos milagres realizados no ministério de nosso Senhor? A verdade principal é que os milagres *não* produzem fé genuína no coração do incrédulo. "A fé vem pela *pregação*, e a pregação, pela *palavra* de Cristo" (Rm 10.17 — ênfase acrescentada).

A despeito de todos os milagres de Jesus: ressurreição de mortos, cura de doentes, restauração de vista aos cegos e autoridade sobre os demônios — Israel O rejeitou e crucificou. No momento de sua morte, parece que Jesus contava apenas com cerca de 120 seguidores dedicados (At 1.15).

Os evangelhos contêm numerosos exemplos de pessoas que testemunharam os sinais e as maravilhas de Jesus e permaneceram incrédulos. Ele repreendeu as cidades em que operou a maior parte de seus milagres: Corazim, Betsaida e Cafarnaum, por não terem se arrependido (Mt 11.20-24). O texto de João 2.23 nos diz: "Muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome"; entretanto, Jesus não os considerava crentes genuínos (2.24). Em João 6.2, lemos que uma grande multidão seguia a Jesus, "porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos". Contudo, em João 6.66 observamos que muitas das pessoas dessa multidão "o abandonaram e já não andavam com ele", depois de ouvirem um ensino que não podiam aceitar. Em João 11, lemos que Jesus ressuscitou Lázaro dentre os mortos, um milagre tremendo, incontestado até pelos seus inimigos (v. 47). Todavia, em vez de crerem em Jesus, começaram a planejar a morte dEle (v. 53). João 12.37 resume a situação: "Embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele".

As condições não eram diferentes na igreja primitiva. Em Atos 3, lemos que Pedro e João curaram um homem que era coxo desde o nascimento. Outra vez os líderes religiosos judeus não negaram a ocorrência do milagre (At 4.16). Todavia, a reação deles estava longe da fé salvadora: ordenaram aos apóstolos que parassem de falar em nome de Jesus (v. 18).

Examine o registro de sinais e maravilhas no Antigo Testamento. Eles também não produziram fé salvadora. O coração do Faraó endureceu-se a despeito dos portentosos sinais e maravilhas que Deus realizou por meio de Moisés. E toda uma geração de israelitas, também testemunhas desses milagres e de vários outros, morreu no deserto, por causa da incredulidade.

Apesar de todos os milagres realizados pelos profetas, Israel e Judá não se arrependeram e foram levados, posteriormente, ao cativeiro. A mesma passagem que Wimber cita para justificar os "encontros de poder" — o confronto entre Elias e os profetas de Baal — é um exemplo. O avivamento produzido teve vida curta. Poucos dias depois, Elias estava escondido, pois temia morrer (2 Rs 19.4-8); e o culto a Baal perdurou até que Deus julgou, finalmente, a Israel.

O pressuposto que norteia todo o movimento da Terceira Onda está errado. Milagres, sinais e maravilhas são incapazes de produzir fé ou avivamento genuíno. Além disso, o ministério de "encontros de poder" erra quanto ao objetivo de nosso testemunho. Não somos comissionados a confrontar o poder de Satanás com poderes miraculosos. Somos ordenados a confrontar as mentiras de Satanás com a verdade de Deus.

Isso não diminui a importância dos sinais e maravilhas. Como vimos, eles possuíam um propósito distinto: demonstravam que seus realizadores eram mensageiros autênticos de Deus (Hb 2.4). E atraíam freqüentemente a atenção das pessoas, de modo que a mensagem do evangelho fosse anunciada (cf. At 8.6; 14.8-18). Entretanto, sinais e maravilhas não produziam fé salvadora.

Evangelismo de poder?

Isso nos leva à segunda falsa promessa da Terceira Onda: o "Evangelismo de Poder" que apregoam não é evangelismo, de maneira alguma. A metodologia da Terceira Onda atenua seriamente a força do evangelho. Vários de seus proponentes são culpados de omissão ou de corrupção da mensagem de salvação.

Reconheço que essa é uma acusação séria, mas ela é corroborada por evidências abundantes. Os livros e os testemunhos da Terceira Onda estão repletos de histórias engraçadas de pessoas que supostamente se tornaram cristãs porque testemunharam algum milagre — e não porque ouviram a proclamação do evangelho.[25] Talvez o evangelho *foi* proclamado, mas os testemunhos da Terceira Onda raramente o afirmam. Relatos como esses corrompem a importância da mensagem do evangelho e fazem-na parecer supérflua. Todo o movimento é marcado por essa tendência.

O livro *Power Evangelism* (*Evangelismo de Poder)*, escrito por Wimber é o principal livro-texto sobre evangelismo para o movimento, não apresenta nenhuma referência à cruz de Cristo ou à doutrina da expiação. Criticado por essa deficiência, Wimber publicou um novo livro que dedica treze páginas (das mais de duzentas) à cruz, à morte de Cristo, à justificação, à regeneração e a assuntos relacionados.[26] Entretanto, a soteriologia (doutrina da salvação) e a mensagem precisa do evangelho dificilmente podem ser considerados as principais forças impelidoras do movimento, a despeito de

25 Ver, por exemplo, Wimber, John. *Power evangelism*. San Frasncisco: Harper & Row, 1986. p. 18-19. Ver, também, o incrível encontro "evangelístico" de Wimber com um homem e sua mulher em um avião (p. 32-34). Wimber diz ter visto a palavra *adultério* escrita na testa do homem; portanto, ele o confrontou a respeito desse pecado. Supostamente, o homem arrependeu-se e até levou a mulher a Cristo, apesar de Wimber não informar que compartilhou o evangelho com o casal.

26 Wimber, John. *Power points*. San Francisco: Harper, 1991. p. 103-116.

toda a sua forte ênfase sobre a maneira correta de evangelizar. Com toda a discussão sobre sinais e maravilhas, o *conteúdo* da mensagem do evangelho não é uma preocupação da Terceira Onda.

Mark Thompson registrou suas impressões sobre o encontro evangelístico da conferência em Sydney:

> O grupo afirmou sua preocupação com evangelismo. John Wimber, especialmente, esforçou-se para negar o desejo de afastar as pessoas desta tarefa. Além disso, eles não planejaram um "Encontro de cura e evangelização" no Sydney Showground para a noite de quinta-feira?
>
> Entretanto, duas coisas minaram a preocupação anunciada. Em primeiro lugar, a cruz de Jesus recebeu apenas uma breve menção em todo o Encontro Geral e nos *workshops* dos quais participei, durante a conferência...
>
> Em segundo (e isso é ainda mais grave), não houve menção do evangelho no suposto encontro evangelístico. A cruz de Jesus não era central; a expiação não foi explicada; a necessidade humana e a provisão divina de redenção nem ao menos foram curiosamente citadas. Crendo seguir o exemplo de Jesus e dos apóstolos, John Wimber chamou as pessoas necessitadas de cura — dores nas costas, perna mais curta do que a outra, dor no pescoço e uma série de outros males foram mencionados. Solicitava-se às pessoas que ficassem em pé para que os membros da equipe orassem por elas, enquanto John Wimber, no palco, pedia a vinda do Espírito Santo. Após alguns minutos de silêncio, ouviram-se vários gritos e pessoas chorando. Um pouco depois, o Sr. Wimber declarou que pessoas haviam sido curadas e que Deus lhes concedera isso como uma marca, um sinal para aqueles que não creram. Em resumo, foi-lhes solicitado que alicerçassem sua decisão naquilo que tinham visto ou na interpretação do Sr. Wimber a respeito do que viram. *O sacrifício de Cristo em favor do mundo não recebeu a menor atenção.*
>
> Fiquei questionando a que tipo de fé pessoas foram convertidas naquela noite. Com exceção do nome, nada mais se parecia com o cristianismo do Novo Testamento.[27]

A própria estratégia evangelística da Terceira Onda arruína a mensagem do evangelho. A ênfase sempre recai sobre sinais e mara-

27 Thompson, Mark. Spiritual Warfare: what happens when i contradict myself. *The Briefing*, v. 45. p. 12, April 1990. Ênfase acrescentada.

vilhas, e não sobre a pregação da Palavra de Deus. Essa é a razão por que Peter Wagner se admira dos incríveis resultados obtidos pelo Omar Cabrera, evangelista argentino: "É comum pessoas serem salvas e curadas nas reuniões de Cabrera, antes mesmo que ele comece a pregar".[28] Como alguém pode ser salvo antes de ouvir o evangelho? Wagner não tentou explicar o que disse.

Alguns proponentes da Terceira Onda dão a impressão de que os milagres são mais eficazes que a mensagem do evangelho para produzir a resposta da fé no coração humano. Wagner, por exemplo, escreveu:

> O cristianismo... começou com 120 pessoas, em um cenáculo, por volta do ano 33 d.C. Cerca de três séculos mais tarde tornou-se a religião predominante no Império Romano.
>
> Como isso aconteceu?
>
> ... A resposta é ilusoriamente simples. Enquanto o cristianismo era apresentado aos incrédulos tanto em palavra como em ações, as ações excediam em muito a palavra nos esforços evangelísticos.[29]

Mais adiante, Wagner cita o anglicano Michael Harper: "Os *milagres ajudam as pessoas a crer*".[30]

Portanto, eis a idéia-chave do "evangelismo de poder": os milagres estimulam a fé. E não somente isso. Nesse sentido, os milagres são mais eficazes do que a pregação. Wimber acredita que aqueles que pregam apenas a mensagem do evangelho não realizam o verdadeiro evangelismo. Ele zomba do "evangelismo programático".[31] Em vez disso, ele diz, necessita-se do "evangelismo de poder":

> Com a expressão evangelismo de poder, refiro-me à apresentação do evangelho de forma racional e supra-racional. A explicação do evangelho é acom-

28 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit.* Ann Arbor: Vine, 1988. p. 99.
29 Ibid. p. 29.
30 Ibid. p. 92. Ênfase no original.
31 Wimber, John. *Power evangelism*. San Francisco: Harper & Row, 1986. p. 45.

panhada por demonstração do poder divino mediante sinais e maravilhas. O evangelismo de poder é uma apresentação do evangelho espontânea, inspirada pelo Espírito e dotada de poder. O evangelismo de poder é um evangelismo precedido e fortalecido por demonstrações sobrenaturais da presença de Deus.

Por meio desses encontros sobrenaturais, as pessoas experimentam a presença e o poder de Deus. De modo geral, isso acontece na forma de palavras de conhecimento... curas, profecias e libertações de espíritos malignos. No evangelismo de poder, a resistência ao evangelho é vencida pela demonstração do poder de Deus, mediante acontecimentos sobrenaturais; e, freqüentemente, há elevada receptividade das afirmações de Cristo.[32]

Nessa filosofia escondem-se duas falácias, que a tornam completamente ineficaz em ganhar pessoas para a fé genuína em Cristo. Primeira: quando os milagres tornam-se o alicerce de um convite evangelístico, a verdadeira mensagem do evangelho — a expiação de nossos pecados realizada por Cristo e seu direito de ser Senhor de nossa existência (Rm 14.9) — transforma-se em uma questão secundária. O Jesus histórico e bíblico é deixado de lado e substituído por uma versão mística e etérea. Sinais e maravilhas, e não mais o próprio Salvador, passam a constituir o foco da fé.

Aqueles que colocam sua confiança nos milagres modernos não são salvos por essa fé, não importando quão sinceramente invoquem o nome de Cristo. O objeto da fé salvadora e genuína é o Senhor Jesus Cristo, e não os milagres realizados por alguém. Gálatas 2.16 confirma isso: "Sabendo... que o homem não é justificado por obras da lei, e sim *mediante a fé em Cristo Jesus*, também temos *crido em Cristo Jesus*, para que fôssemos justificados *pela fé em Cristo* e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado" (ênfase acrescentada). Nenhum evangelista pode convidar, com legitimidade, qualquer pessoa à fé em Cristo sem esclarecer as questões bíblicas e históricas mais básicas do evangelho, às quais Paulo

32 Ibid. p. 35.

designou de importância primordial: "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3-4). Paulo tinha como meta pregar a "Cristo crucificado" (1 Co 1.23). Esse deve ser o foco de qualquer proclamação do evangelho. A mensagem que exclui esse foco não pode ser considerada evangelística.

Segunda: o "evangelismo de poder" é evidentemente antibíblico. Como já observamos: "A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10.17). O evangelho é "o poder de Deus para a salvação" (Rm 1.16), e não os sinais e as maravilhas. Jesus disse que, se alguém rejeita a Escritura, jamais crerá, ainda que testemunhe uma ressurreição: "Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos" (Lc 16.31).

A despeito dos muitos sinais e maravilhas realizados, Jesus não praticou o "evangelismo de poder". Repetidas vezes, Ele repreendeu pessoas que exigiam sinais (Mt 12.38, 39; 16.1-4; Mc 8.11-12; Lc 11.16, 29; 23.8-9; Jo 4.48). A ênfase do ministério de Jesus era a pregação, e não os milagres. Freqüentemente, Ele pregava sem realizar sinais e maravilhas (Mt 13.1-52; 18.1-35; Jo 7.14-44).

Em Marcos 1.29-44, há o registro de que Jesus realizou muitas curas miraculosas na Galiléia. O versículo 37 nos diz que Pedro e os outros encontraram a Jesus no dia seguinte e disseram com entusiasmo: "Todos te buscam". Eles desejavam que Jesus realizasse mais sinais e maravilhas. No entanto, Jesus respondeu: "Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, *pois para isso é que eu vim*" (v. 38). Para Jesus, a pregação da Palavra era mais importante do que a realização de sinais e maravilhas. A Terceira Onda defende uma abordagem diferente, criando uma fachada de experiências sobrenaturais sem o fundamento de um convite ao arrependimento. Isso não é evangelismo bíblico.

Uma orientação bíblica?

Ainda que o movimento se baseie nas experiências, os líderes da Terceira Onda parecem desejosos de assegurar aos evangélicos das principais denominações que sua orientação é fundamentalmente bíblica. Conforme já observamos, o livro de Wimber, *Power Points* (*Pontos de Poder*) parece ser uma tentativa de responder às diversas críticas sobre a falta de base bíblica na Terceira Onda. No livro, Wimber inclui uma sessão que lida com algumas doutrinas básicas relacionadas à Escritura. Ele afirma o comprometimento com a Palavra de Deus como verbalmente inspirada, inerrante e autoridade suprema no que concerne à doutrina e ao comportamento dos cristãos.[33]

Na prática, Wimber e outros líderes da Terceira Onda revelam que sua orientação é mais pragmática que bíblica. Apesar da presteza em assegurar aos críticos que seu movimento é totalmente bíblico, os fatos revelam que essa é mais uma promessa que o movimento não cumpre.

Se os líderes da Terceira Onda transmitem mensagens confusas, isso talvez aconteça pelo fato de que estão realmente confusos sobre o que crêem. Seu ensino desafia abertamente a suficiência da Escritura. Afirmar que Deus tem concedido novas revelações à igreja hoje singnifica, de fato, negar a suficiência e a completude da Escritura. No entanto, os líderes da Terceira Onda parecem não entender a questão.

Por exemplo, Jack Deere é assistente de John Wimber na Vineyard Christian Fellowship, em Anaheim. A experiência de Deere como ex-professor de Antigo Testamento, em um dos principais seminários dos Estados Unidos, sugere que ele é um dos líderes mais bem preparados teologicamente no movimento da Terceira Onda. Deere assegurou-me

33 Wimber, John. *Power points*. San Francisco: Harper & Row, 1991. p. 31-51.

recentemente, em um encontro particular, que crê e sempre afirmou a suficiência da Escritura. Contudo, em 1990, na Spiritual Warfare Conference, em Sidney (Autrália), ele distribuiu suas anotações que incluíam uma sessão intitulada "A Demonic Doctrine Illustrated" ["Uma Doutrina Demoníaca Ilustrada"], na qual afirmou:

> Para cumprir os mais altos propósitos divinos para nossa vida, precisamos ser capazes de ouvir-Lhe a voz tanto na palavra escrita como na Palavra recém-pronunciada desde o céu... Satanás compreende a importância estratégica de os cristãos ouvirem a voz divina; por isso, ele lançou diversos ataques contra nós nessa área... Em última análise, esta doutrina [a suficiência da Escritura] é demoníaca, mesmo [que] teólogos cristãos tenham sido usados para aperfeiçoá-la.[34]

Não necessitamos da "Palavra recém-pronunciada desde o céu", porque temos na Bíblia a Palavra de Deus que permanece para sempre (Is 40.8), a "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3). Nela encontramos "todas as coisas que conduzem à vida e à piedade" (2 Pe 1.3). Ela é completa, perfeita e contém todos os recursos necessários para vivermos a vida cristã (Sl 19.7-11).[35] Qualquer sistema que nega essa verdade básica não tem o direito de declarar-se bíblico.

O anseio por de novas revelações, característico da Terceira Onda, impõe ao movimento um baixo conceito da suficiência da Escritura. Ao apresentarem experiências extrabíblicas como essenciais para recebermos a plenitude da bênção de Deus, os defensores do movimento inventaram um sistema que jamais será verdadeiramente bíblico, mas sempre será bastante subjetivo e pragmático.

---

34 Citado em Thompson, Mark. Spiritual Warfare: what happens when I contradict myself. *The Briefing*, v. 45. p. 11, April 1990. Deere repetiu em outro lugar o ataque: quem rejeita a "a revelação recém-pronunciada desde o céu" foi enganado por Satanás. Deere, Jack. *God's power for today's church*. Nashville: Belmont Church. Cassete 1.

35 Quanto a uma abordagem mais ampla sobre a suficiência das Escrituras, ver MacArthur Jr., John F. *Nossa suficiência em Cristo*. S. J. dos Campos: Fiel, 2ª Ed., 2007.

Wimber reconhece sua inclinação fortemente pragmática. Ele afirmou ter sido influenciado enquanto estava no Seminário Fuller: "O Dr. Donald McGravan, conhecido mundialmente pela enorme contribuição dada sobre o assunto de crescimento de igreja, instilou em mim um pragmatismo ardente. Depois de ter sido exposto aos seus ensinos, jamais me satisfaria com a vida eclesiástica do modo como a conheci".[36]

Certamente, o pragmatismo descontrolado do movimento de crescimento de igreja, procedente do Seminário Fuller, tem caracterizado a Terceira Onda. O movimento de crescimento de igreja estuda *todas* as igrejas que estão prosperando, doutrinariamente sãs ou não, e tende a aceitar qualquer característica que parece contribuir para o crescimento, sem avaliar se a metodologia defendida é bíblica. Isto é *utilitarismo* — a filosofia de que as ações são corretas porque são úteis. Certo autor descreve a perspectiva utilitarista de Peter Wagner:

> Wagner não faz afirmações negativas sobre ninguém. Ele construiu sua carreira descobrindo e afirmando o que é positivo em igrejas que crescem, sem qualquer questionamento crítico. Isso o capacita a manter como modelo de vida eclesiástica não apenas a Vineyard, de Wimber, a Catedral de Cristal, de Schüller, e a Igreja Batista do Sul, mas também qualquer outra igreja crescente.[37]

Wagner é muito sincero quanto a seu ponto de vista pragmático:

> Orgulho-me de estar entre aqueles que defendem o evangelismo de poder como ferramenta importante para o cumprimento da grande comissão em nossos dias. Uma das razões de meu entusiasmo é a funcionalidade dessa ferramenta. Dentre todas as formas de evangelismo, a mais eficiente é aquela que está acompanhada por manifestações de poder sobrenatural.[38]

---

36 Wimber, John. Zip to 3,000 in 5 Years. *Christin Life,* Oct. 1982, p. 20.
37 Stafford, Tim. Testing the wine from John Wimber's Vineyard. *Christianity Today,* Aug. 1986, p. 18.
38 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit.* Ann Arbor: Vine, 1988. p. 87.

Walter Chantry destacou: "Aparentemente, a atenção exagerada concedida às estatísticas de crescimento da igreja tem afastado os evangelistas de poder da teologia que as multidões necessitam".[39]

Os adeptos da Terceira Onda dizem-se bíblicos, mas, ao mesmo tempo, admitem o pragmatismo. As duas coisas podem ser verdadeiras? Com certeza não. O pragmatista preocupa-se principalmente com *o que parece dar resultados*. O pensador bíblico ocupa-se exclusivamente com *o que a Bíblia diz*. Essas abordagens estão freqüentemente em conflito. Na Terceira Onda, quando algo que produz resultados entra em conflito com o padrão bíblico, a vitória quase sempre é do argumento pragmático. Assim, a experiência determina tanto a prática e como a teologia do movimento.

Wimber afirmou: "Conversei com vários teólogos evangélicos que mudaram significativamente sua teologia pro causa de uma experiência. Sempre somos influenciados por nossas experiências e precisamos de humildade para admitir isso... Algumas verdades da Escritura não podem ser entendidas até que passemos por certas experiências".[40] Entretanto, os verdadeiros biblicistas não mudam a sua teologia, a menos que sejam confrontados com um entendimento mais exato da Escritura.

Wimber tenta adaptar essa verdade a seu sistema: "Deus usa nossas experiências para mostrar-nos mais plenamente o que Ele ensina na Escritura, muitas vezes alterando ou destruindo elementos de *nossa* teologia e cosmovisão".[41] O problema que Wimber ignora é a possibilidade de que a experiência seja falsa, enquanto a Palavra de Deus não pode ser falsa. O objetivo da perspectiva bíblica é submeter nossas experiências à luz da Escritura, para que a Palavra de Deus molde nosso entendimento. Se testarmos a Escritura por meio da experiência, certamente incorreremos em erro.

---

39 Chantry, Walter. Powerfully misleading. *Eternity,* July-Aug. 1987, p. 29.
40 Wimber, John. *Power evangelism.* San Francisco: Harper & Row, 1986. p. 88.
41 Ibid. p. 89. Ênfase no original.

Apesar de seu desejo de serem bíblicos, os adeptos da Terceira Onda permitiram que sua hermenêutica centrada na experiência — combinada com uma devoção utilitarista a qualquer coisa que funcione — os afastasse da teologia bíblica. Por exemplo: John Wimber aceita o ensino católico romano da eficácia de relíquias. Em um seminário sobre cura, patrocinado pela Vineyard, em 1981, ele disse: "Durante um período de quase 1.200 anos, era comum acontecer na Igreja Católica a cura de pessoas como resultado de tocarem as relíquias dos santos. Entretanto, nós, protestantes, temos dificuldades com isso. Ora, nós, que recebemos dons de curar, não devíamos tê-las, pois não existe nada teologicamente impróprio em relação a isso. Pois tudo o que fazemos é proporcionar a essas pessoas um ponto de contato com sua fé".[42] Wimber também inventou alguns conceitos curiosos sobre demonologia:

> Existem muitos demônios que não possuem um corpo. Possuir um corpo [para um demônio] assemelha-se a possuir um carro. Eles querem ter um carro, por isso ficam à volta [das pessoas]. Se não possuem um carro, são demônios de segunda classe, e não de primeira. Não estou brincando com vocês. A coisa funciona dessa forma. Portanto [para eles], possuir um corpo é importante. Essa é a razão de eles não desistirem.[43]

Isso é pura fantasia, não corresponde à Bíblia. No entanto, na Terceira Onda isso funciona, pois, para ser chamado *bíblico*, o ensino não precisa ser extraído da Escritura, e sim apenas evitar o conflito evidente com as passagens bíblicas mais conhecidas.

Às vezes, nem mesmo essa diretriz é seguida. O ensino de Wimber sobre a pessoa de Cristo é, na melhor das hipóteses, negligente e, na pior das hipóteses, blasfemo. Em todo o caso, ele contradiz abertamente a Escritura. Em uma palestra de um seminário sobre cura,

42 Wimber, John. Healing Seminar. 3 cassetes. Edição de 1981, não publicada
43 Ibid. Cassete 2.

Wimber afirmou: "Vocês não foram ensinados que Jesus sabe todas as coisas? Existem vários exemplos nos evangelhos em que Jesus desconhecia os fatos e teve de fazer perguntas".[44] Essa declaração nega a onisciência de Cristo. Esta é igualmente estarrecedora: "Muitas vezes Jesus ministrou com base na fé alheia. Jesus se aproveitou da fé de outras pessoas. Creio que algumas vezes Jesus teve pouca ou nenhuma fé para curar uma pessoa. Acredito que em algumas ocasiões Jesus possuía mais fé do que em outras ocasiões".[45]

Essa descrição de Jesus lutando com a falta de fé é totalmente contrária ao modo como os evangelhos descrevem nosso Senhor. Com base em sua imaginação e experiência, Wimber formou um conceito de Jesus com mais pontos em comum com John Wimber que com o Jesus do Novo Testamento.

Wimber afirma que vários fenômenos físicos ocorrem quando o poder do Espírito Santo desce sobre uma pessoa. Esses fenômenos incluem: estremecimentos, tremores, quedas ("cair no Espírito"), um estado de euforia semelhante à embriaguez, saltitar no mesmo lugar, contração das mãos como se fossem garras, contorções faciais, endurecimento do corpo, agitação das pálpebras, respiração forte, sensação de calor, sudorese e sensação de um peso no peito.[46] É evidente que em nenhum lugar das Escrituras essas coisas estão associadas com a obra do Espírito na vida de alguém. Assemelham-se mais a fenômenos ocultistas ou a experiências auto-induzidas do que aos frutos do Espírito (cf. Gl 5.22-23).

Os líderes da Terceira Onda querem convencer os outros cristãos (não pertencentes a seu movimento) de que são profundamente comprometidos com a Escritura como padrão máximo da fé e prática, mas, com muita freqüência, baseiam seus ensinos em ex-

44 Ibid.
45 Ibid.
46 Wimber, John. *Power healing*. San Francisco: Harper & Row, 1987. p. 215-223.

periências pessoais e esforçam-se, posteriormente, para encontrar apoio bíblico para esses ensinos. Ken Sarles, professor associado de teologia do The Master's Seminary, comenta com propriedade: "Os dois principais livros de Wimber, *Power Evangelism* e *Power Healing*, estão repletos de histórias, relatos particulares e ilustrações. Às vezes, as próprias histórias se transformam na base do ensino. Existem diversas referências bíblicas, que são, invariavelmente, explicadas por meio de ilustrações".[47] É inegável que a maior parte da literatura da Terceira Onda é influenciada por essa tendência. Os livros que exaltam o movimento valem-se do recurso da narrativa na primeira pessoa. Às vezes, inserem-se referências bíblicas, mas quase nunca (ou nunca) elas constituem a base de qualquer ensino da Terceira Onda. Raramente as passagens bíblicas são examinadas no seu próprio contexto. Em vez disso, relatos e versículos bíblicos isolados são apresentados, onde for possível, como provas e ilustração.

Power Encounters (*Encontros de Poder)*, editado por Kevin Springer, demonstra cabalmente essa tendência. O livro é uma coletânea de testemunhos de pessoas impelidas ao movimento por experiências terríveis e místicas. Nenhuma dessas pessoas aproximou-se da Terceira Onda porque o estudo da Bíblia convenceu-a de que o movimento é obra divina; todos lançaram-se nele por causa de uma experiência (ou de uma série delas).

Mike Flynn, por exemplo, um ministro episcopal, descreveu sua experiência em um culto na capela, enquanto cursava o seminário:

> Decidi largar. Não sei exatamente o que ou quanto deveria largar — certamente, o seminário; talvez, o casamento; talvez, a religião — pois nunca tive a chance de descobrir. Quando me aproximei do anteparo para receber a comunhão, algo espontâneo, inesperado e surpreendente aconteceu, quando o sacerdote colocou o pão em minha boca. Repentinamente, algo semelhante à eletricidade começou a tomar-me.

47 Sarles, Ken L. An appraisal of the signs and wonders movement. *Bibliotheca Sacra,* v. 145, p. 70, nota 52, Jan./Mar. 1988.

Não tive muito tempo para pensar, pois, à medida que outro sacerdote se aproximava com o cálice, a sensação cresceu muito. Quando ele oferecia o cálice à pessoa a meu lado, senti algo quase insuportável e muito singular. A única razão para eu não ter engolido às pressas o pão e corrido foi a timidez. Tão logo o cálice tocou meus lábios, a experiência chegou ao ponto máximo: senti que um Vesúvio em atividade procedia da minha cabeça; estava certo de que emitia uma luz muito brilhante e de que todos me observavam boquiabertos. Em meu interior, a sensação elétrica era maravilhosa.[48]

Flynn afirma não ter compreendido a experiência. E, embora a tenha procurado repetidas vezes, finalmente desistiu; "deixou a experiência guardada em um canto" e tornou-se um cínico, alguém oposto às instituições estabelecidas, além de moralmente decadente.[49]

Frustrado, Flynn procurou algum tipo de renovação espiritual. "Lembro-me de ter dito algo assim: tudo bem, se for preciso ser alguém emocionalmente idiota para relacionar-se com Deus, que eu seja assim." Ele se lembrou imediatamente da experiência na comunhão. "À medida que recordava essa experiência, ela recomeçou! Eu sabia, eu sabia, eu sabia que minha vida mudara. Era o dia 22 de agosto de 1972."[50]

No entanto, a euforia da experiência exauriu-se em seis meses. Por fim, ele foi ao encontro de uma mulher que orou por ele.

Em pé, atrás da cadeira em eu que me assentara, ela me advertiu que se agitava ao orar e que eu não deveria incomodar-me com isso. Ela colocou as mãos em minha cabeça e silenciou por uns momentos. Então, rogou a Deus que me desse a unção dela para a cura das memórias (hoje se chama cura interior). Eu estava certo de não querer uma unção para *isso*, mas era educado demais para lhe dizer isso. Voltei para casa pensando que a sessão tinha sido um fracasso total.

Duas semanas depois, uma mulher veio ao meu escritório, sentou-se e explicou estar passando por sérios problemas matrimoniais, por causa do abuso do

48 Flynn, Mike. Come, Holy Spirit. In: Springer, Kevin. *Power encounters*. San Francisco: Harper & Row, 1988. p. 139-140.
49 Ibid. p. 140.
50 Ibid. p. 141.

marido. Ela necessitava de cura das emoções afetadas. Depois de um pequeno debate com Deus, em minha mente, concordei em orar por ela. No entanto, percebi chocado, que não tinha a menor idéia de *como* fazê-lo. Eu estivera praticando a presença de Cristo visualmente e via a Jesus em um trono onde quer que eu fosse. Portanto, olhei para Jesus. Ele desceu do trono, ajoelhou-se ao lado da mulher, colocou o braço à volta dos ombros dela e, com a mão esquerda, alcançou-lhe o coração e retirou algo semelhante a gelatina escura, colocando-a em seu coração, até que essa gelatina evaporou. Em seguida, Ele tocou no seu coração e retirou uma massa de geléia branca, que inseriu com cuidado no coração da mulher, no ponto ocupado pela geléia escura. Por fim, Ele se virou na minha direção e disse: "Faça isso". Eu me senti um pouco bobo, mas descrevi em alta voz, em oração, o que tinha visto Jesus realizar; e a mulher foi curada de forma imediata e gloriosa.[51]

Cura interior, visualização, sensação de calor e eletricidade fazem parte do vocabulário de práticas ocultistas e do movimento Nova Era — nada têm em comum com o cristianismo bíblico. Na verdade, em todo o seu testemunho, Flynn faz uma referência à Escritura. Diversas vezes, ele cita João 15.5: "Sem mim nada podeis fazer".

Quase no final do testemunho, Flynn admite: "Não sei como a palavra de conhecimento age em você, mas em mim ela é quase sempre como o mais ínfimo movimento do meu olho interno. Gosto de dizer que o Espírito fala por meio de um 'sussurro'. No nível emocional, tenho a *sensação* de mentir, quando articulo uma palavra de conhecimento".[52] É óbvio que Flynn não está plenamente convencido de que essas mensagens procedem de Deus. Em minha avaliação, se ele se *sente* mentindo, é muito provável que esteja realmente fazendo isso. Entretanto, sua atitude parece ser descarada em um nível assustador. Ele relatou sobre uma aula de sinais e maravilhas no Seminário Fuller: "No final da aula, invoquei o Espírito. Depois, ao entrar com meu auxiliar (Lloyd Harris) no carro, brinquei: 'Bem, devo ter mentido cerca de vinte e cinco vezes hoje à noite'. Lloyd riu,

51 Ibid. p. 142-143.
52 Ibid. p. 147, 148. Ênfase no original.

sabendo o que eu queria dizer, pois eu havia pronunciado palavras de conhecimento vinte e cinco vezes".[53]

Alguém pode afirmar com seriedade que essa perspectiva irreverente tem qualquer ligação com a verdade bíblica?

O relato de Wimber sobre a sua própria peregrinação espiritual apresenta um padrão claro de depender grandemente da experiência, em detrimento da Escritura. Todas as crises de sua vida, bem como as principais mudanças em sua forma de pensar foram ocasionadas não pela Palavra de Deus, e sim por experiências místicas. A sua abertura para os dons espirituais ocorreu após sua mulher ter passado por um "colapso de personalidade". Ele escreveu: "Certa noite, por meio de um sonho, o Espírito a encheu... Ela se levantou falando em línguas!".[54] Uma série de experiências semelhantes — incluindo curas, visões, sonhos, mensagens divinas e ocorrências miraculosas —forma a base do ensino atual de John Wimber.

Wagner chegou às suas opiniões com base nesse mesmo processo. Ele escreveu: "O que ocasionou a mudança? Como dei um giro de 180º? O processo durou cerca de quinze anos. Inicialmente, no final da década de 1960, *passei por uma experiência inesquecível*".[55] À medida que Wagner apresenta sua avaliação desses quinze anos, todo ponto de mudança relaciona-se com algum pessoa ou experiência que o influenciou. Nenhuma das razões apresentadas para sua "mudança de cosmovisão" desenvolveu-se do estudo pessoal da Escritura.

Wagner descreveu o amigo Edward Murphy, vice-presidente da missão Overseas Crusades, como alguém que afirmava: "No momento em que o Espírito Santo entra na nova vida do cristão, os espíritos malignos, se estiverem presentes, são automaticamente expulsos".[56]

---

53 Ibid. p. 147.

54 Wimber, John. *Power Healing*. San Francisco: Harper & Row, 1987. p. 31.

55 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine, 1988. p. 22. Ênfase acrescentada.

56 Ibid. p. 73.

Wagner afirma que Murphy não sustenta mais esse ponto de vista. "Sua experiência missionária... forçou-o a mudar de idéia".[57]

Formar a sua própria teologia dessa maneira é extremamente perigoso. A autoridade final nos assuntos espirituais passa a ser a experiência subjetiva, e não a Palavra objetiva de Deus. A Bíblia é banida do seu devido lugar como guia exclusivo da fé e da prática na vida cristã, sendo relegada ao papel secundário de conformar-se à experiência das pessoas. E, se a experiência não é encontrada na Bíblia ou contradiz alguma verdade bíblica, ela é ignorada ou reinterpretada. Exaltar a experiência acima das Escritura significa lançar-se à deriva no mar da subjetividade mística.

Um relatório do Christian Research Institute sobre o movimento Vineyard concluiu corretamente: "Embora haja na Vineyard muitos ensinos a respeito de certas questões práticas... há pouca no ensino da Bíblia por si mesmo".[58]

O relatório continua:

> Enquanto o ensino da Bíblia não é suficientemente enfatizado, percebe-se ênfase exagerada no papel da experiência cristã. Os membros da Vineyard parecem dispostos a permitir que suas experiências espirituais comprovem-se a si mesmas. Parecem bastante dispostos a presumir que todas as ocorrências em seu meio procedem de Deus. Isso não significa que a liderança não tenta comprovar o caráter bíblico das experiências, e sim que as experiências funcionam muitas vezes como o ponto de partida.[59]

Torna-se claro que a Terceira Onda é o produto de um pragmatismo ferrenho aliado à sede insaciável por experiências dramáticas e espetaculares. Apesar de todas as afirmações em contrário, a sua orientação fundamental não é bíblica.

---

57 Ibid.
58 Miller, Elliot; Bowman Jr., Robert M. *The Vineyard*. CRI paper, Feb. 1985, p. 1.
59 Ibid. p. 2.

Uma herança evangélica?

Ao ouvir as afirmações dos líderes da Terceira Onda, alguém poderia concluir que o movimento é formado essencialmente por evangélicos conservadores, comprometidos com a teologia bíblica tradicional. Mas os fatos não apóiam essa suposição.

Muito do que existe na Terceira Onda é difícil de ser classificado doutrinariamente. Declarações de fé e credos não são distintivos do movimento. A Igreja Vineyard, de Wimber, é um exemplo típico:

> Outro aspecto perturbador do Ministério Vineyard é a ausência de uma declaração de fé. Devido ao fato de que os membros da Vineyard procedem de grande variedade de denominações, a liderança evitou estabelecer fortes padrões doutrinários. Essa menosprezo da doutrina é coerente com a liderança de John Wimber e Bob Fulton (pastor da Vineyard em Yorba Linda, Califórnia), cujo pano de fundo teológico inclui a associação com os quacres, que dão ênfase à experiência íntima com Deus e minimizam à necessidade de expressões doutrinárias sobre o conhecimento de Deus.[60]

Apesar disso, os adeptos da Terceira Onda desejam qualificar seu movimento como parte da principal corrente do evangelicalismo histórico. Testemunhos comuns de seus adeptos destacam suas raízes conservadoras, até fundamentalistas. Wagner, por exemplo, disse: "Minha experiência eclesiástica transcorreu entre os evangélicos dispensacionalistas ligados à Bíblia de Scofield".[61] Ele está convencido de que a Terceira Onda é "um novo movimento do Espírito Santo entre os *evangélicos*".[62]

---

60 Ibid. Mais de seis nos após o CRI ter feito essa observação, a Vineyard ainda não possui uma declaração de fé.

61 Citado em Wimber, John. *Power evangelism*. San Francisco: Harper & Row, 1986. p. 39.

62 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine, 1988. p. 18. Ênfase acrescentada.

Novamente, os fatos questionam as afirmações. O movimento da Terceira Onda é amplamente ecumênico e sincretista. Na verdade, a aparência evangélica da Terceira Onda é uma imagem planejada, outro elemento crucial da propaganda ardilosa que tenta vender o movimento a evangélicos não-carismáticos. Em *Power Points*, Wimber reconhece o cuidado extremo que exerceu para manter o livro nos parâmetros do evangelicalismo histórico: "Este projeto durou um ano mais do que esperávamos. Em parte, isso aconteceu por causa de nossa preocupação em fundamentar nossos comentários sobre o crescimento espiritual na teologia ortodoxa histórica".[63]

No entanto, a "teologia ortodoxa histórica" é realmente o âmago dos ensinos da Terceira Onda? Não.

Wimber se sente à vontade tanto em relação às doutrinas do catolicismo romano como em relação às do evangelicalismo. Como já observamos, ele apóia as alegações católicas de cura por meio de relíquias. Defende a unificação de protestantes e católicos. Um ex-colega de Wimber afirmou: "Em uma conferência de pastores da Vineyard, [ele] chegou a 'pedir desculpas' à Igreja Católica em nome de *todos* os protestantes".[64] Em um seminário sobre implantação de igrejas, Wimber declarou: "O papa... é muito receptivo ao movimento carismático; ele mesmo é um evangélico nascido de novo. Se você já leu algum dos textos que ele escreveu sobre a salvação, terá percebido que ele prega o evangelho de maneira tão clara como qualquer outro evangelista da atualidade".[65]

Um apêndice do livro *Power Evangelism* procura comprovar que sinais e maravilhas ocorreram em toda a história da igreja. Wimber cita como evidência uma lista eclética de indivíduos e movimentos — ortodo-

63 Wimber, John. *Power points*. San Francisco: Harper & Row, 1991. p. xiii.
64 Goodwin, John. Testing the fruit of the Vineyard. *Media Spotlight Specil Report: Latter-Day Prophets*, Redmond, Wash.; Media Spotlight, 1990, p. 24. Goodwin foi pastor da Vineyard durante oito anos e viajou muito com John Wimber.
65 Wimber, John. Church Planting Seminar. Edição de 1981. 5 cassetes. Cassete n. 2.

xos e heréticos. A lista inclui: Hilário (um eremita do século IV), Agostinho, o papa Gregório I (o Grande), Francisco de Assis (fundador da Ordem Franciscana), os valdenses (que se opuseram ao papa e foram perseguidos pelos dominicanos), Vicente Ferrer (um dominicano), Martinho Lutero, Inácio de Loiola, John Wesley e os jansenitas (uma seita do catolicismo).[66] Em um livrete publicado pela Vineyard, Wimber acrescentou os *shakers* (seita que exigia o celibato), Edward Irving (líder desacreditado da seita irvingita, da Inglaterra, no século XIX) e os supostos milagres operados por uma aparição da virgem Maria, em Lourdes (França)![67]

Wagner credita a Robert Schuller a apresentação do conceito do "pensamento positivo", que o introduziu a uma dimensão totalmente nova da experiência cristã. Ele escreveu: "Schuller ajudou muitas pessoas a começarem a crer em Deus para a realização de grandes coisas".[68] Wagner se sente igualmente confortável em endossar os conceitos sobre a "quarta dimensão", do pastor coreano Paul Yonggi Cho — idéias enraizadas no budismo e nos ensinamentos ocultistas.[69]

O desejo de Wagner para acolher e sintetizar conceitos conflitantes é revelado em suas palavras:

> Participei recentemente de um simpósio em que seis diferentes líderes cristãos abordaram o significado da espiritualidade. Surpreendi-me ao perceber quão divergentes eram suas opiniões, embora essa divergência fosse previsível, porque esses diferentes líderes procedem de denominações diferentes. Mais tarde, achei-me pensando que provavelmente nenhuma delas era "errada", e sim que todas, à sua maneira, estavam corretas.[70]

---

66 Wimber, John. *Power evangelism*. San Francisco: Harper & Row, 1986. p. 157-174.
67 _____. *A brief sketch of signs and wonders through the church age*. Placentia, Calif.; The Vineyard, 1984. p. 41-46.
68 Wagner, C. Peter. *The Third Wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine, 1988. p. 38.
69 Ibid. p. 40. As raízes ocultistas da metodologia de Cho estão documentadas em "Occult Healing Builds the World's Largest Church" e "East Wind Blows West", *Sword and Trowel*, Nov. 1987, p. 13-20.
70 Wagner, C. Peter. *The third wave of the Holy Spirit*. Ann Arbor: Vine, 1988. p. 127.

Isto sintetiza o modo como a Terceira Onda trata a verdade: todos estão certos — o catolicismo, o anglicanismo anglo-católico e o evangélico, os *shakers*, os quacres e o evangelicalismo.[71]

Entretanto, os ensinos da Terceira Onda abandonaram rapidamente o evangelicalismo conservador porque seus adeptos concluíram que o poder de Deus está ausente na teologia evangélica. John White resumiu a perspectiva típica do movimento da Terceira Onda no prefácio do livro *Signs, Wonders, and the Kingdom of God* (*Sinais, Maravilhas e o Reino de Deus)*, escrito por Don Williams:

> A teologia fundamentalista do século XX, que era inicialmente uma valiosa reafirmação maravilhosa da fé ante à ameaça da teologia liberal, assumiu gradualmente o tom de reação não somente contra os liberais, mas também contra o movimento pentecostal. Ao proceder assim, ela lançou fora o "'bebê' do poder de Deus", enquanto nega fazer isso. Essa reação não era um reflexo da verdade bíblica e sim de temores inconscientes que nos cegavam para algumas coisas afirmadas pela Escritura.[72]

O que pode libertar alguém desses temores inconscientes que cegam? A experiência, e não a verdade: "Foi isso o que aconteceu com Don Williams. Neste livro, ele descreve as experiências que o arrancaram da camisa-de-força da teologia reacionária (uma teologia que o prendera e enfraquecera), libertando-o pelo poder soberano".[73]73 Entretanto, é questionável o fato de que Williams esteve comprometido com a "teologia fundamentalista". Evidentemente, sua "teologia reacionária" não incluía a certeza da realidade do mundo sobrenatural. Williams descreve como pensava antes de unir-se à Terceira

71 Wagner afirma que uma das cinco características da Terceira Onda é "evitar o divisionismo a quase todo custo" (Third Wave, *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, Grand Rapids: Zondervan, 1988, p. 844).
72 John White, no prefácio de *Signs, wonders, and the kingdom of God*, escrito por Don Williams. p. viii.
73 Ibid. p. ix.

Onda: "Será que o Demônio é um inimigo real? Existe algum poder de Deus capaz de libertar e transformar a vida em seu âmago?"[74]74

Esses pensamentos não caracterizam alguém comprometido com a "teologia fundamentalista". É evidente que a teologia de Williams não lhe permitia ter certeza de que a conversão a Cristo transformava a vida em seu âmago. Talvez o problema de Williams não era com a teologia ortodoxa e reacionária, e sim a confissão hipócrita de uma credo no qual ele não cria plenamente.

Esse é, extamente, o denominador comum de quase todos os testemunhos publicados pela Terceira Onda. Quase todos os seus adeptos falam da teologia como inerentemente divorciada da experiência, acadêmica e opressora, um credo vazio e ortodoxia morta. O próprio Wimber destaca os contextos semelhantes das pessoas apresentadas no livro de Springer, *Power Encounters* (*Encontros de Poder)*: "Quase todos se identificam como evangélicos... [porém] reconhecem a existência de uma grande lacuna entre o que lhes foi ensinado a respeito de Deus e o que aprenderam por meio de sua experiência... [Então] todos eles tiveram um encontro com Deus, dramático na maioria das vezes, que os tomou de surpresa".[75]75

Os testemunhos apresentados no livro descrevem histórias de homens e mulheres cuja teologia *era* vazia, restringente, reacionária e, em alguns casos, totalmente falsa. Eles aderiram intelectualmente à verdade, que não surtiu efeito em sua experiência. Agora, procuram experiências e desejam construir sobre elas um novo sistema de verdade.

E, pior do que isso, por haverem falhado em achar a realidade na verdade que aceitaram apenas com a mente, recusam-se a crer em qualquer um que tenha passado por experiências genuínas de mudança de vida em resposta às mesmas verdades que consideram

74 Ibid. p. x.

75 Wimber, John. In: Springer, Kevin. (Ed.). *Power encounters*. San Francisco: Harper & Row, 1988. p. xxxii. Prefácio.

"vazia" e "restringentes". Acreditam que as pessoas que insistem na sã doutrina apenas condenam a possibilidade de qualquer experiência ou encontro legítimo com Deus. Visto que não se esforçaram para entender o poder de Deus em resposta à verdade bíblica objetiva, concluíram o que o *verdadeiro* poder de Deus se manifesta em outro lugar — por meio de experiências místicas, miraculosas e sensacionais. Embora afirmem seu compromisso com a teologia evangélica, desprezam-na como impotente e inerentemente defeituosa.

Alegam que até a conversão, sem os milagres, é falha. Pessoas que respondem ao evangelho sem os sinais e maravilhas "não encontram o poder de Deus; portanto, não chegam à fé madura. Uma vez que existe algo inadequado em sua experiência de conversão, o crescimento subseqüente é retardado".[76]

Além da arrogância absoluta dessa afirmação, o perigo que ela apresenta é grande. Quase tudo o que o Novo Testamento afirma sobre sinais e maravilhas, nos últimos dias, tem relação direta com falsos mestres que usarão milagres para enganar. Jesus disse: "Surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito" (Mt 24.24-25; cf. 7.22-23; 2 Ts 2.3, 8-9).

Não se deixe levar pela Terceira Onda. Lembre-se de que os sinais e maravilhas não constituem o teste verdadeiro que nos faz saber se qualquer pessoa ou movimento procede de Deus; o teste verdadeiro é a doutrina que se conforma à Palavra de Deus. E a maior expressão do poder de Deus no mundo hoje não é um sinal ou maravilha espetacular e incomum, e sim a piedade tranqüila de uma vida controlada pelo Espírito.

76 _____. *Power evangelism*. San Francisco: Harper & Row, 1986. p. 46.

Capítulo 7

Como atuam os dons espirituais?

Benny Hinn derruba pessoas com o poder do Espírito. Quando ele sente que "a unção" vem sobre suas mãos, ele toca seus seguidores na testa ou simplesmente acena com a mão, e eles caem desmaiados. Hinn, pastor do Orlando Christian Center apresenta um programa de televisão (transmitido para todos os Estados Unidos) em que pessoas são derrubadas pelo poder do Espírito, quase todas as semanas. Às vezes, Hinn "libera a unção" sobre todo o auditório, fazendo com que a maioria do público presente caia de costas.

Essa capacidade de Benny Hinn é um dom espiritual único, ou ele usa apenas técnicas de hipnose e o poder da sugestão? Com certeza, à luz das advertências bíblicas de Mateus 7.21-23, 24.24, Marcos 13.22 e 2 Tessalonicenses 2.7-9, não podemos presumir, imediatamente, que todos aqueles que realizam sinais e maravilhas receberam poder da parte de Deus para fazê-los. As imitações satânicas e o charlatanismo constituem uma ameaça real à igreja. Todavia, uma coisa é certa: o que Benny Hinn realiza não se assemelha a nenhum dos dons que as Escrituras descrevem.

A prática carismática de derrubar pessoas no Espírito tornou-se tão comum, que os carismáticos podem surpreender-se ao aprenderem que a Bíblia não diz nada sobre essa habilidade. Não existem relatos de apóstolos ou líderes da igreja primitiva com a capacidade de nocautear pessoas, mantendo-as em uma catalepsia cheia do Espírito. No entanto, a prática tipifica a obsessão do movimento carismático por habilidades paranormais que são apresentadas em público e produzem muita comoção.

Dons espirituais e a mente humana

Desde os primeiros dias do pentecostalismo, a procura por manifestações incomuns e espetaculares dos dons espirituais tem sabotado a racionalidade do movimento. Como ressaltamos em todo este livro, relatos de fenômenos místicos inexplicáveis — e até inadmissíveis — abundam na tradição pentecostal e carismática. Parece que nenhum relato é fantástico demais para receber aceitação imediata.[1] Muitos crêem que o poder de Deus pode ser demonstrado apenas de modo sobrenatural, misterioso ou ilógico. Em decorrência disso, alguns carismáticos desdenham da lógica, da razão e do bom senso, no ímpeto de aceitar todos os relatos.

E, pior que isso, todo o movimento absorveu o conceito errôneo de que a verdadeira espiritualidade tem de transcender ou ultrapassar os sensos racionais das pessoas. Supõe-se que os dons espirituais agem mediante a suspensão da faculdade humana de raciocínio. Alguém pode pensar que a evidência mais forte do poder do Espírito Santo ocorre quando alguém se torna letárgico. Assim, a tradição do movimento carismático está repleta de relatos escandalosos de comportamentos semelhantes a transes, ataques, mensagens subliminares, hipnoses, animação suspensa, delírios, histeria e demência. Eles são bastante citados como provas de que Deus age no movimento.

---

1 "Não há dúvida de que o ensino carismático resulta em considerável diminuição da credulidade de seus adeptos... A prática das línguas, o ato de relegar a capacidade de entendimento a uma posição inferior, a dieta de milagres e a subjetividade extrema do pensamento carismático unem-se para produzir esse efeito, de modo rápido e inevitável. Tão logo as pessoas tenham sido condicionadas mentalmente pelo ambiente carismático, elas são capazes de levar a sério idéias admiráveis como as de Oral Roberts, que disse ter recebido uma visão de Jesus em que Ele tinha cerca de 300m de altura. As práticas carismáticas afrouxam tanto a mente das pessoas, que estas passam a acreditar em quase tudo". (Masters, Peter; Whitcomb, John C. *The charismatic phenomenon*. London: The Wakeman Truth, 1988. p. 67.)

Kenneth Hagin, por exemplo, afirma que certa noite, enquanto pregava, foi envolvido por uma nuvem de glória e perdeu a consciência de onde estava e do que falava. "Não sei uma palavra do que disse durante quase quinze minutos. Permaneci na nuvem de glória. Quando percebi estar andando à volta do altar, senti-me tão envergonhado, que meu rosto avermelhou; voltei à plataforma, fiquei atrás do púlpito e disse: 'Amém. Vamos orar'. E fiz o apelo".[2]

"Às vezes, quando prego", Hagin escreveu, "O Espírito de Deus vem sobre mim, cativa minha atenção, e não posso dizer uma palavra em inglês".[3] Ele prossegue e narra um incidente ocorrido enquanto ministrava com Fred Price: ele foi atingido pelo que acredita ter sido uma "unção", no culto. Hagin afirmou que foi incapaz de comunicar-se em inglês durante várias horas.[4]

Ele também contou esta história:

> A irmã Maria Woodworth-Etter foi uma das primeiras evangelistas do movimento pentecostal neste país. Li o relato de um jornal sobre o que aconteceu em St. Louis, pouco antes de 1920. Ela tinha cerca de setenta anos e pregava em uma tenda repleta de gente. No meio do sermão, ela estava com uma das mãos elevada, para ilustrar um ponto, e a boca aberta, quando o poder de Deus lhe sobreveio.
>
> Ela ficou parada nessa posição, como uma estátua, por três dias e três noites. Pensem nisso: todo o seu corpo devia estar sob o controle do Espírito de Deus. Ela não exerceu nenhuma função do corpo nos três dias em que permaneceu parada.
>
> Segundo o relato do jornal, estima-se que, no período de três dias, mais de 150.000 pessoas estiveram lá, para vê-la. Na terceira noite, o Espírito de Deus liberou-a. Ela pensava encontrar-se na mesma noite e no mesmo sermão e continuou a pregar no ponto em que parara.[5]

---

2 Hagin, Kenneth E. *Understanding the anointing*. Tulsa: Faith Library, 1983. p. 48.
3 Ibid. p. 82.
4 Ibid. p. 82-83.
5 Hagin, Kenneth E. *Why do people fall under the power?* Tulsa: Faith Library, 1983. p. 4-5. Embora Hagin faça menção um artigo de jornal que comprova o relato, ele não confir-

É difícil entender por que alguém presumiria que esse comportamento manifesta o poder de Deus. Não há nada remotamente parecido com isso na Escritura — a menos que se considere a mulher de Ló. E, para não ser superado, Hagin tenta eclipsar o relato com uma de suas experiências:

> Certa noite, uma menina de dezesseis anos ficou cheia do Espírito; começou a falar em outras línguas, passou a interceder e, com as mãos levantadas, permaneceu no mesmo lugar durante oito horas e quarenta minutos. Ela não piscou os olhos nem mudou seu peso de um pé para o outro.
>
> Era o mês de janeiro, e a menina estava longe do aquecedor. Sua mãe, preocupada com seu congelamento, perguntou-me se seria correto movê-la para mais perto do calor, que estava no meio do sala.
>
> "Eu não sei", respondi. Nunca vi algo parecido com isso.
>
> O pastor, que pesava mais de 110 quilos, disse: "Irmão Hagin, o senhor pega em um dos cotovelos dela, eu pegarei no outro, e a aproximaremos do calor".
>
> Entretanto, não conseguimos movê-la. Ela parecia estar pregada no chão.[6]

Hagin continuou:

> Outra noite, enquanto fazíamos o apelo, senti o poder de Deus descer sobre uma das mulheres. Ela começou a exortar os outros a que fossem salvos. Eu disse: "Irmã, continue e obedeça a Deus".
>
> Com os olhos fechados, ela parou sobre a plataforma e começou a

---

ma a sua alegação com citações específicas. Eu não encontrei nenhuma referência a esse incidente sobre Maria Beulah Woodworth-Etter nas contribuições de Wayne E. Warner ao *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements* (Burgess, Stanley M.; McGee, Gary B. Grand Rapids: Zondervan, 1988. p. 900-901). Entretanto, Warner relatou que a Sra. Woodworth-Etter "freqüentemente entrava em transe... nos cultos, permanecendo como uma estátua por uma hora ou mais, com os braços levantados, enquanto o culto continuava... Ela era chamada a "evangelista do transe". Posteriormente, ela passou a ser designada "sacerdotisa da cura divina" e "sacerdotisa vodu". Uma acusação freqüente era a de que ela hipnotizava as pessoas. Dois médicos de St. Louis tentaram acusá-la de insanidade durante um culto realizado ali em 1890" (ibid., p. 901). O relato de Hagin está repleto de sinais de lenda, aumentados com o passar do tempo.

6 Ibid. p. 9-10.

andar de um lado para o outro, encorajando os pecadores a serem salvos. Ela caminhava até ao fim da plataforma, mas, quando pensávamos que ela ia descer, ela voltava ao mesmo lugar. Pessoas começaram a se aproximar da plataforma. Os olhos dela estavam fechados, mas, sempre que alguém se aproximava, ela dava uns passos de dança, por causa da alegria. Então, ela voltava a exortar. Ao aproximar-se a vigésima pessoa — todos os pecadores presentes foram salvos naquela noite. Deus é minha testemunha, minha mulher pode testemunhar, e cada pessoa presente naquele lugar pode dar seu depoimento, ela começou a dançar bem na parte final da plataforma. Todas as pessoas viram isso. Ela começou a levitar dançando! Seus pés não tocavam o assoalho. Todos viram. Eu poderia ter ido até lá e tocado nela. Então, ela voltou a dançar sobre a plataforma, até ao outro extremo, parou, abriu os olhos e desceu.[7]

Francamente, isso parece mais uma cena de filme de terror do que um milagre genuíno. Levitação, estado alterado da mente, pés pregados no chão — esses são instrumentos ocultistas, e não dons espirituais genuínos.[8]

Não escolhi exemplos isolados ou atípicos. E não são apenas evangelistas simplórios ou antiquados que relatam esses espetáculos. Quase todos os principais segmentos do movimento carismático apresentam histórias como essas. Até o movimento da Terceira Onda, apesar de seus fortes laços com a comunidade acadêmica, demonstra uma propensão definida em relação aos sinais e maravilhas, uma propensão em que o intelecto humano é desligado. Carol Wimber descreveu a "experiência determinante" que impulsionou a igreja de seu marido ao evangelismo de poder. Em uma noite de

7 Ibid. p. 10-11.

8 Conforme escreveram Peter Masters e John Whitcomb: "Se os cristãos acreditam nas afirmações não comprovadas dos líderes carismáticos contemporâneos, eles poderão crer em qualquer coisa! Se crêem nas lorotas absurdas e extravagantes desses *artistas* extrovertidos e espiritualmente enganados, como se oporão aos prodígios de mentira realizados pelo Diabo na apostasia final?" (*The Charismatic Phenomenon,* p. 68).

domingo, no Dia das Mães de 1981, um jovem que John Wimber convidara para pregar deu o seu testemunho. No final da mensagem, o preletor convidado chamou à frente do púlpito todos os jovens que tinham menos de vinte cinco anos:

Nenhum de nós tinha a menor idéia do que aconteceria em seguida. Quando os jovens pararem em frente do púlpito, o pregador disse: "Há vários anos esta igreja tem entristecido o Espírito Santo, mas Ele a está restaurando. Vem, Espírito Santo".

E Ele veio.

A maior parte desses jovens havia crescido na vizinhança de nossa casa, e os conhecíamos bem — tínhamos quatro filhos cuja idade variava entre dezoito e vinte quatro anos. Tim, um dos colegas deles começou a pular. Passou a mover os braços bruscamente e caiu; na queda, uma de suas mãos atingiu, por acidente, o pedestal de um microfone, levando-o consigo. TIM estava enrolado com o fio do microfone, ficando este bem perto da boca. Em seguida, ele começou a falar em línguas; o som espalhou-se por toda a quadra de esportes (naquele tempo nos reuníamos em uma escola de ensino médio). Jamais havíamos nos considerado carismáticos; e nunca havíamos enfatizado o dom de línguas. Tínhamos visto algumas pessoas tremerem e caírem; presenciamos curas, mas isso era diferente. A maioria dos jovens estava tremendo e caindo. Em dado momento, o ambiente parecia um campo de batalha: corpos em todo os lados, pessoas chorando, gemendo, falando em línguas, muitos gritos e muito barulho. Ali estava Tim, em meio a tudo isso, balbuciando ao microfone.[9]

Esse tipo de caos pode ser aceito como prova da ação de Deus? A princípio, até John Wimber pareceu hesitar. "Ele passou a noite lendo as Escrituras e os relatos históricos dos avivamentos", relatou a Sra. Wimber. "Ele temia fazer algo que não estivesse explicitamente descrito na Bíblia".[10] Um temor saudável, mas Carol Wimber

9 Wimber, Carol. A hunger for God. In: Springer, Kevin. (Org.) *Power encounters*. San Francisco: Harper & Row, 1988. p. 12.
10 Ibid. p.13.

afirmou que o estudo de seu marido, durante a noite, "não o fez chegar a respostas conclusivas".

> Por volta das 5h da manhã, John estava desesperado. Ele clamou a Deus: "Se isto procede de Ti, dize-me, por favor". Um pouco depois, o telefone tocou, e um pastor, amigo nosso, da cidade de Denver (Colorado), estava na linha. Ele disse: "John, desculpe-me por ligar tão cedo, mas tenho algo muito estranho para lhe dizer. Não sei o que isso significa, mas Deus quer que eu lhe diga: 'Isto procede de mim, John'".
>
> Isso era tudo o que John precisava. Ele não precisava entender o motivo por que as pessoas tremeram ou por que tudo aquilo acontecera; só necessitava saber que o Espírito Santo o fizera.[11]

Que pena! Se John Wimber tivesse continuado a ler a Escritura, poderia ter visto que o apóstolo Paulo reprovou os crentes de Corinto por permitirem uma cena não muito diferente da comoção ocorrida na igreja de Wimber: "Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão, porventura, que estais loucos?... Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (1 Co 14.23, 40). É evidente que somente a Palavra de Deus é o teste confiável desses assuntos e que a leitura honesta da Escritura teria dado a Wimber a resposta inequívoca que ele procurava. Entretanto, Wimber recebeu o conselho de um telefonema inesperado. A chamada telefônica pode ter sido um ardil de Satanás. Wimber, porém, decidiu que não precisava entender o que aconteceu na igreja; não tinha necessidade de harmonizá-lo com a Escritura; não precisava compreendê-las. Ele recebeu um sinal místico, e isso lhe foi suficiente. Pôs de lado seus temores acerca dos fenômenos extrabíblicos, decidindo, após uma noite de estudos, que a Escritura não tinha respostas definitivas; por isso, optou pela aceitação de um sinal místico como conclusivo.

11 Ibid.

Dons espirituais ou desventuras espirituais?

Essa tendência carismática de deixar de lado o intelecto e permitir que o misticismo atue sem restrições é a essência de tudo aquilo contra o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 14. Ali, condenando o mau uso do dom de línguas na igreja de Corinto, o apóstolo afirmou que todo o ministério dos dons espirituais na igreja deve ter como alvo a *mente* das pessoas: "Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua" (v. 19). O princípio aplica-se a todos os dons espirituais: "Assim, também vós, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da igreja" (v. 12).[12] "Deus não é de confusão, e sim de paz" (v. 33).

Entretanto, confusão e caos são predominantes nos encontros carismáticos. Norvel Hayes descreveu um incidente em que supostamente curou um homem de surdez:

> O homem tombou para frente, de rosto ao chão. Talvez você tenha pensado que ele quebrou os dentes, mas isso não aconteceu. Então, ele deu um pulo e caiu outra vez. O impacto poderia ter-lhe quebrado o nariz, mas isso não ocorreu.
>
> De novo, ele saltou e caiu. Desta vez, ele ficou imóvel quase um minuto. A seguir, abriu a boca e um som um pouco estridente, parecido com o grunhido de um rato, saiu. O som aumentou, parecendo o de uma ratazana, até assemelhar-se ao grito de uma hiena.
>
> Pouco depois, o homem balançou a cabeça e levantou-se do chão. Ele agia

12 "Sempre que a palavra traduzida por *edificar* é usada no Novo Testamento grego, o contexto está relacionado ao aprendizado de alguma verdade tangível, dissipadora de mistérios, superstições e confusões. A edificação pode ser acompanhada de palavras de instrução, encorajamento, testemunho ou mesmo pelo poder do exemplo, mas em cada caso uma lição definida e descritível é recebida pelos beneficiários, para que o entendimento seja edificado (cf. Rm 14.19; 15.2; 1 Co 8.1; 10.23; 14.3,12; 2 Co 10.8; 12.19; 13.10; Ef 4.12-16, 1 Ts 5.11; 1 Tm 1.4,5)". Masters, Peter; Whitcomb, John C. *The charismatic phenomenon*. London: The Wakeman Truth, 1988. p. 50- 51.

com se a cabeça houvesse sido acertada por um pedaço de pau, mas seus ouvidos se abriram, e o nó em seu estômago sumiu!

...[As pessoas] saíam de onde estavam assentadas e começaram a correr em minha direção, dizendo: "Ore por mim!"

Quando estendi a mão e comecei a orar, parecia que o vento de Deus estava em minhas mãos! Pessoas estavam deitadas por todo o chão, incluindo os pastores da denominação. Deus batizou-os no Espírito Santo; e, no momento em que caíram ao chão, começaram a falar em línguas.[13]

Hagin conta uma série de histórias incríveis sobre curas incomuns que ele realizaou, quando "unções particulares" se manifestaram em seu ministério:

Várias vezes a unção me sobreveio para eu realizar coisas incomuns, enquanto orava pelos doentes. Às vezes, isso acontecia cinco ou seis vezes seguidas.

A primeira ocorrência foi em 1950. Eu pregava em Oklahoma. Uma mulher aproximou-se para receber oração. Ela disse ter 72 anos de idade, mas parecia estar a ponto de dar à luz. Evidentemente, ela sofria de um tumor.

Impus-lhe as mãos para orar, quando a Palavra do Senhor chegou-me, dizendo: "Bata no estômago dela com o punho".

Em meu interior respondi: "Senhor, tu me colocarás em apuros, se eu bater no estômago dessa mulher com o punho! Não creio que desejo fazê-lo!"

Bem, se você ficar questionando, a unção o deixará — voará como um pássaro para longe de você, depois de haver pousado em seu ombro. E ela me abandonou.

Ao deixar-me, pensei: *Bem, continuarei ministrando com a imposição de mãos.* Impus minhas mãos sobre ela outra vez, a unção retornou, e a palavra do Senhor veio mais uma vez: "Bata no estômago dela com o punho".

Decidi que era melhor parar e explicar à multidão, antes de fazê-lo. Portanto, disse-lhes o que o Senhor me informara e bati no estômago dela. Deus e centenas de pessoas são minhas testemunhas de que o estômago murchou, como se uma agulha tivesse esvaziado um balão.[14]

---

13 Hayes, Norvel. *What to do for healing.* Tulsa: Harrison, 1981. p. 13-14.

14 Hagin, Kenneth E. *Understanding the anointing*. Tulsa: Faith Library, 1983.

Hagin falou sobre outro homem a respeito do qual ele foi instruído a que batesse em sua cabeça e sobre uma universitária em quem ele teve de bater no rim.[15] Essas táticas são indubitavelmente perigosas, em especial quando se trata de pessoas idosas e fracas; no entanto, muitos carismáticos que ouvem os relatos de Hagin tentarão, sem dúvida, imitar-lhe os métodos.

Uma senhora de 85 anos que se apresentou a Benny Hinn, para receber a cura por meio do seu toque, morreu após alguém ser "derrubado no Espírito" e cair sobre ela, fraturando seu quadril. A família da mulher processou Hinn, pedindo uma indenização de cinco milhões de dólares.[16]

De modo geral, o caos carismático não é fisicamente mortal,[17] mas o movimento possui muitos casos de desventuras *espirituais*. Recebi uma carta de um homem cuja mulher havia sido enredada por um grupo de carismáticos. Ele escreveu, desconsolado, pedindo aconselhamento: "Ela se envolveu com um grupo de mulheres carismáticas que a convenceram de que eu não era salvo, porque não falava em línguas, etc. ... Por fim, ela me abandonou e deu início, há dois meses, ao processo de divórcio. Em breve, o casamento será desfeito".

---

p. 114-115.

15 Ibid. p. 116-117.

16 Elderly Woman 'Killed' by a Person 'Slain in the Spirit' Falling on Her. *National & International Religion Report,* Sept. 1987, p. 4.

17 A taxa de mortalidade pode ser mais elevada em igrejas que lidam com serpentes. Os manipuladores de serpentes são carismáticos que interpretam de forma equivocada as palavras de Marcos 16.17-18 (ver Capítulo 4). Charles Prince, de Canton (Carolina do Norte), era um pregador e manipulador de serpentes que desafiava as autoridades estaduais e realizava cultos públicos nos quais serpentes eram tocadas e seu veneno, ingerido. Prince morreu em agosto de 1985, após ser picado por uma cascavel e ter bebido estricnina, em um culto em Greenville (Tennessee). Quase todos os anos a mídia apresenta casos de manipuladores de serpentes que morrem por envenenamento ou picadas. É um alto preço a pagar por uma interpretação errada da Escritura.

Pais preocupados escreveram à nossa igreja, em busca de aconselhamento. A filha deles envolvera-se numa oficina de dons espirituais de uma igreja da Terceira Onda. A mãe escreveu:

> Em dezembro de 1989, [ela] começou a falar em línguas. Pouco tempo depois, iniciaram-se visões de anjos. Sempre havia um anjo com armadura à porta de sua casa e outro na sala de estar. Ele possuía asas compridas. Ela disse ter pedido a Deus que mandasse para protegê-la, enquanto o marido estivesse fora, viajando a negócios.
>
> Poucos meses depois, ela começou a ver demônios também. Certa noite, um demônio parecido com um macaco sentou-se sobre a cabeça de seu marido e assobiou para ela. Enxerga outros demônios subindo em carros e telhados e alguns lutando contra anjos. Às vezes, ela vê trevas à volta de certas pessoas. Ela crê que essas visões são um dom outorgado por Deus...
>
> Quando eu lhe disse que provasse os espíritos, ela se irritou... Afirmou que o Senhor lhe disse: "Sim, sou eu, o Senhor". No entanto, eu creio tratar-se de demônios! Eu lhe disse que lesse a Bíblia; ela respondeu que lê a Escritura apenas quando o Espírito Santo lhe dá essa convicção.
>
> Nós a visitamos... e participamos de um dos encontros [do grupo]. Estava presente um profeta... de Kansas City. Ele disse alguma coisa sobre o passado, presente e futuro de quase todos os presentes na sala — algumas coisas eram incrivelmente verdadeiras, e outras ainda não aconteceram. [Nossa filha] deseja agora desenvolver o dom por si mesma; às vezes, é capaz de enxergar o pecado das pessoas escrito na testa. Em seguida, ela expulsa o demônio.
>
> Desde que eu lhe disse que provasse os espíritos, como a Bíblia nos adverte... ela não me diz mais o que vê. Sinto que existe uma barreira entre nós.

À semelhança de muitos carismáticos, essa jovem começou a crer que suas experiências sobrepujam o estudo da Bíblia e o discernimento espiritual. Ela se sente mal com o conselho bíblico da mãe e o recusa (cf. 1 Jo 4.1: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora"). Por que ela deveria ouvir a súplica da mãe, incapaz de *enxergar* os seres do mundo espiritual? Por que ela deveria receber o ensino de *alguém* cuja única fonte de

revelação da verdade é a Escritura? Essa jovem crê que possui um relacionamento superior com o Espírito Santo, e a única porção de Bíblia necessária em sua vida são versículos isolados que, às vezes, Ele lhe traz à mente. Enquanto isso, ela se comunica com todos os tipos de espíritos e os vê. Ela *sabe* que alguns deles são demoníacos e não sente necessidade de provar os outros. Tenta desenvolver poderes extra-sensoriais. Se houvesse uma receita para a calamidade espiritual, ela a teria encontrado.

O movimento carismático provoca catástrofe espiritual justamente porque desestimula as pessoas a discernirem a verdade por meio do uso da Escritura e da razão. Em vez disso, a verdade é estimada apenas de modo subjetivo e, não raro, por meio de sinais, maravilhas e outros meios místicos. Kenneth Hagin explica seus critérios para separar os verdadeiros e os falsos dons espirituais:

> Quando *Deus* atua, todos são abençoados.
> Se algo é da *carne*, todos terão ficarão perturbados.
> E, se algo procede do *Demônio*, os pêlos do pescoço ficam eriçados.
> Esta é uma maneira simples pela qual todas as pessoas serão capazes de julgar, quer possuam algum discernimento espiritual, quer não.[18]

Quer possuam algum discernimento espiritual, quer não. Eis a declaração mais explícita, da parte de um dos principais mestres carismáticos, que define exatamente o que está errado no misticismo carismático. O discernimento espiritual é considerado desnecessário. De acordo com Kenneth Hagin, você pode discernir o que verdadeiro, carnal e demoníaco mediante um processo que é apenas um sistema simples de reação corporal.

Os carismáticos ouvem a mesma mensagem repetidamente: Deixe de lado a sua mente, ignore a razão, atente a seus *sentimen-*

18 Hagin, Kenneth E. *Learning to flow with the Spirit of God*. Tulsa: Faith Library, 1986. p. 23.

tos.[19] Esse tipo de misticismo extremado, como vimos, contradiz o ensino bíblico a respeito do verdadeiro discernimento espiritual.

Os dons espirituais não devem produzir caos e desordem irracional nas igrejas. Tampouco eles são dados apenas para serem exibidos. Eles foram concedidos para edificar o corpo local, e não os indivíduos que os receberam (1 Co 14.4,5,17,26). Quando vemos alguém usando o dom de forma egoísta ou exibicionista, sucumbindo ao deslumbramento espiritual ou colocando outras pessoas em um estado de inconsciência, podemos ter certeza de que, independentemente do que ele está fazendo, ele não está usando um dom legitimamente espiritual.

Não se engane, muitos dons falsos estão sendo aceitos como legítimos, resultando não na edificação da igreja, e sim na divisão do corpo.

Dons na igreja de Corinto

Observemos com detalhes o que o apóstolo Paulo tinha a dizer em 1 Coríntios sobre o uso equivocado dos dons espirituais. O abuso dos dons se tornara um problema em Corinto, como ocorre hoje no movimento carismático. Paulo, que fundara essa igreja na segunda vigem missionária (At 18), estava particularmente interessado na saúde espiritual e na vida dos crentes de Corinto. Ele passara dezoito meses em Corinto, estabelecendo a igreja e protegendo-a dos inimigos externos e internos.

Quando Paulo a deixou, outros pastores vieram para ministrar à igreja. Alguns deles destacaram-se, e outros ficaram muito conhecidos. Infelizmente, depois de poucos anos após a partida de Paulo,

19 Kenneth Copeland escreveu: "Os crentes não devem ser guiados pela lógica. Não devemos ser guiados nem mesmo pelo bom senso... O ministério de Jesus nunca foi governado pela lógica ou pela razão" (*The force of faith*. Ft. Worth: Kenneth Copeland Ministries, [19--]. p. 10).

vários problemas de ordem moral e espiritual surgiram na igreja de Corinto. A situação era tão séria, que a primeira carta de Paulo aos crentes de Corinto lidou exclusivamente com essas dificuldades. Divisões, culto à personalidade, facções, comprometimento moral e outros males perigosos afligiam a igreja. A carnalidade era mais valorizada que a espiritualidade. Perversões sexuais, fornicação, incesto e adultério eram tolerados, o mundanismo e o materialismo estavam presentes. Membros da igreja processavam uns aos outros em tribunais seculares. Uma facção promovia rebelião contra a autoridade apostólica. A igreja falhara completamente na tarefa de disciplinar o membro que incorrera em uma transgressão seriíssima. Havia muitos conflitos conjugais, e o papel dos solteiros era mal interpretado. Abusava-se da liberdade, a idolatria era praticada, o egoísmo imperava, o orgulho era comum, até mesmo a adoração a demônios se infiltrara. As pessoas abusavam dos papéis que Deus outorgara aos homens e às mulheres, menosprezavam a Ceia do Senhor e desonravam a celebração do amor. Em meio a tudo isso — como poderíamos esperar em ambientes assim — os dons espirituais eram pervertidos, usados erroneamente e corrompidos.

Essa era uma igreja corrompida. Seus membros trouxeram à igreja os pecados e falácias de sua existência como pagãos. O problema dessa igreja não era a *falta* de dons espirituais. Em 1 Coríntios 1.7, Paulo lhes disse: "Não vos falte nenhum dom". O problema da igreja de Corinto era *como* utilizar os dons e como distinguir os verdadeiros dons e os dons artificiais e demoníacos. Isso era especialmente verdadeiro no que diz respeito ao dom de línguas.

Portanto, uma grande seção da epístola (1 Co 12—14) debate a questão dos dons espirituais. Os crentes de Corinto tinham muitos conceitos errados sobre o Espírito Santo. À semelhança dos carismáticos modernos, eles tendiam a equiparar a atuação do Espírito com atividades de êxtase, involuntárias, frenéticas ou misteriosas. Qualquer pessoa podia levantar-se na igreja de Corinto e apresentar

uma mensagem em outra língua, ou, talvez, entregar uma profecia, ou dar uma interpretação. Quanto mais agitada a pessoa, tanto mais piedosa e espiritual era considerada.

Paganismo em Corinto

O desejo de ser visto e reverenciado como "espiritual" era o motivo por que o dom de línguas foi explorado e pervertido em larga escala. Alguns crentes valiam-se do discurso em estado de êxtase, como se este fosse o verdadeiro dom de línguas. O que faziam não podia ser identificado com qualquer habilidade humana normal; por isso, foi identificado como procedente de Deus.

Não é difícil entender como isso pôde acontecer. Desde o início, quando Paulo pregou o evangelho pela primeira vez entre os coríntios, o Espírito Santo realizara coisas estupendas entre eles. Ou seja, tinham o conhecimento de que o Espírito Santo estava atuando. No entanto, os problemas começaram quando os coríntios passaram a confundir obra do Espírito Santo com as práticas místicas conhecidas nas religiões pagãs. A não ser por um pequeno grupo de judeus que faziam parte da igreja desde a fundação, a maior parte dos coríntios fora salva do paganismo.

O paganismo era predominante em Corinto. A cidade era permeada pela cultura grega, enamorada da filosofia. Os coríntios se deleitavam em comentar os mais variados filósofos e chegavam a adorá-los. Essa é a origem do sectarismo e das divisões mencionadas por Paulo em 1 Coríntios 1.11-12.

No entanto, é provável que Corinto fosse mis conhecida pela imoralidade sexual. O nome da cidade foi transformado em verbo. "Corintizar" significava relacionar-se sexualmente com prostitutas. Corinto era conhecida, em todo o mundo, por suas perversões e exageros sexuais. De acordo com o comentarista bíblico William Barclay:

Acima do istmo, elevava-se a colina da acrópole, e nela estava o grande templo de Afrodite, a deusa do amor. Ao templo estavam ligadas mil sacerdotisas, prostitutas cultuais, que à noite desciam da acrópole e aplicavam-se à sua ocupação, nas ruas de Corinto, tornando-se um fato proverbial: "Nem todos os homens têm condições de ir a Corinto".[20]

Infelizmente, o mesmo tipo de falta de moralidade infiltrou-se na igreja de Corinto. No capítulo 5, Paulo repreendeu igreja porque um de seus membros vivia de modo pecaminoso com a mulher de seu pai. Os casamentos estavam em perigo, e essa foi a razão por que o apóstolo Paulo gastou tanto tempo no debate sobre o casamento, em 1 Coríntios 7.

A influência das religiões de mistério

A todo momento, a vida anterior dos crentes de Corinto lutava contra eles. Uma das maiores ameaças era a influência permanente das religiões de mistério, anteriormente praticadas por eles. Por mais de mil anos essas religiões haviam dominado aquela parte do mundo.

As religiões de mistérios assumiram muitas formas diferentes, retrocedendo a milhares de anos. Diversos ensinos e superstições que essas religiões propagavam eram comuns a cada uma de suas ramificações. Evidentemente, todas elas estavam interligadas por doutrinas comuns. A evidência aponta para a mesma origem: Babilônia.[21] Todo falso sistema de adoração originou-se nas religiões de mistério da Babilônia, pois todos esses falsos sistemas religiosos começara na torre de Babel. Babel é a primeira representação da religião falsa, sofisticada e

20 Barclay, William. *The letters to the corinthians*. Philadelphia: Westminster, 1975. p. 3.

21 Ver, por exemplo, Hislop, Alexander. *The two babylons*. Neptune, N.J.: Loizeaux, 1959. Reimpressão.

organizada (cf. Gn 11.1-9). Ninrode, neto de Cam e bisneto de Noé, foi o patriarca apóstata que organizou e dirigiu a construção da torre (10.9-10). Parte do esquema consistia no estabelecimento de um sistema de religião falso, uma imitação da verdadeira adoração a Deus. Desde essa época, todo falso sistema de religião possui laços filosóficos e doutrinários relacionados à apostasia da torre de Babel. Por quê? Porque Deus, ao julgar as pessoas que construíram a torre de Babel, espalhou-as pelo mundo. Elas levaram consigo as sementes da falsa religião iniciada em Babel. E, onde quer que tais pessoas se estabeleciam, praticavam alguma forma da falsa religião de Babel. Eles a adaptavam, alteravam, faziam-lhes acréscimos; mas todas as falsas religiões subseqüentes provêm da religião de Babel. A heresia babilônica permanece viva até hoje e, de acordo com Apocalipse 17.4, predominará no período de tribulação, no fim dos tempos. O apóstolo João descreveu ali uma mulher blasfema, vestida de púrpura e escarlata — Babilônia, a mãe das meretrizes, com a qual os reis da terra se prostituíram — repleta de nomes de blasfêmia.

É claro que em um centro comercial sofisticado, como a cidade de Corinto, as pessoas conheciam e praticavam diversas religiões de mistério. Tal como as falsas religiões contemporâneas, esses grupos praticavam ritos e liturgias sofisticados que incluíam regeneração batismal, sacrifícios pelos pecados, banquetes e jejuns. Os adeptos das religiões de mistério também praticavam a automutilação e castigos corporais. Criam em peregrinações, confissões públicas, ofertas, abluções religiosas e penitência para a remissão de pecados.

No entanto, talvez nenhum outro aspecto era mais característico das religiões de mistério que a experiência chamada de "êxtase". Seus adeptos procuravam manter a comunhão mágica e sensitiva com o divino. Eles fariam qualquer coisa para entrar em um estado semiconsciente, alucinatório, hipnótico e orgástico, no qual criam manter contatos sensitivos com uma divindade. Alguns usavam o vinho para auxiliá-los na experiência eufórica, como Paulo deu a entender em Efésios 5.18. Quando os participantes sucumbiam ao

estado de euforia, quer pela intoxicação literal, quer pela excitação emocional, eles pareciam estar drogados. Presumiam estar em união com Deus.

De acordo com S. Angus, ex-professor de Novo Testamento e Teologia Histórica no Saint Andrews College, em Sydney (Austrália), o êxtase experimentado pelo adepto das religiões de mistério levava-o a "uma condição mística inefável em que as funções normais da personalidade eram suspensas, e os esforços morais que formavam os caráter eram aliviados ou relaxados, enquanto os esforços emocionais ou intuitivos eram acentuados".[22] Em outras palavras, o participante chegaria ao estado em que sua mente seria neutralizada, e suas emoções assumiriam o controle. O intelecto e a consciência dariam espaço à paixão, à sensação e à emoção. Isso era o êxtase, uma condição de euforia inebriante. Angus disse mais:

> [O êxtase] podia ser induzido por vigílias ou jejuns, expectativa religiosa, danças de roda, estímulos físicos, contemplação de objetos sagrados, efeito de músicas emocionantes, inalação de vapores, contágio avivalista (como ocorreu na igreja de Corinto), alucinação, sugestão e todos os métodos pertencentes ao aparato dos mistérios... [um escritor antigo] fala sobre homens "saindo se si mesmos, para se fixarem completamente no divino e serem arrebatados".[23]

Quando o adepto da religião de mistério experimentava o êxtase, ele era elevado acima do nível comum da experiência a um estado de consciência anormal. Passava pela sensação de prazer que o fazia crer que seu corpo deixava de ser um empecilho à alma.

De acordo com Angus, o êxtase poderia "variar do delírio anormal à conscientização da unidade com o Invisível e à dissolução da individualidade dolorosa, que caracteriza os místicos de

22 Angus, S. *The mystery-religions and christianity*. New York: Dover, 1975. p. 100-101.
23 Ibid. p. 101.

todas as eras".[24] Em outras palavras, o êxtase poderia emancipar a alma do confinamento no corpo e possibilitar a comunhão do indivíduo com o mundo espiritual. Criava uma extraordinária sensação de leveza. Nesse estado, a pessoa detinha supostamente a capacidade de ver e compreender coisas que apenas os olhos espirituais poderiam contemplar.[25]

Testemunhos de crentes pentecostais e carismáticos descrevem exatamente o mesmo tipo de experiências. É claro que, no caso dos carismáticos que passam por estados de euforia, eles atribuem as experiências a certos dons do Espírito Santo, particularmente o dom de línguas. O testemunho comum é: "É muito bom. Nunca me senti assim antes! *Tem* que ser de Deus". Entretanto, um bom sentimento significa que a experiência procedeu de Deus? Não necessariamente, como aprenderemos com a experiência dos crentes de Corinto.

Visita à Primeira Igreja de Corinto

Quase não há dúvida de que as várias práticas, rituais, atitudes e outros resultados das religiões de mistério infiltraram-se na igreja de Corinto. Com o que se assemelharia uma visita àquela igreja?

Imagine-se visitando, com sua família, essa cidade, no século I, e dirigindo-se à Primeira Igreja de Corinto. Você chega na hora marcada e descobre que as pessoas mais abastadas estavam ali já havia cerca de uma hora e estavam terminando o ágape (cf. 1 Co 11.17-22). Não lhe sobrou nada, e você percebe que grande número de pessoas pobres, que estavam chegando, também não tinham nada para comer.

---

24 Ibid.

25 Para obter mais informações sobre o falar em línguas e êxtases no mundo pagão, ver os seguintes artigos da Enciclopédia Britânica (em inglês): Mystery Religions, Mysteries, Religions of Primitive People e Gift of Tongues. Ver, também, "*Counterfeit Speaking in Tongues*", escrito por A. R. Hay, em *What is Wrong in the Church?* (Audubon, N.J.: New Testament Missionary Union, [19--], v. 2, p. 15-53).

Você observa que os ricos não são apenas glutões (enquanto devoram as últimas porções de comida), mas alguns deles também estão bêbados. Há, portanto, dois grupos: os pobres, sentados de um dos lados da sala, totalmente sóbrios e com o estômago vazio; e as pessoas mais ricas, do outro lado, entupidas de comida e estimuladas pela grande quantidade de vinho. Por causa da divisão, discute-se, e o ambiente não é saudável.

Alguém anuncia o momento da Ceia do Senhor, mas ela também se transforma em zombaria. Quem não tem nada para comer ou beber torna-se glutão. Em seguida, eles passam ao culto, no qual muitas pessoas ficam de pé, gritando e falando ao mesmo tempo. Algumas usam expressões extáticas, enquanto outras tentam entregar profecias e interpretar o que se diz.

Isso descreve aproximadamente a realidade de um domingo comum na Primeira Igreja de Corinto. Agora você entende por que Paulo disse, em 1Coríntios 11.17: "Porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior". O culto inteiro era uma confusão frenética, incoerente e caótica. Paulo escreveu em termos muito contundentes, para tentar restabelecê-los, e usou grande parte da epístola para falar sobre o uso adequado do dom de línguas.

O problema que Paulo enfrentou em Corinto é o mesmo que ainda traz dificuldades para o movimento carismático atual: como diferenciar os dons falsos dos genuínos? Muitos carismáticos dirão que, ao ouvirem alguém se levantar e fazer um pronunciamento em nome de Deus, eles sabem se isso procede de Deus ou não.[26] No entanto, como saber a diferença? Mediante um aspecto: o verdadeiro dom de línguas era a capacidade de falar em uma língua estrangeira (ver Capítulo 10). Nada no Novo Testamento dá a entender que o dom de línguas era um discurso extático. E Deus não concederia um

26 Cf. Hodges, Melvin. *Spiritual gifts*. Springfiled, Mo.: Gospel Publishing House, 1964. Capítulo 4.

dom semelhante ao engano que Satanás usa para manter as pessoas sob o controle das falsas religiões.

Corinto estava repleta de sacerdotes (e sacerdotisas) pagãos, adivinhos e feiticeiros. Pessoas em vários estados de êxtase afirmavam receber o poder e a inspiração dos deuses. E, visto que a igreja de Corinto se tornara carnal, vários tipos de atividades pagãs lhe foram acrescentadas. Um dos motivos para a fácil assimilação era o fato de que os crentes de Corinto esperavam que o Espírito Santo agisse apenas de forma visível, audível e tangível. Criam que o derramamento do Espírito, prometido em Joel 2.28, apenas começara a cumprir-se; por isso, esperavam a ocorrência de fenômenos sobrenaturais.

Os crentes de Corinto sabiam que Jesus falara aos discípulos sobre a vinda do Espírito e que se seguiriam coisas maravilhosas. Sem dúvida, Paulo já lhes falara sobre os acontecimentos surpreendentes no Pentecostes, os primeiros dias da igreja, sobre sua conversão a caminho de Damasco e os sinais impressionantes das duas primeiras viagens missionárias.

Satanás aproveitou-se do entusiasmo daqueles crentes em relação à atuação miraculosa do Espírito Santo. A Primeira Epístola aos Coríntios é uma das cartas mais antigas do Novo Testamento. Ali já existiam problemas preocupantes. Não demorou muito para Satanás enturvar as águas, quando cristãos bem intencionados incorreram em carnalidade, erro e práticas falsas. Grande parte de tudo isso era feito com base na suposição de que todas as ocorrências místicas deviam proceder do Espírito.

Desencaminhados pelos falsos dons

As igrejas carismáticas e pentecostais de nossos dias lutam com várias das mesmas dificuldades enfrentadas pela igreja de Corinto. Vivemos em uma sociedade pagã que exerce forte influência sobre a igreja. Os excessos de carnalidade e o comprometimento moral

infiltraram-se na igreja — e alguns dos mais infames exemplos de imoralidade e corrupção encontram-se nos níveis mais altos da liderança carismática. Existem paralelos inegáveis entre as posturas dos carismáticos contemporâneos e o pensamento que predominava na igreja de Corinto.

Conversei com um líder do movimento pentecostal moderno, e ele me disse: "Você não pode negar minha experiência". Respondi-lhe dizendo: "Bem, deixe-me perguntar-lhe: quando ocorre uma experiência, você sempre sabe, sem duvidar, que ela procede de Deus? Seja honesto".

Ele respondeu: "Não".

"Ela poderia ser realizada por Satanás?", perguntei.

Ele respondeu com relutância: "Sim".

"Então, como você sabe a diferença?".

Meu amigo carismático não tinha resposta.

Esse era exatamente o ponto em que os crentes de Corinto estavam. Eles não sabiam o que procedia de Deus ou não. A obra do Espírito era confundida com os êxtases pagãos. Eles precisavam de ajuda.

Paulo respondeu-lhes: "A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes" (1 Co 12.1). Por que este desejo de Paulo em relação aos crentes de Corinto? Porque, sem o uso correto dos dons, a igreja não poderia ser santa e madura.

Visto que a igreja não pode funcionar de maneira correta sem os dons espirituais, Satanás tenta falsificá-los quando possível. Ele também faz o que pode para causar mal-entendido e fomentar conceitos errados sobre os dons espirituais, a fim de produzir confusão e caos. Isso ocorreu em Corinto e acontece hoje.

As pessoas são enganadas de um modo semelhante ao que Paulo descreveu em 1 Coríntios 12.2: "Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados". Paulo referia-se ao paganismo, do qual os cristãos de Corinto haviam se convertido. Eles eram "conduzidos", vitimados

por um falso sistema. O verbo grego usado nas Escrituras é *apagō* — descreve a condução de alguém para longe, como prisioneiro (cf. Mt 26.57; Jo 19.16).

Parafraseando 1 Coríntios 12.2, Paulo disse aos crentes de Corinto que, quando eles adoravam segundo os moldes do paganismo, eram conduzidos por demônios em êxtases nas religiões de mistério. No entanto, eles estavam introduzindo esses mesmos padrões antigos na igreja e permitiam que demônios invadissem o culto de Cristo. Eram incapazes de distinguir o que era certo e o que era errado, o que era divino e o que era demoníaco. Também estavam tão desejosos de aceitar qualquer coisa sobrenatural, que falharam em distinguir o que era de Deus e o que era de Satanás, resultando em caos absoluto. Em várias circunstâncias, atribuíam os atos de Satanás à obra do Espírito Santo.

Quando eram pagãos, aqueles crentes haviam sido conduzidos a atividades irracionais, extáticas e orgíacas; no entanto, isso não deveria mais ocorrer. A pessoa verdadeiramente espiritual não é a que se submete a transes, êxtases e frenesis emocionais. Quando alguém se encontra fora de controle, isso jamais ocorre por causa do Espírito Santo. Quem alega ter sido derrubado pelo Espírito, pode ter sido "derrubado", mas não pelo Espírito Santo.

Em nenhuma passagem das Escrituras vemos os dons autênticos do Espírito sendo operados por uma pessoa que está fora de controle ou está sob algum tipo de aprisionamento sobrenatural. Nenhuma passagem do Novo Testamento ensina que o Espírito de Deus faz pessoas entrarem em transe, desmaiarem ou se comportarem de maneira frenética. Ao contrário, "o fruto do Espírito é... domínio próprio" (Gl 5.22,23). "Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo" (1 Pe 1.13).

De acordo com 1 Coríntios 12.3, pode-se descobrir algumas coisas bizarras que ocorriam na assembléia de Corinto: "Por isso,

vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo". Essa é uma declaração surpreendente. Parece que alguns crentes professos levantavam-se na reunião e manifestavam, supostamente, os dons do Espírito *amaldiçoando* a Jesus!

É evidente que, se alguém diz: "Jesus é maldito" (anátema), isso não procede de Deus. Parece incrível, mas os coríntios não tinham certeza disso. Por quê? Talvez porque julgavam a genuinidade dos dons espirituais baseando-se nos fenômenos, e não no *conteúdo*? Ou, quem sabe, quanto mais repleta de êxtase e eufória fosse a reunião, tanto mais se parecesse, aos olhos deles, com uma atuação do Espírito Santo? Seja qual for o caso, os crentes de Corinto desceram a um nível tão baixo, que se tornaram incapazes de diferenciar o que provinha do Espírito e o que pertencia a Satanás.

Existem diversas explicações para isso. Talvez a mais provável esteja vinculada à heresia que atuava durante todo a época do Novo Testamento (v. 1 Jo 2.22; 4.2,3). Era a heresia que negava a divindade de Jesus e sua suficiência para salvar. No século II, ela apareceu com força total sob o nome de gnosticismo.[27] Observe que o texto afirma: "Anátema, *Jesus* [não Cristo]!" É possível que na assembléia de Corinto certas pessoas já aceitassem a heresia da separação entre o Espírito de Cristo e o Jesus humano. Esse se tornou o principal ensino gnóstico. O gnosticismo preconizava: quando Jesus foi batizado, o Espírito de Cristo desceu sobre Jesus. E, antes da morte de Jesus, o Espírito de Cristo supostamente O deixou, e Ele morreu como um criminoso amaldiçoado.[28]

27 O gnosticismo negava a realidade do Senhor Jesus Cristo conforme Ele é apresentado na Escritura. Quanto a uma excelente discussão sobre essa heresia, cf. Walls, A. F. Gnosticism. In: Tenney, Merril C. (Org.). *The Zondervan pictorial enclyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1975. v. 2, p. 736, ss.

28 Alguns desses mesmos elementos da heresia gnóstica são repetidos em certos

Esse é o tipo de erro que também pode ter produzido nos crentes de Corinto confusão quanto à ressurreição. É evidente que alguns daqueles crentes duvidavam da ressurreição de Jesus em forma corpórea. Pulo escreveu, para combater essa confusão perniciosa: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé" (1 Co 15.14).

Não importando que doutrinas especificas estavam em perigo, a profundidade da confusão espiritual em Corinto revelou, com certeza, que muitos dos fenômenos extáticos e miraculosos ocorridos em seu meio não eram dons espirituais verdadeiros.

Apenas o que tem valor é falsificado

Na verdade, é evidente que, se pessoas da igreja Corinto diziam: "Anátema, Jesus!", os dons que elas alegavam haver recebido do Espírito Santo eram falsos. Meu pai sempre dizia: "Ninguém falsifica o que não tem valor". Jamais ouvimos falar de papel branco falsificado. As pessoas não falsificam lixo. No entanto, falsifica-se dinheiro, diamantes e jóias. Os falsificadores copiam aquilo que tem valor, pois essa é a única razão por que eles falsificam. Satanás esteve ocupado na igreja de Corinto imitando os dons espirituais e ainda procede do mesmo modo hoje.

Quem pode negar que o movimento carismático sofre dos mesmos problemas espirituais encontrados por Paulo na igreja de Corinto? Muitos carismáticos amam com sinceridade o Senhor e as Escrituras, mas fazem parte de um sistema que possui, em seu cerne, as sementes do mesmo erro que arruinava a igreja de Corinto.

Os não-carismáticos que compreendem essas questões não podem aquiescer, silenciosos, por amor à concórdia exterior. O apóstolo Paulo foi enfático em repreender os crentes de Corinto por

ensinos falsos de carismáticos contemporâneos (ver Capítulo 12).v

abusarem de seus dons espirituais. Ele sabia que o corpo de Cristo sofreria, enquanto os dons do Espírito Santo estivessem sendo falsificados e corrompidos. Satanás confundia as pessoas a respeito dos dons espirituais nos dias de Paulo e ainda o faz hoje. A tragédia de aceitar o falso é a perda do que é genuíno. Temos de perceber a diferença. A igreja só pode ser edificada quando os dons espirituais são usados de maneira adequada; quando a Escritura é entendida e ensinada do modo correto e os crentes andam no Espírito, com domínio próprio, comprometidos com a obediência à Palavra de Deus.

Capítulo 8

O que acontecia na igreja primitiva?

A experiência, como destacamos repetidas vezes, é o fundamento sobre o qual a maior parte do sistema de crença carismática está alicerçado. A experiência também é a autoridade que os carismáticos mais citam para validar seus ensinos. Essa abordagem centrada na experiência influencia a maneira como os carismáticos lidam com as Escrituras. O livro de Atos dos Apóstolos — o diário das experiências dos apóstolos — é a fonte à qual os carismáticos recorrem em busca de apoio bíblico para suas crenças.

Atos dos Apóstolos é uma narrativa histórica, em contraste com as epístolas (que têm caráter didático). Esse livro é a crônica das experiências da igreja infante; as epístolas contêm instruções para os crentes vivenciarem no decorrer de toda a era da igreja. Historicamente, os cristãos comprometidos com a perspectiva bíblica reconhecem essa diferença. Isto é, os teólogos evangélicos extraíram o âmago de sua doutrina de passagens bíblicas escritas especificamente para ensinar a igreja. Eles interpretaram Atos dos Apóstolos como um registro histórico inspirado do período apostólico, não considerando, necessariamente, cada acontecimento ou fenômeno ali registrado como uma norma para toda a era da igreja.

Os carismáticos, ansiando pelas *experiências* descritas em Atos, elaboraram um sistema doutrinário que considera os acontecimentos extraordinários do início da era apostólica como marcas imprescindíveis da atuação do Espírito Santo — sinais de poder espiritual que devem ser esperados, rotineiramente, por todos os crentes, em todas as épocas.

Esse erro sério de interpretação arruína o entendimento dos carismáticos a respeito das Escrituras e obscurece várias das principais questões bíblicas que são cruciais ao entendimento correto da controvérsia carismática. O carismático Gordon Fee fez o seguinte comentário sobre as dificuldades hermenêuticas apresentadas pela maneira como os carismáticos interpretam o livro de Atos:

> Se a igreja primitiva é normativa, qual de suas expressões tem a primazia? Jerusalém? Antioquia? Filipos? Corinto? Isto é, por que nem todas as igrejas vendiam seus bens e possuíam todas as coisas em comum? Além disso, é legítimo interpretar [qualquer] declaração descritiva como norma? Se isto é verdade, como distinguir as declarações normativas das não-normativas? Por exemplo, devemos seguir o padrão de Atos 1.26 e escolher os líderes por meio do lançar sortes? Qual é exatamente o papel do precedente histórico na doutrina cristã ou no entendimento da experiência cristã?[1]

No entanto, o livro de Atos jamais pretendeu ser a base primária da doutrina da igreja. Apenas registra os primeiros dias da era da igreja e apresenta a transição da Antiga para a Nova Aliança. As curas, os milagres, os sinais e as maravilhas realizados pelos apóstolos, evidentes em Atos, não eram comuns, mesmo naqueles dias. Esses acontecimentos foram excepcionais; cada um tinha um propósito específico, sempre associados ao ministério apostólico, e sua freqüência decresceu muito desde o início até ao final da narrativa de Atos.

Escrito por Lucas, um médico, Atos dos Apóstolos descreve o período inicial do surgimento da igreja, no Dia de Pentecostes, e termina cerca de trinta anos mais tarde, narrando o aprisionamento de Paulo, após a terceira viagem missionária. Do início ao fim do livro, existem diversas transições. Mudanças ocorrem em quase todos os capítulos. A Antiga Aliança desvanece, e a Nova Aliança avança

1 Fee, Gordon D. Hermeneutics and historicl precedent — a major problem in pentecostal hermeneutics. In: Spittler, Russell P. (Org.). *Perspectives on the new pentecostlism*. Grand Rapids: Baker, 1976. p. 123.

com força total. Até Paulo foi apanhado de surpresa pelas mudanças. Apesar de ser um apóstolo da Nova Aliança, ele ainda mantinha ligações com a Antiga, conforme indicado pelo fato de que ele tomou votos judaicos (cf. At 18.18; 21.26).

Em Atos, passa-se da sinagoga para a igreja e da lei para a graça. A igreja é transformada de um grupo de crentes judeus em um corpo formado por judeus e gentios unidos em Cristo. No início do livro de Atos, os crentes relacionavam-se com Deus por meio da Antiga Aliança; na parte final, todos os crentes estavam em Cristo, vivendo sob a Nova Aliança, habitados pelo Espírito Santo, em um relacionamento novo e único.

Portanto, Atos descreve um momento extraordinário da história. As transições que ele registra jamais serão repetidas. Da mesma forma, os únicos ensinamentos normativos do livro de Atos pra a igreja são os explicitamente confirmados por outras passagens bíblicas.

A doutrina carismática da subseqüência

Atos 2.4 é a pedra angular dos carismáticos, contendo o que pentecostais e carismáticos consideram o cerne da verdade do Novo Testamento: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem".

A maior parte dos carismáticos acredita que esse versículo ensina que, na conversão, os crentes recebem o Espírito Santo em sentido restrito. Portanto, os crentes devem buscar o batismo com o Espírito, a fim de moverem-se a um nível mais elevado de vida espiritual, imersos de modo sobrenatural no poder do Espírito de Cristo. A experiência é usualmente — muitos dirão *sempre* — acompanhada pelo falar em línguas, resultando em uma nova motivação e em um novo poder espiritual.

Esse conceito — o recebimento da salvação em um momento e o recebimento do batismo do Espírito em momento posterior — chama-se *doutrina da subseqüência*. Gordon Fee alista duas características do pentecostalismo: "1. A doutrina da subseqüência, ou seja, existe para o crente um batismo no Espírito distinto e posterior à experiência da salvação... 2. A doutrina das línguas como evidência física inicial do batismo no Espírito".[2]

Em sua pesquisa completa sobre a teologia pentecostal, Frederick Dale Bruner escreveu: "Os pentecostais acreditam que o Espírito batiza todos os crentes em Cristo (conversão) e que Cristo não batizou todos os crentes no Espírito (Pentecostes)".[3] A maioria dos carismáticos crê não somente que o batismo do Espírito ocorre em algum momento após a conversão, mas também que o batismo do Espírito é algo que os cristãos precisam buscar. Bruner continua e afirma:

> As características mais importantes do entendimento pentecostal quanto ao batismo no Espírito Santo... são: 1. o acontecimento, de modo geral, é "distinto e subseqüente ao" novo nascimento; 2. a evidência inicial é o sinal de falar em outras línguas; 3. esse batismo deve ser buscado "com ardor".[4]

Esses três elementos — o batismo do Espírito subseqüente à conversão, a busca intensa por parte dos batizados e a evidência de falar em línguas — são característicos de quase todas as variantes da doutrina carismática. Os carismáticos são vagos em quase todas as demais áreas da teologia, mas neste ponto eles falam com clareza a respeito do que crêem.

Os carismáticos procuram no livro de Atos apoio para sua doutrina da subseqüência. 1 Coríntios 12.13 ("Em um só Espírito, todos

2 Ibid. p. 120.

3 Bruner, Frederick D. *A theology of the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdmns, 1970. p. 60.

4 Ibid. p. 61.

nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito") não pode ser usado para provar a doutrina da subseqüência, pois esse versículo afirma que *todos* os crentes foram batizados pelo Espírito no corpo de Cristo. Na verdade, torna-se evidente que o batismo descrito em 1 Coríntios 12.13 *não pode* ocorrer em algum momento depois da salvação. Do contrário, o que Paulo afirmou não pode ser verdadeiro a respeito de *todos* os crentes. Nenhuma evidência, como o falar em "outras línguas", é mencionada, e não há qualquer alusão à busca desse batismo.

Os carismáticos também não recorrem a 1Coríntios 14 para provarem a doutrina da subseqüência, da evidência ou da busca, pois esse capítulo não diz nada sobre esses elementos. De fato, as únicas passagens que os carismáticos podem usar para apoiar sua doutrina da subseqüência são encontradas em Atos. As epístolas não dizem nada que possa ser usado para fundamentar tal idéia.

A verdade é que o próprio livros de Atos não serve para apoiar o ponto de vista carismático. Apenas quatro passagens mencionam línguas ou o recebimento do Espírito Santo: os capítulos 2, 8, 10 e 19. Apenas em Atos 2 e 8 os crentes recebem o Espírito *após* a salvação. Em Atos 10 e 19, os crentes foram batizados no Espírito no momento em que creram. Portanto, a doutrina da subseqüência não pode ser defendida de modo convincente com base no livro de Atos.

O que podemos dizer sobre as línguas? Atos 2, 10 e 19 nos informam que os crentes falaram em línguas, mas não há registro desse fenômeno no capítulo 8.

E o que podemos dizer sobre a exigência de buscar ardentemente o batismo do Espírito? Atos 2 nos mostra que os crentes esperaram em oração o cumprimento da promessa do Senhor (cf. 1.4, 14). Os capítulos 8, 10 ou 19 não fazem qualquer menção de buscar esse batismo.

A verdade é clara: dizer que o livro de Atos apresenta o padrão

normal em favor do recebimento do Espírito Santo é um problema; nenhum padrão coerente está evidente em Atos dos Apóstolos!

É verdade que os cristãos, no Dia de Pentecostes (At 2), os gentios, na casa de Cornélio (At 10), e os judeus de Éfeso que tinham apenas o batismo de João (At 19) receberam o Espírito Santo e, em seguida, falaram em línguas. Contudo, essas três ocorrências não implicam que devem ser entendidos como padrão para todos os outros cristãos. De fato, nenhuma das passagens debatidas (At 2, 8, 10 ou 19) transmitem a idéia de que outras pessoas precisam ter experiências semelhantes.

Se as línguas fossem uma experiência normal, por que não foram mencionadas em Atos 8 — quando os samaritanos receberam o Espírito Santo? Por que os texto de Atos 2 a 4 não afirmam que todos os que creram em decorrência do sermões de Pedro (mais de cinco mil pessoas segundo Atos 4.4) e receberam o Espírito Santo (At 2.38) também falaram em línguas? Para que algo se torne normativo, tem de ser comum a todos.

John Stott afirmou:

> Os três mil não parecem haver experimentado os mesmos fenômenos miraculosos (o vento impetuoso, as línguas de fogo ou a capacidade de falar em idiomas estrangeiros). Pelo menos nada se diz a respeito. Entretanto, devido à certeza divina anunciada por Pedro, ele devem ter herdado a mesma promessa e recebido os mesmos dons (v. 33, 39). Apesar disso, havia uma diferença entre eles: os cento e vinte já haviam sido regenerados e receberam o batismo do Espírito depois de esperarem em Deus durante dez dias. Os três mil, entretanto, eram incrédulos, e receberam simultaneamente o perdão dos pecados e o dom do Espírito — isso ocorreu logo depois de haverem se arrependido e crido, sem necessidade de espera.
>
> Essa distinção entre os dois grupos, os centos e vinte e os três mil, é muito importante, pois a norma para hoje com certeza é o segundo grupo, os três mil, e não (como se supõe) o primeiro. A experiência dos cento e vinte ocorreu em dois estágios por causa das circunstâncias históricas. Eles não poderiam ter recebido o dom do Pentecostes antes do Dia de Pentecostes. No entanto, essas circuns-

tâncias históricas deixaram de existir há muito. Vivemos em tempo posteriores à ocorrência do Dia de Pentecostes, à semelhança dos três mil. Em nosso caso e no caso deles, o perdão dos pecados e o "dom" ou "batismo" do Espírito são recebidos ao mesmo tempo.[5]

Um exame mais detalhado de Atos 2

Indubitavelmente, Atos 2 é a passagem da Escritura sobre a qual pentecostais e carismáticos desenvolvem sua teologia do batismo do Espírito Santo. Ao registrar o nascimento da igreja, Lucas disse:

> Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

Como já afirmamos, a doutrina da subseqüência, de pentecostais e carismáticos é extraída principalmente dessa passagem. Os carismáticos alegam que os apóstolos e outros discípulos — que experimentaram o batismo e as línguas em Atos 2.1 a 4 — já eram salvos. Portanto, no Dia de Pentecostes eles receberam o poder do Espírito Santo, que deveriam usar para transformar o mundo.

Nesse aspecto, o ponto de vista carismático não pode ser censurado. Temos certeza de que os discípulos mencionados em Atos 2 — ou pelo menos alguns deles — *tinham* experimentado a salvação. Eram provavelmente os mesmos cento e vinte discípulos, incluindo os apóstolos, que se reuniram no cenáculo, conforme Atos 1. Como sabemos que já eram salvos? Jesus lhes dissera: "Alegrai-vos... porque o vosso nome está arrolado nos céus" (Lc 10.20) e: "Vós já estais

5 Sttot, John R. *Baptism and fulness*. Downers Glove, Ill.: InterVarsity, 1976. p. 28-29.

limpos pela palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3). Não há dúvida de que Jesus assegurou-lhes a salvação.

A maior parte dos carismáticos sugere que os discípulos também haviam recebido o Espírito Santo antes do Dia de Pentecostes, no cenáculo, após a ressurreição de Jesus. Em João 20.21-22, lemos: "Jesus... soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo". De acordo com a interpretação carismática padrão concernente a esses versículos, visto que Jesus já lhes tinha dado o Espírito Santo, a experiência do Dia de Pentecostes deve representar algo maior. Era uma experiência de nível superior, do batismo do Espírito, que lhes concedeu poder verdadeiro.[6]

Essa é a interpretação correta de João 20.21-22? Neste ponto, a posição carismática não resiste ao escrutínio. Inicialmente, a passagem não afirma que os discípulos receberam realmente o Espírito Santo. Nenhuma passagem o afirma até ao Dia de Pentecostes. A passagem de João 20 assevera apenas que Jesus lhes disse: "Recebei o Espírito Santo". O que isso significa? A declaração foi um penhor, uma promessa, que se cumpriria no Dia de Pentecostes. Crisóstomo (345-407 d.C.) e muito outros mantinham essa posição. As declarações seguintes de João 20 parecem confirmar que os discípulos não receberam o Espírito no cenáculo. Oito dias depois, Jesus veio ao encontro deles, no lugar em que se escondiam — cheios de temor — um local fechado (20.26). Mais de uma semana depois de Jesus haver soprado sobre eles e prometido o Espírito, os discípulos não haviam ido a lugar algum nem realizado nada que manifestasse o poder e a presença do Espírito.

No entanto, os argumentos mais fortes surgem nos primeiros versículos de Atos 1. Um pouco antes da ascensão, Jesus reuniu os discípulos e lhes disse que não se distanciasseem de Jerusalém e esperassem a promessa do Pai (At 1.4). Jesus continuou e afirmou:

6 Quanto a uma apresentação desse ponto de vista, ver Ervin, Howard M. *These are not drunken, as ye suppose*. Plainfiled, N.J.: Logos, 1968. p. 31-32.

"João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias". A "promessa do Pai" refere-se, aparentemente, a João 14.16: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco". Essa era a promessa da vinda do Espírito Santo. Ela foi confirmada por Jesus em João 20.26, mas ainda não fora cumprida. Naquele momento os discípulos *ainda esperavam* pelo Espírito Santo.

Jesus disse novamente: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Torna-se claro que o recebimento do poder seria correspondente ao recebimento do Espírito Santo. Os discípulos ainda esperavam. A promessa ainda não fora cumprida. Se o Espírito tivesse descido sobre eles na ocasião descrita em João 20, o poder também estaria neles, e *não teriam nada a esperar*.

Duas outras passagens indicam que os discípulos não receberam o Espírito Santo antes do Dia de Pentecostes. Em João 7, lemos que Jesus se levantou na Festa dos Tabernáculos e ofereceu água viva a todos os que desejassem vir e beber. No versículo 39, o apóstolo explicou que Jesus falava sobre o Espírito Santo: "Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado". Essa passagem afirma explicitamente que o Espírito não viria enquanto Jesus não fosse glorificado; e Jesus só seria glorificado quando ascendesse ao céu.[7]

Além disso, Jesus falou aos discípulos: "Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" (Jo 16.7). Jesus só "foi" quando ascendeu, conforme registra o início de Atos dos Apóstolos.

7 A ascensão estava na mente de Jesus, quando Ele fez a oração registrada em João 17, pedindo ao Pai que Lhe desse a glória que possuíra junto dEle antes que houvesse mundo (v. 1-5). De acordo com João 7.39, o Espírito não viria enquanto Jesus não ascendesse ao céu para receber essa glória.

Deste modo, o estudo cuidadoso da Bíblia aponta convincentemente para a conclusão de que as palavras de Jesus (Jo 20.22) são apenas uma promessa da vinda do Espírito Santo; os discípulos não O receberam naquele momento.

Lembre-se também de que todos esses acontecimentos se deram em *um período de transição*. É claro que houve uma sobreposição entre a Antiga e a Nova Aliança. Os discípulos conheciam e confiavam em Cristo, mas ainda eram crentes do Antigo Testamento. Eram incapazes de entender e experimentar a habitação permanente do Espírito, enquanto Ele não viesse no Pentecostes.

Como respondemos à afirmação carismática de que o batismo no Espírito é algo que deve ser buscado com ardor? Embora os cento e vinte discípulos no cenáculo estivessem orando numa atitude de antecipação e expectativa (At 1.4), não há evidência de que buscavam o Espírito Santo. Os discípulos não podiam fazer nada para que esse grande evento ocorresse. Apenas esperavam o cumprimento soberano da promessa divina.

Também não existe, em todo o livro de Atos, a menor indicação de que *alguém* buscou ou pediu o Espírito Santo ou as línguas. Nos capítulos 8, 10 e 19, não achamos ninguém buscando o Espírito. Não existe nenhuma passagem bíblica que apresente os crentes das igrejas de Antioquia, Galácia, Filipos, Colossos, Roma, Tessalônica ou Corinto buscando o Espírito Santo ou as línguas. Estude as passagens do livro de Atos que descrevem pessoas sendo cheias do Espírito e falando em línguas. *Não há nem um exemplo — nem mesmo onde esses fenômenos ocorreram — indicando que algum membro da igreja primitiva buscou essa experiência*. Frederick Dale Bruner estava certo, ao perguntar: "Isto não deveria afetar a doutrina pentecostal da busca do batismo no Espírito Santo, com a evidência inicial do falar em línguas?"[8]

8 Bruner, Frederick D. *A theology of the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdmns,

Quando o Espírito Santo veio no Pentecostes, uma nova ordem foi estabelecida. A partir daquela ocasião, o Espírito Santo viria a todo crente no momento da fé e habitaria nele em um relacionamento duradouro e permanente. Esse é o motivo por que Romanos 8.9 afirma: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele". Essa também é a razão pela qual Paulo afirmou que todos os cristãos são batizados, pelo Espírito, no corpo de Cristo e que a todos nós foi dado de beber do mesmo Espírito (1 Co12.13).

Atos 2.3-4 registra o recebimento do Espírito. Os discípulos foram batizados com o Espírito (vv. 2-3); esse acontecimento foi acompanhado por um som vindo do céu, semelhante a um vento impetuoso, e por línguas como de fogo, que pousaram sobre todos eles. Nesse momento, todos ficaram cheios do Espírito e começaram a falar em outras línguas. Essas línguas miraculosas possuíam um propósito definido: serviriam como sinal de juízo sobre o Israel incrédulo, comprovando a inclusão de outros grupos na igreja; serviriam também para confirmar a autoridade espiritual dos apóstolos. (Quanto a uma avaliação mais completa do propósito das línguas, ver Capítulo 10.)

Atos 2.5-12 relata que os judeus ali presentes — "homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu" — ficaram extasiados. Aceitaram esse milagre surpreendente como um sinal da parte de Deus. Quando Pedro se levantou e pregou um sermão, três mil pessoas creram e foram salvas. Todas essas pessoas receberam o Espírito Santo no momento em que creram (2.38). Novamente, nada sugere que as três mil pessoas tenham falado em línguas, enquanto ouviam os discípulos fazê-lo.

O acontecimento registrado em Atos 2 foi uma maravilha ímpar. Foi o primeiro e último Pentecostes para a igreja. Deus desejava que todos soubessem que algo incomum estava acontecendo; por isso, houve um som semelhante ao vento impetuoso, as línguas de

1970. p. 165.

fogo repartidas sobre cada um dos discípulos; também foi por essa razão que eles falaram em outras línguas.

Deus queria que todos os recipientes do batismo inicial do Espírito soubessem que faziam parte de um acontecimento único e dramático. Também queria que os peregrinos em Jerusalém, provenientes de países diferentes e de regiões circunvizinhas, ouvissem a mensagem em sua própria língua. A igreja nasceu. Iniciava-se uma nova era. Como Merrill Unger destacou:

> O Pentecostes é tão irrepetível como a criação do mundo ou do homem. Além disso, o Pentecostes ocorreu de uma vez para sempre, como a encarnação, a morte, a ressurreição e a ascensão de Cristo. Deduzimos isso dos seguintes fatos: 1. O Espírito de Deus veio, chegou e fixou residência na igreja apenas uma vez, no Pentecostes; 2. O Espírito Santo foi outorgado, recebido e depositado na igreja apenas uma vez, no Pentecostes; 3. O Pentecostes ocorreu em um tempo específico (At 2.1) — em cumprimento de um tipo do Antigo Testamento (Lv 23.15-22), num local determinado (Jerusalém — cf. Lc 24.49), sobre poucas pessoas (At 1.13,14), com um propósito específico (cf. 1 Co 12.12-20): introduzir uma nova ordem. Esse acontecimento não constitui uma característica contínua ou recorrente dessa nova ordem, introduzida de uma vez por todas.[9]

Entretanto, os carismáticos transformam esse acontecimento em algo normativo para os cristãos de todas as épocas. Afirmam que o eventos relatados nesse capítulo de Atos devem acontecer com qualquer pessoa. Se isso fosse verdade, qualquer pessoa também sentiria o vento impetuoso e as línguas repartidas. Evidentemente, esses fenômenos não são mencionados hoje.

Em 1976, os pentecostais realizaram uma conferência mundial em Jerusalém para celebrar "o milagre contínuo do Pentecostes". De modo significativo, os delegados precisaram usar os serviços de intérpretes e fones de ouvido para entender o que era dito! Embora os

9 Unger, Merril F. *New Testament teaching on tongues*. Grand Rapids: Kregel, 1971. p. 17-18.

carismáticos indiquem Atos 2 como base para sua crença e prática, os fenômenos carismáticos contemporâneos não são os mesmos experimentados pelos discípulos de Jerusalém no Pentecostes.

Um exame mais detalhado de Atos 8

Outro texto usado como prova pelos carismáticos é Atos 8, que descreve a perseguição da igreja e a dispersão dos discípulos pela Judéia e Samaria. Como resultado, alguns samaritanos creram em Cristo.

Atos 8.14-17 relata:

> Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus. Então, lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.

Naturalmente, os carismáticos querem ver nesse incidente a evidência inequívoca da doutrina da subseqüência. Os samaritanos haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus; entretanto, eles não tinham recebido ainda o Espírito Santo. É claro que o conceito da subseqüência *está* presente aqui, mas esse incidente não prova que a subseqüência é a regra para toda a era da igreja. O fato de que eles viviam no período de transição entre as alianças foi o motivo por que houve um intervalo entre a salvação dos samaritanos e o recebimento do Espírito Santo.

O ódio recíproco entre judeus e samaritanos eram muito forte. Caso os samaritanos tivessem recebido o Espírito Santo no momento da salvação, sem nenhum sinal ou demonstração sobrenatural, a desavença terrível entre os dois povos teria continuado na igreja cristã. O Pentecostes era um acontecimento do calendário judaico, e a igreja nascida naquele dia seria formada exclusivamente por crentes em Cristo de origem judaica. Se os samaritanos tivessem

iniciado seu próprio grupo cristão, as antigas rivalidades e ódios teriam se perpetuado; e a igreja judaica competiria com as assembléias samaritanas e gentílicas. Em vez disso, Deus suspendeu a outorga do Espírito aos samaritanos, até que os apóstolos judeus estivessem com eles. Todos precisavam testemunhar — de modo inquestionável — que o propósito divino na Nova Aliança transcendia a nação de Israel e incluía os samaritanos em uma única igreja.

Também era importante que os samaritanos compreendessem o poder e a autoridade dos apóstolos. Era importante que os judeus soubessem que os samaritanos faziam parte do corpo de Cristo e os samaritanos soubessem que os apóstolos judeus eram a fonte da verdade divina.

Uma questão gramatical em Atos 8.16 esclarece a questão: "Porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus". A palavra grega traduzida por "não ainda" é *oudepō*. Esse termo não significa apenas que algo *não* aconteceu, e sim que algo *deveria ter acontecido*, mas ainda não ocorrera. Em outras palavras, o versículo afirma que os samaritanos foram salvos; entretanto, por algum motivo peculiar, o que *deveria* ter ocorrido — a vinda do Espírito Santo — ainda não acontecera.

Portanto, apesar de existir um intervalo entre o recebimento de Cristo e o recebimento do Espírito Santo por parte dos samaritanos — uma subseqüência, em certo sentido —, esse intervalo foi ocasionado pela transição crucial que estava ocorrendo na igreja primitiva. O intervalo permitiu que todos percebessem, de forma clara, que Deus realizava algo novo na igreja. Isso provou aos apóstolos e a todos os outros crentes judeus, testemunhas do acontecimento, que os samaritanos foram aceitos por Deus na igreja da mesma maneira como o foram os crentes judeus. Tinham o mesmo Cristo, a mesma salvação, a mesma aceitação divina, o mesmo Espírito Santo; e todos estavam sob a mesma autoridade apostólica.

Frederick Dale Bruner ressaltou o significado da inclusão dos samaritanos na igreja, ao escrever:

Esse não foi um evento casual. Somente o ingresso dos gentios (Atos 10) pode ser comparado com esse evento. Samaria era uma ponte que precisava ser atravessada e uma base a ser ocupada. Uma ponte a ser atravessada, porque Samaria representava a divisão mais profunda: a racial-religiosa. Uma base a ser ocupada, porque a igreja não residia mais em Jerusalém ou tão-somente entre os judeus; ela se transformara em uma missão.

Com base em outros relatos do Novo Testamento, conhecemos o sentimento dos judeus para com os samaritanos e reconhecemos, pelos registros importantes de Atos 10, 11 e 15, a decisão dolorosa e crítica que a aceitação dos gentios representou para a igreja judaica. O motivo que estava por trás dessa divisão ímpar — o batismo cristão e o dom do Espírito — ocorrida em outros lugares desde o Pentecostes pode ser encontrada na vontade divina de afirmar, de modo inequívoco, aos apóstolos, aos samaritanos desprezados e a toda a igreja, presente e futura, que *Deus* não reconhece barreiras para outorgar o *dom* do Espírito; que, onde houvesse fé no evangelho, ali haveria uma *obra* do Espírito Santo, e, conseqüentemente, Deus se propusera a outorgar o *dom* de seu Espírito; que o batismo em nome de Cristo, em qualquer lugar, mesmo em Samaria, devia incluir o dom do Espírito. Em suma, o dom do Espírito Santo de Deus estava disponível a todos. Para ensinar esse fato básico e importante — um fato contido no evangelho — Deus reteve o dom até que os apóstolos pudessem contemplá-lo com os próprios olhos e (não ignoremos isso) fossem instrumentos, impondo as próprias mãos, para transmitirem o dom *divino* (v. 20), sem qualquer mérito do recipiente ou, menos ainda, por mérito de raça ou religião anterior.[10]

O admirável avivamento em Samaria foi seguido pela outorga do Espírito Santo a essas pessoas marginalizadas, da mesma maneira como ocorrera, inicialmente, com os crentes judeus. Esse avivamento não foi um "Pentecostes samaritano", e sim um avanço no crescimento da igreja. Existiu um único Pentecostes, e o que aconteceu em Samaria nada lhe acrescentou. No entanto, o que ocorreu em Samaria serviu, para toda a igreja, como uma lição audiovisual de

10 Bruner, Frederick D. *A theology of the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdemans, 1970. p. 175-176. Ênfase no original.

que a parede de separação fora realmente derrubada (cf. Ef 2.14-15). Merrill Unger comentou sobre isso, ao afirmar:

> Os fatos ocorridos em Samaria não podem ser chamados de "Pentecostes samaritano" devido às seguintes razões: a) O Pentecostes era irrepetível porque representava o advento e a fixação de residência permanente do Espírito na igreja. O Espírito não poderia vir e fixar residência novamente. Isso já ocorrera de uma vez por todas para a era da igreja. 2) O Espírito também não poderia ser outorgado, recebido e depositado novamente como o dom que, no início, fora outorgado, recebido e depositado de uma vez por todas para a era da igreja, no Pentecostes. c) O Pentecostes, portanto, foi o início de uma nova era. Por contraste, o avivamento samaritano foi uma introdução nas bênçãos espirituais dessa era, e não a inauguração dessa era.
>
> O que ocorreu entre os samaritanos representou crescimento, e não nascimento. Foi a extensão do privilégio do evangelho a outro povo (os samaritanos), e não — à semelhança do Pentecostes — a introdução de um privilégio evangélico exclusivo dos judeus.[11]

É interessante notar que em Atos 8 não existe a menção de línguas de fogo ou do som de um vento impetuoso, embora algum sinal sobrenatural possa ter ocorrido, como indica a reação de Simão (At 8.18-19). Realmente importante é o fato de que todos os presentes sabiam que existia apenas uma igreja, e não de duas — que tinha o mesmo Espírito Santo e estava sob a mesma autoridade apostólica.

Um exame mais detalhado de Atos 10

A terceira passagem mais citada em apoio à doutrina da subseqüência é Atos 10, que registra a salvação e o recebimento do Espírito Santo por Cornélio e outros gentios que moravam em Cesaréia de Filipe. Agora, o evangelho chegava, verdadeiramente, "aos confins da terra" (At 1.8).

Se havia uma desavença entre judeus e samaritanos, um abis-

11 Unger, Merril F. *New Testament teaching on tongues*. Grand Rapids: Kregel, 1971. p. 36-37.

mo quase intransponível se desenvolvera entre gentios e judeus. Quando os judeus retornavam da viagem a uma terra gentílica, sacudiam o pó de seus pés e roupas, por não desejarem levar a sujeira dos gentios à Judéia. Os judeus também não entravam na casa de gentios e não comiam alimentos preparados por eles. Alguns judeus não compravam carne de açougueiros gentios.

No entanto, o Senhor concedeu a Pedro uma visão por meio da qual lhe ensinou que Deus não faz acepção de pessoas. Imediatamente após a visão, três homens chegaram à casa em que Pedro estava e explicaram haverem sido enviados por Cornélio, que desejava ver Pedro e aprender mais a respeito de Deus.

Lembrando-se da visão que tivera, Pedro abandonou o preconceito judaico e concordou em acompanhar os gentios até Cesaréia, onde morava Cornélio. Uma vez ali, Pedro anunciou o evangelho. Cornélio e as pessoas presentes creram. Pedro e os outros judeus que o acompanharam à casa de Cornélio ficaram admirados, "porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo", e os ouviam "falando em línguas e engrandecendo a Deus" (At 10.45-46). Pedro concluiu: "Pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?" (v. 47).

Duas coisas se destacam aqui em relação à doutrina carismática. A primeira é que não existe um intervalo entre o ato de Cornélio crer em Cristo e o recebimento do Espírito Santo. A segunda é que Pedro e os judeus que o acompanhavam ficaram admirados. Por quê? Porque ouviram os gentios falando em línguas e engrandecendo a Deus. Embora as línguas fossem, primariamente, um sinal de juízo para o Israel incrédulo (1 Co 14.21-22), Deus repetiu o fenômeno nessa ocasião para mostrar aos judeus crentes que o Espírito Santo viera aos gentios, do mesmo modo como viera até eles.

O que aconteceu em Cesaréia aconteceu também em Samaria. Aquela era uma época de transição. Se não houvesse uma evidência visível do Espírito Santo, Pedro e os demais não teriam sido conven-

cidos, tão rapidamente, de que os gentios integravam agora o corpo de Cristo. Os judeus crentes viram uma demonstração irrefutável de que esses gentios estavam em Cristo. Pedro concluiu, imediatamente, que eles deviam ser batizados (v. 47). É evidente que Pedro equiparou o recebimento do Espírito Santo com a salvação. Os gentios haviam recebido o mesmo Espírito Santo que viera sobre os judeus. Sem dúvida alguma, Pedro sabia que eles haviam sido salvos e deviam ser batizados.

Tudo isso teve um resultado maravilhoso em Atos 11. Neste capítulo, Pedro relatou sua experiência ao concílio da igreja de Jerusalém. Ao explicar o ocorrido aos irmãos judeus, ele disse:

> Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós, no princípio. Então, me lembrei da palavra do Senhor, quando disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus? (vv.15-17).

A cena é quase cômica. Era como se Pedro estivesse falando: "Desculpem-me, irmãos, mas não pude fazer outra coisa. Deus estava agindo, eu não podia impedir!"

Apesar de ficarem chocados, os membros do concílio não negaram o que acontecera. Eles se mantiveram calmos, deram glória a Deus e reconheceram que Deus concedera também aos gentios, de maneira graciosa, o arrependimento que conduz à vida (At 11.18). A igreja era uma — formada por judeus e gentios (cf. Gl 3.28; Ef 2.14-18).

Esses fatos ocorreram por motivos específicos nesse período de transição histórica. Os gentios receberam o Espírito Santo no momento da conversão. Falaram em línguas como prova cabal de que eram parte da igreja. No entanto, não há qualquer subseqüência em Atos 10! Unger afirmou: "Assim como o Pentecostes foi introdutório no sentido de inaugurar uma nova era, assim também Atos 10 é ter-

minal no sentido de marcar consumação do período introdutório e o estabelecimento do curso normal na nova era".[12]

A norma é a salvação e o recebimento do Espírito *ao mesmo tempo*. O apóstolo Pedro estava presente e, portanto, pôde relatar ao concílio da igreja (formado por judeus) que os gentios eram crentes verdadeiros. Simultaneamente, os gentios reconheciam a autoridade apostólica, uma vez que Pedro estivera com eles e os conduzira a Cristo. Mais importante, ambos os grupos sabiam que possuíam o mesmo Espírito Santo e integravam o mesmo corpo.

Um exame mais detalhado de Atos 19

Atos 19 continua a mostrar a igreja em transição. Aqui, novamente, há outro texto comprobatório que os carismáticos usam para mostrar que pessoas batizadas pelo Espírito falam em línguas. Outra vez, não há subseqüência ou intervalo entre a salvação e o batismo do Espírito. Alguns carismáticos e pentecostais alegam que essas pessoas eram crentes em Cristo antes do encontro registrado nesse capítulo, mas o estudo do texto demonstra claramente que isso não é verdade.

Atos 19 narra a chegada de Paulo a Éfeso, em uma de suas viagens missionárias, e afirma que ali ele encontrou "alguns discípulos" (19.1). Paulo quis saber: "Recebestes... o Espírito Santo quando crestes?" (v. 2).

12 Ibid. p. 54-55. Unger prosseguiu e disse: "Argumentar que Cornélio e sua casa foram 'salvos' (a despeito das afirmação de Atos 11.14) antes de Pedro chegar, para outorgar-lhes o dom do Espírito e o meio comum de salvação, e que, por essa razão, o ocorrido ali era uma segunda experiência (pós-salvação) — normativa para os crentes hoje — é um erro sério. Isso altera a cronologia dos acontecimentos e distorce, de modo geral, seu significado; além disso, também interpreta de modo equivocado o significado da manifestação das línguas em conexão com aquele acontecimento específico. Crer que Cornélio e sua casa foram 'salvos' antes de Pedro levar-lhes a salvação neotestamentária (At 11.14) equivale a não perceber o que é a salvação do Novo testamento ou a não diferenciá-la da salvação do Antigo Testamento" (p. 55).

A resposta dada por aqueles discípulos foi peculiar: "Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo".

"Em que, pois, fostes batizados?", perguntou-lhes Paulo (v. 3).

Eles responderam: "No batismo de João"

Paulo entendeu o problema e disse: "João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus" (v. 4).

Os discípulos de Éfeso não eram cristãos, e sim crentes no sentido do Antigo Testamento. A suma de seu conhecimento espiritual parava em João Batista, e, de algum modo, eles não estavam familiarizados com o ministério de Cristo. Assim que ouviram a respeito de Jesus, creram e foram batizados em nome dEle. Quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles e começaram a falar em línguas e profetizar (vv. 5-6).

É evidente que esses discípulos não estavam buscando o Espírito Santo nem o dom de línguas. Foi Paulo quem iniciou a conversa sobre o Espírito Santo. Eles não tinham ouvido nada a respeito dos fenômenos associados à vinda do Espírito. A maior parte das traduções de Atos 19.2 não capta plenamente as implicações da resposta daqueles discípulos à pergunta de Paulo. Em essência, eles disseram: "Nem mesmo ouvimos que o Espírito Santo foi dado". É provável que eles tinham conhecimento sobre o Espírito Santo. Se eram seguidores do batismo de João, eles o teriam ouvido falar sobre o Espírito (ver, por exemplo. Lc 3.16). Todavia, eles não tinham ouvido se o Espírito Santo era dado ou não. Por quê? Porque ainda não tinham ouvido nada a respeito de Jesus Cristo.

Assim que Paulo ouviu-lhes a resposta, começou a testá-los. Logo percebeu que eram discípulos de João batista, e não de Jesus Cristo, pessoas em transição, remanescentes dos santos do Antigo Testamento que ainda aguardavam, que ainda esperavam o Messias, vinte anos pós a morte de João Batista.

O próximo passo de Paulo era previsível. Ele afirmou: "Vocês devem ser elogiados, pois se arrependeram como João ensinou; no

entanto, agora vocês devem dar mais um passo: creiam naquele que veio após João — Jesus Cristo".

Observe que, depois de ter percebido a situação desses discípulos, Paulo lhes falou a respeito de Jesus Cristo, e não do Espírito Santo. Paulo sabia que eles conheciam apenas o batismo de João. Se tivessem afirmado sua fé em Cristo e recebido o batismo, eles teriam o Espírito Santo. Essa é a dedução lógica de suas palavras: "Bem, se vocês não receberam o Espírito, que tipo de batismo receberam?" Ele sabia que o recebimento do Espírito, no momento da fé em Cristo, era o padrão normal da igreja depois do Pentecostes.

Paulo não tentou ensinar àqueles discípulos como obter um segundo nível da salvação por meio de Cristo ou como receber algo mais do que esta salvação. Ele percebeu que as pessoas de Éfeso não precisavam de informações sobre o Espírito Santo, e sim de do conhecimento a respeito de Jesus Cristo.

Por isso, Paulo apresentou-lhes Cristo, eles creram e foram batizados em o nome do Senhor Jesus. E, quando Paulo lhes impôs as mãos, eles falaram em línguas e profetizaram.

Por que Paulo impôs as mãos sobre eles? Aparentemente, ele fez isso para demonstrar que não deveriam mais seguir o ensino de João batista, e sim o dos apóstolos. E por que os crentes de Éfeso receberam o dom de línguas? As línguas demonstraram que, embora houvessem se relacionado com Deus inicialmente nos termos da Antiga Aliança, agora eles integravam a igreja, juntamente com os demais cristãos. À semelhança dos que haviam experimentado o Pentecostes, ele viviam agora sob a Nova Aliança.

Na realidade, todo o objetivo do livro de Atos dos Apóstolos é mostrar como a oração de Jesus, em João 17.21, estava sendo respondida. Jesus dissera: "A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste". À medida que todos os crentes se tornavam um, a transição entre as duas alianças acontecia. O Pentecostes ilustrou o que

estava acontecendo. Samaria também o ilustrou. A salvação de Cornélio e dos outros gentios também o ilustrou. Em Éfeso (Atos 19), havia um grupo de seguidores de João. Todos eles se tornaram um no Espírito, por meio da fé no Senhor Jesus Cristo; e sua unidade foi demonstrada pelos mesmos fenômenos miraculosos testemunhados nas três ocasiões anteriores. Esses acontecimentos não deveriam tornar-se padrão para toda a igreja; nem representavam a experiência cristã normal na igreja do século I. Eram acontecimentos excepcionais, únicos, que envolviam apenas um número limitado de crentes e demonstravam vividamente o processo pelo qual os cristãos tornavam-se um em Cristo.

Alegar que a norma é as pessoas crerem em Cristo e, algum tempo depois, receberem o batismo do Espírito Santo, com a evidência do falar em línguas, equivale a torcer o livro de Atos usando uma estrutura teológica criada pelo próprio exponente dessa idéia. Os acontecimentos do livro de Atos não se harmonizam com o sistema pentecostal e carismático.

Joseph Dillow resumiu nossa responsabilidade, quando disse:

> Não devemos cometer o erro trágico de ensinar a experiência dos apóstolos; pelo contrário, temos de experimentar o ensino dos apóstolos. A experiência dos apóstolos se encontra no livro transicional de Atos, ao passo que o ensino dos apóstolos é afirmado com clareza nas epístolas — o guia para a experiência cristã hoje.[13]

Atos dos Apóstolos revela como iniciou-se uma nova época — a era da igreja, a era do Espírito Santo. Nós, cristãos vivos nesta era, recebemos o Espírito quando cremos em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. O Espírito é um dom de Deus para todo crente. Isto é ensinado reiteradamente nas epístolas do Novo Testamento. No entanto, elas não confirmam, em momento algum, a doutrina carismático-pentecostal da segunda obra da graça, procurada pelo crente e evidenciada pelo falar em línguas.

13 Dillow, Joseph. *Speaking in tongues*. Grand Rapids: Zondervan, 1975. p. 66.

Paulo escreveu muitas vezes a respeito do Espírito Santo. Ele lidou amplamente com o assunto dos dons espirituais. Por estranho que pareça, Paulo jamais indicou que a experiência cristã normal seja semelhante ao que se descreve em Atos 2, 8, 10 e 19.

Aliás, Paulo teve uma experiência pessoal registrada em Atos. Ele se encontrou com o Senhor Jesus Cristo a caminho de Damasco e foi imediatamente transformado de assassino de cristãos em servo do Senhor. Paulo ficou cego por três dias, e, depois destes dias, Ananias foi ao seu encontro e lhe impôs as mãos, para que recobrasse a visão e ficasse "cheio do Espírito Santo" (At 9.17). É interessante que o capítulo 9 de Atos não registra que Paulo tenha falado em línguas naquele momento. Contudo, mais tarde, escrevendo aos crentes de Corinto, ele disse que falava em línguas mais do que todos os outros (1 Co 14.18).

Paulo tinha consciência das diversas experiências registradas no livro de Atos. Ele estava no centro dos acontecimentos. Todavia, em nenhuma das epístolas ele deu a menor indicação de que o crente deve ser inicialmente salvo e depois receber o batismo do Espírito, em algum ponto da caminhada cristã. Isso também é verdade no que diz respeito às epístolas de Judas, Tiago e Pedro. Nenhum escritor apostólico ensinou a doutrina da subseqüência, proposta por carismáticos e pentecostais.

Busque o poder ou libere-o?

Atos 8.19 registra a tentativa de Simão, o mago, de comprar o poder do Espírito Santo. Pedro lhe disse em resposta: "O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus" (At 8.20).

Simão desejava poder, mas ele o procurou da maneira errada. Hoje os cristãos também desejam poder. Desejam ser capazes de viver de um modo melhor a vida cristã. Querem poder para testemunhar, fazer discípulos, alcançar o mundo com o evangelho, como foram comissionados a fazê-lo. Isso, com certeza, não é errado.

Entretanto, como aponta o incidente entre Pedro e Simão, algumas pessoas buscam poder espiritual por motivos errados ou impuros. Simão presumiu obter por esforço humano o poder espiritual que Deus outorga livremente — e essa atitude revelou seu coração pecaminoso. Muitos carismáticos parecem buscar poder espiritual motivados pelas mesmas razões egoístas que Simão demonstrou — e, com freqüência, por tipos similares de esforço humano.

Michael Green, que certamente não é inimigo da posição carismática, comentou sobre os carismáticos de Corinto:

> Os carismáticos sempre desejavam *mais*; e Paulo sempre insistia que Cristo, e apenas Cristo, era a bênção do cristão. Qualquer doutrina que acrescenta algo a Cristo, como procedem alguns carismáticos por meio do seu clamor: "Cristo sim, mas, além de Cristo, vocês precisam do Espírito", condena-se a si mesma.
>
> Os carismáticos estavam sempre à procura de *poder*. Eles eram motivados por poder e sempre procuravam atalhos para obtê-lo. Isso também ocorre hoje. A resposta de Paulo é que os crentes devem se orgulhar não de seu poder, e sim de sua fraqueza, por meio da qual o poder de Cristo pode brilhar. Paulo sabia tudo a respeito das marcas de um apóstolo — sinais, maravilhas e atos poderosos (2 Co 12.12); no entanto, ele sabia que o poder do apóstolo ou de qualquer outro cristão, procedia de suportar com paciência o sofrimento, tal como ele o fazia em relação ao seu espinho na carne, ou de suportar com paciência os insultos e dificuldades, tal como ele o fez em relação àqueles aos quais ele se sujeitou no decorrer de sua obra missionária (1 Co 4). Os carismáticos possuíam a teologia da ressurreição e seu poder; precisavam aprender de novo o segredo da cruz e de sua vergonha... que produziam o poder de Deus (1 Co 1.18).
>
> Os carismáticos estavam sempre à procura de *evidência*. Essa é a razão por que línguas, curas e milagres eram tão estimados entre eles. Contudo, Paulo sabia que, enquanto estamos nesta vida, andamos pela fé, e não pelo que vemos. Em diversas ocasiões, Deus nos chama a confiar nEle em meio às trevas, sem qualquer evidência amparadora.[14]

14 Green, Michael. *I believe in the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975. p. 208-209.

Hoje, os carismáticos se valem dos mesmos atalhos. A sede por algo mais, a busca por mais poder e o desejo de contemplar evidências são tão familiares hoje como o eram em Corinto. Contudo, elas são mais compatíveis com a atitude de Simão, o mago, do que com o Espírito de Deus. Negar o que é ensinado com clareza na Palavra de Deus, questionar a promessa divina e procurar, mediante esforço humano, o que Deus já outorgou é errado, não importa quão eufórica seja a experiência. Em lugar de procurarem poder e evidências miraculosas, todos os cristãos — carismáticos ou não — devem procurar *conhecer* a Deus, incluindo a comunhão dos seus sofrimentos e a conformidade com Ele na sua morte (cf. Fp 3.10,11). Isto é o que libera o poder da ressurreição de Cristo, o poder que já nos foi outorgado por Deus (cf. Rm 6.4-5).

O batismo do Espírito é um fato ou um sentimento?

A doutrina carismática da subseqüência conduz a outros erros. A crença no batismo do Espírito como uma segunda obra da graça tornou-se um das doutrinas norteadoras do movimento carismático. Como já vimos, os escritores e mestres carismáticos concordam, de forma geral, que "o batismo", evidenciado por falar em línguas, é o passo crucial posterior à salvação.

No entanto, se nos volvermos às epístolas, acharemos um quadro diferente. Por exemplo: 1 Coríntios 12.13 esclarece que o batismo do Espírito é, na realidade, parte da experiência de salvação de todo crente. Paulo escreveu: "Em um só Espírito, *todos* nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito". Essa passagem não se refere ao batismo nas águas. Paulo não falava sobre a ordenança do batismo nas águas, por mais importante que esta seja em outro contexto. Paulo se referia à presença do Espírito de Deus no crente. Ele usou o vocábulo

baptizō, o mesmo termo grego usado em Romanos 6.3-4 e Gálatas 3.27 para referir-se à imersão espiritual.

O batismo do Espírito leva o crente à união vital com Cristo. Ser batizado com o Espírito Santo significa que Cristo nos imerge no Espírito, concedendo-nos, por meio desse ato, um princípio vital comum. Esse batismo espiritual é aquilo que nos une a todos os outros crentes em Cristo e nos torna parte de seu corpo. O batismo com o Espírito unifica todos os crentes. Isto é um fato, e não um sentimento.

Infelizmente, a verdade tremenda que há nesse versículo tem sido entendida de modo errado. Nesse versículo, Paulo mesclou dois pensamentos vitais. Um deles é que a igreja, o corpo de Cristo, é formada pelo batismo do Espírito; o outro é que a vida do corpo é mantida quando todos bebemos do único Espírito. Os conceitos inter-relacionados da imersão pelo Espírito e do beber do Espírito retratam o relacionamento todo-suficiente que temos com o Espírito de Deus, que une todo crente a Cristo e ao resto do corpo.

1 Coríntios 12.13 começa com a expressão: "Em um só Espírito". É exatamente nesse ponto que se inicia a confusão dos carismáticos. O texto grego usa a preposição *en*. Essa preposição pode ser traduzida por "junto a", "por" ou "com" — e alguns eruditos a traduzem por "em". As preposições gregas têm traduções diferentes, dependendo da terminação do caso das palavras que vêm após as preposições. A tradução exata de 1 Coríntios 12.13, e mais coerente no contexto do Novo Testamento, usaria *por* ou *com*. Em outras palavras, na conversão, somos batizados *pelo* Espírito ou *com* Ele.

Isso não deve levar ninguém a concluir que o Espírito seja o *agente* do batismo. Em nenhuma passagem, a Bíblia afirma que o Espírito Santo é Aquele que batiza. João Batista disse aos fariseus e saduceus que os batizaria com água e que Alguém, cuja vinda seria posterior, "vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível" (Mt 3.11-12).

Uma interpretação carismática desse versículo considera o "fogo" como uma referência às línguas de fogo vistas no dia de Pentecostes. No entanto, com base no versículo 12, é óbvio que João se referia ao fogo do juízo, o fogo inextinguível do inferno. É evidente que as línguas de fogo do Pentecostes não podem ser comparadas com o fogo inextinguível que queima a palha. Temos aqui uma referência clara ao fogo do juízo; e seu agente não é o Espírito Santo, e sim Jesus (v. Jo 5.22). Portanto, o que João Batista estava dizendo, na verdade, era que existem apenas dois tipos de pessoas neste mundo: os que serão batizados com o Espírito Santo e os que serão batizados com o fogo inextinguível do inferno.

Marcos 1.7 e 8 e Lucas 3.16 contêm expressões semelhantes. João 1.33 afirma a respeito de Cristo: "Esse é o que batiza com o Espírito Santo". Em todas essas passagens, Jesus é quem realiza o batismo.

No sermão do Dia de Pentecostes, Pedro declarou a respeito de Cristo: "Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (At 2.33). Novamente, Cristo é apontado como Aquele que batiza, que "derrama" o Espírito, nos acontecimentos miraculosos do Pentecostes.

Em Romanos 8.9, Paulo escreveu: "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele". Se retirarmos o conceito de que cada crente é batizado e habitado pelo Espírito Santo, destruiremos a doutrina da unidade do corpo. Por quê? Porque existem algumas pessoas que não se encontram "em". Onde elas estão? Alguém pode ser salvo e não ser parte do corpo de Cristo? É possível ser cristão e não ser parte de Cristo? É claro que não. O ponto estabelecido por Paulo em 1 Coríntios 12.12-13 é que *todos* os cristãos são batizados com um Espírito em um só corpo. Todos nós estamos em um corpo, compartilhando da mesma fonte vital, habitados pelo único Cristo.

O ponto de vista carismático sobre o batismo do Espírito Santo redefine a salvação. De acordo com esse ponto de vista, a salvação não nos outorga todas as coisas necessárias para a vitó-

ria espiritual. Ainda precisamos de alguma coisa, de algo mais. Embora, às vezes, os carismáticos admitam que todo crente possui o Espírito Santo em grau limitado, crêem que o poder pleno do Espírito é negado a quem não passou pelo batismo do Espírito, com a evidência do falar em línguas. Essa é a perspectiva de Larry Christenson, conhecido carismático de origem luterana.[15] No entanto, seu ponto de vista parece ignorar o significado claro de 1 Coríntios 12.13. Christenson declarou:

> Além da conversão, além da segurança da salvação, além da habitação do Espírito Santo, existe um *batismo* com o Espírito Santo.Talvez esse batismo não faça sentido ao entendimento humano, assim como não fazia sentido Jesus ser batizado por João... Não somos chamados a entendê-lo, justificá-lo ou explicá-lo, e sim, apenas, a nos apropriarmos dele, com obediência humilde e fé expectante.[16]

Christenson estava aceitando algo sem sentido, em vez de admitir a verdade contida em 1 Coríntios 12.13, que, evidentemente, *faz* sentido? Ao ser batizado, Jesus identificou-se com os israelitas arrependidos que procuravam pelo Messias. Christenson continuou afirmando:

> Às vezes, o batismo com o Espírito Santo ocorre de modo espontâneo; às vezes, por meio de oração e imposição de mãos. Outras vezes, ele aconteceu após o batismo ou antes dele. Algumas vezes, ele ocorre quase simultaneamente à conversão ou após um intervalo de tempo... No entanto, existe uma constante muito importante na Escritura: nunca *presumimos* que alguém foi batizado com o Espírito Santo. Quando alguém é batizado com o Espírito Santo, ele *sabe* disso. É *uma experiência definida*.[17]

Ao fazer essas afirmações, Christenson tentou fundamentar a

15 Christenson, Larry. *Speaking in tongues*. Minneapolis: Dimension, 1968. p. 37.
16 Ibid.
17 Ibid. p. 38.

verdade na experiência. Como veremos, o batismo com o Espírito Santo é um fato espiritual, e não uma experiência física relacionada a algum sentimento.

Qual a diferença entre o batismo e o ser cheio do Espírito?

À medida que mantenho o diálogo com os carismáticos e estudo seus escritos, torna-se mais evidente que eles estão confusos a respeito do batismo do Espírito, que insere o cristão no corpo de Cristo, e da plenitude do Espírito, que produz a vida cristã eficaz (ver Ef 5.18 — 6.11).

Charles e Frances Hunter, por exemplo, dirigem estudos que ensinam as pessoas a serem batizadas com o Espírito Santo. Charles Hunter escreveu:

> Imagine-se na posição de alguém a quem ministramos. Eis como levamos as pessoas ao batismo:
>
> "Vocês estão a ponto de receber o que a Bíblia designa batismo com o Espírito Santo ou o dom do Espírito Santo. Seu espírito, do mesmo tamanho de seu corpo, está prestes e ser enchido completamente com o Espírito de Deus; e, como Jesus ensinou, vocês falarão uma língua espiritual, quando o Espírito Santo lhes conceder".[18]

Em primeiro lugar, o conceito de que o espírito de uma pessoa possui o mesmo tamanho do corpo é absurdo. O espírito, por ser imaterial, não possui *tamanho*.[19] Em segundo lugar, e mais impor-

18 Hunter, Charles. Receiving the baptism with the Holy Spirit. *Charisma*, July 1989, p. 54.

19 Por que Hunter acredita que conhece detalhadamente o espírito das pessoas? Ele escreveu: "Em 1968, vi meu espírito saindo do corpo; ele era idêntico ao corpo; até o rosto era o mesmo. A exceção é que eu podia enxergar através do meu espírito, pois ele era como uma névoa ou nuvem fina" (Ibid.). Hunter comete o erro típico dos carismáticos, o erro de extrair doutrina de sua experiência.

tante, Hunter menciona o batismo com o Espírito Santo e a *plenitude* do Espírito Santo como se fossem idênticos. Eles não são iguais.

A revista *Pentecostal Evangel* (Evangelho Pentecostal), das Assembléias de Deus (nos Estados Unidos), têm publicado, há décadas, um credo junto ao expediente semanal que afirma, em parte: "Cremos... [que] o batismo no Espírito Santo, de acordo com Atos 2.4, é outorgado aos crentes que o pedem". No entanto, Atos 2.4 simplesmente diz: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem". Em todo o capítulo 2 de Ato, nada sugere que os crentes pediam o Espírito Santo.

Atos 2.1-4 ensina duas verdades diferentes. No Pentecostes, os cristãos foram *batizados* com o Espírito Santo no corpo de Cristo. Em seguida, o Espírito Santo *encheu* os crentes para que dessem um testemunho miraculoso — a capacidade de falar em outras línguas. Desde aquele momento, os crentes têm sido batizados com o Espírito Santo, pelo Senhor Jesus Cristo, no momento da conversão. Como somos enchidos? Quando nos rendemos ao Espírito, que já está em nós, temos acesso ao poder e à plenitude do Espírito. Paulo disse aos crentes de Éfeso que se mantivessem cheios do Espírito como um padrão de vida (Ef 5.18).

Em nenhuma passagem da Escritura, o cristão é ensinado a ficar quieto e esperar o batismo. Também não encontramos na Bíblia a ordem para nos reunirmos com um grupo de pessoas que nos ensinem a falar em línguas. Os cristãos são admoestados a manterem-se cheios do Espírito, mas isso não é o mesmo que esperar o batismo no Espírito. Existe um método simples para você conhecer a plenitude e poder do espírito Santo em sua vida: obedecer ao Senhor. À medida que crescemos na obediência à palavra de Deus, o Espírito de Deus o enche e energiza nossa vida (v. Gl 5.25).

Os crentes não foram apenas colocados em Alguém (Cristo), eles são habitados por Alguém (o Espírito Santo). Por sermos cris-

tãos, temos o Espírito Santo; nosso corpo é o tempo dEle (1 Co 6.19). O próprio Deus vive em nós (2 Co 6.16). Todos os recursos necessários encontram-se em nós. A promessa do Espírito Santo já nos foi cumprida. A Bíblia é totalmente clara nesse ponto. Não existe nada mais pelo que devemos esperar. A vida cristã consiste em render-nos ao controle do Espírito, que *já* se encontra em nós. Fazemos isso por meio da obediência à Palavra (Cl 3.16).

É significativo que os escritores carismáticos não são todos unânimes a respeito de como os crentes devem receber o batismo do Espírito. Por que essa confusão e contradição? Por que os escritores carismáticos não citam a Bíblia com clareza e permanecem no que ela afirma? A razão por que nenhum escritor carismático permanece no que as Escrituras afirmam é que a Bíblia nunca nos diz *como* proceder para recebermos o Espírito Santo; ela tão-somente informa aos crentes que eles já estão batizados com o Espírito.

Uma das maiores realidades da vida cristã está contida em duas declarações breves e completas: uma, de Paulo; a outra, de Pedro:

"Também, nele, estais aperfeiçoados" (Cl 2.10).

"Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade" (2 Pe 1.3).

Como? Mediante "o pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor" (2 Pe 1.2). É inútil procurarmos o que já nos pertence.

Capítulo 9

Deus ainda cura?

Hobart Freeman acreditava que Deus o havia curado de poliomielite. No entanto, uma de suas pernas era bem mais curta do que a outra, e, por isso, ele precisava usar sapatos corretivos — e, apesar disso, ele andava com muita dificuldade. Freeman era pastor. Começou o ministério em uma igreja batista e escreveu um livro recomendável e doutrinariamente ortodoxo, intitulado *An Introduction to the Old Testament Prophets* (*Uma Introdução aos Profetas do Antigo Testamento)*.[1] No entanto, em meados da década de 1960, a fascinação de Freeman pela cura mediante a fé acabou por conduzi-lo ao movimento carismático e, depois, cada vez mais para a periferia desse movimento. Ele iniciou um ministério próprio em Claypool (Indiana - Estados Unidos), conhecido por Faith Assembly (Assembléia da Fé), uma igreja que chegou a contar com dois mil membros. As reuniões ocorriam em um edifício que Freeman chamou de "The Glory Barn" (O Celeiro da Glória). Os cultos eram restritos aos membros.

Freeman e a Faith Assembly desdenhavam de qualquer tratamento médico, pois criam que a medicina moderna era uma extensão da antiga bruxaria e da magia negra. Submeter-se a tratamento médico, Freeman acreditava, era expor-se à influência demoníaca. As mulheres grávidas da igreja de Freeman eram aconselhadas a dar à luz em casa,

1 Freeman, Hobart. *An introduction to the Old Testament prophets.* Chicago: Moody, 1969.

com a ajuda de uma parteira mantida pela igreja, em vez de irem a qualquer maternidade. A obediência a esse ensinamento custou a vida de várias mães e filhos. Na verdade, com o passar dos anos, pelo menos noventa membros da igreja morreram vitimados por enfermidades que teriam sido tratadas com facilidade. Ninguém sabe ao certo qual seria o número final de mortes, se pessoas famosas em todo o país tivessem se unido aos seguidores dos ensinos de Freeman.

Uma jovem de quinze anos, filha de um casal de membros da Faith Assembly, morreu de uma doença tratável. Seus pais foram condenados por homicídio culposo e sentenciados a dez anos de prisão. O próprio Freeman foi acusado de auxiliar e incitar o homicídio. Pouco tempo depois, em 8 de dezembro de 1984, Freeman morreu de pneumonia e problemas cardíacos — quadro complicado por uma perna ulcerosa.[2]

A teologia de Hobart Freeman não lhe permitia reconhecer que a poliomielite lhe deixara uma das pernas desfigurada e manca. "Tenho minha cura", era tudo que ele dizia quando alguém apontava para a aparente incoerência entre suas dificuldades físicas e seu ensino. Em última análise, a recusa de reconhecer suas enfermidades custou-lhe a vida. Ele recusou conscientemente o tratamento para as doenças que o estavam matando. A ciência médica poderia ter prolongado sua vida com facilidade. Por fim, Freeman foi vítima de seu próprio ensino.

Ele não é o único curandeiro que sucumbiu à doença sem encontrar a cura. William Branham, pai do avivamento de cura após a Segunda Guerra Mundial, considerado instrumental em algumas das curas mais espetaculares já vistas no movimento, morreu em 1965, com idade de 56 anos, depois de sofrer, durante seis dias, de ferimentos provocados por um acidente automobilístico. Embora seus seguidores estivessem confiantes de que Deus o ressuscitaria, a ressurreição jamais ocorreu.

2 Cf. Lutes, Chris. Leader's death gives rise to speculation about the future of his Haith-healing Sect. *Christianity Today*, p. 48, Jan. 1985.

A. A. Allen, famoso evangelista que realizava curas em tendas, morreu de esclerose hepática, em 1967, depois de lutar por vários anos, em segredo, contra o alcoolismo, enquanto supostamente curava outras pessoas. Kathryn Kuhlman morreu de deficiência cardíaca em 1976. Ela lutara cerca de vinte anos contra um problema cardíaco.[3] Ruth Carter Stapleton, irmã do ex-presidente Jimmy Carter, adepta da cura pela fé,[4] recusou-se a receber tratamento médico para o câncer. Morreu em decorrência dessa doença em 1983.

Até John Wimber lutou com problemas de saúde crônicos. Ele inicia o livro *Power Healing* (*Cura de Poder)* com "Uma Nota Pessoal de John Wimber", em que diz, parcialmente:

> Em outubro de 1985, estive na Inglaterra durante três semanas, ministrando conferências em Londres, Brighton e Sheffield. Diversas pessoas foram curadas. Uma não foi: eu.
>
> Nos dois anos anteriores, eu vinha sofrendo de pequenas dores no peito, a cada quatro ou cinco meses. Suspeitava que elas estavam relacionadas a meu coração, mas não fiz nada a respeito. Ninguém, nem mesmo Carol, minha esposa, sabia do meu estado. Entretanto, na Inglaterra, não consegui mais escondê-lo. Em várias oportunidades, enquanto caminhávamos, tive de parar abruptamente por causa das dores no peito. Na maior parte da viagem, eu estava cansado. Eu tinha o que os médicos posteriormente suspeitaram ser uma série de ataques das coronárias.
>
> Quando voltamos para casa... uma série de exames médicos... confirmou meus piores temores: meu coração estava afetado, talvez com muita gravidade. Os exames mostraram que meu coração não funcionava de modo adequado, uma condição complicada, possivelmente causada por pressão alta. Esses problemas, combinados com meu peso elevado e excesso de trabalho, implicavam em minha morte a qualquer momento.[5]

---

3 Buckingham, Jamie. *Daughter of destiny*. Plainfield, N.J.: Logos, 1976. p. 282, ss.
4 Bixler, Frances. Ruth Carter Stapleton. In: Burgess, Stanley M.; McGee, Gary B. *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids: Zondervan, 1988, p. 810.
5 Wimber, John. *Power Healing*. San Francisco: Harper & Row, 1987, p. xv.

Wimber consultou a Deus e afirmou que Ele lhe disse: "Assim como Abraão esperou pelo filho, eu devia esperar pela cura. Enquanto isso, Ele me disse que seguisse as ordens médicas".[6] Desde então, Wimber tem sentido melhoras e pioras, mas acredita que o Senhor lhe deu certeza de que um dia será curado.

"Gostaria de escrever que neste momento estou completamente curado, que não tenho mais problemas físicos. No entanto, se o fizesse, não seria verdade", Wimber admitiu.[7]

Por que tantos dos principais defensores da cura pela fé necessitam pessoalmente de cura? A pastora Annette Capps, filha de Charles Capps (um pastor que realizava curas pela fé), levantou essa questão no livro *Reverse the Curse in Your Body and Emotions* (*Reverta a Maldição em Seu corpo e Emoções*), ao escrever:

> As pessoas têm se escandalizado com o fato de que vários dos chamados "ministros que curam pela fé" acabam adoecendo e morrem. Elas dizem: "Não entendemos isso. Se o poder de Deus entrou em operação, e todas aquelas pessoas foram curadas, por que o evangelista adoeceu? Por que morreu?".
>
> A razão é que as curas ocorridas nos encontros são manifestações especiais do Espírito Santo. Isso é diferente do uso da fé pessoal...
>
> O evangelista que está sendo usado por Deus nos dons de cura ainda deve se valer da própria fé na Palavra de Deus, para receber a cura divina e a cura divina para seu próprio corpo. Por quê? Pelo fato de que os dons de cura não são manifestados em benefício da pessoa que ministra. Eles são manifestados para benefício do povo...

Com o passar dos anos, vi diversas manifestações dos dons de cura em meu ministério, mas sempre tive de usar minha fé na Palavra de Deus para ser curada. Houve ocasiões em que fui atacada por doenças no corpo, mas, à medida que ministrava, muitas foram curadas, embora não me sentisse bem. Eu tinha de receber *minha* cura por meio da fé e do agir com base na Palavra de Deus.[8]

---

6 Ibid. p. xvii.

7 Ibid. p. xviii.

8 Capps, Annette. *Reverse the curse in your body and emotions*. Broken Arrow,

Portanto, ela conclui — surpreendentemente — que, se uma pessoa que cura pela fé adoece, isso ocorre porque a fé pessoal é, de algum modo, deficiente.

As perspectivas sobre a cura pela fé são tão variadas quantos seus proponentes. Alguns afirmam que Deus deseja curar *todas* as doenças; alguns se aproximam da afirmação de que os propósitos de Deus podem, *às vezes,* ser cumpridos por meio de nossas enfermidades. Alguns equiparam doenças a pecado; outros quase chegam a esse ponto, mas acham difícil explicar o motivo por que pessoas espiritualmente fortes adoecem. Alguns culpam o Diabo. Alguns s alegam possuir *dons* de cura, ao passo que outros alegam não ter capacidade de curar — são apenas usados por Deus para mostrar às pessoas o caminho da fé. Alguns usam o toque físico ou a unção com óleo; outros alegam a possibilidade de "decretar" a cura ou simplesmente oram pela cura e obtêm resultados.

Em certo momento de seu ministério, Oral Roberts afirmou que Deus o chamara para construir um grande hospital que mesclaria a medicina convencional com a cura pela fé. Posteriormente, por problemas financeiros muitos grandes, ele declarou que Deus lhe dissera para fechar o hospital. Recentemente visitei o local. Uma escultura enorme de mãos postas em oração jaz em frente do edifício monolítico, mas quase vazio, em meio a um terreno repleto de ervas daninhas. É um monumento às promessas não cumpridas da cura pela fé.

A cura pela fé e o movimento carismático cresceram juntos. Charles Fox Parham, pai do movimento pentecostal contemporâneo, convenceu-se de que a cura divina é a vontade de Deus para todos os crentes genuínos. Ele desenvolveu, a partir dessa convicção, todo um sistema de crenças pentecostais. Aimee Semple McPherson, Essek William Kenyon, William Branham, Kathryn Kuhlman, Oral Roberts, Kenneth Hagin, Kenneth Co-

---

Okla.: Annette Capps Ministries, 1987. p. 91-92.

peland, Fred Price, Jerry Savelle, Charles Capps, Norvel Hayes, Robert Tilton, Benny Hinn e Larry Lea têm a cura como ponto alto de suas reuniões públicas. Os católicos carismáticos, como os padres John Bertolucci e Francis MacNutt, agem da mesma maneira, usando a ênfase na cura como uma extensão natural da tradição católica romana. Os líderes da Terceira Onda, especialmente John Wimber, transformaram a cura no elemento central de seu repertório.

As alegações de quem cura pela fé, e os métodos empregados, abrangem do excêntrico ao grotesco. Há alguns anos recebi, em uma correspondência, um "lenço de oração pelo milagre", enviado por um líder carismático que apóia a cura pela fé. Com ele, recebi esta mensagem:

> Pegue este lenço especial de oração pelo milagre, coloque-o sob seu travesseiro e durma sobre ele. Ou coloque-o sobre seu corpo ou sobre o corpo de alguém querido. Use-o para a aliviar a dor em qualquer parte do corpo. Na manhã seguinte, a primeira coisa que você deve fazer é mandá-lo de volta para mim no envelope verde. Não guarde esse lenço de oração; devolva-o para mim. Eu o receberei e orarei sobre ele a noite toda. O poder miraculoso fluirá como um rio. Deus tem algo melhor para você, um milagre especial para suprir suas necessidades.

O mais interessante é que o remetente do lenço de oração acha que tem apoio bíblico para essa prática. Enquanto Paulo estava em Éfeso, tem Deus realizou muitos milagres por intermédio dele, "a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam" (At 19.12). No entanto, como vimos, Paulo e os outros apóstolos receberam poder exclusivo. Nada no Novo Testamento sugere que qualquer outra pessoa pudesse enviar lenços para operar milagres de cura.

Kenneth Hagin relatou que certo proponente da cura pela fé usava um método que nunca testemunhei pessoalmente:

> Ele sempre cuspia nas pessoas — em todas elas. Ele cuspia nas mãos e passava-as nas pessoas. Ele ministrava desse jeito... Se houvesse algo errado com sua cabeça, ele cuspiria em uma das mãos e a esfregaria em sua testa. Se o problema fosse no estômago, ele cuspiria na mão e a esfregaria em sua roupa ou sobre o estômago. Se o problema fosse no joelho, ele cuspiria na mão e a esfregaria em seu joelho. E todas as pessoas eram curadas.[9]

Outras técnicas são menos grosseiras, mas existe uma apresentação diária de excentricidades nos canais cristãos de televisão. Oral Roberts pede "ofertas de sementes de fé" — dinheiro que lhe é doado como sinal para o milagre ou a cura pessoal. Robert Tilton usa técnicas semelhantes regularmente, prometendo curas especiais e milagres financeiros para quem lhe enviar dinheiro — quanto maior a oferta, que represente mais sacrifício, melhor será o milagre. Pat Robertson coloca-se de frente à câmera e, como se pudesse enxergar a casa das pessoas, descreve as pessoas curadas naquele momento. Benny Hinn curou recentemente, ao vivo, Paul Crouch, que também ensina a cura pela fé e apresenta um programa de entrevistas, na Trinity Broadcasting Network. Depois de Hinn ter "liberado a unção" para uma platéia lotada, Crouch testemunhou ter sido curado miraculosamente de um zumbido insistente nos ouvidos, do qual sofria durante anos. A lista de alegações fantástica e de relatos de curas cresce a um passo frenético. No entanto, faltam as evidências de milagres genuínos.

Em todos os lugares, as pessoas me fazem perguntas sobre milagres e curas. Deus está restaurando esses dom maravilhoso? O que você acha dessa e daquela cura? De toda parte, procedem confusão, perguntas e contradições.

À medida que estudamos as Escrituras, encontramos três categorias de dons espirituais. Em Efésios 4, existe a categoria dos *homens dotados*: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Esses próprios homens são descritos como dons de

9 Hagin, Kenneth E. *Understanding the anointing*. Tulsa: Faith Library, 1983. p. 114.

Cristo à igreja. Em segundo, existem os *dons permanentes de edificação*, que incluem conhecimento, sabedoria, profecia (a pregação com autoridade), ensino, exortação, fé (ou oração), discernimento, misericórdia, contribuição, governo e socorros (cf. Rm 12.3-8; 1 Co 12.8-10,28). Em terceiro, havia os *dons de sinais temporários*. Esses dons eram habilidades específicas, concedidas a certos crentes com o propósito de autenticar ou confirmar a Palavra de Deus, quando ela era proclamada na igreja primitiva — antes de ser completamente escrita. Os dons de sinais temporários incluíam: profecia (profecia reveladora), milagres, curas, línguas e interpretação de línguas. Os dons de sinais possuíam um único objetivo: oferecer credenciais aos apóstolos, isto é, fazer o povo reconhecer que todos esses homens falavam a verdade de Deus. Logo que a palavra de Deus foi completamente escrita, os dons de sinais tornaram-se desnecessários e foram extintos.

O que era o dom bíblico de milagres?

Milagres e curas eram dons de sinais extraordinários outorgados com o objetivo de confirmar a revelação divina. Os milagres poderiam incluir curas; e as curas realizadas por pessoas que tinham esse dom eram todas miraculosas. Portanto, em certo sentido, os dois dons se sobrepõem.

O grande realizador de milagres foi o próprio Senhor Jesus Cristo. Jesus fez basicamente três tipos de milagres: curas (incluindo a ressurreição de pessoas mortas — a cura no maior sentido), expulsão de demônios (o que muitas vezes resultou em cura) e milagres da natureza (como a multiplicação de pães e peixes, o aquietar o mar e o andar sobre a água). Os evangelhos estão repletos dos milagres de Jesus nessas categorias. João escreveu: "Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros

que seriam escritos" (Jo 21.25). Todos esses milagres eram sinais que apontavam para a realidade da afirmação de que Jesus era Deus (cf. Jo 2.11; 5.36; 20.30-31; At 2.22).

Quando a obra de Cristo foi concluída, os apóstolos foram designados para anunciar e registrar sua mensagem na Escritura. Para autenticar-lhes a obra, Deus lhes concedeu a habilidade de operar milagres de cura e expulsar demônios. Em todo o Novo Testamento, nada indica que outra pessoa além de Jesus foi capaz de realizar milagres que envolveram a natureza. Os apóstolos jamais criaram um dilúvio, aquietaram o mar ou andaram sobre a água. (Quando Pedro andou sobre a água — uma única vez —, Jesus estava presente e o auxiliou. Nada sugere a repetição da experiência).

Como já observamos na discussão sobre os milagres (Capítulo 5), o poder para realizar milagres foi concedido especial e exclusivamente aos apóstolos e a seus colaboradores mais próximos. A promessa de Jesus, feita aos doze, encontra-se em Mateus 10.1: "Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades". Com a outorga do Espírito e o início da era da igreja, os apóstolos continuaram a manifestar esses dons sobrenaturais. De fato, os apóstolos estavam tão associados a esses milagres, que Paulo lembrou os crentes de Corinto: "As credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos" (2 Co 12.12).

Portanto, os poderes miraculosos eram limitados em escopo e restritos aos apóstolos. Não foram outorgados aos crentes comuns (Mc 16.20; Hb 2.3-4), embora algumas pessoas comissionadas pelos apóstolos tenham participado do ministério de dons miraculosos (como Filipe, em At 8.6-7). Benjamin B. Warfield, um teólogo perspicaz, observou corretamente que os dons miraculosos

> não era uma posse para o cristão primitivo, nem para a igreja apostólica ou

para a era apostólica; eram, distintivamente, a autenticação dos apóstolos. Eram parte das credenciais dos apóstolos como agentes autorizados da parte de Deus para a fundação da igreja. A função desses dons confinava-os, especificamente, à igreja apostólica e chegaram necessariamente ao fim quando essa era acabou.[10]

A palavra grega traduzida por "milagres" (*dynamis*) significa literalmente "poder". Ela é encontrada 118 vezes no Novo Testamento (o verbo, 209 vezes). É usada para designar o dom de milagres na expressão "operações de milagres" (lit., "a energização das obras poderosas"), em 1 Coríntios 12.10.

Dynamis é a mesma palavra traduzida por "poder" em todos os evangelhos. Ela é, realmente, o dom de "poderes". O que isso significa?

Jesus nos deu o mais claro padrão para a entendermos. Durante sua vida e ministério, Jesus encontrou-se com Satanás e o derrotou por seu *dynamis*, seu poder (Lc 4.13, 14, 36; 6.17-18). Encontramos Jesus expulsando, constantemente, demônios por seu "poder" (cf. Mt 8, 9, 12; Mc 5, 6, 7; Lc 9). Em todos esses casos, o dom de poder de Jesus foi usado para combater o reino de Satanás. O dom de "poderes" é a habilidade de expulsar demônios. Foi isso que os apóstolos realizaram (At 19.12); Filipe também fez isso (At 8.6-7).

Portanto, os milagres dos apóstolos limitavam-se a curar pessoas e a expulsar demônios. As alegações modernas de pessoas que se dizem capazes de realizar milagres da natureza, não tem precedentes apostólicos. Além disso, não se harmonizam com o propósito de Deus para os milagres: confirmar a nova revelação bíblica.

Hoje lidamos com os espíritos malignos por seguirmos as instruções de 2 Coríntios 2.10 e 11, Efésios 6.11-18, 2 Timóteo 2.25-26, Tiago 4.7 e 1 Pedro 5.7 a 9. Todos esses versículos nos ensinam como podemos triunfar sobre Satanás.[11]

---

10 Warfield, B. B. *Counterfeit miracles*. Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1918. p. 6.

11 Quanto a uma argumentação mais completa a respeito da batalha espiritual, ver MacArthur, John *Nossa suficiência em Cristo*. 2. ed. São José dos Campos:

Freqüentemente, o dom de milagres estava associado à cura, pois a doença poderia ter ocorrido apenas por influência satânica ou demoníaca.

Doença — um problema universal

A doença é uma terrível realidade desde a queda do homem, no jardim do Éden. Há milênios, a busca por curas que tragam alívio as doenças e sofrimentos tem consumido a humanidade. Males e morte afligem e vencem todas as pessoas, desde Adão. Apenas Enoque e Elias escaparam da morte (Gn 5.24; 2 Rs 2.11). Apenas Jesus venceu a morte e ressuscitou em glória. À parte deles e de algumas pessoas que ainda vivem em período de normalidade, milhões de pessoas nascidas pereceram de doenças, ferimentos ou algum tipo de enfermidade. Ninguém está imune — nem mesmo aquele que afirma possuir dons de cura.

Posso confidenciar-lhe algo? Se eu pudesse escolher um dom espiritual, além dos que me foram concedidos, eu pediria a Deus o dom de curar. Em várias ocasiões, desejei ser capaz de curar. Estive com um casal de pais que sofriam no hospital, enquanto observavam o filho precioso morrer de leucemia. Orei com um amigo querido que estava com um câncer inoperável no intestino. Estive ao lado de um jovem que lutava pela vida em uma unidade de tratamento intensivo. Vi adolescentes bastante feridos em acidentes automobilísticos; pessoas em coma, mantendo por meio de aparelhos os sinais vitais. Vi um querido amigo enfraquecer a cada dia e morrer por causa de um transplante de coração mal sucedido. Tenho acompanhado amigos com dores terríveis após cirurgias. Conheço pessoas que perderam definitivamente a mobilidade por causa de doenças e ferimentos. Vi bebês com deformidades. Ajudei pessoas a aprenderem a conviver com amputações e outras perdas trágicas. Em todas essas situações,

---

Fiel, 2007. p. 197-221.

desejei ter o poder de curar as pessoas com uma palavra, um toque, uma ordem — mas sou incapaz.

Pense quão emocionante e recompensador seria possuir o dom de curar! Pense no que seria encontrar-se em um hospital, entre doentes e pessoas à beira da morte, e andar pelos corredores, para cima e para baixo, tocando nas pessoas e curando-as! Seria maravilhoso reunir grupos de pessoas que teriam o dom de curar e enviá-las, por meio de avião, aos grandes focos de doença do mundo. Elas poderiam andar por entre as multidões, curando a todos de câncer, tuberculose, AIDS e outros inúmeros males.

Por que os líderes carismáticos não tentam fazer isso? Por que não reúnem todos os que alegam possuir dons de cura e os deixam sair e ministrar onde se encontram as pessoas mais necessitadas? Poderiam começar por hospitais e casas de saúde da vizinhança; depois, dirigirem-se aos quatro cantos da terra. As oportunidades de cura são ilimitadas. E se, como sempre alegam os carismáticos, esses milagres são sinais e maravilhas designados para convencer os incrédulos, não seria esse o tipo de ministério que cumpria mais adequadamente esse propósito?[12]

No entanto, os curandeiros raramente saem de suas tendas, locais de reunião ou estúdios de televisão. Sempre parecem exercer seus dons em ambientes controlados, comportando-se de acordo com a programação.[13] Por que não ouvimos que o dom de cura está

12 É interessante o fato de Paul Cain, profeta da Terceira Onda, previu "profeticamente" esse tipo de ministério: "Cain descreve sua visão de um exército de crianças que desfilarão pelas ruas, curando as pessoas de todos as enfermarias dos hospitais. Ele prevê noticiários em que os principais jornalistas não comunicarão notícias ruins, pois todos os que estão em estádios ouvindo o evangelho. Mais de um bilhão de pessoas serão salvas. Os mortos serão ressuscitados, partes do corpo serão restauradas, os paralíticos saltarão de suas cadeiras de rodas, muletas serão lançadas de lado; e as pessoas que estiverem nos estádios passarão dias sem comida e água e não sentirão nada". Maudlin, Michael G. Seers in the heartland. *Christianity Today,* p. 21, Jan. 1991.

13 Embora Jamie Buckingham seja simpatizante de Kathryn Kuhlman, ele contou, na biografia dela, um incidente que revela, entre outras coisas, o grau de

sendo usado em hospitais? Por que não há pessoas que curam usando seus dons nas ruas da Índia ou de Bangladesh? Por que não estão nos leprosários e nos hospitais, assistindo a vítimas da AIDS, onde milhares de pessoas são afligidas por doenças?

Isso não acontece. Por quê? Porque as pessoas que alegam possuir o dom de curar não o têm realmente. O dom de curar era um dom de sinal temporário para autenticar as Escrituras como Palavra de Deus. Logo que essa autenticação ocorreu, o dom de cura cessou.

A Escritura ensina que, embora Deus se preocupe com o corpo de todos nós, Ele está muito mais interessado em nossa alma (Mt 10.28). Temos de perceber que, embora os cristãos pudessem curar todas as pessoas, à semelhança de Jesus, a maioria delas não creriam no evangelho. O que as pessoas fizeram depois de todas as curas maravilhosas de Jesus? Elas O crucificaram. Os apóstolos não obtiveram uma reação diferente. Eles realizaram muitos milagres de cura; mas, o que aconteceu? Foram presos, perseguidos e

---

controle que ela insistia em manter em suas reuniões:
Uma ex-cantora de um clube, salva e curada pelo ministério da senhora Kuhlman, estava no palco. Quando o culto chegava ao final, ela se aproximou de um dos microfones, para elevar voz e começar a cantar: 'Aleluia'. Kathryn desagradou-se. Para findar o assunto, ela se dirigiu-se àquela mulher e tocou-lhe, orando por ela. Ela caiu de costas por causa do poder. Então, Kathryn virou-se, tomou meu braço e colocou-me junto ao microfone. Se alguém tinha de liderar o cântico, ela desejava que fosse alguém conhecido, e não um estranho. As pessoas estavam cantando, mas com apatia. Kathryn se movia para trás e para frente, pronunciando suas expressões prediletas. Elas pareciam vazias. A cantora pusera-se em pé novamente, e Kathryn voltou a tocar nela. Nada aconteceu dessa vez. Em um tentativa desesperada, eu a ouvi dizer: 'O Espírito está sobre você, Jamie'. Ela se moveu rapidamente na minha direção, colocando as mãos sobre minha mandíbula, enquanto eu cantava. No passado, houve ocasiões em que, se ela viesse perto de mim, eu cairia "sob o poder". Mas naquele dia havia só a Kathryn — tendo suas mãos em minha mandíbula. Eu gostava muito dela e não quis decepcioná-la. Com um suspiro de resignação, caí para trás, nos braços do homem posicionado atrás de mim. Tão logo o homem me ajudou a ficar em pé, Kathryn aproximou-se outra vez: 'Eu te dou glória, eu te dou louvor'. No entanto, desta vez, eu não caí. Apenas afastei-me, quando ela tocou em mim. Ela deu meia-volta e dirigiu-se ao outro lado do palco. (Buckingham, Jamie. *Daughter of destiny*. Plainfield, N.J.: Logos, 1976. p. 280-281.)

mortos. A salvação não procede do recebimento da cura física ou de contemplá-la; a salvação vem por meio do ouvir e crer no evangelho (Rm 10.17).

No decorrer dos séculos, o dom de curar tem sido reivindicado tanto por cristãos como por pagãos. Historicamente, a Igreja Católica Romana encabeça a lista dos grupos que alegam possuir poder de curar. Ela tem realizado curas com o auxílio dos ossos de João Batista, de Pedro, fragmentos da cruz e com frascos contendo o leite de Maria. Lourdes, um santuário na França, é supostamente a localidade de inúmeras curas miraculosas. Medjugorje, na Iugoslávia, atraiu mais de quinze milhões de pessoas em menos de uma década. São pessoas à procura de milagres ou curas devido à suposta aparição da Virgem Maria a seis crianças, em 1981.

Os curandeiros orientais que usam poderes psíquicos dizem-se capazes de realizar "cirurgias sem sangue". Impõem as mãos sobre os órgãos afetados e pronunciam encantamentos. Pessoas são supostamente curadas.

Bruxos e xamãs alegam até o poder de ressuscitar mortos. Ocultistas usam magia negra para realizar prodígios de mentira nas artes de cura. Mary Baker Eddy, criadora da Ciência Cristã, afirmava ter curado pessoas por telepatia. Por meio de curas fraudulentas, Satanás sempre tem mantido pessoas sob o seu domínio. Raphael Gasson, ex-médium espírita, convertido a Cristo, afirmou: "Existem hoje muitos espíritas favorecidos com esse notável dom de poder, dado por Satanás. Eu mesmo, tendo sido usado dessa maneira, posso testemunhar a ocorrência de curas miraculosas nas 'reuniões de cura' do espiritismo".[14]

E das fileiras do cristianismo, particularmente dos movimentos pentecostal e carismático, procedem reivindicações contínuas do poder de curar. Ligue a televisão ou o rádio. É provável que, durante

14 Gasson, Raphael. *The challenging counterfeit*. Plainfield, N.J.: Logos, 1966. p. 106.

o dia ou à noite, você ouça alguém prometendo curá-lo à distância, ainda que o programa já tenha sido gravado.

Certa vez conversei com um homem cuja mulher, conforme ele me dissera, havia sido maravilhosamente curada de câncer por seu pastor.

"Como está sua mulher hoje?", perguntei.

"Ela morreu", disse-me o homem.

"Morreu?", perguntei. "Quanto tempo após a cura?"

Ele respondeu: "Um ano depois".

Relatos semelhantes a esse são comuns no movimento. Kenneth Hagin contou a história de um pastor que fora supostamente curado de surdez, em uma grande reunião de cura. "No entanto, assim que a reunião terminou, ele não conseguia ouvir". Hagin escreveu: "Ele voltou a usar o aparelho de audição".[15]

Os programas de televisão dos carismáticos apresentam uma mentalidade competitiva em relação a milagres e curas. Certo pastor, de um programa carismático de televisão, explicou como seu dom de cura atuava: "Nos cultos matinais, o Senhor me informa os tipos de curas disponíveis. O Senhor dirá: 'Hoje, tenho disponível a cura de três cânceres, uma dor nas costas e duas dores de cabeça'. Anuncio à congregação e lhes digo que quem vier com fé, à noite, poderá tomar posse do que estará disponível".

Um exame mais detalhado sobre curandeiros e curas

Embora os métodos e as atividades das pessoas que afirmam possuir o dom de cura não se harmonizem com a Bíblia, não podemos negar a ocorrência de certos fenômenos nos cultos. Pessoas

15 Hagin, Kenneth E. How to keep your healing. Tulsa: Rhema, 1989. p. 20-21. Hagin explica o motivo por que a cura não ocorreu: "*Se você não tem fé suficiente para manter o que possui, o diabo o roubará*" (ênfase no original).

"caem no Espírito"; outras saltam de cadeiras de rodas, afirmando terem sido curadas. Existe alguma explicação para isso?

Talvez você pense que existam muitas evidências para corroborar as alegações feitas pelos curandeiros. Mas não é assim. A maior parte das "evidências" citadas por eles como prova não pode ser comprovada. É uma conjectura ou uma opinião subjetiva. Certo homem, William Nolen, um médico não-evangélico, testou as afirmações de pessoas que curam mediante a fé. Ele escreveu um livro intitulado *A Doctor in Search of a Miracle* (*Um Médico à Procura de um Milagre*], incluindo uma seção sobre os curandeiros carismáticos, com ênfase especial em Kathryn Kuhlman, cujo trabalho ele estudou detalhadamente. Nolen apresenta este relato de um culto de cura:

Finalmente acabou. Ainda havia longas filas de pessoas esperando para subir ao palco e reivindicar a cura, mas às cinco horas, com um hino e a bênção final, o espetáculo terminou. A senhora Kuhlman deixou o palco, e o público saiu do auditório.

Antes de voltar e falar com a Sra. Kuhlman, passei alguns minutos observando os doentes que iam embora em cadeiras de rodas. Todos as pessoas muitíssimo doentes que se encontravam em cadeiras de rodas permaneciam nelas. De fato, o homem que tinha câncer no rim, na espinha dorsal e no quadril, o homem a quem ajudei a chegar ao auditório, que foi levado ao palco e reivindicara a cura, estava agora, outra vez, na cadeira de rodas. Sua "cura", ainda que tenha ocorrido apenas devido à histeria, teve curtíssima duração.

Parei no corredor, observando os casos sem esperança deixarem o local, contemplando as lágrimas de pais que conduziam os filhos deficientes aos elevadores. Eu queria que a Sra. Kuhlman estivesse comigo. No culto, ela reclamara algumas vezes da "responsabilidade, enorme responsabilidade" e de seu "coração partido por causa dos que não foram curados". Todavia, eu me perguntava com que freqüência ela realmente os observava. Eu desejava saber com sinceridade se a alegria das pessoas

"curadas" de bursite ou artrite compensavam a angústia dos que partiam com pernas atrofiadas, com filhos que tinham deficiência mental, com câncer de fígado.

Eu me perguntava se ela realmente sabia o dano que estava causando. Eu não podia acreditar que ela soubesse...

Eis alguns aspectos dos processos de cura médica sobre os quais alguns de nós não sabemos nada e dos quais nenhum de nós conhece o suficiente. Comecemos com a *habilidade do corpo de curar a si mesmo.* Kathryn Kuhlman diz muitas vezes: "Eu não curo; o Espírito Santo cura por intermédio de mim". Suspeito que existem duas razões pelas quais a Sra. Kuhlman repete continuamente essa declaração: primeira, se o doente não melhorar, o Espírito Santo, e não Kathryn Kuhlman, recebe a culpa. Segunda: ela não possui a menor idéia do que seja cura; e, visto que põe a responsabilidade nos ombros do Espírito Santo, ela pode responder, aos ser questionada sobre seus poderes de cura: "Eu não sei. O Espírito Santo é quem faz tudo".[16]

O Dr. Nolen continuou, explicando que os médicos, assim como os curandeiros carismáticos, podem exercer influência sobre o paciente e curar sintomas de doenças por meio da sugestão, com ou sem a imposição de mãos. Essas curas não são miraculosas; procedem do funcionamento do sistema nervoso autônomo do paciente.

Também mencionou que todas as pessoas que curam — pela fé ou por meio da medicina — usam, em certa medida, o poder da sugestão. Ele admitiu que, ao administrar a alguém uma pílula ou uma injeção, diz com muita freqüência que o remédio fará o paciente sentir-se melhor após 24 ou 48 horas. Obtém resultados melhores, se der ao paciente uma mensagem vaga. Como destaca Nolen, existe bastante poder na atitude otimista, especialmente no que se refere a desordens funcionais.[17]

16 Nolen, William. *Healing:* a doctor in search of a miracle. New York, Random House, 1974. p. 60, 239.
17 Ibid. p. 256-257.

Explicou a importante distinção entre doenças funcionais e orgânicas. A doença funcional ocorre quando um órgão sadio não funciona de maneira adequada. Na doença orgânica, o órgão encontra-se doente, debilitado, fisicamente prejudicado ou morto. "Infecções, ataques cardíacos, cálculos biliares, hérnias, hérnias de disco, cânceres de todos os tipos, ossos quebrados, deformidades congênitas e lacerações" incluem-se na classe de doenças orgânicas.[18] Nolen afirma que, se alguém recorre à fé para curar doenças orgânicas, não obtém sucesso.

No artigo de uma revista, Nolen afirmou que a Sra.. Kuhlman não entendia as "doenças psicogênicas" — doenças relacionadas à mente.[19] Em termos simples, um braço dolorido é uma doença funcional. Já a doença orgânica seria um braço ou uma pena ressequidos. A doença psicogênica seria *pensar* que seu braço está dolorido. Nolen escreveu:

> Faça uma pesquisa na literatura, como eu fiz, e você não achará, documentadas pelos curadores, curas de cálculos biliares, doenças cardíacas, cânceres ou qualquer outra doença orgânica grave. Com certeza serão encontrados pacientes que sentiram alívio temporário de dor no estômago, no peito, problemas respiratórios. Você também encontrará curandeiros e fiéis que interpretarão o fim dos sintomas como evidência da cura da doença. Mas uma investigação posterior no paciente sempre revela que houve apenas "cura" dos sintomas, de curta duração. A verdadeira doença permanece oculta.[20]

Quando os curandeiros tentam curar doenças orgânicas graves, eles são, muitas vezes, responsáveis por enorme angústia e infelicidade. Às vezes, eles mantêm os pacientes distantes da ajuda que lhes poderia ser eficiente ou salvar-lhes a vida.

Há muitos anos, preguei uma mensagem em que afirmei muitas das coisas contidas neste capítulo. Ao final da mensagem, um jovem aproximou-se e me disse: "O senhor nunca saberá o significado dessa

---

18 Ibid. p. 259.

19 Nolen, William. In search of a miracle. *McCall's*, p. 107, Sept. 1974.

20 _____. *Healing:* a doctor in search of a miracle. New York, Random House, 1974. p. 259-260.

mensagem para mim. Caí de uma escada e machuquei a cabeça, sofrendo de dores terríveis. Algumas pessoas oraram por mim e disseram que as dores estavam curadas e sumiram. No entanto, desde o retorno das dores, eu tenho me sentido culpado, como se não tivesse aceitado a cura divina. Portanto, eu me recusei a consultar um médico. No entanto, nesta manhã, o senhor me libertou para entender que preciso ser examinado por um médico". O médico conseguiu encontrar as causas orgânicas das dores de cabeça, e o jovem foi tratado com eficiência.

O que nos diz a evidência?

Sem dúvida, muitas pessoas que crêem nos curandeiros carismáticos protestarão afirmando que o Dr. Nolen não sabe o que fala. Além disso, ele não é evangélico e, talvez, não se sinta inclinado a crer em milagres. Quão objetiva foi sua pesquisa? O Dr. Nolen recebeu da Sra Kuhlman um lista de pessoas, vítimas de câncer, que ela "curara", e isso foi o que ele descobriu:

> Escrevi a todas as vítimas de câncer da lista — oito no total —, e a única pessoa que decidiu cooperar foi um homem que a Sra. Kuhlman supostamente curara de câncer na próstata. Ele me enviou a ficha médica completa de seu caso. O câncer de próstata muitas vezes responde de forma positiva à terapia hormonal; e, caso se espalhe, também poderá ceder à radioterapia. Esse homem fora submetido a um tratamento intensivo que incluiu cirurgia, radiação e hormônios. Ele também foi tratado por Kathryn Kuhlman. Ele preferiu atribuir a cura — ou remissão (é o que parecer ser este caso) — à Sra. Kuhlman. No entanto, qualquer pessoa que lesse seu prontuário, leiga ou ligada à medicina, perceberia imediatamente a impossibilidade de afirmar que tratamento atuara para prolongar sua vida. Se a Sra. Kuhlman se apegasse a esse caso, para provar que por intermédio dela o Espírito Santo "curou" o câncer, ela estaria em maus lençóis.[21]

21 _____. In search of a miracle. *McCall's*, p. 107, Sept. 1974.

O Dr. Nolen acompanhou 82 casos de curas atribuídas a Kathryn Kuhlman, valendo-se dos nomes apresentados por ela. Das 82 pessoas, apenas 23 responderam e foram entrevistadas. A conclusão de Nolen, ao findar toda a investigação, é que nenhuma das supostas curas era legítima.[22]

A falta de conhecimento médico de Kathryn Kuhlman é o ponto crítico. Não creio que ela seja mentirosa, charlatã ou conscientemente desonesta... acredito que ela creia, sinceramente, que os milhares de pessoas doentes que vêm aos seus cultos e reivindicam curas, por meio de suas ministrações, são curadas de doenças orgânicas. Também creio — e minhas pesquisas confirmam — que ela está errada.

O problema — sinto dizê-lo de forma tão abrupta — é ignorância. A Sra. Kuhlman não *conhece* a diferença entre doenças psicogênicas e doenças orgânicas. Embora use técnicas hipnóticas, ela não sabe nada a respeito de hipnose e do poder da sugestão. Ele não *sabe* nada sobre o sistema nervoso autônomo. Caso saiba disso, aprendeu a ocultar muito bem seu conhecimento.

Existe outra possibilidade: talvez a Sra. Kuhlman não *queira* saber que seu trabalho não é tão miraculoso quanto parece. Por essa razão, ele treinou a si mesma para negar, de forma emocional e intelectual, qualquer coisa que ameace a validade de seu ministério.[23]

Recentemente, James Randi, mágico profissional conhecido como "o Incrível Randi", escreveu um livro no qual examina as alegações de pessoas que curam por meio da fé.[24] Randi foi o homem que expôs a farsa do televangelista Peter Popoff, em 1986, no programa de televisão *The Tonight Show*. (Popoff afirmava receber "palavras de conhecimento", da parte de Deus, sobre pessoas presentes, e os detalhes eram incrivelmente precisos. Randi descobriu que ele apenas repetia informações recebidas de sua mulher, por meio de um recep-

22 Ibid. p. 106.
23 Ibid. p. 107.
24 Randi, James. *The faith healers*. Buffalo: Prometheus, 1987.

tor escondido no ouvido. Ela lia para ele informações obtidas das pessoas, de modo informal, antes do início das reuniões.)

Randi é um antagonista do cristianismo.[25] No entanto, ele conduziu sua investigação de modo completo e justo. Pediu aos principais líderes do movimento de cura pela fé que lhe enviassem "evidências diretas e comprováveis" de curas verdadeiras.[26] Randi escreveu: "Estava disposto a aceitar *um* só caso de uma cura miraculosa, para afirmar neste livro que pelo menos em uma ocasião um milagre acontecera".[27] Mas nenhuma das pessoas que curam pela fé apresentou-me sequer um caso de cura comprovado pela medicina, um caso que não poderia ser explicado como convalescença natural, melhora psicossomática ou fraude. Qual a conclusão de Randi? "Reduzida à sua base, a cura pela fé hoje — e como sempre — é simplesmente 'magia'. Ainda que os pregadores neguem com veemência qualquer ligação com essa prática, suas atividades satisfazem todas as exigências da definição de magia. Todos os elementos da magia estão presentes, e a intenção é idêntica".[28]

Evientemente, muitos dos que curam pela fé equivocam-se quanto às suas alegações. Alguns até negam que afirmam curar. "Eu não curo", eles dizem, "o Espírito Santo cura". No entanto, todas as representações, bravatas e truques negam essa afirmação. Se não alegassem realizar curas, por que tantas pessoas esperançosas se dirigiriam às reuniões *deles*? E por que continuam narrando histórias fantásticas de pessoas supostamente curadas nessas reuniões?

E as curas sobre as quais ouvimos? *Alguma* delas é genuína? Talvez não. Onde estão as curas de ossos esmagados? Quando ouvimos que um desses curandeiros esteve em um acidente automobilístico e

25 Lembre-se, porém, que os mais veementes críticos de Jesus eram incapazes de refutar ou negar os milagres que Ele realizava.
26 Randi, James. *The faith healers*. Buffalo: Prometheus, 1987.
27 Ibid. p. 25.
28 Ibid. p. 35.

curou uma face lacerada ou endireitou um crânio esmagado? Onde estão as curas de doentes terminais? Existem membros amputados, posteriormente restaurados ou ex-tetraplégicos que agora andam normalmente? Em vez disso, o que vemos, de modo geral, são doenças imaginárias, curadas de modo imaginário.

Nenhum dos curandeiros da atualidade é capaz de apresentar uma prova irrefutável dos milagres que alegam ter realizado. Muitos deles são fraudadores, e suas curas, suspeitas. Entretanto, milhares de pessoas inteligentes continuam a recorrer a eles. Por quê? Por causa do desespero que, de modo geral, acompanha a doença. A enfermidade pode levar as pessoas a fazerem coisas extremas e insensatas que, em outra situação, elas não fariam. Pessoas que são comumente racionais, inteligentes e equilibradas, tornam-se irracionais. Satanás sabe disso; por essa razão, ele disse: "Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida" (Jó 2.4).

Os casos mais desesperadores e dolorosos envolvem pessoas que sofrem de doença orgânica incurável. Outras não estão verdadeiramente doentes. Possuem problemas psicossomáticos ou doenças funcionais sem gravidade. Outras encontram-se tão cheias de dúvidas, que vão a diferentes reuniões para terem sua fé reforçada, mediante a contemplação do que consideram miraculoso. A tragédia é que nenhum bem ocorre a essas pessoas — a fé não é fortalecida, tampouco as doenças são curadas. Multidões voltam para casa arrasadas, desconsoladas, sentindo que falharam para com Deus, e Deus, para com eles.

Existe muita confusão, culpa e dor entre carismáticos e não-carismáticos por causa do que lhes foi dito a respeito da cura. A angústia da doença e da enfermidade é intensificada quando as pessoas sentem que não foram curadas por causa de pecados pessoais, falta de fé ou indiferença de Deus para com elas. Acham que, se a cura está disponível a todos e elas não a obtêm, a falta é delas mesmas ou de Deus. Portanto, os curandeiros que se valem da fé alheia têm deixado muitos destroços em seu caminho.

Deus cura — à maneira dEle

Será que Deus cura? Creio que sim. Não desprezo automaticamente todas as alegações de curas sobrenaturais, porque algumas são falsas. No entanto, estou convencido de que a intervenção divina, dramática, miraculosa e imediata, é muito rara — e jamais depende de qualquer pessoa supostamente dotada que atua como agente da cura. Curas genuínas podem resultar da oração, e a maior parte delas envolve, de modo geral, processos naturais. Em outras ocasiões, Deus agiliza os mecanismos de recuperação e restaura o doente à saúde de uma maneira que a medicina não consegue explicar. Às vezes, Ele passa por cima dos prognósticos médicos e permite que alguém se recupere de uma doença debilitante. Curas como essas procedem da resposta à oração e da vontade soberana de Deus e podem ocorrer a qualquer momento. Todavia, o dom de cura, a capacidade de curar outras pessoas, unções especiais para ministérios de cura, curas das quais se "toma posse" e outras técnicas típicas do movimento de cura pela fé não possuem sanção bíblica nesta era pós-apostólica.

Sem dúvida, Deus cura. Ele cura em resposta à oração, a fim de revelar sua glória. Entretanto, existe uma enorme diferença entre as curas realizadas nos dias de Jesus e dos discípulos e a "curas" oferecidas hoje na televisão, no rádio, nas correspondências e nos púlpitos. Um exame nas Escrituras ressalta perfeitamente a diferença.

Como Jesus curava?

Para traçar a comparação entre o dom de cura conhecido hoje e o que a Bíblia ensina, precisamos apenas retroceder um pouco e observar o ministério de Jesus. Nosso Senhor estabeleceu o padrão para os dons apostólicos, além de realizar grande número de curas. Nos dias de Jesus, o mundo estava repleto de doenças. O conhecimento médico era rudimentar e limitado. Havia mais doenças incuráveis do que hoje. Pragas dizimavam cidades inteiras.

Jesus curou doenças para comprovar sua divindade. Como ele o fazia? A Escritura revela seis características notáveis do ministério de cura de Jesus:

Em primeiro lugar, *Jesus curava com uma palavra ou toque*. Mateus 8 relata que, ao entrar Jesus em Cafarnaum, um centurião aproximou-se dele e pediu-lhe que socorresse seu servo, que jazia paralítico em casa e sofria muitas dores (v. 6-7). Jesus disse ao centurião que iria até à casa dele e curaria o servo, mas o centurião protestou, afirmando que, se Jesus dissesse uma palavra, seu servo seria curado (v. 8).

O Senhor ficou surpreso com a fé do centurião, especialmente porque este era um soldado romano e não um membro do povo de Israel. Jesus disse ao centurião: "Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado" (v. 13).

Quando Jesus alimentou as cinco mil pessoas (João 6), Ele passou a maior parte do dia curando pessoas doentes dentre a multidão. A Escritura não nos revela quantas foram curadas — podem ter sido milhares. No entanto, independentemetnte do número, Jesus curou-as com uma palavra. Não havia encenação teatral e nenhum clima especial.

Jesus também curou com o toque. Por exemplo, Marcos 5.25-34 contém o relato a respeito de certa mulher que tinha uma hemorragia crônica e foi curada simplesmente ao tocar a roupa de Jesus.

Em segundo lugar, *Jesus curou instantaneamente*. O servo do centurião foi curado "naquela mesma hora" (Mt 8.13). A mulher hemorrágica foi curada imediatamente (Mc 5.29). Jesus curou dez leprosos de uma única vez, em uma estrada (Lc 17.14). Ele tocou em outro homem que tinha lepra, e, "no mesmo instante, lhe desapareceu a lepra" (Lc 5.13). O enfermo, junto ao tanque de Betesda, "imediatamente... se viu curado" (Jo 5.9). Até o homem cego de nascença, que teve de lavar os olhos, foi curado instantaneamente — embora Jesus tenha realizado a cura em dois estágios distintos, para cumprir seus propósitos (Jo 9.1-7). A cura não foi menos instantânea.

As pessoas dizem com freqüência: "Fui curado, agora me sinto melhor". Jesus nunca realizou curas "progressivas". Se ele não tivesse curado de modo instantâneo, não haveria o elemento miraculoso para comprovar sua divindade. Seus críticos afirmariam com facilidade que a cura seria apenas um processo natural.

Em terceiro lugar, *Jesus curou completamente*. Em Lucas 4, Jesus deixou a sinagoga e dirigiu-se à casa de Simão Pedro. A sogra de Pedro sofria com febre alta. Talvez ela estivesse à beira da morte. Inclinando-se para ela, Jesus "repreendeu a febre", e a sogra de Pedro ficou sadia imediatamente (v. 39). Na verdade, ela se levantou logo e passou as servi-los. Não houve período de recuperação. Jesus não lhe disse que bebesse um pouco de mel em água quente e diminuísse as atividades por algumas semanas. Tampouco Ele a incentivou a "tomar posse da cura pela fé", a despeito dos sintomas reincidentes. Ela ficou boa imediatamente e sabia disso. Sua cura fora instantânea e completa. Esse era o único tipo de cura que Jesus realizava.

Em quarto lugar, *Jesus curou todas as pessoas*. Diferentemente dos curandeiros de nossos dias, Jesus não deixava longas filas de pessoas desapontadas, que voltaram para casa em cadeiras de rodas. Ele não se valia de cultos (ou programas) de cura que findavam em certo momento, por causa do horário da companhia aérea ou do canal de televisão. Lucas 4.40 afirma: "Ao pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhos traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um". Lucas 9.11 registra um exemplo semelhante.

Em quinto lugar, *Jesus curou doenças orgânicas*. Jesus não atravessava a palestina curando dores nas costas, palpitações cardíacas, dores de cabeça e outras enfermidades invisíveis. Ele curou os tipos mais evidentes de doenças orgânicas — pernas aleijadas, mãos ressequidas, olhos cegos, paralisia — e todas elas foram inegavelmente miraculosas.

Em sexto lugar, *Jesus ressuscitou mortos*. Lucas 7.11 a 16 nos informa que, à entrada da cidade de Naim, Ele se deparou com um cortejo fúnebre: uma viúva ia enterrar o filho único. Jesus parou o cortejo, to-

cou o esquife e disse: "Jovem, eu te mando: levanta-te!" — e o morto sentou-se e começou a falar! Ele também ressuscitou a filha de um dos líderes de sinagoga, conforme o relato de Marcos 5.22-24, 35-43.

As pessoas que promovem hoje o dom de cura não passam tempo em velórios, cortejos fúnebres e cemitérios. A razão é evidente.

Alguns carismáticos, como já vimos, alegam que, às vezes, pessoas têm retornado de entre os mortos; mas esses casos não se assemelham aos exemplos bíblicos. Uma coisa é vivificar alguém cujos sinais vitais cessaram sobre a mesa de cirurgia. Outra coisa, completamente diferente, é tirar do túmulo alguém enterrado havia quatro dias (ver João 11) ou fazer alguém se levantar do caixão no funeral (ver Lucas 7). Essas são ressurreições que não podem ser negadas. Os carismáticos que fazem essas alegações estão apenas passando boatos adiante, sem qualquer evidência. Eles são culpados de trivializar as obras miraculosas do Senhor. Qual é o motivo por que os milagres realizados em programas de televisão são apenas aqueles que não envolvem evidências visíveis?

Por exemplo, observe que quase todas as curas e ressurreições realizadas por Jesus aconteceram em público — e, com freqüência, diante de grandes multidões. O dom de curar de Jesus tinha o objetivo de autenticar. Ele o usava para confirmar suas alegações de que era o Filho de Deus e demonstrar sua compaixão divina. A expulsão de demônios e a cura de doenças era a maneira de Cristo provar que era Deus em carne humana. O evangelho de João demonstra essa verdade com clareza. João afirmou que todos os sinais e milagres realizados por Jesus comprovavam sua divindade (Jo 20.30-31).

Como os apóstolos curavam?

Como vimos, Jesus estabeleceu o padrão para o dom de cura. Alguém pode afirmar que os curandeiros de hoje atuam em um nível diferente de poder. Além disso, eles não são deuses.

No entanto, como os apóstolos e outras pessoas usaram dos dons de cura que lhes foi outorgado por Cristo? Jesus concedeu o dom de curar aos doze apóstolos (Lc 9.1-2). Mais tarde, ele estendeu o dom de cura a outras setenta pessoas, enviadas duas a duas para pregar o evangelho e curar doentes (Lc 10.1-9). Nno Novo Testamento, mais alguém tinha a habilidade de curar? Sim, uns poucos companheiros dos apóstolos também receberam o dom. Foram eles: Barnabé (At 15.12), Filipe (At 8.7) e Estêvão (At 6.8). No entanto, jamais vemos o dom de curar sendo usado de modo aleatório nas igrejas. Era um dom associado a Cristo, aos doze (e a Paulo), aos setenta e alguns colaboradores mais próximos dos apóstolos.

Atos 3 ilustra com clareza como o dom de cura auxiliou os apóstolos a anunciar sua mensagem. Pedro e João estavam a caminho do templo, para orar, quando um coxo pediu-lhes esmola. Pedro respondeu que não tinha dinheiro, mas lhe daria o que possuía. E disse: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda" (At 3.6).

Imediatamente, o homem firmou-se sobre os pés, começou a andar e a louvar a Deus. A notícia se espalhou com rapidez, e, em breve, uma multidão se reuniu. Todos conheciam o aleijado que havia anos mendigava à porta do templo. Pedro aproveitou a oportunidade e dirigiu-se à multidão, dizendo-lhes que não deveriam se maravilhar pelo que viram. Aquilo não acontecera pelo poder de Pedro ou de João, e sim por virtude do poder de Jesus Cristo, Aquele a quem o povo crucificara.

É muito importante entender o impacto do discurso de Pedro e o efeito da cura miraculosa sobre o público. Pedro falava ao povo judeu, que, durante toda a sua vida, esperara com ansiedade pelo Messias. Suponha que Pedro tivesse ele apenas andado pelo templo e dito àquelas pessoas: "Jesus Cristo, Aquele que vocês crucificaram há poucos meses — ele era o Messias. Creiam nEle".

Não podemos imaginar quão chocante e repulsiva essa mensagem seria ao judeu do século I. Era inconcebível supor que o Messias

seria crucificado como um criminoso ordinário. O judeu típico cria que o Messias viria com poder e glória, para eliminar a servidão aos romanos odiosos, que mantinham a Palestina sob sua autoridade.

Se Pedro não tivesse realizado o milagre de cura daquele homem coxo, ele teria pouco ou nenhum público. Conforme o relato bíblico, várias pessoas foram tocadas e tiveram o coração compungido. De acordo com Atos 4.4: "Muitos... dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil".

A igreja nasceu no Dia de Pentecostes. Uma nova era teve início, e Deus concedeu poderes miraculosos aos apóstolos para ajudá-los a anunciar a mensagem. De fato, podemos perceber que as seis características dos milagres de cura operados por Jesus Cristo também caracterizaram as curas realizadas pelos apóstolos.

Os apóstolos curaram com uma palavra ou toque. Em Atos 9.32-35, Pedro curou um homem chamado Enéias, que jazia paralisado na cama havia oito anos. Tudo o que Pedro disse foi: "Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma o teu leito. Ele, imediatamente, se levantou" (v. 34).

Em Atos 28, lemos que Paulo se encontrava na ilha de Malta; ali, ele curou com um toque. Públio, o principal homem de Malta, hospedou Paulo e seus companheiros. O pai de Públio jazia acamado por causa de febre alta e disenteria. Paulo foi vê-lo, impôs-lhe as mãos e o curou (v. 8).

Os apóstolos curaram instantaneamente. O pedinte junto à porta do templo levantou-se de *imediato* e começou a pular, andar e louvar a Deus (At 3.2-8). Não houve necessidade de qualquer terapia nem de reabilitação extra. O homem foi curado imediatamente após um longo período de invalidez.

Os apóstolos curaram completamente. Isso é perceptível no relato do homem coxo, em Atos 3, e na cura de Enéias, em Atos 9. Achamos esse discernimento em Atos 9.34, que diz : "Jesus Cristo te cura". As curas realizadas pelos apóstolos eram completas, semelhantes às

que Jesus realizou. Não houve progresso na cura, nem menção de sintomas recorrentes, nem melhora paulatina.

Os apóstolos curaram todas as pessoas. Atos 5.12-16 relata que os apóstolos fizeram muitos sinais e maravilhas, e o povo os tinha em alta estima. As pessoas carregavam os doentes até as ruas e deitavam-nos sobre esteiras, para que Pedro passasse, e sua sombra caísse sobre os doentes. Além disso, os moradores das cidades circunvizinhas traziam doentes para serem curados, e "todos eram curados" (At 5.16).

Em Atos 28.9, lemos que, depois de Paulo ter curado o pai de Públio, "os demais enfermos da ilha vieram e foram curados". Ninguém foi preterido.

Os apóstolos curaram doenças orgânicas. Eles não lidaram apenas com problemas funcionais, sintomáticos ou psicossomáticos. O homem que ficava à porta do templo tinha cerca de quarenta anos, e se achava naquela situação desde o nascimento. O pai de Públio sofreu de disenteria, uma doença orgânica infecciosa.

Por fim, *os apóstolos ressuscitaram mortos*. Atos 9.36-42 relata como Pedro trouxe Dorcas (Tabita) de volta à vida. Observe, especialmente, o versículo 42: "Isto se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor". Percebemos novamente um milagre dando credibilidade e impacto ao anúncio do evangelho. Em Atos 20.9-12, um jovem chamado Êutico morreu em decorrência de uma queda, e Paulo o trouxe de volta à vida.

A despeito de todas as alegações feitas hoje, nenhum dos ministérios de cura apresenta essas seis características.

Permita-me sugerir um ponto final: de acordo com a Escritura, as pessoas que possuíam dons miraculosos podiam usá-los à vontade. Os curandeiros modernos são incapazes de fazer isso. Eles não receberam o dom bíblico de cura e são obrigados a esquivar-se das dificuldades usando a afirmação: "Não sou eu quem age, e sim o Senhor". Portanto, Deus — ou a pessoa que busca a cura — recebe a culpa pelas falhas recorrentes.

O dom de curar acabou, mas o Senhor continua a curar

O dom de cura era um dos dons de sinais miraculosos outorgados com o objetivo de auxiliar a comunidade apostólica a confirmar a autoridade da mensagem do evangelho, nos primeiros anos da igreja. Tão logo a Palavra de Deus foi completada, os sinais cessaram. Os sinais miraculosos não eram mais necessários. Os apóstolos usaram o curar apenas como um sinal poderoso para convencer as pessoas quanto à validade da mensagem do evangelho.

Em Filipenses 2.25-27, Paulo mencionou seu bom amigo Epafrodito, que estava muito doente. Anteriormente, Paulo demonstrara possuir o dom de cura. Por que ele não curou Epafrodito? Talvez o dom não estivesse mais em ação, ou Paulo se recusara a perverter o dom usando-o com objetivos pessoais. De qualquer modo, a cura de Epafrodito estava além do propósito do dom de cura. A capacidade não fora outorgada com o objetivo de manter os cristãos saudáveis, e sim como sinal para convencer incrédulos de que o evangelho era a verdade divina.

Encontramos um caso semelhante em 2 Timóteo 4.20. Nesta passagem, Paulo afirma que deixara Trófimo doente em Mileto. Por que ele deixou um de seus bons amigos cristãos doente? Por que não o curou? Porque esse não era o propósito do dom de curar (cf. 1 Tm 5.23; 2 Co 12.7.)

O dom de curar era sinal miraculoso para ser usado com propósitos especiais. Ele não devia ser permanente, para manter a comunidade cristã com saúde perfeita. Entretanto, a maioria dos carismáticos ensina que Deus deseja que todo cristão tenha saúde perfeita. Se isto é verdade, por que Deus permite que todos os cristãos adoeçam?

Neste mundo em que os crentes se sujeitam às conseqüências do pecado, por que devemos presumir a exclusão do pecado? Se todo

cristão fosse são e saudável — se a saúde perfeita fosse um benefício garantido pela expiação — milhões de pessoas se apressariam a serem salvas — mas pelo motivo errado. Deus deseja que as pessoas se acheguem a Ele arrependidas de seus pecados, para sua glória, e não porque O vêem como uma panacéia para seus males físicos e temporais.

Qual a explicação para as curas carismáticas?

Com freqüência os carismáticos respondem à argumentação bíblico-teológica apelando à experiência. Eles alegam: "Coisas incríveis estão acontecendo. Como você as explica?" Ouço, repetidas vezes, a mesma expressão da parte de amigos carismáticos: "Eu conheço uma senhora cujo filho teve câncer e..."; "A mãe de meu amigo estava tão encurvada por causa da artrite, que não podia se mexer e..."

Em resposta, digo: "Visto que nenhum curandeiro carismático apresenta-se com casos genuinamente comprováveis de cura instantânea, envolvendo doenças orgânicas; que nenhum curandeiro carismático cura todas as pessoas que o procuram em busca de cura, e centenas vão embora das reuniões dos curandeiros tão doentes ou debilitadas quanto chegaram; visto que nenhum curandeiro carismático é capaz de ressuscitar os mortos; que a Palavra de Deus não precisa de confirmação de fora de si mesma, sendo suficiente para apresentar o caminho da salvação; que as curas carismáticas se baseiam em uma teologia duvidosa quanto à expiação e à salvação; que escritores e mestres carismáticos privam a Deus de seus propósitos de permitir que as pessoas adoeçam; que os curandeiros carismáticos necessitam de um ambiente especial; que as evidências apresentadas em favor das curas são geralmente fracas, insustentáveis e exageradas; que os carismáticos não se dirigirem aos hospitais e curam, nesses lugares, multidões de pessoas fiéis; que a maior parte das curas carismáticas podem ser explicadas de outras maneiras,

e não como uma intervenção divina inquestionável; que os carismáticos adoecem e morrem como as demais pessoas; que existe tanta confusão e contradição em torno do que ocorre, permita-me fazer-lhe uma pergunta: como *você* explica tudo isso? Certamente esse não é o dom bíblico de curar!"

Curas *ocorrem* hoje. Mas o dom bíblico de curar não está presente. Deus cura a quem e quando Ele deseja curar; e há muitas ocasiões em que a minha sabedoria humana deseja criticá-Lo. Como qualquer pastor, tenho visto casos mais trágicos, inexplicáveis e aparentemente desnecessários de sofrimento envolvendo cristãos comprometidos. Tenho orado intensamente com familiares pela recuperação de pessoas amadas, e temos recebido "não" como resposta. Pastores carismáticos, caso sejam honestos, admitirão que passam pelas mesmas experiências.

Entretanto, qual é a explicação típica dos mestres, curandeiros e líderes carismáticos para as multidões que não são curadas? "Essas pessoas não tinham fé suficiente". Esse tipo de raciocínio não é benéfico nem exato.

Por que os cristãos adoecem?

Não devemos negligenciar uma questão crucial: por que os cristãos adoecem? Há diversos motivos:

Algumas doenças procedem de Deus. Em Êxodo 4.11, Deus disse a Moisés: "Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?". À primeira vista, essa idéia, simples e direta, parece repulsiva. Um Deus amoroso deseja que alguém sofra? Por que ele criaria as pessoas mudas, surdas ou cegas? Entretanto, a Escritura afirma, reiteradamente, que existe no plano soberano de Deus mais do que nossa mente humana finita pode compreender. Deus criou os deficientes e enfermos. Todos os dias, nascem bebês que têm doenças. Muitas crianças cres-

cem com deformidades congênitas. Algumas pessoas tem doenças que permanecem por muitos anos. Embora nossa lógica não consiga explicar, tudo isso faz parte do plano de Deus; é um dom do amor divino.[29]

Algumas doenças procedem de Satanás. Lucas 13.11-13 relata como Jesus curou uma mulher "possessa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se". Quando Jesus a viu, disse: "Mulher, estás livre da tua enfermidade".

Deus pode permitir que Satanás faça uma pessoa adoecer por motivos que competem somente a Ele mesmo. Jó é o exemplo clássico da Bíblia (ver Jó 1).

Algumas doenças são disciplina devida ao pecado. Em Números 12, Miriã torna-se leprosa por desobedecer ao Senhor. Mais tarde, quando se arrependeu, ela foi curada. Em Deuteronômio 28.20-22, Deus advertiu aos israelitas que, se pecassem, Ele os castigaria com pestes. Em 2 Reis 5, Geazi, servo de Eliseu, tornou-se leproso por causa de sua ganância.

O salmista escreveu: "Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua palavra" (Sl 119.67).

Quando alguém adoece, todas as áreas de sua vida devem ser examinadas, em busca de pecados não confessados. Caso haja algum pecado não confessado, existe a necessidade de arrependimento, a fim de que a pessoa experimente o perdão de Deus. Seja cuidadoso ao aconselhar pessoas doentes. Auto-análise, muito cuidado e oração devem nortear perguntas ou acusações sobre o pecado na vida de outra pessoa. É muito fácil abusar do princípio bíblico e acusar falsamente alguém de pecado (cf. Jo 9.1-3).

Em alguns casos, talvez a pessoa esteja doente por causa do

29 Quanto a um discernimento perspicaz a respeito das razões por que ocorrem doenças e sofrimento, ver Clarkson, Margaret. *Grace grows best in winter*. Grand Rapids: Zondervan, 1972.

pecado e Deus a esteja disciplinando. No entanto, o pecado é *sempre* a causa da doença? De modo nenhum. E sugerir que a doença de alguém está necessariamente relacionada ao pecado pessoal é tão insensível e cruel como dizer que alguém que não foi curado por falta de fé. Precisamos evitar o erro dos amigos de Jó (cf. Jó 42.7-8).

Deus prometeu curar todo os que tiverem fé?

É evidente que cometem erro os carismáticos que afirmam que Deus deseja curar todos os crentes. No entanto, podemos manter a atitude positiva de que Deus *prometeu* curar. Ele não disse que curaria *sempre*, mas o cristão tem o direito de clamar a Deus em busca de alívio durante qualquer enfermidade. Existem pelo menos três razões para isso:

Deus cura por causa de seu caráter. Em Êxodo 15.26, lemos que Deus falou aos israelitas: "Eu sou o SENHOR, que te sara". As palavras no original são: *Yahweh rof'ekha*, que significam: "o Senhor que te cura". Assim, o cristão tem o direito de buscar a Deus em tempos de enfermidade.

Deus cura por causa de sua promessa. Deus prometeu que tudo o que pedirmos em seu nome, com fé, Ele o fará (Mt 21.22; Jo 14.13,14; 16.24; 1 Jo 5.14). Isso significa que nossos pedidos devem estar de acordo com a vontade dEle. Se pedirmos a cura, e ela estiver de acordo com a vontade de Deus, Ele nos curará.

Deus cura por causa de seu padrão. Percebemos o padrão da misericórdia e da graça divinas em Jesus. Portanto, se você quiser saber como Deus se sente a respeito do sofrimento e das doenças do ser humano, olhe para Jesus. Ele curava em todos os lugares. Jesus poderia ter confirmado sua divindade de outra maneira, mas optou pela compaixão como meio de aliviar a dor e o sofrimento, "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nos-

sas doenças" (Mt 8.17). Como destacamos no comentário sobre 1 Pedro 2.24 (ver Capítulo 4), isso não implica a garantia de cura para todas as doenças nesta época como parte da expiação. No entanto, o texto confirma o padrão de cura a nosso favor, na obra de Cristo, e nos assegura a libertação, final e eterna, das doenças e enfermidades do mundo presente. Não haverá doença ou morte no lar eterno.

Os cristãos devem ir ao médico?

Embora a Bíblia ensine que Deus cura, ela também apresenta ampla evidência de que os cristãos devem ir ao médico. Isaías 38 relata a história do rei Ezequias, que sofria de uma doença mortal. O rei chorou amargamente e rogou ao Senhor, em oração, a sua cura. Deus lhe concedeu o desejo, mas observe como aconteceu a cura: "Ora, Isaías dissera: Tome-se uma pasta de figos e ponha-se como emplasto sobre a úlcera; e ele recuperará a saúde" (Is 38.21). Qual a necessidade do emplasto, se Deus lhe concedera a cura? Deus estabeleceu aqui um princípio. Ao adoecer, faça duas coisas: ore pela cura e vá ao médico.

Jesus confirmou esse conceito, ao afirmar: "Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes" (Mt 9.12). Sem dúvida, Jesus falava sobre o problema do pecado, mas Ele usou uma analogia entendida por todos. O doente precisa de médico. Com essas palavras, nosso Senhor afirmou que o tratamento médico condiz com a vontade de Deus.

Observamos que muitas pessoas vieram até Paulo, a fim de serem curadas, após a cura miraculosa do pai de Públio (At 28). A palavra grega usada para essa cura, descrita no versículo 8, é o termo normal que expressa a idéia de cura, ao passo que o vocábulo usado no versículo 9, referindo-se à cura das demais pessoas, é a palavra que significava cura médica. Dela procede o adjetivo *terapêutico*. Talvez Paulo tenha curado de forma miraculosa, e seu companheiro

Lucas, um médico (Cl 4.14), curou usando os recursos da medicina. Que equipe eles devem ter formado!

O princípio é claro: quando adoecemos, devemos orar, procurar a ajuda de médicos competentes e descansar de todo o coração na vontade perfeita de Deus. Além disso, a adversidade contribui para o nosso bem (Tg 1.2-4; 1 Pe 5.10) e resulta em glória na eternidade (Rm 8.18; 1 Pe 1.6,7). É importante lembrarmos que, por causa da Queda, todos nós morreremos (exceto os eleitos que estarão vivos, quando Cristo voltar). A esperança de todo cristão deve ser que sua morte, como Jesus disse a Pedro, "glorificará a Deus".

Na doença, como nas demais coisas, o cristão deve manter uma perspectiva bíblica e procurar glorificar a Deus. Deus cura em seu tempo, a seu modo, para sua glória e de acordo com sua vontade e prazer soberanos. Podemos agir de outro modo?

Capítulo 10

O dom de línguas é para hoje?

Alguém me enviou um exemplar de uma revista infantil de Escola Dominical que tinha o objetivo de ensinar crianças a falar em línguas. O título da lição era "Estou cheio do Espírito Santo"; era uma revista de oito páginas a serem coloridas. Uma página possuía a caricatura de um halterofilista que usava uma camiseta na qual se lia "Homem-Espírito". Abaixo dele, aparecia o texto de 1 Coríntios 14.4: "O que fala em outra língua a si mesmo se edifica".

Em outra página, havia um menino com as mãos levantadas. Uma linha pontilhada representava o lugar onde devia estar seus pulmões. (Isso evidentemente representava seu espírito.) No interior do digrama que tinha o formato dos pulmões, estava escrito "BAH-LE ODOMA TA LAH-SE-TA NO-MO". Um balão de fala, ao estilo de revista em quadrinhos, procedente de sua boca, repetia as palavras: "BAH-LE ODOMA TA LAH-SE-TA NO-MO". Um balão de pensamento estava desenhado ao lado da cabeça do menino e continha um enorme ponto de interrogação. No interior desse balão, estava escrito: "Minha mente não entende o que digo". Abaixo do menino, encontra-se o texto de 1 Coríntios 14.14: "Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera".

Essa revista representa a perspectiva normal dos carismáticos. O dom de línguas é considerado uma capacidade mística que é operada de algum modo no espírito da pessoa e lhe ultrapassa a mente. Muitos carismáticos são orientados a deixar a mente de lado, a fim de permitir que o dom funcione. Charles e Frances Hunter, por

exemplo, realizam seminários chamados "Healing Explosion" (Explosão de Cura), freqüentados por cerca de cinqüenta mil pessoas. Neles, os Hunters ensinam as pessoas a receber o dom de línguas. Charles Hunter diz às pessoas:

> Ao orar com seu espírito, não pense nos sons da linguagem. Apenas confie em Deus. Faça os sons à medida que eu lhe disser.
>
> Assim que eu lhe disser, comece a amar e a louvar a Deus, pronunciando uma porção de sons silábicos diferentes. A princípio, emita os sons rapidamente; assim, você não tentará pensar, enquanto fala sua língua natural. ... Faça os sons em um tom alto, para poder ouvir com facilidade o que diz.[1]

Hunter não explica a importância de *ouvir* o que se diz, pois, supostamente, o intelecto deve estar desligado. Repetidas vezes, ele lembra aos ouvintes que eles não devem pensar: "O motivo por que alguns de vocês não falam com fluência é que tentam pensar nos sons. Portanto, quando começarmos a orar, e vocês começarem a falar cada um em sua língua celestial, tentem não pensar".[2] Mais adiante, ele acrescenta: "[Você] nem necessita pensar, a fim de orar no Espírito".[3]

Arthur L. Johnson, em uma excelente exposição do misticismo, chama o movimento carismático de "o zênite do misticismo"[4] — e com boas razões. O desejo de desligar a mente de toda a racionalidade era, como vimos anteriormente (ver Capítulo 7), uma das primárias características das religiões de mistério. Quase todos os ensinos distintivos do movimento carismático são práticas genuínas do misticismo. E a ilustração mais perfeita disso é a maneira como os próprios carismáticos descrevem o dom de línguas.

---

1 Hunter, Charles. Receiving the baptism with the Holy Spirit. *Charisma*, p. 54, July 1989.
2 Ibid.
3 Ibid.
4 Johnson, Arthur L. *Faith misguided: exposing the dangers of mysticism*. Chicago: Moody, 1988. p. 113.

De forma geral, os carismáticos descrevem as línguas como uma experiência de êxtase, incomparável, que eleva o espírito de um modo que, para apreciá-lo, temos de experimentá-lo. Certo autor cita Robert V. Morris:

> Para mim... o dom de línguas tornou-se o dom do louvor. À medida que comecei a usar a língua desconhecida que Deus me deu, comecei a sentir que cresceu em mim o amor, o temor, a adoração pura e contínua que eu ignorava seria capaz de alcançar por meio da oração.[5]

Em um jornal, certo artigo que falava sobre o dom de línguas citou o Rev. Bill L. Willims, de San Jose:

> O dom de línguas o envolve com alguém por quem você está profundamente apaixonado e comprometido... Não entendemos a verborragia, mas sabemos que estamos em comunicação.
>
> Essa consciência está "além da emoção e do intelecto", ele disse. "Transcende o entendimento humano. É o coração do homem falando ao coração de Deus. É um entendimento profundo e íntimo do coração."
>
> Ele surge como expressões sobrenaturais, trazendo intimidade com Deus.[6]

O artigo também citou o rev. Billy Martin, de Farmington (Novo México): "O dom de línguas é uma experiência jubilosa, gloriosa e maravilhosa". E a Rev.ª Darlene Miller, de Knoxville (Tennessee): "É semelhante à doçura de pêssegos, impossível de conhecer, até que provemos. Não existe nada a comparar com esse sabor".[7] Outras pessoas que falam em línguas revelam sentimentos semelhantes a esses.

O que poderia ser errado nessa experiência? Se ela faz *alguém* se

5 Sherill, John L. *They speak with other tongues*. Old Tappa, N.J.: Spire, 1964. p. 83.
6 Speaking in tongues — believers relish the experience. *Los Angeles Times*, Los Angeles, 19 Sept. 1987. Caderno B, p. 2.
7 Ibid.

sentir bem, mais perto de Deus, espiritualmente mais forte ou mesmo exultante de alegria, pode haver algo perigoso ou enganoso nela?

Sim, pode, e o perigo existe. O falecido pastor George Gardiner, ex-adepto do movimento pentecostal, descreveu de modo pungente o perigo de abrir mão da racionalidade e do abandono do autocontrole por causa da euforia de uma experiência com as línguas:

> O inimigo da alma sempre está pronto a tirar vantagem de uma situação "fora de controle", e milhares de cristãos podem testemunhar, com pesar, os resultados posteriores.
>
> Essas experiências não somente dão a Satanás uma oportunidade (da qual ele se aproveita com rapidez), mas também são psicologicamente prejudiciais ao indivíduo. Escritores carismáticos advertem constantemente aos que falam em línguas que eles passarão por um abatimento. Esse abatimento é atribuído ao diabo, e o leitor é incentivado a recuperar-se o mais cedo possível. [...]
>
> Portanto, quem procura a experiência retorna ao ritual repetidas vezes e começa a descobrir algo: a experiência de êxtase, à semelhança do vício das drogas, necessita de doses sempre maiores para satisfazer. Às vezes, coisas bizarras acontecem. Já vi pessoas correrem ao longo de uma sala até à exaustão, pessoas subirem em postes, riso histérico, transes que duraram vários dias e pessoas fazendo outras coisas esquisitas, à medida que o efeito procurado tornava-se mais ilusório. Posteriormente, ocorre a crise, e a pessoa toma a decisão: ela sentará nos bancos de trás, como um mero espectador, "fingirá" ou continuará com a esperança de que tudo voltará a ser como era. A pior decisão é sair e, com isso, abandonar tudo o que é espiritual, reputando-o fraudulento. Os espectadores se frustram, aqueles que fingem sentem-se culpados, os esperançosos são dignos de compaixão, e os que saem se tornam uma tragédia. Não, esses movimentos não são inofensivos![8]

Muitas das pessoas que falam em línguas entenderão as tensões descritas por Gardiner. Ele não foi o único que falava em línguas e se voltou contra essa prática, expondo os seus perigos. Wayne Robinson, que serviu como editor-chefe das publicações da Associação Evangelística Oral Roberts, era uma pessoa entusiasmada pelo falar

8 Gardiner, George E. *The corinthian catastrophe*. Grand Rapids: Kregel, 1974. p. 55.

em línguas. No prefácio do livro *I Once Spoke in Tongues* (*Eu Já Falei em Línguas*), ele escreveu:

Nos últimos anos, tenho me convencido, cada vez mais, de que *o* teste, não somente das línguas, mas também de qualquer experiência religiosa, não pode ser limitado à lógica e à honestidade que as apóiam. Há também a pergunta essencial: "*O que ela realiza na vida de uma pessoa?*" De forma mais específica, ela transforma internamente a pessoa em egoísta e ligada nos próprios interesses ou abre a pessoa para os outros e suas necessidades?

Conheço pessoas que afirmam que o falar em línguas se tornou a experiência mais libertadora de sua vida. No entanto, ao lado delas, existem muitas outras pessoas para as quais o falar em línguas tem sido uma desculpa para não confrontarem as realidades do mundo sofredor e dividido. Para alguns, o falar em línguas é a melhor coisa que lhe aconteceu; outros têm visto essa prática dividir igrejas, destruir carreiras e romper relacionamentos pessoais.[9]

Ben Byrd, outro ex-carismático, escreveu:

> Afirmar que o falar em línguas é uma prática inofensiva e boa para quem a deseja é uma posição INSENSATA, quando a informação em contrário é tão evidente... Falar em línguas é viciador. A compreensão incorreta da questão das línguas e o hábito de usá-las, acrescidos do ápice psíquico que ela produz e do estímulo da carne, equivale a uma prática difícil de ser abandonada... [No entanto,] comparar o falar em línguas com a espiritualidade avançada significa revelar compreensão equivocada da verdade bíblica e disposição pessoal de satisfazer-se com imitações enganosas e perigosas.[10]

Outras pessoas que falam em línguas controlam o fenômeno de forma mecânica, sem qualquer ligação emocional. Tendo aprendido os sons para repeti-los, treinaram sua habilidade e são capazes de falar com fluência, sem esforço — mas sem paixão.

---

9 Robinson, Wayne. *I once spoke in tongues*. Atlanta: Forum House, 1973. p. 9-10.
10 Byrd, Ben. *The truth about speaking in tongues*. Columbus, Ga.: Brentwood, 1988. p. 49. Ênfase no original.

O dom de línguas bíblico

As línguas são mencionadas em três livros da Bíblia: Marcos (16.17), Atos (2, 10, 19) e 1 Coríntios (12—14).[11] No Capítulo 8 deste livro, analisamos as passagens do livro de Atos dos Apóstolos, destacando que esse livro é primordialmente uma narrativa histórica; os acontecimentos extraordinários e miraculosos narrados por ele não constituem um padrão normativo para toda a era da igreja. O texto de Marcos 16.17, que tem sido alvo de disputas, menciona apenas as línguas como um sinal apostólico (ver Capítulo 4). Isso nos deixa apenas com 1 Coríntios 12 a 14 — que menciona o papel das línguas na igreja. Observe que Paulo escreveu esses capítulos para *repreender* os crentes de Corinto pelo *uso errado* do dom. A maior parte do que ele tinha a dizer *restringia* o uso das línguas na igreja.[12]

---

11 Alguns carismáticos indicam Romanos 8.26-27 como outra referência às línguas: "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos".
Kenneth Hagin escreveu a respeito desta passagem: "P. C. Nelson, um erudito em grego, disse que o grego diz literalmente neste versículo: 'O Espírito Santo intercede por nós com gemidos impronunciáveis em uma língua articulada'. Língua articulada significa nosso tipo regular de língua. Ele continuou e destacou que o grego ressalta que isto não somente inclui os gemidos que nos escapam dos lábios, em oração, mas também o orar em outras línguas" (*Why Tongues*. Tulsa: Faith Library, 1975. p. 19).
Essa é uma interpretação distorcida da passagem e um manuseio negligente do texto grego. Nada no grego sugere a idéia de orar em línguas. Nelson e Hagin introduziram essa interpretação no texto. Ainda que o discurso não-articulado fosse a interpretação correta, isso não corresponde à descrição neotestamentária do dom de línguas. Entretanto, o termo "gemidos" está correto. A palavra grega é *stenazō*. Um dicionário padrão do Novo Testamento afirma: "Paulo usa o termo exclusivamente no sentido de suspirar como alguém saudoso de algo" (McComiskey, Thomas. *Stenazō*. In: Brown, Colin. (Ed.). *Dictionary of New Testament theology.* Grand Rapids: Zondervan, 1976. v. 2 , p. 425).
12 Quanto a uma exposição detalhada de 1 Coríntios 12-14, ver MacArthur Jr., John F. *The MacArthur New Testament commentary: 1 Corinthians*. Chicago: Moody, 1984.

Em 1 Coríntios 12 Paulo falou de um modo geral sobre os dons espirituais — como eles são recebidos e como Deus os ordenou na igreja. No capítulo 14, Paulo afirmou a inferioridade das línguas em relação à profecia e apresentou as diretrizes para o exercício correto dos dons de línguas e de interpretação.[13] Entre esses dois capítulos — em 1 Coríntios 13 — Paulo falou sobre a motivação correta para o uso dos dons, isto é, o amor. Com muita freqüência, esse texto é tratado à parte do contexto e chamado de um hino de amor. 1 Coríntios 13 é, inegavelmente, uma grande obra literária e aborda, de modo profundo e belo, a questão do amor genuíno. No entanto, é proveitoso lembrar que esse capítulo é, antes de tudo, o ponto crucial no discussão de Paulo a respeito da adulteração das línguas.

Em 1 Coríntios 13.1-3, Paulo afirma a preeminência do amor. O versículo 2 afirma claramente que as línguas miraculosas, sem o amor, nada valem. Paulo estava repreendendo os crentes de Corinto por usarem os dons do Espírito de maneira egoísta, sem amor. Eles estavam mais interessados em inchar seu ego ou participar de uma experiência eufórica do que em servir uns aos outros com interesse altruísta que é característica do amor *agapē*.

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos" — essa

13 Com base em 1 Coríntios 14, Paul Van Gorder sugeriu esta lista de limitações sobre o uso de línguas na igreja:
1. As línguas serviam de sinal para os incrédulos (v. 22);
2. As línguas deveriam ser usadas para a edificação da igreja (v. 26);
3. Não mais do que três pessoas deveriam falar em línguas na assembléia, durante o culto, uma por vez (v. 27);
4. Não se falaria em línguas, sem não houvesse intérprete (v. 28);
5. Qualquer confusão ou desordem na assembléia indicava algo que não procedia de Deus (v. 33);
6. Na igreja apostólica, as mulheres deviam ficar caladas e não falar em línguas (v. 34);
7. Era imperativo reconhecer essas normas como mandamentos do Senhor (v. 37);
8. Embora as línguas não fossem proibidas na assembléia apostólica, o mandamento predominante era "procurai com zelo o dom de profetizar" (v. 39).
A maior parte dos carismáticos contemporâneos violam todas as diretrizes do apóstolo (*Charismatic confusion*. Grand Rapids: Radio Bible Class, 1972. p. 33).

é a maneira comoPaulo inicia o capítulo. "Línguas" é a tradução de *glōssa*, palavra grega que, à semelhança do vocábulo português, pode se referir ao órgão físico ou ao idioma. Paulo falava claramente sobre o dom de *línguas*. Observe que ele também falava em línguas (1 Co 14.18). Ele não condenava a prática, mas dizia que o dom de línguas, usado de qualquer outra maneira não autorizada por Deus, era apenas barulho — semelhante a uma banda rítmica em um jardim de infância.

As línguas são um idioma celestial?

O que Paulo quis dizer com "línguas... dos anjos"? Muitas pessoas entendem que ele estava sugerindo que o dom de língua envolvia algum tipo de linguagem angelical ou celeste. De fato, a maior parte dos carismáticos acredita que o dom de línguas é uma linguagem particular de oração, uma língua celeste que apenas Deus conhece, um idioma celestial ou algum outro tipo de idioma sobre-humano. Todavia, o texto por si mesmo não dá margem para esse tipo de interpretação. Paulo estava empregando um caso hipotético,[14] assim como nos versículos subseqüentes ele menciona o conhecer todos os mistérios e toda a ciência (embora Paulo não pudesse, literalmente, fazer essa afirmação), o doar todas as seus bens aos pobres e o entregar o corpo para ser queimado. Paulo falava teoricamente, sugerindo que, se essas coisas *fossem* realmente possíveis, sem amor elas seriam insignificantes. Ao destacar a necessidade do amor, Paulo tentava usar exemplos extremos.

14 Os verbos gregos em 1 Coríntios 13.2-3 estão no subjuntivo. O modo subjuntivo é usado para indicar uma situação hipotética ou uma situação contrária aos fatos. Uma gramática padrão da língua grega explica: "Enquanto o indicativo preconiza a realidade, o subjuntivo pressupõe irrealidade. É o primeiro passo dado a partir daquilo que é real em direção àquilo que é apenas concebível" (Dana, H. E.; Mantey, J. R. *A manual grammar of the greek New Testament*. Toronto: Macmillan, 1957. p.170).

Além disso, não há evidência bíblica do uso de qualquer língua celestial pelos anjos. Na Escritura, todas as vezes que os anjos apareceram, eles se comunicaram por meio de idiomas humanos comuns (por exemplo, Lc 1.11-20, 26-37; 2.8-14).

Nenhuma parte a Bíblia ensina que o dom de línguas era outra coisa além de idiomas humanos. Tampouco há qualquer sugestão de que as línguas descritas em 1 Coríntios 12 a 14 eram diferentes das línguas miraculosas descritas em Atos 2, no Dia de Pentecostes. O vocábulo grego em ambas as passagens é *glōssa*. Em Atos, é evidente que os discípulos falavam em línguas *conhecidas*. Os judeus incrédulos que estavam em Jerusalém naquela ocasião ficaram cheios de "perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua" (At 2.6). Lucas alistou quinze países e áreas diferentes cujas línguas eram faladas naquele momento (vv. 8-11).

Além disso, a palavra grega *dialektos*, de onde procede o vocábulo português "dialeto", também é usada com referências às línguas em Atos 2.6 e 8. Os incrédulos presentes no Dia de Pentecostes ouviram a mensagem divina anunciada nos dialetos locais. Essa descrição não poderia ser aplicada ao discurso extático.

Portanto, 1 Coríntios não pode ser usado como prova de que Paulo defendia o falar em línguas em estado de êxtase, sem sentido, ou algum tipo de língua celestial ou angélica.

Além disso, Paulo insistia que, ao serem as línguas faladas na igreja, alguém deveria interpretá-las (14.13, 27). Esse mandamento não seria adequado, se Paulo tivesse em mente o balbuciar extático de uma língua "particular" de oração ou sons celestiais espontâneos. A palavra grega traduzida por interpretar é *hermeneuō*. (Ela é usada nesse sentido em João 9.7 e Hebreus 7.2.). O dom de interpretação era a habilidade sobrenatural de traduzir uma língua jamais aprendida, para que outras pessoas pudessem ser edificadas pela mensagem (1 Co 14.5). Não podemos traduzir uma fala extática ou incompreensível.

Outra indicação de que Paulo tinha em mente línguas humanas é a declaração de 1 Coríntios 14.21-22, de que as línguas foram concedidas como um sinal ao Israel incrédulo: "Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor". Paulo fez referência a Isaías 28.11-12, uma profecia que informava à nação de Israel que Deus concederia sua revelação mediante as línguas dos gentios. Isso era uma repreensão contra Israel por causa de sua incredulidade. Para constituírem um sinal significativo, essas línguas tinha de ser gentílicas, e não um tipo de língua angelical.

Línguas falsificadas

É evidente que as verdadeiras línguas bíblicas não são tagarelice incompreensível, e sim idiomas. O que é aceito como línguas nos movimentos pentecostal e carismático não são línguas verdadeiras. O falar em línguas contemporâneo, muitas vezes designado *glossolalia*, não é o mesmo que o dom de línguas mencionado nas Escrituras. William Samarin, professor de Lingüística na universidade de Toronto, escreveu:

> Durante cinco anos participei de reuniões na Itália, Holanda, Jamaica, Canadá e Estados Unidos. Observei pentecostais históricos e neopentecostais. Estive em pequenas reuniões familiares e em reuniões públicas gigantescas; vi contextos culturais extremamente diferentes, como os porto-riquenhos do Bronx, os manipuladores de serpentes dos Apalaches [e] os *molakans* russos de Los Angeles... A glossolalia assemelha-se de certo modo às línguas, mas isso ocorre exclusivamente porque o falante (inconscientemente) deseja que ela se assemelhe a um idioma. Entretanto, a despeito das similaridades superficiais, a glossolalia basicamente *não é* língua.[15]

15 Samarin, William J. *Tongues of men and angels*. New York: Macmillan, 1972. p. xii, 27. Quanto a uma expansão dessa afirmação, ver p. 103-28.

William Samarin é um dos muitos homens que estudaram a glossolalia. Os estudos são unânimes na afirmação de que o que ouvimos hoje não são línguas; e, pelo fato de que não são línguas, não são o dom bíblico de línguas.

Como vimos (Capítulo 7), as religiões de mistério de Corinto e circunvizinhanças faziam amplo uso (no século I) de línguas extáticas e experiências de transes. Aparentemente, alguns crentes de Corinto haviam corrompido o dom de línguas, ao valer-se da fraude extática. O que eles estavam fazendo era muito similar à glossolalia de nossos dias. Paulo desejava corrigi-los, aos dizer-lhes que essas práticas não correspondiam ao objetivo do dom de línguas. Se eles usassem as línguas desse modo, prejudicariam e não beneficiariam a causa de Cristo.

O abuso das línguas em Corinto

Observe que em 1 Coríntios 14.2 Paulo *criticou* aqueles crentes por usarem o "dom de línguas" para a comunicação com Deus, e não com os homens: "Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios".[16] O comentário de Paulo não sugere que as línguas deviam ser usadas como uma "língua de oração"; ele usou o recurso da ironia, ressaltando a futilidade de falar em línguas sem a presença de um intérprete, pois apenas Deus saberia o que era falado. Os dons espirituais jamais foram concedidos para o benefício de Deus ou do indivíduo que os possuía. Pedro afirmou claramente: "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu" (1 Pe 4.10a).

Paulo acrescentou: "O que fala em outra língua a si mesmo se

16 Devido à ausência do artigo definido no texto grego, também é possível traduzir assim esse versículo: "Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a um deus". De qualquer modo, 1 Coríntios 14.2 é uma condenação, e não uma recomendação.

edifica, mas o que profetiza edifica a igreja" (1 Co 14.4). Outra vez, Paulo não recomendou o uso das línguas para a edificação da própria pessoa; ao contrário, ele condenou aqueles que usavam o dom violando o seu propósito e desconsiderando o princípio do amor (o amor "não procura os seus interesses" — 1 Co 13.5). O verbo "edificar", em 1 Coríntios 14.4, significa "construir". Ela pode conter um sentido positivo ou negativo dependendo do contexto.[17] Os crentes de Corinto usavam as línguas para a edificação de si mesmos, em um sentido egoísta. A motivação deles não era correta, e sim egocêntrica. Sua paixão pelas línguas surgiu do desejo de exercerem os dons mais espetaculares e pomposos diante dos outros crentes. O argumento de Paulo era que haveria nenhum proveito nessa exibição — quem falava em línguas acabava fortalecendo o próprio ego. Em 1 Coríntios 10.24, Paulo já estabelecera o princípio: "Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem".

As línguas constituíam outro problema: da maneira como eram usadas em Corinto, elas obscureciam a mensagem, em vez de esclarecê-la. Paulo escreveu: "E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes; porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado" (1 Co 14.16-17). Ou seja: aquele que falava em línguas era egoísta, porque ignorava os demais membros da congregação, confundindo a mensagem comunicada pelo dom e praticando o dom apenas para agradar ao próprio ego, a fim de exibir-se e evidenciar aos outros sua própria espiritualidade.

À luz de tudo isso, podemos ficar surpresos com a ordem apresentada em 1 Coríntios 12.31: "Entretanto, procurai com zelo os melhores dons". A tradução desse versículo apresenta sérios problemas de interpretação. Uma vez que Paulo ressaltou a soberania de

17 Em 1 Coríntios 8.10, por exemplo, o mesmo vocábulo grego é usado para falar sobe "induzir" a consciência de alguém à a prática do pecado.

Deus na distribuição dos dons e escreveu com o objetivo de corrigir aqueles cristãos quanto ao favorecimento dos dons mais vistosos, por que ele lhes ordenaria que procurassem "os melhores dons"? Isso não os encorajaria a continuarem disputando por *status*?

Na verdade, o versículo não é uma ordem. Essa versão dá a impressão errada do que Paulo queria dizer. A forma verbal usada aqui pode apontar tanto o indicativo (a constatação de um fato) quanto o imperativo (uma ordem). A forma indicativa faz mais sentido.

A *Nova Versão Internacional* (NVI) apresenta (em nota de rodapé) a forma do indicativo como uma leitura alternativa: "Mas vocês estão buscando os melhores dons". Albert Barnes optou pelo conceito indicativo, afirmando que muitos comentaristas, contemporâneos seus, de meados do século XIX (Doddridge, Locke e Macknight), procederam igualmente. Ele disse que, no Novo Testamento em siríaco, o versículo foi traduzido da seguinte maneira: "Visto que vocês são zelosos dos melhores dons, eu lhes mostrarei um caminho mais excelente".[18]

Em outras palavras, Paulo estava dizendo: "Entretanto, vocês procuram com zelo os dons mais vistosos". Isto é uma repreensão, que se harmoniza melhor com as próximas palavras de Paulo: "E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente". Ele

18 Barnes, Albert. *Notes on the New Testament:* 1 Corinthians. Grand Rapids: Baker, 1975. p. 240. Gordon Fee, comentador das Escrituras, reconheceu a legitimidade da opinião a favor do indicativo (*The first epistle to the corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987. p. 624). Ele também apresentou a seguinte lista de eruditos que apóiam essa idéia: Arnold Bitlinger (*Gifts and graces, a commentary on I Corinthians 12-14*. Grand Rapids: Eerdmans, 1967. p. 73-75); Ralph P. Martin (*The Spirit and the songregation:* studies in 1 Corinthians 12-15. Grand Rapids: Eerdmans, 1984. p. 34-35); D. L. Baker (The interpretation of 1 Corinthians 12-14. *Evangelical Quarterly,* v. 46 (1974), p. 226-227); G. Iber (Zum vertändnis von I Cor. 12:31", *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft,* v. 54 (1963), p. 42-52); M. A. Chevallier (*Esprit de Dieu,* paroles d'hommes. Neuchâtel, 1963. p. 158-63).

não lhes ordena a busca de certos dons, de fato, condena-os por procurarem os dons mais vistosos. O "caminho sobremodo excelente" do qual ele fala é o do amor, que ele descreve imediatamente no capítulo 13.

Os carismáticos buscavam de forma egocêntrica os dons mais proeminentes, ostentosos e notórios. Desejavam ser admirados pelos demais. Buscavam o aplauso humano. Queriam ser vistos como "espirituais". É evidente que as pessoas haviam chegado ao extremo de usar línguas falsas. O abuso do dom de línguas em Corinto ameaçava a igreja.

Infelizmente, os mesmos problemas ameaçam a igreja moderna.

Línguas cessarão

Em 1 Coríntios 13.8, Paulo emitiu uma declaração interessante, quase chocante: "O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará". Na expressão "o amor jamais acaba", a palavra grega traduzida por "acabar" significa "decair" ou "ser abolido". Paulo não disse que o amor é invencível ou que não pode ser rejeitado. Ele afirmou que o amor é eterno — sua aplicação será eterna; o amor jamais passará.

As línguas "cessarão". O verbo grego usado em 1 Coríntios 13.8 (*pauō*) significa "cessar permanentemente" e dá a entender que, tão logo as línguas cessassem, jamais recomeçariam.[19]

19 A passagem não afirma *quando* as línguas cessariam. Alguns comentaristas crêem que o versículo 10 estabelece o tempo: "Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado". Várias sugestões foram feitas sobre o significado de "o que é perfeito". Alguns afirmam ser o término do Novo Testamento; assim, concluem que a passagem afirma que as línguas cessariam com o encerramento do cânon. Outros dizem que a expressão significa o amadurecimento da igreja, o arrebatamento ou a segunda vinda de Cristo. No entanto, "o que é perfeito" que Paulo tinha em mente parece ser o estado eterno — a expressão "face a face", no versículo 12,

Eis o problema que a passagem apresenta para o movimento carismático contemporâneo: se as línguas deveriam cessar, isso já ocorreu ou será um acontecimento futuro? Os carismáticos, irmãos em Cristo, insistem que nenhum dos dons cessou; portanto, o fim das línguas é futuro. A maior parte dos não-carismáticos afirmam que as línguas já cessaram, acabaram juntamente com a era apostólica.

Quem está certo?

Pelo estudo da história, da teologia e da Bíblia, estou convencido, de que as línguas cessaram na era apostólica. E, quando isso aconteceu, elas cessaram de uma vez por todas. O movimento carismático contemporâneo não representa o avivamento das línguas bíblicas. É uma aberração similar à falsa prática das línguas ocorrida em Corinto.

Qual a evidência de que as línguas cessaram? Em primeiro lugar, as línguas eram um dom miraculoso de revelação, e, como já observamos repetidas vezes, a era dos milagres e da revelação chegou ao fim com os apóstolos. Os últimos milagres registrados no Novo Testamento ocorreram por volta do ano 58 d.C., as curas realizadas na ilha de Malta (At 28.7-10). Do ano 58 ao 96, quando

---

pode ser mais bem explicada como uma referência a Deus nos novos céus e na nova terra. Apenas na glória conheceremos como somos conhecidos (v. 12).

A linguagem do versículo coloca as línguas em uma categoria distinta da profecia e do conhecimento. O versículo 8 afirma que a profecia desaparecerá e o conhecimento passará (no grego, *katargeō*), mas as línguas "cessarão" (*pauō*, "parar"). *Katargeō* é usado na forma passiva, significando que o sujeito da frase recebe a ação: a profecia e o conhecimento serão "eliminados" pelo "que é perfeito". *Pauō*, entretanto, parece na voz média e parece indicar uma ação reflexiva: o dom de línguas acabará "por si mesmo". Não se estipula o *momento*, mas ela não existirá mais quando o que é perfeito chegar. A história sugere que o dom de línguas cessou após o apóstolo Paulo ter acabado a composição desta epístola, como veremos nas páginas seguintes.

Incidentalmente, o conhecimento e a profecia não precisam ser entendidos neste contexto exclusivamente como dons miraculosos ou de revelação. Os dons de conhecimento (a capacidade de compreender a revelação divina) e da profecia (a capacidade de anunciar a verdade com poder), que não eram dons de revelação, continuam até hoje e não passarão, até que a perfeição do estado eterno os faça "desaparecer".

João escreveu o livro de Apocalipse, nenhum milagre foi registrado. Os dons de milagres, como o de línguas e curas, são mencionados apenas em 1 Coríntios, uma das primeiras epístolas a ser escrita. Duas epístolas posteriores, Efésios e Romanos, versam cabalmente sobre os dons do Espírito — no entanto, não fazem qualquer referência aos dons de milagres. Naquele momento, os dons miraculosos já eram considerados pertencentes ao passado (Hb 2.3-4). A autoridade e a mensagem dos apóstolos não precisavam mais de confirmação. Antes do fim do século I, todo o Novo Testamento estava escrito e circulava pelas igrejas. Os dons de revelação haviam cumprido seu propósito e cessaram. Ao findar a era apostólica, com a morte de João, os sinais identificadores dos apóstolos já tinham se tornado questionáveis (cf. 2 Co 12.12).

Em segundo lugar, como já vimos, as línguas tinham como objetivo ser um sinal para o Israel incrédulo. Significavam que Deus havia começado uma nova obra que incluiria os gentios. O Senhor falaria agora a todas as nações em suas línguas. As barreiras foram derrubadas. Assim, o dom de línguas simbolizava não apenas a maldição divina sobre a nação desobediente, mas também a bênção de Deus sobre o mundo todo.

As línguas eram, portanto, o sinal da transição entre a Antiga e a Nova Aliança. Com o estabelecimento da igreja, um novo dia raiou para o povo de Deus. Deus se comunicaria em todas as línguas. Contudo, uma vez que o período transicional passasse, o sinal se tornaria desnecessário. Palmer Robertson formulou muito bem a conseqüência de tudo isso:

> As línguas serviram para demonstrar que o cristianismo, embora procedente do judaísmo, não deveria ser distintivamente judeu... Agora que a transição [entre a Antiga e a Nova Aliança] estava completa, o sinal da transição não tinha mais valor permanente para a vida da igreja.
>
> Hoje, não há necessidade de um sinal para comprovar que Deus está se

movendo de uma única nação, Israel, para lidar com todas as nações. Esse movimento tornou-se um fato consumado. Assim como ocorreu com o ofício dos apóstolos como lançadores dos alicerces da igreja, assim também o dom transicional de línguas cumpriu a função de sinal da aliança para o povo de Deus da Antiga e da Nova Aliança. Havendo desempenhado seu papel, ele não tinha mais utilidade entre o povo de Deus.[20]

Além disso, o dom de línguas era inferior aos outros dons. Fora dado, primordialmente, como um sinal (1 Co 14.22) e não podia edificar a igreja de modo adequado. Também era usado erroneamente para a edificação pessoal (14.4). A igreja se reúne para a edificação do corpo, não para a satisfação própria ou para a procura de experiências pessoais. Portanto, as línguas tinham utilidade limitada na igreja; logo, elas não eram um dom permanente.

A história registra que as línguas cessaram.[21] Outra vez, é significativo perceber que as línguas são mencionadas apenas nos primeiros livros escritos do Novo Testamento. Depois de 1 Coríntios, Paulo escreveu pelo menos doze epístolas em que não menciona novamente as línguas. Pedro, Tiago, João e Judas jamais as mencionaram. As línguas surgiram por um breve período (mencionadas em Atos e 1 Coríntios), à medida que a nova mensagem do evangelho era disseminada. No entanto, logo que a igreja se estabeleceu, as línguas acabaram. Elas pararam. Os livros posteriores do Novo Testamento não as mencionam. Tam-

20 Robertson, O. Palmer. Tongues: sign of covenantal curse and blessing. *The Westminster Theological Journal* 38, Fall 1975-Spring 1976, p. 56.

21 Para obter informações úteis sobre a evidência histórica a favor da cessação das línguas, ver:

- Gromacki, Robert G. *The modern tongues movement*. Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1967.
- Budgen, Victor. *The charismatics and the Word of God*. Durham: Evangelical Press, 1989.
- Edgar, Thomas R. *Miraculous gifts:* are they for today? Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1983.

pouco o fez alguém da era pós-apostólica. Cleon Rogers escreveu: "É significativo que o dom de línguas não seja mencionado ou encontrado nos pais apostólicos".[22]

Crisóstomo e Agostinho — os maiores teólogos das igrejas oriental e ocidental — consideraram as línguas obsoletas. Crisóstomo afirmou categoricamente que as línguas haviam cessado em seus dias. Escrevendo no século IV, ele descreveu o dom de línguas como uma prática obscura, admitindo sua incerteza sobre as características do dom. Ele declarou: "O obscurecimento é produzido por nossa ignorância dos fatos referidos e por sua cessação, pois eles ocorriam anteriormente, mas não ocorrem em nossos dias".[23]

Agostinho escreveu sobre as línguas como um sinal adaptado à era apostólica:

> Nos primeiros anos, "o Espírito Santo desceu sobre os que creram, e eles falaram em línguas" que não haviam aprendido, "segundo o Espírito Santo lhes concedia que falassem". *Esses sinais eram adequados àquele momento*, pois era necessário haver aquele sinal do Espírito Santo em todas as línguas, para mostrar que o evangelho de Deus deveria ser comunicado em todas as línguas da terra. *Isso foi realizado como um presságio e, então, desapareceu*. Agora, na imposição de mãos, para as pessoas receberem o Espírito Santo, espera-se que elas falem em línguas? [É óbvio que Agostinho esperava uma resposta negativa para esta pergunta de retórica.]... Caso o testemunho da presença do Espírito Santo não nos seja concedido mediante esses milagres, de que maneira ele é dado e como podemos saber que recebemos o Espírito Santo? Que o inquiridor pergunte ao seu próprio coração. Se ele ama seu irmão, o Espírito Santo nele habita.[24]

---

22 Rogers, Cleon L. The gift of tongues in the post-apostolic church. *Bibliotheca Sacra*, v. 122, p. 134, April-June 1965.

23 Chrisostom. Homilies in First Corinthians. In: Schaff, Philip. (Org.). *The nicene and post-nicene fathers of the christian church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1956. v. 12, p. 168.

24 Augustine. Ten homilies on the First Epistle of John. In: Schaff, Philip. (Org.). *The nicene and post-nicene fathers of the christian church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1956). v. 7, p. 497. Ênfase acrescentada.

Agostinho também escreveu:

Ora, irmãos, se alguém foi batizado em Cristo e crê nele, mas não fala nas línguas das nações, devemos afirmar que essa pessoa não recebeu o Espírito Santo? Deus não permita que nosso coração seja tentado por essa infidelidade... Por que será que ninguém fala nas línguas das nações? Porque a própria igreja fala agora as línguas das nações. Anteriormente, a igreja era uma única nação, onde se falava nas línguas de todos. Por falar nas línguas de todos, isso significava o que viria a acontecer: ao crescer entre as nações, ela falaria as línguas de todos.[25]

Nos primeiros quinhentos anos da igreja, as únicas pessoas que alegaram falar em línguas foram os seguidores de Montano, que foi condenado como herege (ver Capítulo 3).

Só no final do século XVII surgiu no cristianismo outro movimento significativo de pessoas que falavam em línguas. Um grupo de protestantes em Cévennes (sul da França) começou a profetizar, receber visões e falar em línguas. Às vezes, eles são designados de "profetas de Cévennes" e recordados por suas atividades políticas e militaristas, não pelo legado espiritual. A maior parte de suas profecias não se cumpriu. Anticatólicos ferrenhos, defendiam o uso das armas contra a Igreja de Roma. Muitos deles foram perseguidos e mortos por Roma.

Na outra extremidade do espectro, os jansenistas, um grupo de católicos fiéis, oposto ao ensino dos reformadores sobre a justificação pela fé, também alegavam (no século XVIII) ser capazes de falar em línguas.

Outro grupo que praticava certa forma de dom de línguas eram os *shakers*. Tratava-se de uma seita americana, com raízes quacres, que floresceu em meados do século XVIII. Mãe Ann Lee, a fundadora da seita, considerava-se o equivalente feminino de Jesus Cristo. Ela dizia possuir a capacidade de falar em 72 línguas. Os *shakers* criam que o relacionamento sexual era pecaminoso, mesmo no casamento. Eles falavam em línguas enquanto dançavam e cantavam em um estado semelhante ao transe.

25 Augustine. Lectures or tractates on the gospel according to St. John. *Ibid.* p. 195.

No início do século XIX, um pastor presbiteriano de origem escocesa, Edward Irving, e os membros de sua congregação passaram a falar em línguas e profetizar. Os profetas irvingitas se contradiziam freqüentemente, mas suas profecias começaram a falhar, e suas reuniões eram marcadas por comportamento descontrolado. O movimento foi desacreditado quando alguns profetas admitiram ter profetizado falsamente e outros até atribuíram seus "dons" a espíritos malignos. Esse grupo se tornou posteriormente a Catholic Apostolic Church (Igreja Católica Apostólica), que ensinava várias doutrinas falsas, adotando diversos ensinos do catolicismo romano e criando doze ofícios apostólicos.

Todas essas supostas manifestações do dom de línguas foram identificadas com grupos heréticos, fanáticos ou não-ortodoxos. Na avaliação dos crentes biblicamente ortodoxos de seus dias, todos esses grupos eram aberrações. Com certeza, essa também seria a avaliação de todo cristão preocupado com a verdade. Assim, concluímos que desde o fim da era apostólica até ao início do século XX não existiu ocorrências genuínas do dom neotestamentário de línguas. Elas cessaram, como dissera o Espírito Santo (1 Co 13.8).

Thomas R. Edgar, estudioso do Novo Testamento, fez esta observação:

> Visto que esses dons e sinais cessaram, recai totalmente sobre os carismáticos o dever de provar a validade de seus dons. Por muito tempo, os cristãos têm presumido que os não-carismáticos devem apresentar evidências bíblicas incontestáveis de que os dons de sinais miraculosos teriam de cessar. Entretanto, os não-carismáticos nada têm a provar, pois seus postulados já foram comprovados pela história. Isto é um fato irrefutável, admitido por muitos pentecostais. Assim, os carismáticos devem comprovar biblicamente que os dons de sinais ressurgirão na era da igreja e que os fenômenos contemporâneos são esse ressurgimento. Em outras palavras, eles precisam provar que suas experiências comprovam o ressurgimento dos dons inativos por quase 1900 anos.[26]

26 Edgar, Thomas R. The cessation of the sign gifts. *Bibliotheca Sacra,* p. 374, October-December 1988.

O derramamento final?

O dom de línguas foi reiniciado no século XX? Pentecostais e carismáticos afirmam que o dom jamais cessou — apenas diminuiu; portanto, os grupos que afirmavam falar em línguas foram os antecessores dos movimentos pentecostal e carismático modernos.[27] Ao assumir essa posição, eles se identificam com a tradição herética.

Por sua vez, há muitos carismáticos que afirmam a *cessação* das línguas depois da era apostólica; no entanto, crêem que as manifestações contemporâneas dos dons são o derramamento final do Espírito e de seus dons nos últimos dias.

O texto-chave dos pentecostais e carismáticos que defendem a segunda posição é Joel 2.28: "E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões".

De acordo com Joel 2.19-32, antes do Dia do Senhor, o Espírito de Deus será derramando de tal forma, que haverá maravilhas no céu e na terra — sangue, fogo e fumaça. "O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor" (v. 31). Essa é obviamente uma profecia sobre a chegada do reino milenar e não pode se referir a algo anterior. De acordo com o contexto da passagem de Joel, essa é a única interpretação plausível.

Por exemplo, Joel 2.20 refere-se à derrota do "exército que vem do Norte", que atacará Israel nos últimos dias apocalípticos. Joel 2.27 menciona o grande avivamento que conduzirá Israel de volta ao Senhor. Essa é outra característica da grande tribulação e ainda não se cumpriu. Joel 3 (vv. 2, 12, 14) descreve o julgamento das nações, que é um acontecimento posterior ao Armagedom e

27 John Wimber, por exemplo, assume essa posição. Cf. Wimber, John. *A brief sketch of signs and wonders through the chruch age*. Placentia, Calif.: The Vineyard, 1984. p. 41-46.

está ligado ao estabelecimento do reino milenar e terreno do Senhor Jesus Cristo. Em seguida, ainda no capítulo 3, Joel apresenta uma bela descrição do reino milenar (v. 18). Evidentemente, Joel 2 é uma profecia sobre o reino, que não se cumpriu totalmente no Dia de Pentecostes (At 2) ou em qualquer momento desde aquela época. Deve se cumprir no futuro.

No entanto, permanece a questão a respeito do que Pedro pretendia dizer, ao citar Joel 2.28-32, no Dia de Pentecostes (At 2.17-21). Alguns teólogos dizem que Pedro estava indicando o Pentecostes como cumprimento de Joel 2.28. No entanto, naquele dia não houve maravilhas no céu e sinais na terra, nem sangue, fogo e vapor de fumaça; o sol não se transformou em trevas, nem a lua, em sangue; e o terrível Dia do Senhor ainda não chegara. A profecia não se cumpriu plenamente. o Pentecostes foi apenas o cumprimento parcial, ou melhor, um prelúdio do cumprimento final da profecia. Um acontecimento paralelo pode ser encontrado na transfiguração, em que a glória o Senhor foi revelada por um breve período, mas será contemplada plenamente no reino milenar.

Pedro estava dizendo àquelas pessoas presentes no Pentecostes que elas estavam recebendo um vislumbre preliminar, uma antecipação do tipo de poder que o Espírito liberará no reino milenar. O que eles estavam vendo em Jerusalém, com um pequeno grupo de pessoas, era o sinal de que o Espírito de Deus fará um dia em escala mundial.

Um dos excelentes eruditos bíblicos do século XIX, George N. H. Peters, escreveu: "O batismo do Pentecostes é a *garantia* do cumprimento futuro, evidenciando o que o Espírito Santo *ainda realizará* na era futura".[28] Os milagres iniciados no Dia de Pentecostes são a luz no horizonte, apregoando a vinda do reino terreno de Jesus Cristo.

Alguns carismáticos espiritualizam a expressão de Joel 2.23

28 Peters, George N. H. *The theocratic kingdom*. Grand Rapids: Kregel, 1972. p. 66. Ênfase no original.

"a chuva temporã e a serôdia". Argumentam que a chuva temporã refere-se ao Pentecostes, quando o Espírito veio, e a chuva serôdia, ao derramamento do Espírito, no século XX.

Em todo o Antigo Testamento, a "chuva temporã" refere-se às chuvas do outono, e a "chuva serôdia" às chuvas da primavera. Na verdade, Joel disse que, no reino milenar, ambas as chuvas cairão "como outrora"[29] (v. 23). O principal ensino é que Deus fará as colheitas crescerem com profusão no reino. Joel 2.24 a 26 deixa o assunto muito claro: "As eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de vinho e de óleo. Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador, o meu grande exército que enviei contra vós outros. Comereis abundantemente, e vos fartareis, e louvareis o nome do SENHOR, vosso Deus, que se houve maravilhosamente convosco; e o meu povo jamais será envergonhado".

"A chuva temporã e serôdia", então, não diz respeito ao Pentecostes, ao século XX ou ao Espírito Santo. Pentecostais e carismáticos não podem usar Joel 2.28 como base para afirmar que o dom de línguas foi derramado pela segunda vez. Em primeiro lugar, Joel nem menciona as línguas. Em segundo, o derramamento do Espírito no Pentecostes não foi o cumprimento final da profecia de Joel.

Thomas Edgard fez esta observação significativa:

> Não existe evidência bíblica de uma nova ocorrência dos dons de sinais na igreja ou de que os crentes realizarão milagres quando estiverem próximos do fim da era da igreja. No entanto, há ampla evidência de que perto do fim desta era surgirão falsos profetas que realizarão milagres, profetizarão e expulsarão demônios em nome de Jesus (cf. Mt 7.22,23; 24.11,24; 2Ts 2.9-12).[30]

Faremos bem se nos guardarmos.

---

29 A expressão hebraica significa literalmente "em primeiro lugar" — indicando, talvez, que ambas as chuvas cairão no primeiro mês, garantindo uma colheita abundante.

30 EDGAR, Thomas R. The cessation of the sign gifts. *Bibliotheca Sacra,* p. 375, October-December 1988.

Que tipos de línguas são faladas hoje?

Como explicar a experiência carismática? Diversos carismáticos testemunham que o falar em línguas enriqueceu-lhes a vida. Por exemplo:

> "Qual é a *utilidade* do falar em línguas?" A única coisa que posso responder é: "Qual a utilidade do azulão? Qual a utilidade do pôr-do-sol?" Apenas a enlevação pura e irrestrita, apenas a alegria indescritível e, com ela, bem-estar, paz, descanso e libertação de fardos e tensões.[31]

E isto:

> Quando comecei a orar em línguas senti-me, e as pessoas disseram que eu parecia, vinte anos mais novo... Fui edificado, recebi alegria, coragem, paz e a percepção da presença de Deus. Eu possuía uma personalidade fraca que necessitava disso.[32]

Esses testemunhos são chamarizes poderosos para o falar em línguas. Se as línguas podem conceder bem-estar e alegria, além de fazê-lo parecer mais novo, o mercado é ilimitado.

Por outro lado, a evidência para apoiar essas alegações é duvidosa. Poderia alguém afirmar, com seriedade, que as pessoas que falam em línguas hoje vivem para Cristo de maneira mais santa e mais sensata do que aqueles que não falam em línguas? O que podemos dizer sobre todos os líderes carismáticos cujas vidas, nos últimos anos, provaram ser moral e espiritualmente corrompidas? A evidência comprova que as igrejas carismáticas são mais fortes espiritualmente e mais sólidas que as igrejas de crentes bíblicos que não defendem os dons? A verdade é que devemos gastar muito tempo e

31 Sherill, John L. *They speak with other tongues*. Old Tappan, N.J.: Spire, 1964. p. 83.
32 Ibid.

com bastante diligência para encontrar uma comunidade carismática em que o crescimento espiritual e o entendimento da Bíblia sejam o foco genuíno. Se o movimento não produz cristãos mais espirituais ou crentes que possuem mais conhecimento teológico, qual é o seu fruto? E o que dizer das diversas pessoas que pararam de falar em línguas e testemunham não terem experimentado paz genuína, satisfação, poder e alegria enquanto não deixaram o movimento carismático? Por que a experiência carismática redunda com tanta freqüência em desilusão, à medida que o ápice emocional das primeiras experiências extáticas se torna mais difícil de repetir?

Indubitavelmente, muitas pessoas que falam em línguas afirmam os benefícios da prática em diversos graus. Entretanto, normalmente — como nos testemunhos já citados —, elas estão falando a respeito de como a experiência as faz *sentir-se* ou *parecer*, e não sobre como a experiência faz com que se tornem melhores cristãos. Todavia, a melhora da aparência e dos sentimentos nunca foi o resultado do dom do Novo Testamento.

É significativo notar que pentecostais e carismáticos não podem corroborar suas reivindicações de que o que eles estão fazendo é o dom bíblico de línguas. Não conhecemos nenhum caso autêntico ou comprovado de que qualquer pentecostal ou carismático tenha realmente falado em um língua identificável e traduzível.[33] O lingüista William Samarin escreveu: "É muito duvidoso que os casos alegados de xenoglossia [línguas estrangeiras] entre os carismáticos sejam verdadeiros. Sempre que

33 Alguns carismáticos se dizem capazes de falar em línguas humanas (ou conhecem pessoas que são capazes de fazê-lo), mas essas alegações quase sempre se baseiam em pouco boatos e especulações. Pat Boone, por exemplo, diz que sua mulher, Shirley falou em latim quando recebeu o dom (Baptized in the Holy Spirit. *Charisma,* p. 58, Aug. 1978). Nenhuma gravação em fita cassete ou confirmação independente dessa experiência foi apresentada; tampouco as "línguas" mais recentes da Sra. Boone têm incluído o latim. Seria muito útil se as pessoas que falam em línguas e acreditam tratar-se de idiomas humanos, permitissem que suas afirmações fossem testadas sob condições controladas.

se tenta verificá-los, descobre-se que os relatos foram muito distorcidos ou que os 'testemunhos' são incompetentes ou não-confiáveis do ponto de vista lingüístico".[34] "Os proponentes carismáticos não têm apresentado qualquer evidência, além da suposição de que essas línguas são o mesmo fenômeno" do dom descrito no Novo Testamento.[35]

Portanto, como podemos explicar o fenômeno?

Existem várias possibilidades. Primeira, *as línguas podem ser de origem satânica ou demoníaca*. Alguns críticos do movimento desejam atribuir todas as supostas línguas à atuação do Diabo. Embora eu não concorde com isso, estou convencido de que Satanás encontra-se muitas vezes por trás dos fenômenos que se passam por dons do Espírito. Na verdade, ele está por trás de toda religião falsa (1 Co 10.20), e sua especialização é fraudar a verdade (2 Co 11.13-15). Em nossos dias, muitas pessoas nas igrejas são suscetíveis às mentiras de Satanás. "Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios" (1 Tm 4.1).

Ben Byrd, que anteriormente falava em línguas, crê que algumas de suas capacidades extraordinárias eram "poderes psíquicos e provavelmente satânicos":

> Muitas, muitas vezes orei em línguas em favor das pessoas, com os olhos fechados. Eu era capaz de enxergar, como se meus olhos estivessem abertos. Tinha consciência de tudo o que acontecia à minha volta, MAS MEUS OLHOS ESTAVAM FECHADOS. Sentia-me como se estivesse em um estado de sono estranho, mas vívido... quase dormente em meu corpo e alerta em minha mente. AGINDO ATRAVÉS DE OUTRA ESFERA, É POSSÍVEL REALIZAR COISAS, MAS LEMBRE-SE, POR FAVOR, DE QUE NEM TODOS OS DONS PROCEDEM DE DEUS.[36]

---

34 SAMARIN, William J. *Tongues of men and angels*. New York: Macmillan, 1972. p. 112-113.

35 EDGAR, Thomas R. The cessation of the sign gifts. *Bibliotheca Sacra,* p. 372, October-December 1988.

36 BYRD, Ben. *One pastor's journey into and out of the charismatic and faith move-*

As línguas extáticas são comuns nas falsas religiões. As edições mais modernas da *Enciclopédia Britânica* contêm artigos úteis sobre a glossolalia entre os pagãos, usada em seus ritos religiosos. Há registros da África Oriental em que pessoas possessas por demônios falam fluentemente em suaíli ou inglês, embora em circunstâncias normais essas línguas não sejam entendidas. Entre o povo tonga (África), quando um demônio é exorcizado, geralmente canta-se uma música em zulu, ainda que os tongas não entendam zulu. O exorcista supostamente fala em zulu por um "milagre das línguas".

Hoje as línguas extáticas são encontradas entre muçulmanos, esquimós e monges tibetanos. Um laboratório de parapsicologia da Escola de Medicina da Universidade da Virgínia relata casos de pessoas que falam em línguas entre os praticantes do ocultismo.[37]

Esses são uns poucos exemplos da tradição multissecular da glossolalia que continua hoje entre pagãos, hereges e ocultistas. A possibilidade de influência satânica é uma questão séria, e não deveria ser descartada irrefletidamente pelos carismáticos.

Outra possibilidade é a de que *as línguas sejam um padrão de comportamento aprendido*. Estou convencido de que a maior parte dos praticantes da glossolalia se enquadra nesta categoria. Como vimos, líderes carismáticos como Charles e Frances Hunter *ensinam* às pessoas como receber o dom de falar em línguas. Como isso pode ser visto, se não como um comportamento aprendido? Os Hunters emocionam as pessoas, fazendo-as orar e cantar louvores; sugerem uma simples sílaba para o começo e encorajam-nas pessoas a repetir "pequenos sons engraçados".[38] Isso *não é* evidentemente a atuação espontânea do dom.

---

ments. Columbus, Ga.: Brentwood, 1987. p. 45. Ênfase no original.

37 Samarin, William J. *Tongues of men and angels*. New York: Macmillan, 1972. p. 254-255. Cf. Dillow, Joseph. *Speaking in tongues*. Grand Rapids: Zondervan, 1975. p. 172-175.

38 Hunter, Charles. Receiving the baptism with the Holy Spirit. *Charisma*, p. 54, July 1989.

Tampouco é um tipo de experiência "sobrenatural". Não é um milagre. É algo que qualquer pessoa pode aprender. É surpreendente o número de pessoas que falam em línguas usando os mesmos termos e sons. Todas elas falam essencialmente a mesma maneira. Qualquer pessoa que as ouvir suficientemente pode fazê-lo.

No livro *The Psychology of Speaking in Tongues* (A Psicologia de Falar em Línguas), John Kildahl concluiu, após estudar muitas evidências, que a glossolalia é uma habilidade adquirida.[39] Kildahl, psicólogo clínico, e seu associado, Paul Qualben, psiquiatra, foram comissionados pela American Lutheran Church (Igreja Luterana Americana) e pelo National Institute of Mental Health (Instituto Nacional de Saúde Mental) a realizarem um estudo amplo sobre a glossolalia. Depois de todo o seu trabalho, chegaram à firme convicção de que se trata de um "fenômeno aprendido".[40]

Um estudo mais recente, conduzido pela Universidade de Carleton, em Ottawa (Canadá), demonstrou que, com instrução e modelação mínimas, qualquer pessoa pode aprender a falar em línguas. Sessenta pessoas que nunca haviam falado em línguas ou ouvido qualquer pessoa fazê-lo foram usadas em uma experiência. Depois de duas sessões breves que incluíam exemplos audiovisuais da prática de glossolalia, pediu-se a todos os participantes que tentassem falar do mesmo modo por trinta segundos. No teste de trinta segundos, todas as pessoas foram capazes de imitar a glossolalia de forma regular, e 70% delas conseguiram falar com fluência.[41]

Um membro de nossa igreja que costumava falar em línguas confidenciou-me: "Eu aprendi a falar em línguas. Vou lhe mostrar". Em seguida, começou a falar em línguas. Os sons provenientes dele eram

39 Kildhal, John. *The psychology of speaking in tongues.* New York: Harper and Row, 1972. p. 74.
40 Ibid.
41 Spanos, Nicholas P. et all. Glossolalia as learned behavior: an experimental demonstration. *Journal of abnormal psychology,* 95:1, p. 21-23, 1987.

exatamente iguais aos das línguas que ouvi na boca de outras pessoas. Apesar disso, uma afirmação freqüente dos carismáticos é que cada indivíduo recebe supostamente uma língua "particular" para orar.

Ouvi, por acaso, um carismático zeloso tentando ensinar um recém-convertido a falar em línguas. Achei muito estranho que esse homem tenha sentido necessidade de esforçar-se para ajudar o "bebê" cristão a receber o dom de línguas. Por que uma pessoa deveria *aprender* a receber um dom do Espírito Santo? No entanto, o movimento carismático está repleto de pessoas que o "ensinarão" alegremente a falar em línguas.

Enquanto realizava pesquisas para escrever este livro, assisti a uma conversa em um programa de televisão. Uma pessoa confessou ter problemas espirituais. Outro carismático lhe disse: "Você tem usado o dom de línguas diariamente? Você tem falado em sua língua todos os dias?"

"Não, não tenho", a pessoa admitiu.

Ao que a outra replicou: "Bem, este é o seu problema. Você precisa falar em línguas todos os dias, sem importar como. Apenas comece, e o Espírito Santo dará continuidade".

Essa conversa é bastante reveladora em diversos aspectos. Se o Espírito Santo concedeu a alguém o dom de línguas, por que a pessoa precisa se esforçar para começar a usá-lo?

No movimento carismático, existe uma forte pressão entre os adeptos para que as pessoas se comportem da mesma maneira que as demais, integrando, possuindo e demonstrando os mesmos dons e o poder. As línguas são a "resposta" para os problemas espirituais. É fácil perceber o motivo por que as línguas se tornaram o grande denominador comum, o teste universal de espiritualidade, ortodoxia e maturidade dos carismáticos. Contudo, esse é um teste falho.

Kildahl e Qualben escreveram:

> Nosso estudo produziu a evidência conclusiva de que os benefícios relatados pelos que falam em línguas são subjetivamente reais e contínuos e dependem

da aceitação de um líder e de outros membros do grupo, e não da experiência real de verbalização das palavras. Quando aquele que fala em línguas rompe o relacionamento com o líder do grupo ou sente-se rejeitado pelo grupo, a experiência da glossolalia não é mais subjetivamente significativa.[42]

Kildahl e Qualben relataram também uma ampla desilusão entre as pessoas submetidas ao estudo. Algumas delas perceberam instintivamente que sua atuação era um comportamento aprendido. Não havia nada sobrenatural nele. Em pouco tempo, passaram a enfrentar os mesmos problemas e dificuldades que sempre enfrentaram. De acordo com eles, quanto mais sinceras era a pessoa ao começar a falar em línguas, tanto mais desiludida ela se tornava ao cessar a prática.

Mais uma possibilidade foi sugerida: *as línguas podem ser psicologicamente induzidas*. Alguns dos casos mais estranhos de falar em línguas foram explicados como aberrações psicológicas. Quem fala em línguas entra no automatismo motor, que é descrito clinicamente como o desligamento radical e íntimo da pessoa em relação àquilo que a rodeia. O automatismo motor resulta na dissociação de quase todos os músculos voluntários do controle consciente.

Você já viu alguma reportagem mostrando jovens adolescentes em *shows* de *rock*? Devido à emoção, ao ardor e ao barulho, eles abrem mão do controle voluntário das cordas vocais e dos músculos. Caem ao chão como em um ataque.

A maior parte das pessoas, em uma ocasião ou outra, passa por momentos em que se sente um pouco desligada, aturdida e fraca. Sob certas condições, particularmente quando há grande fervor emocional, uma pessoa pode passar com facilidade a um estado em que perde o controle consciente do corpo. A glossolalia pode resultar desse estado.

---

42 Kildhal, John. *The psychology of speaking in tongues*. New York: Harper and Row, 1972. p. 55.

A condição em que a maior parte das pessoas sente a euforia da experiência das línguas parece estar bastante relacionado com o estado de hipnose. Kildahl e Qualben afirmaram em seus estudos que "a possibilidade da hipnose constitui o elemento indispensável da experiência de glossolália. Se alguém pode ser hipnotizado, ele se encontra nas condições adequadas para falar em línguas".[43]

Após o estudo extensivo dos praticantes da glossolalia, Kildahl e Qualben concluíram que as pessoas mais submissas, sugestionáveis e dependentes de líderes eram as mais aptas a falar em línguas.[44] William Samarin concorda que "pessoas de certo tipo são *atraídas* a esse tipo de religião que usa as línguas".[45] É obvio que nem todas as pessoas que falam em línguas se encontram nessa categoria; no entanto, algumas delas, se não a maioria, encaixam-se perfeitamente. Observe os programas carismáticos na televisão. As pessoas presentes aprovam, com a inclinação da cabeça, e dizem *amém* a tudo o que se diz do púlpito, mesmo os ensinamentos mais insólitos e bizarros. Elas se submetem facilmente ao poder da sugestão e àquilo que é sugerido. Quando as emoções chegam ao ápice e a pressão se eleva, qualquer coisa pode acontecer.

Não existe uma maneira de analisar cada pessoa que fala em línguas e de apresentar as razões claras de seu comportamento. No entanto, como vimos, existem várias explicações possíveis para a glossolalia entre os carismáticos modernos. O Dr. E. Mansell Pattison, membro da Christian Association for Psychological Studies (Associação Cristã de Estudos Psicológicos), disse:

> O resultado de nossa análise é a demonstração dos mecanismos naturais que produzem a glossolalia. Como fenômeno psicológico, a glossolalia é fácil de ser produzida e prontamente compreensível...

43 Ibid. p. 54.
44 Ibid. p. 38-56.
45 Samarin, William J. *Tongues of men and angels*. New York: Macmillan, 1972. p. 228.

Posso acrescentar minhas observações extraídas de experiências clínicas com pacientes neurológicos e psiquiátricos. Em certos tipos de desordem cerebrais resultantes de derrames, tumores, etc., o paciente sofre de interrupções nos padrões automáticos e físicos do sistema da fala. Se estudarmos esses pacientes "afásicos", poderemos observar a mesma decomposição da fala que ocorre na glossolalia. Decomposição similar da fala ocorre no raciocínio e no padrão da fala de pessoas esquizofrênicas; essa decomposição é estruturalmente equivalente à glossolalia.

Esses dados podem ser entendidos como a demonstração de que os mesmos estereótipos da fala resultarão, sempre que a fala sofrer a interferência de ou for prejudicada pelo cérebro, pela psicose ou pela renúncia passiva do controle espontâneo.[46]

Como vimos, os candidatos à prática da glossolalia são muitas vezes instruídos, explicitamente, a se submeterem à "renúncia passiva do controle espontâneo". Eles são ordenados a se libertarem de si mesmos, a desistirem do controle da própria voz. São treinados para pronunciarem umas poucas sílabas e a permitir-lhes fluência. Não devem pensar no que dizem.

Charles Smith, falecido dirigente do Master's Seminary, escreveu um capítulo inteiro sobre as explicações possíveis para o fenômeno moderno da glossolalia. Ele sugeriu que as línguas podem ser produzidas por "automatismo motor", "êxtase", "hipnose", "catarse psíquica", "psique coletiva" ou "estímulo da memória".[47] O fato é que as línguas podem ser explicadas de muitas maneiras. Entretanto, a conclusão inescapável é que as línguas existem hoje em muitas formas fraudulentas, sem a ação do Espírito Santo, tais como existiram na igreja de Corinto, no século I.

46 Pattison, E. Mansell. Speaking in tongues and about tongues. *Christian Standard,* p. 2, Feb. 1964.

47 Smith, Charles R. *Tongues in biblical perpective*. Winona Lake, Ind.: BMH, 1972. Capítulo 5.

Por que as línguas são bastante populares?

Cristãos de todas as denominações continuam a falar em línguas e outras pessoas buscam diariamente essa experiência. Mestres e escritores carismáticos afirmam que ela é a obra do Espírito Santo, uma nova explosão de poder que sobreveio à igreja nos últimos dias.

Como explicar isso? As línguas faladas hoje não são bíblicas. Quem fala em línguas não exerce o dom descrito na Bíblia. Por que, então, tantas pessoas desejam essa prática com fervor? Por que procuram convencer e intimidar outros a começarem a fazer essa mesma coisa? A razão fundamental é a fome espiritual. Ouve-se dizer que as línguas são o caminho para uma maravilhosa experiência espiritual. As pessoas temem que, se não falarem em línguas, perderão algo. Elas desejam "algo mais".

Além disso, muitas pessoas sentem necessidade de se expressarem espiritualmente. Freqüentam a igreja há muitos anos, mas não têm sido envolvidas, nem reconhecidas como espirituais ou santas. E, por ouvirem falar que quem fala em línguas é considerado santo e espiritual, elas experimentam o falar em línguas.

Outro motivo básico para o crescimento do falar em línguas é a necessidade de aceitação e segurança. As pessoas precisam estar "no grupo". Elas desejam estar entre os que "têm o dom" e encolhem-se ante o pensamento de que estar entre os que "não o têm", entre os que estão fora e olham para os que estão dentro. Para algumas pessoas, estar no movimento carismático é algo que traz satisfação. Ser capaz de dizer: "Sou carismático" é um tipo de realização pessoal. Isso faz muitas pessoas se sentirem importantes, pertencentes a algo, como se possuíssem alguma coisa que os outros não têm.

Outra explicação é que o movimento carismático é uma reação à sociedade secularizada, mecanizada, acadêmica, fria e indiferente em que vivemos. Aqueles que falam em línguas sentem-se em contato direto com o sobrenatural. Eis algo tangível que podem experimentar. Isso não é algo frio nem acadêmico. Parece real!

Provavelmente, a principal razão por que o falar em línguas tem explodido em nosso cenário com tanto vigor é a necessidade de uma alternativa ao cristianismo frio e sem vida que permeia muitas igrejas. As pessoas que se unem ao movimento carismático são freqüentemente aquelas que estão à procura de ação, agitação, calor e amor; desejam crer que Deus realmente atua na vida delas — aqui e agora. A ortodoxia morta não satisfaz. Essa é razão por que muitas pessoas buscam satisfação no movimento carismático.

Podemos agradecer a Deus por carismáticos e pentecostais que crêem na Palavra de Deus. Podemos ser gratos por que eles crêem na Bíblia e afirmam-na como detentora de autoridade, embora nos preocupemos com o conceito que eles têm a respeito de revelação. Podemos também louvar a Deus pelo fato de que eles crêem na divindade de Jesus Cristo, em sua morte sacrificial, em sua ressurreição física, na salvação pela fé (e não pela obras) e na necessidade de viverem em obediência a Cristo, enquanto amam com fervor seus companheiros e proclamam a fé com zelo.

Alguém pode perguntar: "Por que criticá-los?" Nós o fazemos porque é bíblico nos preocuparmos com que nossos irmãos estejam andando na verdade. Embora isso não pareça amoroso a algumas pessoas, a Bíblia é clara: devemos "falar a verdade em amor" (Ef 4.15). O amor verdadeiro age com base na verdade.

Capítulo 11

O que é a verdadeira espiritualidade?

Em Romanos 12.2, Paulo escreveu: "Transformai-vos pela renovação da vossa mente". Muitos carismáticos acreditam que você pode renovar sua mente e obter santidade sem qualquer esforço consciente. Crêem que a santificação pode sobrevir-lhe de imediato, por meio de uma experiência, ou sem esforços, por meio do condicionamento subliminar.

Meu primeiro contato com o conceito de espiritualidade subliminar ocorreu há alguns anos, quando recebi uma propaganda de "gravatas subliminares". Eram lindas gravatas de tecidos finos, bastante normais à primeira vista. "No entanto", a propaganda informava aos compradores em potencial que, "ocultas no tecido — quase imperceptíveis aos olhos humanos — encontram-se as palavras Jesus salva, Jesus salva". As gravatas, confeccionadas com tecidos ungidos, eram oferecidas por uma empresa dirigida por carismáticos e poderiam ser obtidas "mediante o envio de uma oferta de amor (dedutível do Imposto de Renda) no valor de trinta dólares". Você também poderia comprar sete daquelas gravatas "mediante a oferta de duzentos dólares (dedutíveis do Imposto de Renda), para nos ajudar a alimentar os famintos".

Lia-se na propaganda: "Durante vários anos, cientistas russos e comunistas realizaram experimentos com o uso de propagandas com mensagens subliminares — para influenciar consumidores desconhecidos com sua ideologia e propaganda". "Agora... o Senhor revelou a seu povo COMO usar esse recurso para sua glória!" A foto-

grafia ampliada de uma das gravatas mostrava, de fato, as palavras "Jesus salva, Jesus salva, Jesus salva, Jesus salva, Jesus salva" urdidas em todo o tecido. "Quando usadas", o folheto prometia, que "as palavras Jesus salva são implantadas no subconsciente de todas as pessoas que olham para elas". Em outras palavras, seria possível apresentar o testemunho sem dizer uma palavra a ninguém!

Naquele momento, a propaganda me extasiou como algo bizarro, uma esquisitice atípica. Em retrospecto, percebo que isso foi precursor de uma das tendências mais fortes do movimento carismático. As mensagens subliminares, apesar de sua ligação com o movimento Nova Era e o ocultismo, se tornou, rapidamente, um meio popular de resolver problemas espirituais, emocionais e de saúde entre os carismáticos. No começo deste livro, mencionei as fitas cassetes de mensagens subliminares intituladas "Terapia da Palavra", oferecidas pela Estância Rapha para a cura de pacientes com câncer. Cada uma dessas fitas custa cerca de quinze dólares. Embora pareça elevado, milhares de pessoas desesperadas, que procuram a cura do câncer, estão dispostas a pagar esse preço. Linda Fehl explica o surgimento da idéia:

> Em 1983, Deus me curou de câncer de mama e me chamou a "criar um lugar em que as vítimas de câncer pudessem vir e ser tratadas". Obedecendo a esse chamado, nossa família de quatro membros mudou-se para uma propriedade de 28 hectares, em uma pequena comunidade rural, no Noroeste da Flórida. Ali começamos a construir o Rapha Ranch Lodge, que tem 1650m^2.
>
> Depois de quase dois anos, recebemos os primeiros pacientes e percebemos rapidamente que nossa comissão não seria fácil. Nos próximos dois anos, aprendemos muito e continuamos a ver a grande maioria dos pacientes morrer de câncer...
>
> Clamávamos ao Senhor continuamente que nos mostrasse como levar a Palavra a essas pessoas preciosas, em seu estado crítico. Então, certo dia, vimos um programa de televisão que descrevia como o processo de mensagens subliminares estava ajudando às massas por meio do uso de afirmações positivas.
>
> Tivemos a idéia! Será que a pura palavra de Deus poderia ser usada dessa

maneira? Depois de dois meses de muita pesquisa e oração, sabíamos que tínhamos não somente uma idéia criativa, mas também uma ordem divina para produzir uma ferramenta que traria benefício às pessoas doentes.

O Senhor disse que eu deveria ser a voz, pois Ele poderia usar meu espírito, bem como músicos, engenheiros cristãos e um estúdio, para criar essa nova fita maravilhosa.

Em junho de 1988, a fita cassete Word Therapy Healing foi lançada, e os relatos de curas foram imediatos. Em duas semanas uma mulher foi curada de câncer.[1]

Linda Fehl escreveu às pessoas temerosas de que a terapia subliminar fosse demoníaca:

> Seus cuidados com fitas cassetes são justificáveis, mas tenha certeza disto: não há necessidade de temer as nossas fitas. Elas são santas e têm a bênção do Senhor.
>
> Não usamos hipnose, técnicas de relaxamento, nada relacionado à Nova Era ou práticas enganosas. É apenas um método tecnológico moderno de reprodução da pura Palavra de Deus, usando diferentes trilhas sonoras. A primeira fita cassete o convencerá, à medida que a unção destruir o jugo... Se os apóstolos vivessem hoje, considerariam a Word Therapy *o pergaminho da década de 1990*.[2]

Vários ministérios carismáticos oferecem fitas cassetes com mensagens subliminares. Certo grupo, chamado Renew Ministries, oferece fitas cassetes com mensagens ininterruptas (ao custo de vinte dólares a unidade) que prometem "libertação de [todos esses problemas]: dúvida, medo, fracasso, temor da morte, pecado, tristeza, depressão, irritação, pornografia, procrastinação, falta de perdão, rejeição, drogas, álcool, fumo, ira, rebelião, ansiedade e pânico, crítica, homossexualismo, cicatrizes de abuso sexual na infância".[3] Outras fitas de áudio desse ministério prometem "trazer à existência: prosperidade, emagrecimento, paz, cura, auto-estima,

1 Fehl, Linda. A personal letter from Linda Fehl. *Charisma*, p. 87, Dec. 1990. Propaganda.
2 Ibid. Ênfase no original.
3 Subliminal Deliverance. *Charisma*, p. 145, Nov. 1990. Propaganda.

salvação, harmonia conjugal, submissão a Deus, aceitação do amor divino e proximidade com Deus!"[4] De acordo com esse ministério, "mensagens subliminares baseadas na Bíblia alcançam os espíritos controladores onde quer que vivam e lhes ordena que deixem o lugar em nome de Jesus. Em seguida, o vazio é preenchido pela *Palavra de Deus***!**"[5]

Como funcionam essas fitas cassetes? O ministério Renew coloca vozes múltiplas em diversos canais que pronunciam uma mensagem dirigida aos demônios que estão na pessoa. Por exemplo, uma das fitas criadas para auxiliar pessoas com problemas de homossexualismo inclui esta mensagem: "Dirijo-me a vocês, espíritos do homossexualismo... Eu os amaldiçôo e os expulso em nome de Jesus". Essa mensagem é seguida por versículos bíblicos relativos à pureza moral.[6] Outras empresas usam variações dessa abordagem. Lifesource, um ministério sediado em El Paso, usa uma faixa com o som de ondas do mar. Trilhas de som subliminares recitam, em segundo plano, versículos bíblicos.[7] A evangelista e curandeira Vicki Jamison-Peterson, de Tulsa (Oklahoma), gravou em uma fita cassete de sessenta minutos todo o Novo Testamento em ritmo acelerado. Suas propagandas prometem: "Sugestões (pensamentos) positivos são acumulados em seu sistema de crenças à proporção de cem mil sugestões por hora".[8]

Tudo é tão fácil e não exige esforço. Supõe-se até que você pode absorver a Bíblia sem lhe dar atenção. Nessa abordagem, a oração fervorosa, a santidade diligente, a devoção genuína, o estudo cuidadoso e a meditação consciente são consideradas desnecessárias. Antes, acreditava-se que o emagrecimento requeria

4 Ibid.
5 Ibid. Ênfase no original.
6 Walker, Walter L. Wht About Subliminal Tapes? *Charisma,* p. 128, Oct. 1990.
7 Ibid. p. 132.
8 Ibid.

autocontrole e disciplina. Agora, dizem-nos que uma fita cassete tocada ininterruptamente pode exorcizar os demônios da gordura e da glutonaria para você. Mais importante: antes se falava que a fé, o entendimento espiritual e a justiça eram buscados mediante uma vida de devoção e estudo. Atualmente, os proponentes da terapia de mensagens subliminares prometem que a santidade pode sobrevir-lhe enquanto você dorme!

A santificação por meio de mensagens subliminares e o movimento carismático combinam-se perfeitamente. Desde o início, o movimento carismático cresceu principalmente porque promete atalhos para a maturidade espiritual. Um dos grandes atrativos desse movimento sempre foi que ele oferece aos crentes poder, entendimento e espiritualidade imediatos, por meio de uma experiência — sem o tempo, as lutas e as dificuldades inerentes ao processo de crescimento.

No entanto, existe *realmente* um atalho para a santificação? O crente pode receber mensagens subliminares, um impacto divino ou outro tipo de apoio poderoso e instantâneo e ser trazido da infância à maturidade? Segundo a Bíblia, não.

Os "renovados" e os "não-renovados"

Para o carismático típico, o acesso à espiritualidade é por meio de uma experiências, comumente o falar em línguas. O termo usado com freqüência no meio pentecostal é "renovado". Essa expressão descreve como a maioria dos carismáticos compreende a santificação. Diversas pessoas que congregam em nossa igreja contaram-me sobre as conversas que tiveram com carismáticos a respeito de espiritualidade; e, quando admitiram não ter passado por nenhuma experiência extática, os carismáticos disseram: "Bem, Jesus pode renovar você".

O evangelista carismático Norvel Hayes explicou o significado

de ser "renovado": "Deus veio a mim tão fortemente e abençoou-me tanto, que caí de joelhos e comecei a chorar, a prantear e a receber bênçãos. Descobri que Deus me ama e estava sendo bondoso para comigo porque obedeci ao Espírito Santo".[9]

Infelizmente, o movimento carismático dividiu o cristianismo em dois níveis de crentes — os "renovados" e os "não-renovados". O renovado acredita ser mais espiritual que o não-renovado; e, gostando ou não, o efeito imediato é a divisão. Alguns dos não-renovados questionam por que não têm o tipo de experiências descritas pelos carismáticos. Os carismáticos afirmam que, sem o batismo do Espírito, com a evidência do falar em línguas, não é possível servir a Deus como Ele deseja. Alguma coisa está faltando. Isso seria equivalente ao motor de oito cilindros que funciona apenas com quatro deles; seis, no máximo. Você ainda não chegou lá.

Um bom exemplo desse conceito encontra-se no livro *Spiritual Gifts* (*Dons espirituais*), escrito por Melvin Hodges:

> Embora a plena manifestação do dom e do ministério de uma pessoa tenha de aguardar a plenitude do Espírito, pode haver uma medida parcial do ministério espiritual e uma manifestação incompleta dos dons ou habilidades espirituais, antes que seja experimentada a culminação do dom do Pentecostes... Não podemos perder de vista o fato de que, no Novo Testamento, o batismo no Espírito Santo [e Hodges está se referindo à experiência carismática], é considerado um requisito essencial e primário para a vida espiritual e o ministério plenamente desenvolvidos.[10]

Os carismáticos estão certos? Há uma divisão ente os crentes? Existem dois níveis de crentes — os "renovados" e os "não-renovados"? Os não-carismáticos estão envolvidos em um cristianismo de

9 Hayes, Norvel. From heaven come God's weapons for the church. Tulsa: Harrison, 1979. p. 15-16.
10 Hodges, Melvin L. *Spiritual gifts*. Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1964. p. 16.

segunda classe? Os "não-renovados" se regozijarão em saber que a Escritura não lhes atribui esse destino.

O homem natural versus o homem espiritual

Um ensino fundamental sobre a espiritualidade cristã encontra-se em 1 Coríntios 2.14-15: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém". Paulo usou a maior parte de 1 Coríntios 2 discorrendo sobre a diferença entre o homem natural (não-regenerado) e o espiritual (salvo). O homem natural não conhece Deus; ele não é salvo e está isolado em sua humanidade. Ele não pode compreender as coisas do Espírito. Em contraste, o homem espiritual conhece a Deus e compreende as questões espirituais.

De acordo com 1 Coríntios 2, todos os cristãos são espirituais — pelo menos essa é nossa posição em Cristo. Todos os cristãos são espirituais porque possuem o Espírito Santo. Ser "espiritual" significa apenas possuir o Espírito Santo, como indica claramente Romanos 8.6-9.[11]

Contudo, embora todos os cristãos tenham o *status* de *espirituais*, eles nem sempre são espirituais na *prática:* nem sempre *agimos* de maneira espiritual. Essa foi a razão por que Paulo escreveu sobre os bebês espirituais em 1 Coríntios 3.1-3. Ele disse que deveria ter falado com os coríntios como homens espirituais, mas eles não agiam como homens espirituais. Não recebiam a Palavra, nem havia santidade em seu viver. Comportavam-se de modo carnal, exigindo que o apóstolo os tratasse como bebês em Cristo.

11 Em Romanos 8, Paulo faz uma diferença clara: ser natural (carnal) significa ser não-regenerado, não-salvo, não conhecer a Deus. Ser espiritual significa possuir o Espírito Santo por meio do crer em Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Os crentes de Corinto não foram os únicos. Todo cristão enfrenta o mesmo problema. Todos os cristãos são "espirituais" porque conhecem a Jesus como Salvador e têm o Espírito Santo habitando em seu interior; mas os cristãos não agem sempre de modo espiritual. Às vezes, eles agem de modo carnal e natural.

Uma boa ilustração desse ensino é o apóstolo Pedro. Em Mateus 16, vemos que ele reconheceu a Jesus como o Filho do Deus vivo. E Jesus respondeu de imediato: "Você é bem–aventurado, Simão Barjonas... agora mudarei seu nome para Pedro [esta palavra significa 'rocha']. Você será uma nova pessoa, firme como uma rocha" (vv. 17-18). Todavia, em João 21, lemos que Jesus encontra Pedro junto ao mar da Galiléia, logo após o fracasso de Pedro na noite anterior à crucificação. Ali Jesus o chamou de Simão, uma vez que Pedro agira como o seu velho "eu" — como o homem que ele era antes de crer em Cristo.

O que Pedro fez — e o que todos nós fazemos de tempos em tempos — foi parar momentaneamente de seguir Jesus de perto. Mesmo depois do Pentecostes Pedro continuou a lutar, de quando em quando, contra o comportamento carnal. Certa vez, Paulo o repreendeu face a face (ver Gl 2.11-21).

O próprio Paulo entendia, por experiência pessoal, a luta incessante do crente contra a carne e escreveu, de forma comovente, a respeito dessa luta em Romanos 6-7. O ensino fundamental é: a "espiritualidade" não corresponde a um estado permanente no qual você entra quando é "renovado", por meio de uma experiência espiritual. A espiritualidade é, apenas, o receber diariamente, de Deus, a Palavra viva, permitindo que ela habite em você com riqueza e, em seguida, o viver em obediência a ela por meio de um andar, minuto a minuto, no Espírito. Paulo afirmou isso em Gálatas 5.16: "Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne".

O vocábulo "andar" é muito importante no Novo Testamento. Ele fala a respeito da conduta momento a momento. Paulo ensinou a igreja a andar em harmonia com o Espírito Santo: "Se vivemos no Espírito,

andemos também no Espírito" (Gl 5.25). Andar nos transmite a idéia de medir os passos, dar um passo de cada vez. Isto é, afinal, como a verdadeira espiritualidade ocorre: um passo, um momento por vez.

Marcas da verdadeira espiritualidade

Uma das marcas fundamentais da verdadeira espiritualidade é uma profunda consciência de pecado. Na Bíblia, aqueles que mais desprezavam sua pecaminosidade eram freqüentemente os mais espirituais. Paulo afirmou ser o principal dos pecadores (1 Tm 1.15). Pedro disse: "Retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8). Isaías declarou: "Ai de mim... sou homem de lábios impuros" (Is 6.5). Pessoas espirituais reconhecem sua luta mortal contra o pecado. Paulo afirmou que morria diariamente (1 Co 15.31).

O objetivo final da espiritualidade é a semelhança com Cristo. Paulo reiterou muitas vezes essa verdade (1 Co 1.11; Gl 2.20; Ef 4.13; Fp 1.21). No conceito de Paulo, a espiritualidade, em sua mais forte expressão, é a semelhança com Jesus; isso não é algo que podemos atingir por meio de uma única experiência ou alguma técnica subliminar. É uma busca perseverante e contínua:

> Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.12-14).

Muitos carismáticos afirmam que, após o recebimento do batismo do Espírito, a espiritualidade é sua. Infelizmente, as coisas não ocorrem assim. Quando o fervor da experiência acaba, eles são forçados a procurar outra e, depois, mais outra. Descobrem que uma segunda obra da graça não é suficiente; precisam de uma terceira, uma quarta, uma quinta e assim por diante. No esforço de acharem

algo mais, os carismáticos abandonam, de modo inconsciente, a Bíblia e a verdadeira senda da espiritualidade, andando errantes pelo caminho da experiência, até chegarem ao inevitável beco sem saída.

Dons não garantem espiritualidade

Os livros, folhetos e artigos carismáticos estão repletos de testemunhos sobre como determinada experiência trouxe um novo grau de espiritualidade. Os testemunhos seguem freqüentemente o mesmo padrão: "Quando fui batizado no Espírito, falei em línguas; depois, comecei a viver de forma mais santa. Tive mais poder, liberdade e alegria do que em qualquer outra época. Tive mais amor e mais completude como cristão".

Embora os carismáticos não sejam coerentes nesse ponto, a maioria deles ressalta fortemente o dom de línguas como meio para obter espiritualidade. No entanto, a Bíblia não apóia essa idéia. Por exemplo, Paulo elogiou a igreja de Corinto, ao dizer que não lhes faltava "nenhum dom" (1 Coríntios 1.7). Os crentes de Corinto possuíam todos os dons espirituais: profecia, conhecimento, milagres, cura, línguas, interpretação de línguas e outros mais. Contudo, eles também possuíam todos os tipos de problemas espirituais. Quanto à posição deles em Cristo, eram espirituais, mas suas ações lançaram a igreja no caos decorrente da carne.

Os crentes da Corinto, no século I, não foram os únicos. Hoje, os cristãos enfrentam os mesmos problemas. Somos salvos e temos o Espírito Santo, recebemos alguns dons espirituais, mas também lutamos contra a carne (ver Rm 7). Nenhum dom espiritual pode assegurar-nos a vitória completa nesta vida. A única maneira pela qual podemos vencer é andarmos sempre no Espírito e não sucumbirmos aos desejos da carne (Gl 5.16).

Qualquer carismático discernente admitirá que, como todos nós, tem enfrentado muitos problemas relativos aos desejos da carne. Entusiasmo, euforia, fervor, excitação e emoção — todas as coisas que os

carismáticos consideram provas de força espiritual — são incapazes de restringir o desejo, o orgulho, o egoísmo ou a ambição. Os carismáticos, cujo único poder é extraído do ápice de sua experiência mais recente, são aparentemente mais propensos à fraqueza e à imaturidade espiritual. A história do movimento pentecostal comprova essa afirmação.[12] Muitos caem na armadilha de crer que a experiência carismática resolve a questão da luta contra a carne. Isso não é verdade. E, para aumentar a dificuldade, os carismáticos, quando caem, costumam não assumir a responsabilidade pelo fracassso; acabam acusando os poderes demoníacos, em vez de reexaminarem sua teologia concernente à santificação.

Com todas as alegações de poder e de novos níveis de espiritualidade, os carismáticos não possuem nenhuma prova de que as experiências extáticas os colocam em um nível espiritual novo e duradouro. Não importa o tipo de experiência pelo qual imaginam ter passado ou com que freqüência falam em línguas ou caem no Espírito, os carismáticos ainda enfrentam os mesmos desafios que dos demais cristãos enfrentam: a necessidade de andar no Espírito em obediência à Palavra e a morte diária do ego e do pecado.

Raramente, os testemunhos e os ensinos dos carismáticos são honestos nesse ponto. E, por causa disso, é comum os carismáticos nutrirem uma forte mentalidade de escapismo. Quantas pessoas se unem ao movimento porque receberam promessas de respostas imediatas para seus problemas ou de um caminho rápido e fácil para a santidade?

12 Charles R. Smith destaca: "As doutrinas do amor livre e dos 'casamentos espirituais' aparecem freqüentemente em associação com as línguas. A perversão do ensino bíblico concernente ao sexo e ao casamento pode ser vista entre os mórmons e os *shakers*. Aimee Semple McPherson não foi a única líder [do movimento] de línguas a receber a 'revelação' de que seu casamento não 'estava no Senhor' e de que ela deveria procurar outra união. Um dos problemas mais sérios do movimento pentecostal é o fato de que muitos de seus líderes têm incorrido em imoralidade. Um famosa pregadora pentecostal, viúva havia três anos, afirmou carregar 'um filho do Espírito Santo'. Parham, 'pai do movimento pentecostal moderno', foi preso pela prática de imoralidades grosseiras" (*Tongues in biblical perspective*. Winona Lake, Ind.: BMH, 1972. p. 23.).

Santificação ou superficialidade?

Assim, muito do que ocorre no movimento carismático é mais leviano que divino. A emissora de televisão cristã de minha região apresenta um programa de entrevistas e variedades, ao vivo, todas as noites da semana. O programa tem alcance nacional e apresenta alguns dos maiores nomes do movimento carismático. Assista-o todas as noites da semana e você verá o mesmo. A ênfase recai sobre a diversão e a frivolidade. Há muito riso e manifestações efusivas de emoções. O tempo é ocupado, de modo geral, com entretenimento, fanfarrice, tolice e conversas inúteis. As roupas caras e ostentosas, as maquiagens densas, os comportamentos e as conversas da maioria das mulheres violam claramente todas as interpretações possíveis de 1 Pedro 3.3-6 e 1 Timóteo 2.9-10. Francamente, sinto-me embaraçado por saber que muitos incrédulos extraem de pessoas como essas seu conceito a respeito do cristianismo. E não estou falando sobre carismáticos desconhecidos ou insignificantes, e sim de pessoas que estão à frente da liderança visível de seu movimento.

Não há nada errado em ser feliz; não há nada errado em louvar a Deus e sentir-se satisfeito. No entanto, muitos adeptos do movimento carismático parecem determinados a alcançar o ápice emocional, o estímulo imediato, o momento eletrizante, a reunião divertida — pois desistiram das ricas recompensas de uma andar consistente com Deus, em favor da alegria superficial de um espetáculo público.

No entanto, a alegria não substitui a piedade. A piedade verdadeira nem sempre traz consigo o ápice emocional. De acordo com as Escrituras, a pessoa repleta do Espírito busca a justiça com um forte senso de convicção e uma profunda consciência de seu próprio pecado. Existe profunda alegria onde o Espírito atua, mas há também grande tristeza. Walter Chantry escreveu com muita propriedade:

Quando o Espírito vem a homens pecadores, Ele traz inicialmente tristeza. No entanto, nos círculos [carismáticos]... existe apenas a jactância do transporte imediato à alegria e paz. Não devemos confiar em nenhuma experiência religiosa que produza júbilo instantâneo e animação ininterrupta. Na espiritualidade, existe mais do que um soerguimento do espírito, uma entrada na vida exuberante ou uma ampliação da continuidade das experiências empolgantes de alguém. Entretanto, em diversas comunidades neopentecostais populares será inútil procurar algo além disso...

Ninguém que tenha o Espírito de Deus é capaz de andar em nosso mundo sem gemer profundamente por causa de tristeza e sofrimento. Quando o fedor da imoralidade penentra as narinas do homem cheio do Espírito de Deus, ele não é feliz, feliz, feliz o dia todo... Se o Espírito viesse com poder [hoje], ele não faria os homens baterem palmas de alegria; Ele os faria bater no peito de tristeza.[13]

Chantry acrescentou: "Ele não é o Espírito Alegre, e sim o Espírito Santo".[14]

É comum os carismáticos darem a impressão de que o Espírito é mais alegre do que santo. Caso alguém proteste contra a comoção, a gritaria, a frivolidade, a tolice, a irreverência e as falsas promessas — ele é visto com suspeita. Enquanto isso, a auto-satisfação e a falta de moderação tornam-se mais evidentes, gritantes, impressionantes e excêntricas. Essa característica não é o fruto da piedade genuína.

Paulo versus os superapóstolos

Uma das características mais infelizes do movimento carismático é a ênfase contínua nos acontecimentos surpreendentes, dramáticos e sensacionais que se espera façam parte da experiência carismática cotidiana. O efeito é a intimidação daqueles que não obtêm os mesmos resultados — línguas, profecias, pirotecnias espirituais, tanques miraculosamente cheios de combustível, instruções audíveis da parte de

13 Chantry, Walter J. *Signs of the apostles*. Edinburgh: Banner odf Truth, 1973. p. 99-101.
14 Ibid. p. 100.

Deus, etc. Aqueles que obtêm resultados menos espetaculares (talvez estejam sob o domínio de um feitiço que não lhe permite obter os resultados), esses se vêem relegados ao *status* de segunda classe.

O apóstolo Paulo sabia muito bem o que significava ser desdenhado e intimidado por pessoas que julgavam ter alcançado um nível mais elevado que o dele. Nos dois capítulos finais de 2 Coríntios, ele discorreu a respeito dos superapóstolos que haviam chegado a Corinto e assumido o controle da igreja, enquanto ele estava ausente. Os novos mestres adoravam enaltecer a si mesmos. Afirmavam que seus poderes, experiências e êxtases haviam afetado emocionalmente os crentes de Corinto. Agora a espiritualidade de Paulo era questionada. Ele não se igualava aos novos astros recém-chegados à cidade.

Qual foi a resposta de Paulo? Leia 1 Coríntios 11 e 12. Paulo não montou uma lista de curas ou de outros milagres realizados. Em vez disso, ele apresentou o que podemos chamar de "ficha criminal" espiritual. Recebeu cinco vezes 39 chicotadas; três vezes foi fustigado com varas; uma vez, apedrejado e abandonado à morte; naufragou três vezes; passou uma noite e um dia à deriva em mar aberto.

Paulo experimentou tudo isso. Ele sentiu fome e sono; esteve em perigo entre ladrões, gentios e conterrâneos. Foi expulso de cidades mais vezes do que conseguiu lembrar. Seu espinho na carne (que Deus não removeu, embora Paulo Lhe tenha pedido isso em três ocasiões diferentes) era uma tortura difícil de suportar. E o que Paulo disse a respeito de todas essas coisas?

> *Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte. Tenho-me tornado insensato; a isto me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou (2 Co 12.10-11).*

É duvidoso que Paulo teria uma boa impressão dos muitos programas carismáticos de televisão. Em vez de cair no Espírito, às vezes ele era quase morto em seu corpo. Paulo não se lembrava bem de suas visões. Em 2 Coríntios 12.1-4, ele mencionou a ocasião de haver sido arrebatado ao terceiro céu quatorze anos antes. No entanto, ele aparentemente não lembrava os detalhes. Em vez de ressaltar sua viagem miraculosa de ida e volta ao terceiro céu, Paulo preferiu falar a respeito de suas fraquezas e como estas glorificavam a Deus.

A verdadeira espiritualidade sobre a qual Paulo falava não corresponde às listas mais atuais dos principais *best-sellers* cristãos. De acordo com ele, sua vida era fraca, miserável, temerária e modesta. Ele esteve em constante estado de dificuldade, perplexidade, perseguição e aprisionamento, desde a hora em que se rendeu a Cristo até ser decapitado por um carrasco romano (2 Co 4.8-11). Isso também é verdade no que concerne aos outros apóstolos, que também sabiam algo a respeito do sofrimento e da verdadeira espiritualidade — em especial, Pedro, Tiago e João.

Em nenhuma passagem das Escrituras, você achará a menor sugestão de que existe um escape das realidades, das lutas e das dificuldades da vida cristã. O falar em línguas não resultará em verdadeira espiritualidade, mas pode afastá-lo do caminho da verdadeira espiritualidade. O caminho correto da verdadeira espiritualidade é o definido pela expressão "Andai no Espírito".

O que significa ser cheio do Espírito Santo?

Como vimos, A Bíblia não nos ordena a experiência do "batismo do Espírito". O cristão é batizado com o Espírito Santo, no corpo de Cristo, no momento em que crê (1 Co 12.13; Rm 8.9). No Novo Testamento, existem sete referências ao batismo com o Espírito. É significativo que todas essas referências estejam no indicativo. Nenhuma delas é uma ordem.

Entretanto, a Escritura está repleta de mandamentos concernentes à vida cristã. As ordens sobre a caminhada cristã encontram-se primariamente nas epístolas; em particular, nas epístolas de Paulo. Em Efésios 4.1, o apóstolo nos advertiu: "Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados". Em Efésios 5.18 ele nos informou como atingir andar esse andar de modo digno: sendo cheios do Espírito.

Paulo começou com a exortação: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução". Devemos evitar todas as coisas que conduzem ao excesso, à degeneração, ao desperdício ou à falta de autocontrole.

Depois de haver dado a ordem contrastante — "enchei-vos do Espírito"—, ele usou vários parágrafos explicando o significado dessa expressão. Não há menção de euforia por causa de experiências religiosas extáticas. Em vez disso, encher-se do Espírito envolve submissão, amor, obediência e busca do melhor para o próximo.

Quando Paulo disse: "Enchei-vos do Espírito", usou termos que descrevem o processo de enchimento contínuo. Paulo não estava dando uma opção ou fazendo uma sugestão. As palavras que escolheu foram estruturadas como uma ordem. Devemos ser continuamente cheios do Espírito. O que Paulo quis dizer com isso? Estava exigindo que alcançássemos um tipo de estado superespiritual do qual nunca nos afastaríamos? Ou ele sugeriu que fôssemos perfeitos?

Paulo jamais afirmou: "Sejam batizados no Espírito". Ele não estava defendendo uma segunda obra da graça. Paulo falava sobre o enchimento contínuo e diário. Você pode ser cheio hoje, mas amanhã é outra história. Essa é a razão por que o conceito da "segunda bênção" é inadequado. Quando a "segunda bênção" acaba, o crente carismático é relegado à luta contra os mesmos problemas básicos de todo cristão. Embora seja salvo, o crente ainda existe em um corpo humano que tem forte propensão ao pecado. Assim como os israelitas recolhiam o maná todos os dias, assim também os cristãos devem manter-se, diariamente, cheios do Espírito.

Você não é cheio progressivamente, e sim de uma vez

É importante conhecer o significado exato do vocábulo "encher", usado por Paulo. Quando pensamos neste verbo, nos vem à mente a figura de um recipiente em que algo é derramado, até o recipiente ficar cheio. Isso não era o que Paulo tinha em mente na passagem. Paulo não tinha em mente o enchimento *progressivo*, e sim o enchimento imediato — o ser completamente permeado pela influência do Espírito Santo.

Freqüentemente, falamos sobre pessoas "cheias" de ódio ou de alegria. Com isso, afirmamos que as pessoas se encontram sob o controle total desses sentimentos. Era isso o que Paulo tinha em mente; devemos ser totalmente controlados pelo Espírito Santo.

A Escritura usa muitas vezes a expressão "cheio" nesse sentido. Por exemplo, quando Jesus disse os discípulos que iria deixá-los, a tristeza lhes "encheu" o coração (Jo 16.6). Ela os dominou e consumiu naquele momento. Em Lucas 5, Jesus curou um homem paralítico, e todas as pessoas ficaram atônitas. Elas ficaram "possuídas de temor" (v. 26). Muitos de nós já ficamos "cheios de medo". O temor não é uma emoção que você compartilha com outros sentimentos. Quando você está com medo, existe apenas o medo e ponto! Em Lucas 6, Jesus debateu com os fariseus acerca do legalismo deles e curou, no sábado, um homem que tinha uma mão ressequida. O resultado foi que os fariseus "se encheram de furor" e começaram a planejar como matariam a Jesus. Em outras palavras, os fariseus estavam furiosos! Quando alguém está cheio de fúria, de ódio, esses sentimentos são capazes de consumir as pessoas. Essa é a razão por que a ira pode ser tão perigosa. É possível que a pessoa tenha a razão ofuscada por esses sentimentos.

A palavra *cheio*, portanto, é usada na Escritura para descrever aqueles que são totalmente controlados pelo por uma emoção ou influência.

A Escritura afirma exatamente o mesmo quando menciona o encher-se do Espírito Santo. Vemos isso em Atos 4.31: "Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus".

É óbvio que muitos crentes *não* são cheios com o Espírito. Além disso, os carismáticos que afirmam ter passado por essa experiência não apresentam qualquer evidência de serem cheios, ou controlados, pelo Espírito. Eles escolhem não permitir que o Espírito Santos lhes permeie a vida. Preocupam-se consigo mesmos, com outras pessoas ou outras coisas. Sucumbem ao orgulho, ao egocentrismo, à ira, à depressão e a muitas outras coisas que conduzem ao vazio espiritual.

Como ser cheio do Espírito Santo

O primeiro passo para ser cheio com o Espírito é render-se a Ele na caminhada diária. De acordo com Efésios 4.30, o cristão pode "entristecer" o Espírito de Deus. De modo semelhante, 1 Tessalonicenses 5.19 afiram que podemos "apagar" o Espírito. Se podemos entristecer e apagar o Espírito, também podemos tratá-Lo com o devido respeito — render-nos a Ele e permitir sua atuação em nossa existência. Fazemos isso quando submetemos a vontade, a mente, o corpo, o tempo, os talentos, os tesouros — todas as áreas — ao controle do Espírito Santo.

Isto é um ato voluntário — o compromisso de render-se ao Espírito em cada área da vida. Quando surgirem tentações, recusaremos render-nos a elas. Toda vez que o pecado acenar para nós, nos afastaremos. Sempre que alguma coisa tenta nos afastar da influência do Espírito de Deus, nós a rejeitamos. Não estamos à procura de diversões, distrações e amizades que nos afastem das coisas de Deus. E, quando falharmos, confessaremos e abandonaremos nosso pecado. Deste modo, à medida que o Espírito de Deus permanece no controle, experimentamos seu enchimento, bem como sua alegria e seu poder. Essa é a vida abundante (Jo 10.10).

Se você vive esse estilo de vida, ele se evidenciará, porque as pessoas cheias do Espírito apresentam o fruto da justiça em seu viver.

O que acontece quando alguém é cheio do Espírito?

Nenhuma parte das Escrituras nos ensina que o enchimento do Espírito é acompanhado por experiências de êxtase ou sinais externos. Na verdade, o ser cheio do Espírito traz ao crente grande regozijo e alegria, mas as epístolas do Novo Testamento revelam que o ser cheio do Espírito produz o fruto do Espírito, e não os dons do Espírito.

Efésios 5.19 a 6.9 apresenta uma lista de especificidades: o cristão cheio do Espírito canta salmos, hinos e cânticos espirituais, criando em seu coração melodias ao Senhor. Ele sempre dá graças por tudo em nome de Cristo. Os cristãos cheios do Espírito sujeitam-se uns aos outros, ouvem uns os outros e se submetem à autoridade do outro. As mulheres cheias do Espírito submetem-se ao próprio marido, e os maridos cheios do Espírito amam cada um sua esposa, como Cristo ama a igreja. Filhos cheios do Espírito honram seus pais e lhes são obedientes, e os pais cheios do Espírito criam os filhos na disciplina e admoestação do Senhor, sem provocá-los à ira. O empregado cheio do Espírito obedece ao patrão e faz um bom trabalho. E o patrão cheio do Espírito é justo e compreensivo em relação aos empregados. Todas essas são manifestações da vida cheia do Espírito.

Uma passagem correspondente, Colossenses 3.16-22, vincula as benditas manifestações resultantes do enchimento do Espírito a permitir que "habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo" (v. 16). Visto que o encher-se do Espírito e o permitir que Cristo habite em nós produzem os mesmo resultados, o cristão cheio do Espírito é aquele em quem a palavra de Cristo habita. O cristão cheio do Espírito tem consciência de Cristo. O cristão cheio do Espírito ocupa-se em aprender tudo o que puder sobre Jesus e em obedecer ao que Ele

disse. Esse é o significado de permitir que "habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo". Ser cheio do Espírito significa envolver-se, de forma total e profunda, em todas as possibilidades do conhecer a Jesus Cristo.

Pedro: um padrão de ser cheio do Espírito

O apóstolo Pedro é o exemplo perfeito a respeito de como isso se realiza. Pedro gostava de estar perto de Jesus. Ele não desejava afastar-se de seu Senhor, nem mesmo por um momento. Quando estava perto de Jesus, Pedro falava e realizava coisas incríveis. Em Mateus 16, Jesus perguntou aos discípulos quem Ele era, e Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (v. 16). Jesus disse a Pedro que ele não chegara a essa conclusão por si mesmo (v. 17); o Pai celeste lhe revelara isso.

Em Mateus 14, lemos que os discípulos estavam em um barco, em meio a águas turbulentas. Eles viram Jesus andando sobre a água e indo em direção a eles. Pedro desejava certificar-se de que era Jesus, por isso falou: "Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas" (v. 28). Jesus respondeu: "Vem!", e Pedro começou a andar sobre as águas. Uma vez fora do barco, Pedro teve dúvidas e começou a afundar, mas Jesus o segurou. Sempre que Jesus estava perto, Pedro podia fazer coisas incríveis.

Outro exemplo é o relato da prisão de Jesus no Getsêmani. Um grupo de homens armados aproximou-se para prendê-Lo, mas Pedro não demonstrou temor. Na verdade, ele desembainhou a espada e, de modo irrefletido, decepou a orelha de Malco, servo do sumo sacerdote. Jesus reprovou a violência de Pedro e curou Malco, colocando-lhe a orelha no lugar. Embora a ação de Pedro tenha sido errada, demonstra que ele se sentia invencível quando estava com Jesus.

No entanto, o que ocorreu poucas horas depois? Jesus estava sendo julgado, e Pedro não estava mais na presença dEle. Perguntaram-lhe três vezes se ele conhecia Jesus. Nas três ocasiões, Pedro

negou veementemente o seu Senhor. As horas da crucificação devem ter sido particularmente difíceis para Pedro, enquanto ele observava seu amado Senhor sofrendo as agonias da cruz.

Mas Jesus ressuscitou dentre os mortos e poucas semanas depois ascendeu ao céu. O que Pedro faria? O Senhor não estava mais a poucos metros ou quilômetros de distância; Ele estava no céu. Obtemos nossa resposta no segundo capítulo de *Atos dos Apóstolos*. Pedro se levantou em meio a uma multidão hostil, em Jerusalém, e pregou um sermão poderoso que convenceu muitas pessoas a se converterem a Jesus Cristo. Pouco tempo depois, ele seria usado para curar um coxo e falar com grande ousadia diante dos membros iracundos do Sinédrio. O que o tornou tão diferente? Pedro recebeu o Espírito Santo e ficou cheio de seu poder. Ao ser cheio do Espírito de Deus, Pedro apresentou as mesmas habilidades, ousadia e poder de que tinha quando estava na presença física de Jesus.

Ser cheio do Espírito significa viver cada momento como se estivéssemos na presença de Jesus Cristo. Significa praticar a conscientização da presença de Cristo. Como fazemos isso? Bem, por um lado, quando temos a percepção da presença de alguém, nós nos comunicamos. Isso é verdade no que diz respeito a praticarmos a conscientização da presença de Cristo. Devemos começar o dia dizendo: "Bom dia, Senhor; este é teu dia e desejo que me faças lembrar, durante todo o dia, que Tu estás ao meu lado".

Quando somos tentados, devemos falar com o Senhor. Quando tivermos decisões a tomar, devemos pedir-Lhe que nos mostre o caminho. Nossa mente e coração não pode estar, ao mesmo tempo, cheio da consciência da presença de Jesus e de pensamentos pecaminosos. Jesus e o pecado não ocupam o mesmo lugar simultaneamente. Um deles será excluído. Quando deixamos de nos lembrar da presença de Cristo, nossa carne pecaminosa prevalece. Quando nos lembramos da presença de Jesus e nos conscientizamos de que Ele está conosco, somos cheios de seu Espírito.

Como você pode saber que está cheio do Espírito?

Como você pode realmente saber que está cheio do Espírito? Eis algumas perguntas que você deve fazer a si mesmo:

Eu canto? De acordo com a Escritura, você cantará salmos, hinos e cânticos espirituais, à medida que permite a Palavra de Deus habite ricamente em seu interior (Cl 3.16). Isso sugere que a leitura bíblica diária e a comunhão com o Senhor não são caprichos ou atitudes legalistas, e sim características naturais do ser cheio do Espírito.

Sou grato? A Escritura nos ensina a dar graças a Deus sempre (Ef 5.20, 1 Ts 5.18). O que caracteriza a sua vida: a reclamação ou a gratidão? Na verdade existem muitas coisas pelas quais podemos lamentar neste mundo caído. Todos passamos por problemas, irritações, frustrações e crises. Mas temos muitas coisas pelas quais devemos agradecer! Você é agradecido pela presença de Deus? Pela vitória sobre a morte? Pela vitória na vida diária? Pela saúde, família, amigos? A lista é praticamente infindável. Jamais esqueça de contar suas bênçãos.

Relaciono-me bem com meu cônjuge, filhos, amigos, colegas de trabalho e vizinhos? Releia o que Paulo ensinou em Efésios 5.21 a 6.9. Você consegue se submeter aos outros? Obedece tão bem quanto lidera? Se você é casada, submete-se à liderança de seu marido? Se você é casado, ama sua esposa de modo sacrificial, imitando o amor de Cristo pela igreja?

Sou um empregado confiável e obediente? O trabalho que você realiza faz jus ao salário que recebe? Se você é o patrão, seu comportamento é correto e justo? Tem procurado o bem de seus empregados, e não apenas meios para aumentar o lucro?

Existe pecado não confessado em minha vida? Uma marca inequívoca de estar cheio do Espírito é um senso de pecaminosidade. Pedro disse a Jesus: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador"

(Lc 5.8). Quanto mais perto do Senhor você estiver, maior será sua consciência de pecado e sua necessidade de Jesus. Sempre que você perceber um pecado em sua vida, confesse-o imediatamente e o abandone. Existe algo que você alimenta ou deseja? Há algum bem material que lhe seja mais desejável do que ser cheio do Espírito?

Estou vivendo algum tipo de mentira? Sou egoísta? Tenho deixado de orar, ler a Bíblia ou anunciar o evangelho de Cristo?

Independentemente do que lhe falta na vida, você pode se voltar para Cristo e deixar o Espírito Santo assumir o controle neste momento. Apenas conte ao Senhor o seu desejo de viver completamente sob a influência dEle. Em seguida, discipline-se para ser obediente à Palavra.

Render-se ao Espírito e ser cheio dele produz reações diversas em pessoas diferentes. Algumas o consideram alegre, festivo, como se um fardo lhes saísse dos ombros. Outras podem achar que nada emocionalmente espetacular acontece, mas sentem uma paz e satisfação que não ocorreriam de outra maneira. Qualquer que seja a reação, as Escrituras deixam claro que a "renovação divina" não é uma resposta de longa duração.

Ser verdadeiramente espiritual significa ser verdadeiro a Cristo e render-se a Ele diariamente, momento a momento, de modo coerente e resoluto. Isso não ocorre de uma vez; pelo contrário, ocorre em medidas dolorosamente pequenas, em oportunidades sucessivas. Todavia, não importando como isso acontece, não existem atalhos para a espiritualidade. Não há caminho fácil, nenhuma "renovação" espiritual singular realizará a obra.

É um processo de renovação da mente (Rm 12.2). Nenhuma fita cassete de mensagens subliminares ou método que ignora o esforço pessoal pode obtê-lo para você. Você tem de estudar para mostrar-se aprovado (2 Tm 2.15). Deve ser diligente, resoluto e frutificar com "Perseverança" (Lc 8.15). Pedro delineou o processo contínuo e exigente do crescimento espiritual:

Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pe 1.5-8).

Jamais troque essas palavras por uma promessa mais rápida.

Esopo contou a história de um cão que atravessava uma ponte levando um osso na boca. Ele olhou para a margem do rio e viu seu reflexo na água. O osso visto no reflexo da água parecia melhor do que o osso que ele tinha em sua boca. Por isso, desistiu da realidade em troca do reflexo. Meu grande temor é que haja muitos cristãos que, a despeito de seu grande zelo sem entendimento, estejam agindo de modo semelhante.

Capítulo 12

Deus Promete Saúde e Prosperidade?

Um dos legados mais incomuns da Segunda Guerra Mundial são as seitas do Culto à Carga no Pacífico Sul. Muitas povos aborígines das ilhas do Norte da Austrália até à Indonésia foram expostos pela primeira vez ao contato com a civilização moderna por meio das forças aliadas, durante a guerra. Os militares americanos, em particular, usavam muitas vezes as ilhas remotas dessa parte do planeta como lugares para pistas de pouso e depósitos de suprimento temporárias.

Os homens brancos traziam cargas e partiam tão rapidamente quanto chegavam. Os povos tribais não tiveram tempo de aprender as maneiras da civilização. Por breve tempo, viram de perto a mais avançada tecnologia. Aviões de carga moviam-se nos céus, aterrissavam, deixavam a carga e partiam. Os nativos das ilhas viram isqueiros produzir fogo instantaneamente e criam tratar-se de algo miraculoso. Observaram grandes máquinas que derrubavam florestas inteiras para construir pistas de pouso. Viram, pela primeira vez, jipes, armas modernas, refrigeradores, rádios, ferramentas elétricas e muita variedade de comida. Ficaram fascinados com tudo isso, e muitos concluíram que os homens brancos deviam ser deuses. Quando a guerra acabou e as tropas se retiraram, os membros das tribos construíram santuários para os deuses das cargas. Seus templos eram réplicas perfeitas de aviões de carga, torres de comando e de hangares — todos feitos de bambu e materiais trançados. Essas imitações assemelhavam-se aos originais, mas eram inúteis, exceto para serem usados como templos dedicados os deuses das cargas.

Em algumas das ilhas mais longínquas, ainda existem seitas do culto das cargas. Em algumas delas, os americanos são personificados em uma divindade chamada Tom Navy. Eles oram pelas santas cargas provenientes de todo avião que sobrevoa a região. Veneram isqueiros, câmeras fotográficas, óculos, canetas esferográficas e outras coisas como relíquias religiosas. Logo que a civilização começou a permear algumas dessas culturas, seu fascínio pelas cargas não diminuiu. Missionários enviados às áreas em que existiam pessoas ligadas a essas seitas recebem, no primeiro momento, uma recepção calorosa. Essas pessoas consideram a chegada dos missionários como um tipo de "segunda vinda". No entanto, esses sectários esperam pelas cargas, e não pelo evangelho. E os missionários têm encontrado resistência para vencer o materialismo que é a essência da religião dos habitantes das ilhas.

Nestes últimos anos, o movimento carismático tem espalhado a sua versão do culto das cargas. O movimento Palavra da Fé, também conhecido com Movimento da Fé — ou Palavra, Fórmula da Fé, Palavra da Fé, Hiper-Fé, Confissão Positiva, Declare e Reivindique ou Teologia da Fé, Riqueza e Prosperidade — é uma subdivisão do movimento carismático muito supersticiosa e materialista, semelhante às seitas do culto das cargas no Pacífico Sul. Os líderes do movimento Palavra da Fé (incluindo Kenneth Hagin, Kenneth e Gloria Copeland, Robert Tilton, Fred Price e Charles Capps) prometem aos crentes prosperidade financeira e saúde perfeita. Declaram que qualquer coisa menos do que isso não é a vontade de Deus.

A religião falsa e a verdadeira

Quase todas as religiões falsas criadas pelo homem adoram uma divindade cuja função é liberar algum tipo de carga. Ou seja, as religiões humanas inventam deuses por razões utilitaristas: os deuses existem para servir ao homem, e não o contrário. A teolo-

gia da Prosperidade transformou o cristianismo em um sistema não muito diferente das mais inferiores religiões inventadas por homens — uma forma de magia em que Deus pode ser coagido, bajulado, manipulado, controlado e explorado em favor dos objetivos do cristão.

Recebi uma correspondência de um extremado ensinador do movimento Palavra da Fé, chamado David Epley. Nela, havia um folheto acompanhado de "uma barra de sabão abençoada com oração". O folheto dizia: "Vamos LAVAR-nos de todo AZAR, DOENÇA, FALTA DE SORTE e MAL! Sim, até mesmo da pessoa maligna que você deseja afastar de sua vida! Jesus ajudou um homem a eliminar a cegueira dos olhos. Desejo ajudá-lo em seus feitiços, vexames, problemas domésticos, amor, felicidade e alegria!" No folheto, há o testemunho de pessoas abençoadas por esse ministério: "Portas abertas para um NOVO EMPREGO!"; "Um sonho de oitenta mil dólares torna-se realidade!"; "Fui incapaz de usar minhas mãos por doze anos!" O folheto também continha uma carta "pessoal" de Epley e terminava com página inteira repleta de instruções sobre o uso do sabão para a cura ou um "milagre financeiro". "Assim, depois de ter lavado a pobreza de suas mãos... pegue a maior nota que tiver... de cem, cinqüenta ou vinte dólares, ou o maior cheque que puder preencher... Segure-a com as mãos lavadas e diga: 'Em nome de Jesus, dedico esta oferta à obra de Deus... e espere pelo retorno financeiro miraculoso." É claro que a "maior nota que tiver... ou o maior cheque que puder preencher" devem ser enviados à organização de Epley.

O último parágrafo da carta dizia:

> Por meio do dom de discernimento, vejo alguém enviando uma oferta de 25 dólares, e Deus está me mostrando um cheque polpudo que chegará a essa pessoa em breve. Digo POLPUDO... pois me parece ser de mais de mil dólares. Sei que isso parece estranho, mas vocês me conhecem muito bem para saber que preciso obedecer a Deus, quando Ele fala comigo.
>
> Permanecerei aqui à espera de sua resposta.

Isso parece magia negra, e não fé. Sem dúvida, é um dos exemplos mais ultrajantes; e representa um *estilo* peculiar a quase todos os ministérios ligados ao Palavra da Fé. Se fosse apenas propaganda enganosa, já seria bastante ruim. Todavia, os mestres do movimento Palavra da Fé corromperam o âmago do cristianismo neotestamentário, fazendo com que o crente deixe de focalizar-se na sã doutrina, na adoração, no serviço, no sacrifício e no ministério e se focalize na promessa de "bênçãos" físicas, financeiras e materiais. Essas bênçãos são as cargas que se espera Deus entregará aos que conhecem e seguem as fórmulas do Palavra da Fé.

Os escritos ligados ao movimento Palavra da Fé recebem os seguintes títulos: *How to Write Your Own Ticket with God (Como Preencher seu Cheque com Deus)*,[1] *Godliness is Profitable (A Piedade é Proveitosa)*,[2] *The Laws of Prosperity* (*As Leis da Prosperidade)*,[3] *God's Creative Power Will Work for You* (*O Poder Criativo de Deus Operará a seu Favor)*,[4] *Releasing the Ability of God Through Prayer* (Liberando *o Habilidade de Deus por meio da Oração)*,[5] *God's Formula for Success and Prosperity* (*A Fórmula de Deus para o Sucesso e a Prosperidade)*,[6] *God's Master Key to Prosperity* (*A Chave Mestra de Deus para a Prosperidade)*[7] e *Living in Divine Prosperity* (Vivendo na Prosperidade Divina).[8]

Na religião do movimento Palavra da Fé, o adepto usa Deus, enquanto a verdade do cristianismo bíblico ensina o oposto: Deus usa o crente. A teologia da Prosperidade considera o Espírito Santo uma poder a ser usado para a realização de todos os desejos do homem. No entanto, a Bíblia ensina que o Espírito Santo é uma *Pessoa* que

1 Hagin, Kenneth E. Tulsa: Faith Library, 1979.
2 _____. Tulsa: Faith Library, 1982.
3 Copeland, Kenneth. Fort Worth: Kenneth Copeland, 1974.
4 Capps, Charles. Tulsa: Harrioson, 1976.
5 _____. Tulsa: Harrioson, 1978.
6 Roberts, Oral. Tulsa: Healing Waters, 1955).
7 Lindsay, Gordon. Dallas: Christ for the Nations, 1960.
8 Savelle, Jerry. Tulsa: Harrison, 1982.

capacita o crente a realizar a vontade de Deus.[9] Vários mestres do movimento Palavra da Fé afirmam que Jesus nasceu outra vez, para que nos tornássemos pequenos deuses. As Escrituras, porém, ensinam que Jesus é Deus, e *nós* é que temos de ser nascidos de novo.

Não sou muito tolerante para com os enganos, as corrupções da Bíblia e as falsas alegações do movimento Palavra da Fé. Esse movimento é muito semelhante às seitas gananciosas e destrutivas que surgiram no época da igreja primitiva. Paulo e os outros apóstolos não se pronunciaram em um tom ameno ou conciliatório em relação aos falsos mestres que propagavam essas idéias. Ao contrário, Paulo os identificou como falsos mestres e advertiu os cristãos a evitá-los. Por exemplo, Paulo advertiu Timóteo a respeito de

> homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, *supondo que a piedade é fonte de lucro*... Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão (1 Tm 6.5, 9-11 — ênfase acrescentada).

Judas escreveu a respeito daqueles que promovem a avareza:

> Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim, e, *movidos de ganância*, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Corá. Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas; ondas bravias do mar,

9 A maior parte dos defensores do movimento Palavra da Fé afirma a personalidade do Espírito Santo. No entanto, seus ensinamentos O despersonalizam, por falarem, consistentemente, a respeito dEle como um poder que deve ser atraído e não entenderem a verdade bíblica de que *nós* devemos ser instrumentos *dEle*.

que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre. Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele. Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros (Jd 11-16 — ênfase acrescentada).

Pedro escreveu:

Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, *movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias*; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme... Porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, *engodam com paixões carnais, por suas libertinagens,* aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro, prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor (2 Pe 2.1-3, 18-19 — ênfase acrescentada).

Paulo afirmou que a avareza é idolatria (Ef 5.5) e proibiu os crentes de Éfeso de serem participantes com alguém que portasse uma mensagem de imoralidade ou avareza (v. 6-7).

Qual a semelhança entre os mestres modernos do movimento Palavra da Fé e os mestres avarentos que os apóstolos condenaram? É justo descrever esse movimento como subcristão ou herético?

Hesito em designar de seita o movimento Palavra da Fé apenas por causa de seus contornos serem confusos. Muitos crentes sinceros vagueiam na periferia dos ensino desse movimento, e alguns de seus

membros que aceitam o âmago do ensino do Palavra da Fé rejeitam algumas das doutrinas mais extremas do grupo. No entanto, todos os elementos comuns às seitas existem nesse movimento: cristologia distorcida, visão exaltada do homem, teologia baseada nas obras humanas, crença em novas revelações procedentes de certo grupo que desvendam "segredos" que por séculos têm estado oculto para a igreja, escritos humanos extrabíblicos que são reputados como inspirados e autoritários,[10] o uso e abuso da terminologia evangélica, exclusividade que compele os adeptos a evitarem qualquer tipo de criticismo ao movimento ou a ensinos contrários ao sistema. Sem as correções necessárias nos fundamentos doutrinários desse movimento, ele continuará no caminho atual, até ser considerado uma seita em todas as acepções do termo. Estou convencido de que o movimento é muito semelhante às seitas avarentas da época do Novo Testamento, que os apóstolos designaram, ousadamente, de heréticas.

Compreendo que esse é um veredicto grave, mas as evidências abundantes confirmam isso. Em quase todos os pontos fundamentais, o movimento Palavra da Fé maculou, distorceu, perverteu, interpretou erroneamente, corrompeu ou eliminou as doutrinas centrais de nossa fé.

---

10 Cf. Hagin, Kenneth E. *How to Write Your Own Ticket with God*. Tulsa: Faith Library, 1979. p. 3. Nesta obra, Hagin afirma que teve uma visão de Jesus e Lhe disse: "Querido Senhor, tenho pregado dois sermões concernentes à mulher que tocou em tuas roupas e foi curada, quando Tu estiveste na terra. *Recebi esses dois sermões por inspiração*" (ênfase acrescentada). Mais adiante, Hagin citou o que Jesus lhe disse em resposta: "Você está certo. Meu Espírito, o Espírito Santo, envidou esforços para dar outro sermão a seu espírito, mas você falhou em pegá-lo. Enquanto estou aqui, farei o que você me pede. Eu lhe darei outro esboço desse sermão. Agora peque caneta e papel e escreva" (p. 4). Hagin afirma ter recebido diversas visões, bem como oito visitas pessoais de Jesus. Ele escreveu: "O próprio Senhor ensinou-me a respeito da prosperidade. Jamais li a respeito disso em algum livro. Eu o recebi diretamente do céu" (*How God Taught Me About Prosperity*, Tulsa: Faith Library, 1985, p. 1). Essa afirmação, como veremos adiante, é mentirosa (ver nota 81, neste capítulo).

Como destaquei na introdução deste livro, farei diversas citações de fitas cassetes, programas de televisão e literatura impressa dos mestres do movimento Palavra da Fé. Visto que as próprias palavras deles são tão incriminadoras, espero que alguns desses homens se retratem do que afirmaram. Muitos deles precisam, desesperadamente, do apoio dos principais segmentos do evangelicalismo para manterem seus programas no ar. Por conseguinte, vários deles farão os reparos necessários para que suas doutrinas não sofram mais análise crítica ou bíblica. Embora muitos deles tenham assegurado às pessoas que os seus ensinos são verdades infalíveis que lhes foram reveladas pelo próprio Deus e tenham ensinado, de modo contínuo e claro, durante muitos anos, essas mesmas coisas, não se surpreenda se disserem agora que foram mal interpretados ou que mudaram seus ensinos, depois de haverem feito as asseverações que cito neste capítulo.

Não seja enganado por retratações superficiais ou por atitudes sagazes. A única evidência fidedigna de que esses pregadores adotaram realmente o cristianismo bíblico e histórico ocorrerá quando eles renunciarem publicamente às heresias que têm ensinado há muito tempo e quando começarem a pregar a sã doutrina bíblica.

O deus errado

O deus do movimento Palavra da Fé não é o Deus da Bíblia. Na verdade, o ensino do Palavra da Fé estabelece o homem acima de Deus e O relega ao papel de um gênio, uma espécie de Papai Noel ou de um criado às ordens dos cristãos. Os crentes do Palavra da Fé crêem que possuem a autoridade máxima. Como veremos, os discípulos desse movimento são ensinados e encorajados, de forma explícita, a agir como pequenos deuses.

O ensino do movimento Palavra da Fé não tem qualquer conceito da soberania de Deus. A Escritura diz: "Nos céus, estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo" (Sl 103.19).

Deus é o "bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1 Tm 6.15). Entretanto, em todo o material que li do Palavra da Fé, não encontrei nenhuma referência à soberania de Deus. A razão é evidente: os mestres do Palavra da Fé não crêem que Deus seja soberano. Jesus, de acordo com esse movimento, não possui qualquer autoridade na terra, pois delegou-a integralmente à igreja.[11]

Além disso, a teologia do Palavra da Fé ensina que Deus está preso às leis espirituais que regem a saúde e a prosperidade. Se pronunciarmos as palavras corretas ou crermos sem hesitação, Deus será obrigado a responder na maneira em que determinarmos. Robert Tilton afirmou que Deus já se comprometeu a realizar sua parte do relacionamento pactual conosco. Podemos confiar-lhe a realização de qualquer desejo ou promessa que desejarmos e "poderemos dizer a Deus, com base na autoridade de sua Palavra, o que desejamos que ele faça. É isso mesmo! Você pode dizer a Deus como deseja que Ele cumpra sua parte na aliança!"[12]

No sistema do Palavra da Fé, Deus não é o Senhor de tudo. Ele é incapaz de agir, enquanto não Lhe for permitido. Ele depende da instrumentalidade humana, da fé humana e, acima de tudo, das palavras pronunciadas pelos homens para realizar seu trabalho. "Está em seu poder a liberação da habilidade de Deus", escreveu Charles Capps.[13] Ele também declarou: "O medo ativa o diabo".[14] Caso sucumba ao medo, ainda que seja por causa de uma pequenina dúvida¸

Você terá retirado a Deus da situação... *Terá bloqueado a atuação imediata dEle*. Talvez ela estava quase para se manifestar, mas, por causa disso, você es-

11 Kenneth E. Hagin desenvolveu esse ensino no livro *The Authority of the Believer* (Tulsa: Faith Library, 1979), no qual extensas seções foram copiadas, palavra por palavra, dos escritos de outras pessoas (ver nota 81, neste capítulo).
12 Tilton, Robert. *God's miracle plan for man*. Dallas: Robert Tilton, 1987. p. 36.
13 Capps, Charles. *The tongue:* a creative force. Tulsa: Harrison, 1976. p. 78.
14 Ibid. p. 79.

tabeleceu a palavra de Satanás na terra — e isso não tende a melhorar, e sim a piorar. *Você terá estabelecido a palavra dele*.[15]

Segundo Capps, Deus entregou sua soberania — incluindo sua autoridade criativa — aos seres humanos. Ele escreveu:

Em agosto de 1973, veio mim a palavra do Senhor, dizendo: "Se os homens cressem em mim não seriam necessárias longas orações. A simples recitação da Palavra realizaria seus desejos. Meu poder criativo é dado ao homem sob a forma da Palavra. Parei minha obra por um tempo e dei aos homens o livro do MEU PODER DE CRIAÇÃO. Esse poder AINDA SE ENCONTRA NA MINHA PALAVRA.

"Para que ela se torne eficaz, o homem precisa declará-la com fé. Jesus declarou-a enquanto esteve na terra; assim como ela agiu naqueles dias, também agirá agora. *No entanto, ela precisa ser declarada pelo corpo*. O homem precisa se levantar e ter domínio sobre os poderes do mal por meio de minhas Palavras. O meu maior desejo é que meu povo crie uma vida melhor por meio da Palavra proferida. Minha Palavra não perdeu o poder por ter sido declarada anteriormente. Ela é tão poderosa hoje como o era no momento em que eu disse: 'haja luz'.

"Todavia, para que minha Palavra seja eficaz, *os homens têm de declará-la;* e o poder criativo fluirá dela, realizando todas as coisas declaradas com fé".[16]

Por que orar, se as nossas palavras têm tanto poder criador? De fato, alguns mestres do movimento Palavra da Fé aproximaram-se, perigosamente, da negação explícita da busca de auxílio divino por meio da oração. Norvel Hayes afirmou que é melhor se dirigir ao talão de cheques, à doença ou a qualquer situação, do que buscar a Deus mediante a oração:

Você não deve conversar com Jesus a respeito disso. Deve se dirigir diretamente à montanha em nome de Jesus — independentemente da identidade da montanha em sua vida...

Pare de conversar com Jesus a respeito dela. Pare de falar com qualquer pessoa sobre ela. Dirija-se à própria montanha em nome de Jesus!

15 Ibid. p. 79-80. Ênfase no original.
16 Ibid. p. 136-137. Ênfase n do original.

Não diga: "Ó Deus, ajuda-me. Remova esta doença de mim". Diga: "Gripe, não permitirei sua entrada em meu corpo. Saia de mim em nome de Jesus! Nariz, ordeno que cesse a coriza. Tosse, ordeno que vá embora em nome de Jesus". Diga: "Câncer, você é incapaz de me matar. Eu nunca morrerei de câncer, em nome de Jesus!"

Você sofre por causa de uma montanha financeira em sua vida? Comece a conversar com seu dinheiro. Diga a seu talão de cheques que se alinhe à Palavra de Deus. Converse com seu negócio. Decrete que os clientes venham ao seu estabelecimento e gastem dinheiro ali. Dirija-se à montanha![17]

Hayes também ensinou que os crentes podem exercer autoridade sobre seus anjos da guarda. "Visto que os anjos são espíritos ministradores enviados para servir aos cristãos", ele argumenta, podemos aprender como podemos "colocá-los em ação a nosso favor".[18] "Nós, crentes, devemos manter ocupadas essas criaturas angelicais", escreveu Hayes. "Devemos tê-las a nosso serviço em todo o tempo".[19]

Deste modo, a teologia do movimento Palavra da Fé nega a soberania divina, elimina a necessidade da oração dirigida a Deus, para obtermos alívio de dificuldades e necessidades, e dá ao crente autoridade e poder de criação.

Sem dúvida, o ensino mais controverso do movimento Palavra da Fé é o conceito de que Deus criou a humanidade para que fossem uma raça de "pequenos deuses". Kenneth Copeland declarou de maneira explícita o que outros mestres do Palavra da Fé afirmavam com mais sutileza:

Quando você nasceu de novo, Ele [Deus] passou a fazer parte de você — Pedro declarou isso com clareza. Ele disse: somos "co-participantes da natureza divina". Essa natureza é a vida eterna em perfeição absoluta. Ela lhe foi outorgada, injetada

17 Hayes, Norvel. *Prostitute faith*. Tulsa: Harrison, 1988. p. 22-23.
18 Hayes, Norvel. *Putting your angels to work*. Tulsa: Harrison, 1989. p. 8.
19 Ibid.

em seu homem espiritual, e lhe foi comunicada do mesmo modo como você transmitiu a seu filho a natureza humana. A criança não nasceu uma baleia! [Ela] nasceu humana. Não é verdade?

Bem, agora você não *possui* a humanidade. Você é um [ser humano]. Você não *possui* um deus em seu interior. Você *é* um.[20]

Copeland ensina que Adão foi "criado na categoria de deus", ou seja, ele era uma reprodução de Deus. "Ele não estava *subordinado* nem a Deus... [Adão] era um deus. [...] Tudo o que ele falava acontecia. O que ele realizava tinha valor. [E quando ele] dobrou o joelho diante de Satanás e o colocou acima de si mesmo, não havia nada que Deus pudesse fazer a respeito, pois um *deus* colocara [Satanás] naquela posição".[21] Lembre-se de que Adão fora "criado na categoria de deus, mas, por haver cometido um ato de grande traição, caiu dessa categoria".[22]

De acordo com Copeland, na cruz Jesus obteve o direito de que os crentes nascessem de novo na "categoria de deuses". A divindade de Jesus, segundo Copeland, compreende "cura... libertação... prosperidade financeira, prosperidade mental, prosperidade física [e] prosperidade familiar".[23] Visto que os crentes estão na "categoria de deuses", essas bênçãos lhes são garantidas aqui e agora:

Ele disse que supriria minhas necessidades de acordo com as riquezas dele em glória por Cristo Jesus, e eu caminho e afirmo: "Sim! Minhas necessidades são supridas de acordo com as riquezas dele em glória por Cristo Jesus! Glória a Deus! [...] Eu tenho um pacto com aquele que supre as necessidades. Eu tenho um pacto com o Eu Sou!". Aleluia.

E eu o digo com todo o respeito, para que você não se chateie muito. No

20 Copeland, Kenneth. *The force of love.* Fort Worth: Kenneth Copeland Ministries, [19---]. Cassete sonoro n. 02-0028.
21 Ibid.
22 Ibid.
23 Copeland, Kenneth. *The believer's voice of victory.* Programa exibido em 9 de julho de 1987.

entanto, eu o direi de qualquer maneira: Quando leio na Bíblia onde ele diz: "Eu Sou", apenas dou risada e digo: "Sim, também sou o 'Eu Sou'".[24]

Essa afirmação é tão blasfema que deveria fazer todo verdadeiro filho de Deus estremecer. Trata-se, porém, de um ensino típico do Palavra da Fé. Devido às críticas motivadas por suas afirmações a respeito da divindade dos crentes, Copeland apareceu, com Paul e Jan Crouch, no programa *Praise the Lord* (Louvem o Senhor), da Trinity Broadcasting Network, transmitido em todos os Estados Unidos, para defender e explicar seu ensino. Realizou-se o seguinte diálogo:

Paul Crouch: [Deus] nunca estabelce uma distinção entre Ele mesmo e nós.

K. Coopeland: Nunca, nunca! Você não pode fazer isso em um relacionamento pactual.

Paul Crouch: Você sabe o que mais foi esclarecido nesta noite? Esses rumores e controvérsias de que somos deuses, suscitados pelo diabo para causar dissensão no corpo de Cristo. Eu *sou* um pequeno deus!

K. Coopeland : Sim! Sim!

Jan Crouch: Com certeza! (Risos furtivos.) Ele nos outorgou seu nome.

K. Coopeland: O *motivo* por que somos —

Paul Crouch: Eu tenho o nome dEle. Eu sou um com Ele. Mantenho com Ele um relacionamento pactual — eu *sou* um pequeno deus! Críticos, dêem o fora!

K. Coopeland: Tudo o que Ele é você também o é.

Paul Crouch: Sim.[25]

Paul Crouch — líder e apresentador da Trinity Broadcasting Network e, por conseguinte uma das pessoas mais poderosas e influentes nos programas religiosos dos anos 1990 tem reiterado, freqüentemente, sua adesão à doutrina dos "pequenos deuses" do movimento Palavra da Fé:

24 Ibid.

25 *Praise the Lord*. Programa exibido em 7 de julho de 1986.

Essa nova criatura, que ocorre no novo nascimento, é criada à imagem dEle... Ela está unida a Jesus Cristo. Isso é correto? Portanto, nesse sentido — percebi isso há vários anos —, qualquer que seja a união entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Jesus diz: "Pai, quero que eles sejam um comigo, como tu e eu somos um". Aparentemente, o que Ele faz: abre essa união da própria divindade, conduzindo-nos a ela![26]

Outros representantes do movimento Palavra da Fé têm confirmado a heresia. Charles Capps escreveu: "Tenho ouvido pessoas dizerem: 'Aqueles que confessam a Palavra de Deus e vivem repetindo as promessas divinas tentam agir como Deus!' Sim! Isto é exatamente o que tentamos fazer: *agir como Deus agiria em uma situação similar*... O que Ele fez? *Ele declarou o seu desejo*".[27] Earl Paulk escreveu: "Enquanto não compreendermos que somos pequenos deuses e começarmos a agir como pequenos deuses, não seremos capazes de manifestar o reino de Deus".[28] Robert Tilton também chama o crente de "um tipo de criatura divina... designada deus neste mundo... designada ou criada por Deus para ser o deus deste mundo".[29] Morris Cerullo teve o seguinte diálogo com Dwight Thompson apresentado na televisão :

M. Cerullo: Veja, quando Deus nos criou à sua imagem, Ele não colocou cordas em nós, não é? Ele não nos fez marionetes.

D. Thompson: Não, de jeito nenhum.

M. Cerullo: Ele não disse: Morris, levante a mão. Levante-a — você sabe, e aqui estamos, não temos controle — controle absoluto sobre nós, então —

D. Thompson: Não. Não. Não.

M. Cerullo: Ele criou Dwight Thompson, Ele criou Morris Cerullo como *miniaturas de Deus*. Claro! A Bíblia afirma que fomos criados à sua imagem, à sua

26 *Praise the Lord*. Programa exibido em 15 de novembro de 1990.

27 Capps, Charles. Seedtime and harvest. Tulsa: Harrison, 1989. p. 7. Ênfase no original.

28 Paul, Earl. *Satan unmasked*. Atlanta: Kingdom, 1985. p. 97.

29 Tilton, Robert. *God's laws of success*. Dallas: Word of Faith, 1983. p. 170.

semelhança. Onde está essa semelhança divina? Ele nos concedeu poder... Ele nos deu autoridade, Ele nos deu domínio. Ele não nos disse para agirmos como homens! Ele nos disse para agirmos como *deus*![30]

Benny Hinn acrescentou: "A nova criação é realizada à imagem de Deus em justiça e santidade verdadeira. O novo homem é criado à imagem de Deus, semelhante a Deus, divino, completo em Jesus Cristo. A nova criação é o equivalente de Deus. Posso resumir o ensino da seguinte maneira: 'Você é um pequeno deus passeando pela terra'?".[31] Hinn respondeu assim a crítica desse ensino:

> Você está pronto para o verdadeiro conhecimento procedente de revelação? Muito bem. Agora, veja isso: Ele deixou de lado sua forma divina... para que um dia eu pudesse me revestir de sua forma divina, na terra.
>
> Kenneth Hagin tem um ensino. Muitas pessoas têm problemas com esse ensino, mas ele é totalmente verdadeiro. Kenneth Copeland tem um ensino. Muitos cristãos consideram-no errado, mas é a verdade divina. Hagin e Copeland afirmam: você é deus. Vocês são deuses.
>
> "Oh! eu não sou deus!" Espere aí. Vamos trazer equilíbrio a esse ensino. O equilíbrio é ensinado por Hagin. Aqueles que o repetem acabam distorcendo-o. O equilíbrio é ensinado por Copeland, um amigo querido, mas aqueles que repetem o que ele diz acabam distorcendo-o.
>
> Você percebe, irmão? Quando Jesus esteve na terra, a Bíblia diz que Ele se despiu da forma divina. Ele, o Deus ilimitado, tornou-se homem para que nós, homens, nos tornemos como Ele é.[32]

Hagin, que muitos dos mestres do Palavra da Fé reconhecem como a maior influência na formação de sua teologia, disse: "Se um dia despertarmos e tomarmos consciência de quem somos, começa-

30 *Praise the Lord*. Programa exibido em 6 de janeiro de 1988.
31 *Praise-a-thon*. Programa exibido na Trinity Broadcasting Network em 12 de novembro de 1990.
32 Hinn, Benny. *Our position in Christ*. Orlando: Orlando Christian Center, 1990. Cassete sonoro n. A031190.

remos a realizar a obra que nos foi proposta, pois a igreja ainda não percebeu o que ela é Cristo. Esta é sua identidade. Ela é Cristo".[33]

Assim, os mestres do movimento Palavra da Fé têm deposto a Deus e colocado os crentes em seu lugar. Desse erro fundamental procedem quase todas as outras falácias deles. Por que ensinam que a saúde e a prosperidade são direitos divinamente outorgados aos cristãos? Por que, no sistema religioso deles, os cristãos são deuses e merecem essas coisas. Por que ensinam que as palavras dos crentes têm poder de criar e determinar? Por que na doutrina deles o crente, e não Deus, é soberano.

Eles sucumbiram à primeira mentira de Satanás: "Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, *como Deus*, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.4-5). A idéia de que um ser criado pode ser como Deus é, e sempre tem sido, uma mentira satânica. Na verdade, é a primeira mentira, que deu origem à queda do Diabo (cf. Is 14.14).

Dois textos são muito usados pelos mestres do Palavra da Fé para apoiar seu ensino. Em Salmos 82.6, Deus diz aos governantes da terra: "Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo". Entretanto, a mera leitura do salmo revela que essas palavras foram dirigidas aos governantes injustos no limiar de seu julgamento. Deus os estava ridicularizando por sua arrogância. *Eles* se consideravam deuses. Leia os versículos 6 e 7 em conjunto: "Sois deuses... Todavia, como homens, morrereis". Havia, da parte de Deus, um tom inequívoco de ironia na condenação desses "príncipes". Em vez de confirmar a divindade deles, Deus os condenou por pensarem elevadamente a respeito de si mesmos!

Os mestres do movimento Palavra da Fé passarão, de imediato, ao seu texto predileto, aquele em que Jesus citou Salmos 82 em defesa de sua divindade: "Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo

33 Hagin, Kenneth E. *As Christ is — so are we.* Tulsa: Rhema. Cassete sonoro n. 44H06.

tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses?" (Jo 10.33-34). No entanto, perceba a motivação de Jesus para escolher essa passagem. Ela deveria ser bem conhecida pelos escribas e fariseus, que entendiam seu significado como a condenação das autoridades ímpias. Jesus repetiu a ironia original do salmo. Walter Martin comentou:

> Jesus zomba dessas pessoas como se dissesse: "Todos vocês pensam ser deuses. O que pode significar mais um deus em seu meio?" A ironia é usada para provocar-nos, não para nos orientar. Essa declaração não é uma base para a formulação de uma teologia.
>
> Também é pertinente à compreensão de João 10 que nos recordemos de que o próprio Senhor Jesus chamou a Satanás de "o príncipe do mundo" (Jo 14.30). E Paulo reforça esse entendimento, ao chamá-lo de "o deus deste século" (2 Co 4.4). Podemos transformar qualquer coisa em um "deus" — dinheiro, poder, *status*, condição, sexo, patriotismo, família ou, no caso de Lúcifer, um anjo. Podemos ser o nosso próprio "deus". No entanto, *atribuir* a divindade a algo, adorá-lo ou tratá-lo como divino é bem diferente de ser divindade, por natureza e essência.[34]

Deus falou aos israelitas rebeldes: "Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro" (Is 29.16). De acordo com o movimento Palavra da Fé, a resposta é "sim". Todavia, a Escritura afirma que existe apenas um único Deus, e além dEle não há outro (Dt 5.35, 39; 32.39; 2 Sm 7.22; Is 43.10; 44.6; 45.5-6, 21-22; 1 Co 8.4).

O Jesus errado

Não deve surpreender-nos o fato de que o Jesus do movimento Palavra da Fé não é o Jesus do Novo Testamento. Os mestres do

34 Martin, Walter. Ye shall be as gods. In: Horton, Michael A. (Org.). *The agony of deceit*. Chicago: Moody, 1990. p. 97.

Palavra da Fé dizem que Jesus abriu mão de sua divindade e até assumiu a natureza de Satanás, a fim de morrer por nossos pecados. Kenneth Copeland, ao defender sua "profecia" infame que parecia lançar dúvidas sobre a divindade de Jesus (ver Capítulo 2), escreveu: "Por que Jesus não declarou abertamente que era Deus, durante os seus 33 anos de vida na terra? Por uma simples razão: Ele não veio à terra como Deus, Ele veio como homem".[35]

O Jesus do Palavra da Fé se parece, muitas vezes, apenas com um homem dotado de poderes outorgados por Deus:

> A maior parte dos cristãos crê erroneamente que Jesus era capaz de operar maravilhas, realizar milagres e viver sem pecar porque Ele tinha o poder divino que não temos. Assim, eles jamais desejam viver como Ele viveu.
>
> Não percebem que, ao vir à terra, Jesus abriu mão voluntariamente dessa vantagem, vivendo como se não fosse Deus, e sim como um homem. Ele não possuía poderes sobrenaturais inatos. Ele não pôde realizar milagres enquanto não foi ungido pelo Espírito Santo, conforme está registrado em Lucas 3.22. Ele ministrou como um homem ungido pelo Espírito Santo.[36]

Evidentemente, pouco importa ao sistema de Copeland se Jesus era Deus ou homem:

> O Espírito de Deus me falou, dizendo: "Filho, compreenda isto". (Agora, siga-me nisto. Não deixe que a tradição o engane.)
>
> Ele disse: "Considere o seguinte: um homem nascido duas vezes derrotou Satanás em seu próprio reino".

---

35 Copeland, Kenneth. *Believer's Voice of Victory*, p. 8, Aug. 1988.

36 Ibid. A idéia de que Jesus se esvaziou de sua divindade na encarnação (conhecida como teologia *kenōtica*) é um ensino herético disseminado pela teologia liberal no século XIX. A teologia conservadora sempre afirmou que o auto-esvaziamento de Cristo (cf. Fp 2.7) significa que Ele deixou de lado o uso independente de seus atributos divinos, e não que Ele deixou de ser Deus. Sua imutabilidade torna essa suposição impossível: "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8; cf. Ml 3.6, Tg 1.17).

Joguei minha bíblia e sentei-me assim. Disse: "O quê?"

Ele falou: "Um homem nascido de novo venceu Satanás. O primogênito entre muitos irmãos derrotou-o". E declarou: "Você é a própria imagem e cópia desse homem".

Eu disse: "Meu Deus do céu!" Comecei a perceber o que estava ocorrendo ali. Falei: "Bem, Tu não estás dizendo — Tu não *ousarias* dizer que eu poderia ter feito a mesma coisa".

Ele afirmou: "Sim! Se você soubesse disso — se tivesse o conhecimento da Palavra de Deus que Ele teve, você poderia ter feito a mesma coisas. Pois você também é um homem nascido de novo". E falou: "O mesmo poder que usei para ressuscitá-Lo dentre os mortos também foi usado para ressuscitar você da morte em seus delitos e pecados". E disse: "Era necessário que eu tivesse essa cópia e padrão para estabelecer o juízo sobre Satanás, a fim de que eu recriasse um filho, uma família e uma nova raça humana". E declarou: "Você foi criado segundo essa imagem".[37]

Essa declaração é blasfema.[38] Sinto-me admirado com o fato de alguém que, tendo o conhecimento bíblico mínimo, aceite essas palavras como revelações verdadeiras. A julgar pela resposta dada ao ministério de Copeland, centenas de milhares de pessoas as reconhecem desse modo.

A expiação realizada por Cristo — sua morte sacrificial na cruz — foi a obra principal que nosso Senhor veio realizar na terra. A expiação é um dos principais destaques do Novo Testamento, é um ensinamento central a tudo o que cremos e ensinamos como cristãos.. Entretanto, os ensinos do movimento Palavra da Fé a respeito da obra de Cristo são grotescos e beiram a blasfêmia.

Copeland disse:

37 Copeland, Kenneth. *Substitution and identification.* Fort Worth: Kenneth Copeland Ministries, [19--]. Cassete sonoro n. 00-0202.

38 Somente Jesus poderia realizar a expiação de nossos pecados (1 Pe 1.18-19). Ele é o Filho Unigênito de Deus (Jo 1.14; 3.16). Umas das mensagens principais do livro de Hebreus (no Novo Testamento) é a supremacia absoluta de Cristo e o caráter exclusivo de seu sacerdócio (7.22-28; 9.11-15, 26-28; 12.2).

Jesus foi o primeiro homem a ser gerado do pecado para a justiça. Ele se tornou o padrão da raça humana vindoura. Glória a Deus! E você sabe o que Ele fez? O primeiro ato desse homem nascido de novo — veja: você precisa se conscientizar de que Ele morreu. Saiba que Ele desceu às profundezas do inferno como um homem mortal que se transformou em pecado. Mas Ele não permaneceu ali, graças a Deus. Ele foi renascido nas profundezas do inferno...

A justiça de Deus foi transformada em pecado. Ele aceitou a natureza pecaminosa de Satanás em seu próprio espírito e, no momento em que agiu assim, exclamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Você não faz idéia do que ocorreu na cruz. Por que você acha que Moisés, por instrução divina, mandou esculpir uma serpente no alto do poste, em vez de um cordeiro? Isso costumava me *importunar*. Eu disse: "Por que Tu não colocaste um cordeiro no alto daquele poste?".

O Senhor respondeu: "Porque *era* o sinal de Satanás que penderia da cruz". E continuou: "Eu aceitei a morte espiritual em meu próprio espírito, e a luz se apagou".[39]

Mais adiante, na mesma mensagem, Copeland acrescentou:

Ao aceitar o pecado e torná-lo seu, Jesus se separou de Deus e, nesse momento, tornou-se um ser humano mortal, capaz de falhar, sujeito à morte. Não apenas isso, Ele deveria ser conduzido às garras do inferno. Se Satanás fosse capaz de sobrepujá-lo ali, ele ganharia o universo, e a humanidade estaria condenada. Não aceite o conceito de que Jesus era incapaz de falhar, pois, se Ele o fosse, toda a transação teria sido ilegal.[40]

Ilegal? Copeland adotou a heresia conhecida pelo nome de "teoria do resgate". Conforme esse ensino, a morte de Jesus foi o preço do resgate pago a Satanás para pôr fim ao direito legal que o diabo tinha sobre a raça humana por causa do pecado de Adão. Esse ensino

39 Copeland, Kenneth. *What happened from the cross to the throne?* Fort Worth: Kenneth Copeland Ministries, [19--]. Cassete sonoro n. 02-0017.
40 Ibid.

contradiz a doutrina bíblica inequívoca de que a morte de Cristo foi o sacrifício oferecido a Deus, e não a Satanás (Ef 5.2).

Além disso, Copeland e os mestres da Palavra da Fé ultrapassam os limites da ortodoxia, quando afirmam que Jesus sofreu a morte espiritual. Às vezes, chamamos de morte espiritual a separação ocorrida entre Jesus e o Pai, na cruz (cf. Mt 27.46). Entretanto, é um grande erro ensinar que o espírito de Cristo deixou de existir ("a luz se apagou") ou que a Trindade foi, de algum modo, desfeita ("Jesus se separou de Deus e, nesse momento, tornou-se um ser humano mortal"). Tampouco Jesus foi arrastado por Satanás até ao inferno e torturado durante três dias e três noites, como escreveu Fred Price em um boletim:

> Você acha que a punição por seus pecados seria o morrer na cruz? Se fosse assim, os dois ladrões teriam pago o preço por você. Não, a punição consistia em ir ao inferno e passar certo tempo ali, separado de Deus... Satanás e todos os demônios do inferno pensaram que tinham prendido a Jesus e lançaram uma rede sobre Ele, arrastando-o ao ponto mais profundo do inferno, onde Ele deveria cumprir nossa sentença.[41]

Será que milhares e milhares de ladrões executados em cruzes poderiam pagar o preço por nossos pecados? É claro que não. A divindade de Jesus e sua impecabilidade foram os qualificadores para que Ele se tornasse o nosso único e grande sumo sacerdote (Hb 4.14-15) e sacrifício perfeito — "Não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós" (1 Pe 1.18-20). Depreciar a morte de Cristo é, na verdade, um erro muito sério.

41 Price, Frederick K. C. *The Ever Increasing Faith Messenger,* p. 7, June 1980.

No entanto, Copeland prega, com ousadia, um conceito monstruoso, muito semelhante ao de Price:

> Jesus teve de passar por essa mesma morte espiritual, a fim de pagar o preço — ou seja: não foi a morte física na cruz que pagou o preço dos nossos pecados, pois, se fosse assim, qualquer profeta de Deus, morto nos dois milênios anteriores, poderia ter pago o preço. Não foi a morte física. Qualquer um poderia fazê-lo.[42]

E, pior do que isso, Copeland ensinou que Jesus tornou-se "obediente a Satanás... [e tomou sobre si] a natureza dele".[43] Copeland continuou: "Ele permitiu que o diabo o arrastasse até as profundezas do inferno, como se fosse o pior pecador que já existiu. No entanto, Ele se submeteu à morte. Permitiu a Si mesmo o colocar-se sob o controle de Satanás... durante três dias no ventre da terra. Ele sofreu como se tivesse cometido todos os pecados que existem".[44]

Mais uma vez, a influência de Kenneth Hagin está por trás de todas essas afirmações. Ele disse:

> Jesus provou a morte — morte *espiritual* — por todos os homens. Observe: o pecado é mais que um ato físico: é uma ação espiritual. Assim, Ele se tornou o que éramos, para que nos tornemos o que Ele é. Deus seja louvado. Desse modo, seu espírito foi separado de Deus...
>
> Por que Ele teve de ser gerado ou nascer? Porque ele se tornou semelhante a nós: separado de Deus; porque Ele provou a morte espiritual por todos os homens. Seu espírito e homem interior desceram ao inferno em meu lugar. Você não percebe? A morte física não seria capaz de remover seus pecados. "Provar a morte por todo homem" significa passar pela morte espiritual.

---

42 Copeland, Kenneth. *What Satan saw on the Day of Pentecost.* Fort Worth: Kenneth Copeland Ministries, [19--]. Cassete sonoro n. 02-0022.
43 Copeland, Kenneth. *Believer's Voice of Victory,* p. 3, Sept. 1991.
44 Ibid.

Jesus foi a primeira pessoa a nascer de novo. Por que seu espírito precisou ser regenerado? Por que se alienou de Deus.[45]

Assim, o movimento Palavra da Fé inventou uma teologia que transforma pecadores em deuses, afirmando que a impecabilidade do Filho de Deus está relacionada à sua regeneração. Além disso, concebe Satanás como o justo juiz que exige o pagamento da parte de Jesus. Esse ensino é deturpado e completamente antibíblico. Rebaixa nosso Senhor e sua obra. Jesus não *possui* apenas a vida eterna, tampouco Ele a *comprou* por nós, ao pagar o preço correspondente ao Diabo. Jesus *é* a vida eterna. Conforme Ele disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6; cf. Jo 1.4; 5.26; 11.25). Embora Jesus tenha assumido para Si mesmo a natureza humana, na encarnação, e carregado os nossos pecados, na cruz, Ele nunca deixou de ser Deus.

Além disso, a expiação não ocorreu no inferno.

Ela acabou na cruz, quando Jesus disse: "Está consumado" (Jo 19.30). 1 Pedro 2.24 nos diz que Jesus carregou "ele mesmo em seu corpo, *sobre o madeiro,* os nossos pecados", e não no inferno. Colossenses 2.13-14 afirma que Ele cancelou a dívida de nossos pecados e "removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz". Efésios 1.7 diz: "No qual temos a redenção, pelo seu sangue [o "sangue" se refere à morte física — ao derramamento de sangue de Jesus, na cruz], a remissão dos pecados" (cf. Mt 26.28; At 20.28; Rm 3.25; 5.9; Ef 2.13; Cl 1.20; Hb 9.22; 13.12; 1 Pe 1.19; 1 Jo 1.7; Ap 1.5; 5.9). Jesus prometeu ao ladrão arrependido, na cruz: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.24). É evidente que Jesus não estava se preparando para cumprir uma sentença no inferno. Em vez disso, Ele apresentou uma *mensagem* ao inferno declarando

45 Hagin, Kenneth E. *How Jesus obtained his name*. Tulsa: Rhema, [19--]. Cassete sonoro n. 44H01.

que os poderes do mal haviam sido derrotados (cf. 1 Pe 3.19). A Bíblia não reconhece o tipo de expiação que o movimento Palavra da Fé descreve. Isso ocorre porque o Jesus da Bíblia não é o Jesus sobre o qual falam os mestres do Palavra da Fé.

A fé errada

Os mestres do movimento Palavra da Fé consideram a própria fé uma lei imutável e impessoal que, à semelhança das leis da termodinâmica, rege o universo: um princípio que opera independentemente de quem o exercita — ou para quê. Pat Robertson, quando perguntado se as leis do reino operam até para os não-cristãos, escreveu: "Sim. Esses não são apenas princípios cristãos e judeus, assim como a lei da gravidade não é cristã nem judia... As lei de Deus agem em prol de todos os que desejam segui-las. Os princípios do Reino se aplicam a toda a criação".[46] Aplicando isso à "lei" da fé, esse raciocínio significa que, se alguém reivindicar a bênção sem duvidar, pode ter o que desejar — seja cristão ou não.

A fé, de acordo com doutrina do Palavra da Fé, não significa a confiança submissa a Deus; a fé é a fórmula pela qual se pode manipular as leis espirituais que os mestres desse movimento dizem que governam o universo. "As palavras regidas pela lei espiritual se tornam forças espirituais que trabalham a seu favor. Palavras frívolas trabalham contra você. O mundo espiritual é controlado pela palavra de Deus. O mundo natural é controlado por homens que proferem palavras divinas".[47]

Como o próprio nome "Palavra da Fé" indica, esse movimento ensina que a fé diz respeito àquilo que dizemos, mais do que à pessoa em quem confiamos e às verdades que afirmamos e cremos em nosso

46 Robertson, Pat. *Answers to 200 of life's most probing questions*. Nashville: Nelson, 1984. p. 271.

47 Capps, Charles. *The tongue:* a creative force. Tulsa: Harrison, 1976. p. 8-9.

coração. Uma das expressões prediletas do movimento Palavra da Fé é "confissão positiva". Ela se refere ao ensino desse movimento concernente à capacidade criativa das palavras. O que você diz determina o que lhe acontecerá — afirmam os mestres do Palavra da Fé. Suas "confissões", ou seja, as coisas que você diz — em especial, os favores que pede a Deus — devem ser todas afirmada de maneira positiva e sem hesitação. Assim, Deus está sob a exigência de responder.

Kenneth Hagin escreveu: "Você pode ter o que disser. Pode preencher o próprio cheque com Deus. E o primeiro passo para fazê-lo é: declare".[48] Em seguida, ele acrescentou: "Caso você fale sobre as suas provações, dificuldades, falta de fé, falta de dinheiro — sua fé esmorecerá e murchará. No entanto, bendito seja Deus, se você falar sobre a Palavra de Deus, sobre o seu amoroso Pai celestial e sobre o que Ele pode fazer — sua fé crescerá rapidamente".[49]

Esses conceitos deram origem a superstições perniciosas no movimento. Os seguidores do Palavra da Fé acreditam que suas palavras são encantamentos que determinam o próprio destino. Charles Capps adverte quanto ao perigo da confissão negativa, embora não intencionalmente:

> Programamos nosso vocabulário com a linguagem do Diabo. Doenças, enfermidades e até a morte permeiam nossas palavras. A principal palavra usada por muitas pessoas para se expressarem é morte — a palavra "*morte*".

---

48 Hagin, Kenneth E. *How to write your own ticket with God*. Tulsa: Faith Library, 1979. p. 8. Ênfase no original. O sermão de quatro pontos, de Hagin, supostamente inspirado por Jesus consiste em: declarar, realizar, receber e contar. Hagin afirma que Jesus lhe disse: "Se alguém, em qualquer lugar, usar esses quatro passos ou colocar esses quatro princípios em operação, sempre terá o que deseja de mim ou de Deus, o Pai" (Ibid. p. 5).

49 Ibid. p. 10. Hagin pretere, evidentemente, a passagem-chave de Marcos 9, que descreve Jesus curando um menino cujo pai orara: "Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!" (v. 24). Hagin e outros mestres do Palavra da Fé não hesitariam em designar esse tipo de oração como "confissão negativa". No entanto, Jesus a honrou como uma expressão sincera do coração daquele homem.

"Estou morrendo de desejo por aquilo". As pessoas dizem: "Vou morrer, se não o fizer isso". "Quase morro por causa disso".

Amigo, esse tipo de linguagem é perversa. É contrário à Palavra de Deus. A morte pertence ao Diabo... Não precisamos de *intimidade* com a morte. É verdade que todos os homens morrerão algum dia, mas você não precisa *ser íntimo* dela agora.[50]

Isso não é a fé bíblica; é superstição.

A confissão positiva parece excluir a confissão de pecados. Na verdade, os livros da Palavra da Fé sobre oração e crescimento espiritual são falhos quanto ao ensino sobre a confissão pessoal de pecados. Eles deixam de lado o ensino de 1 João 1.9, que afirma que os crentes devem confessar constantemente seus pecados.

Na verdade, o ensino da confissão positiva *encoraja* a ignorância e o esquecimento da realidade dos pecados e das limitações pessoais. Tem produzido multidões de pessoas que sorriem perpetuamente, embora não desejem sorrir, por temerem que a confissão negativa lhes trará infortúnio.[51] O próprio Hagin admitiu sentir-se assim:

Eu não o diria a ninguém, caso nutrisse um pensamento de dúvida ou um pensamento de temor. Eu não o aceitaria. Não o diria a ninguém, se esse pensamento me sobreviesse — e você sabe que o Diabo pode incutir todos os tipos de pensamentos em sua mente.

Somos o produto de PALAVRAS. Você já parou para pensar no que a Bíblia ensina: que há saúde e cura em sua língua? Você já observou o que dizem estas palavras: "A *língua dos sábios é medicina*" (Pv 12.18)?

Jamais declaro doenças. Não creio em doenças. Declaro saúde... Creio na cura. Acredito na saúde. Jamais declaro doenças. Nunca falo sobre enfermidades. Falo sobre cura.

Nunca falo sobre o fracasso. Não creio em fracasso. Acredito no sucesso. Não declaro derrotas. Não acredito em derrotas. Creio em vitórias. Aleluia a Jesus![52]

---

50 Capps, Charles. *The tongue:* a creative force. Tulsa: Harrison, 1976. p. 91.

51 Esse temor é nitidamente supersticioso, pois assemelha-se ao conceito hinduísta do "carma" e da idéia pagã do "azar".

52 Hagin, Kenneth E. *Words.* Tulsa: Faith Library, 1979. p. 20-21. Ênfase acres-

Essa perspectiva origina diversos problemas. Bruce Barron fala sobre uma igreja ligada ao movimento Palavra da Fé em que

> o pastor se levantou com vergonha para instruir a congregação a respeito de uma situação delicada. Chegara a seus ouvidos que alguns membros da igreja estavam espalhando doenças contagiosas entre as crianças da igreja, ao trazerem seus filhos doentes para o berçário. Apesar do protesto dos voluntários que serviam no berçário, os pais dessas crianças "declararam" o bem-estar de seus filhos (um ato de confissão positiva). E, visto que haviam decretado a cura, não tinham com que se preocupar. Poderiam descartar os choramingos, as tosses como sintomas mentirosos; no entanto, esses sintomas mostraram-se contagiosos, e somente um anúncio procedente do púlpito poderia resolver o problema.[53]

Além disso, o movimento Palavra da Fé, ao negar a existência de doenças e problemas, chamando-os de "sintomas mentirosos", priva os crentes da oportunidade de ministrar com compaixão e sabedoria às pessoas que sofrem. Como é possível ajudar alguém que apresenta sintomas considerados mentiras de Satanás; ou pior: resultantes de incredulidade pecaminosa na vida do doente? Como conseqüência disso, muitos adeptos da Palavra da Fé tendem a transformar-se em pessoas insensíveis, grosseiras e até implacáveis em relação a quem presume não possuir fé suficiente para decretar a cura.

Barron falou sobre um pastor e sua esposa, incapazes de ter filhos, que "foram aconselhados, por um membro da igreja, de que necessitavam 'decretar' a gravidez e demonstrar fé suficiente, comprando um carrinho de bebê e passeando com ele pela rua!"[54] Poucos anos atrás, recebi uma carta muito triste de uma mulher que, enganada pela teologia da "confissão positiva", acreditava possuir a orientação de Deus para escrever a todas as pessoas de seu círculo de

---

centada.

53 Barron, Bruce. *The health and wealth gospel*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1987. p. 128.

54 Ibid. p. 131.

amizades, anunciando sua gravidez (algo, na verdade, que ela esperava ocorrer em breve). Essa pobre mulher, infelizmente, sofria de problemas físicos que a incapacitavam de engravidar. Alguns meses mais tarde, ela teve de escrever a todos e explicar que o tão-esperado "filho da fé" não chegaria. Ela acrescentou que ainda estava decretando a gravidez pela fé. Obviamente, ela temia que alguém pudesse interpretar sua segunda carta como uma "confissão negativa".

Hagin aparentou indiferença até para com a morte de sua irmã, vítima de um câncer prolongado:

> Minha irmã chegou a pesar 35 quilos. O Senhor me dizia diversas vezes que ela morreria. Continuei perguntando ao Senhor por que eu não conseguia mudar o resultado. Ele me disse que ela teve cinco anos para estudar a Palavra e fortalecer a própria fé (minha irmã era salva), mas não o fez. Ele me disse que ela morreria, e isso aconteceu. Este é um exemplo triste, mas verdadeiro.[55]

A teologia da Palavra da Fé transforma o curandeiro em herói, quando curas milagrosas são alegadas, mas sempre culpa o doente por falta de fé, quando a cura não ocorre. Hagin descreveu um incidente em que ele tentava curar uma mulher que sofria de artrite. Sua doença a incapacitava tanto, que ela ficou incapaz de andar. Hagin ficou frustrado com a indisposição dessa mulher de sair da cadeira de rodas.

> Apontei-lhe o dedo e disse: "Irmã, você não tem um grama de fé, não é?" (Ela era salva e batizada com o Espírito Santo, mas eu quis dizer que ela não possuía fé para ser curada.)
>
> Sem titubear, ela confessou: "Não, irmão Hagin, não tenho! Não creio que um dia serei curada. Irei para o túmulo com esta cadeira".
>
> Ele fez a declaração, e aconteceu conforme ela declarou.
>
> Não podíamos ser culpados.[56]

---

55 Hagin, Kenneth E. *Praying to get results*. Tulsa: Faith Library, 1983. p. 5-6.

56 Ibid. p. 5. Hagin afirmou que essa mulher começou a flutuar, de maneira sobrenatural, para fora da cadeira, em direção ao ar. Temerosa, jogou-se de volta na

Lembre-se de que a confissão positiva preconiza o caráter determinante das palavras da própria pessoa. Deus não é mais o objeto da fé; os adeptos do Palavra da Fé aprendem a depositar fé nas próprias palavras — ou como Hagin afirmou: "fé na própria fé".[57] Tente acompanhar a lógica de Hagin, à medida que ele tenta expor seu conceito:

> Você já parou para pensar sobre o exercício da fé na própria fé? É evidente que Deus tem fé em sua própria fé, pois ele pronunciou as palavras de fé, e elas passaram a existir. É claro que Jesus tinha fé em sua própria fé, pois Ele declarou algo à figueira, e o que Ele disse aconteceu.
>
> Em outras palavras, *ter fé em suas* ***palavras*** *significa ter fé na sua* ***fé***.
>
> Isso é o que você deveria aprender para obter de Deus o que deseja: *tenha fé na sua fé*.
>
> Será muito útil à criação da fé em seu espírito dizer em alta voz: "Fé na minha fé". Continue repetindo isso até que se registre em seu coração. Sei que isso parece estranho, quando você o diz pela primeira vez. Sua mente talvez se rebele contra essa palavra. No entanto, o importante aqui não é a mente, e sim a fé no seu coração. Como Jesus disse: "*... e não duvidar no seu coração*..."[58]

Observe, mais uma vez, que Hagin tenta depreciar o Pai e o Filho (Deus tem fé? É possível alguém falar sobre a fé do Deus onisciente e soberano?) e deificar o próprio homem como um ser digno de confiança. Além disso, ele transforma a fé em uma fórmula mágica, e as palavras, em um tipo de sortilégio por meio do qual é possível "obter de Deus o que deseja".[59] Não existe base bíblica para apoiar nenhuma dessas

---

cadeira. Isso ocorreu quando Hagin a criticou severamente.

57 Hagin, Kenneth E. *Having faith in your faith*. Tulsa: Faith Library, 1980. p. 4.

58 Ibid. p. 4-5. Ênfase acrescentada.

59 No capítulo intitulado *Pleading the Blood* (Clamando ao Sangue), Hagin contou como ouvira um missionário falar que repreendera, por meio de palavras, o efeito de uma ferroada de escorpião: "Em nome de Jesus, eu clamo ao sangue contra isto!" Ele escreveu: "Então, peguei a frase 'Em nome de Jesus, eu clamo ao sangue'... e, em todos esses anos, tenho sempre clamado ao sangue, em nome de Jesus. Existe poder no sangue, glória a Deus! Essa prática tem funcionado para mim e funcionará para você" (*The Precious Blood of Jesus*, Tulsa: Faith Library,

idéias. Os únicos objetos apropriados à nossa fé são Deus e sua Palavra infalível; as nossas palavras, com certeza, não o são.

Apesar disso, os adeptos do movimento Palavra da Fé consideram suas confissões positivas como fórmulas de encantamento pelas quais podem conjurar *qualquer coisa* que desejem. Kenneth Hagin afirmou: "Creia no seu coração, declare com a boca. Esse é o princípio da fé. *Você pode ter o que declarar*".[60] Citando João 14.14 ("Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei") e ignorando as implicações da expressão "em meu nome", eles fazem desse versículo uma promessa irrestrita que podem usar para extorquir de Deus qualquer tipo de bem que imaginarem.

Esse tipo de ensino tem conduzido vários proponentes do Palavra da Fé aos tipos mais grosseiros de materialismo. John Avanzini, um dos mestres menos conhecidos da Palavra da Fé, passou uma noite na Trinity Broadcasting Network afirmando que Jesus era muito rico durante o tempo em que ministrou na terra.[61] Ele destacou o papel de Judas como tesoureiro e disse: "Para que alguém necessite de um tesoureiro, é necessário que possua muito dinheiro".[62] Ao ser convidado para o programa de Kenneth Copeland, Avanzini afirmou que a Escritura ensina que Jesus era dono de uma casa grande e usava roupas de grife.[63] Tudo isso é promovido como justificativa para o estilo de vida ostentador e filosofias materialistas dos mestres da Palavra da Fé.

Robert Tilton deu um passo além: "Se Deus prometeu a prosperidade, ser pobre é pecado".[64] "Meu Deus é rico! E ele está tentando

---

1984, p. 30-31). O conceito de que a mera repetição de uma frase pode operar milagres é superstição (cf. Mt 6.7).

60 Hagin, Kenneth E. You can have what you say. Tulsa: Faith Library, 1979. p. 14. Ênfase no original.

61 *Praise the Lord*. Programa exibido em 15 de setembro de 1988.

62 Ibid.

63 *Believer's Voice of Victory*. Programa exibido na Trinity Broadcasting Network em 20 de janeiro de 1991.

64 *Success in Life*. Programa exibido na Trinity Broadcasting Network em 2 de

mostrar-lhe como apropriar-se de tudo o que Jesus conquistou para você no Calvário".[65] Tilton afirmou: "Casa nova? Carro novo? Isso é ninharia. Não é nada comparado ao que Deus deseja fazer por você".[66]

Como esses bens podem ser obtidos? Tilton sugeriu a seus seguidores que fizessem um "voto de fé" na forma de uma doação para seu ministério:

> Gosto do voto de mil dólares, porque desaprovo pessoas de coração dividido, mornas, certinhas que dizem: "Bem, eu ajudarei com um pouco..." Gosto do voto de fé de mil dólares... Não estou dizendo que você deva fazê-lo. Se você entendeu desse jeito, não prestou a mínima atenção às minhas palavras. Estou dizendo que você não tem de fazê-lo; estou lhe mostrando como consegui-lo! Sim, a obra do Senhor recebe uma parte. Você, porém, recebe a parte maior. Você recebe a bênção maior. Estou tentando tirá-lo do lixo em que você mora! Estou tentando arranjar-lhe um carro decente!... Estou tentando ajudá-lo! Pare de me amaldiçoar! Pare de me amaldiçoar! Deus, o que arrancará essa bênção de ti? Eu sou uma bênção. Fui abençoado de forma sobrenatural por Deus. Eu lhe trago uma bênção hoje e sei que é minha responsabilidade trazê-la a você.[67]

Tilton encoraja seus ouvintes a fazerem a oração da fé: "Não uma daquelas: 'Senhor, se for da tua vontade...' — eu *sei* qual é a vontade de Deus no que diz respeito a cura, prosperidade e orientação divina... Não preciso fazer uma oração baseada na dúvida e na incredulidade".[68] Em outras palavras, Robert Tilton deseja que você faça ao ministério dele um voto de fé de mil dólares, especialmente se você *não* puder dispor de tanto dinheiro. Ele não deseja que você ore a Deus a respeito desse assunto. Afinal, você pode desejar o que

---

dezembro de 1990.

65 *Success in Life*. Programa exibido na Trinity Broadcasting Network em 5 de dezembro de 1990.

66 Ibid.

67 Ibid.

68 *Success in Life*. Programa exibido na Trinity Broadcasting Network em 14 de fevereiro de 1991.

quiser, e Deus tem de lhe dar. Faça o voto de mil dólares e exija que Deus supra o dinheiro. Isso é enganoso, tolice blasfema; no entanto, milhares de pessoas caem nessas armadilhas.

Richard Roberts, imitando o conceito da "semente da fé" de seu pai, disse aos telespectadores: "Plantem uma semente em seu MasterCard, Visa ou American Express; logo que o fizerem, esperem que Deus lhes abra as janelas do céu e derrame bênçãos".[69] Oral Roberts enviou certa vez embalagens plásticas cheias de "água benta" retirada da Fonte do Rio da Vida, localizada na Universidade Oral Roberts. Para demonstrar seu uso, ele derramou o conteúdo de uma embalagem sobre a própria carteira, em seu programa de televisão.[70]

Se fosse tão simples assim obter os bens desejados, porque tantos adeptos da Palavra da Fé "decretam" bênçãos materiais e nunca as recebem?[71] Fred Price explicou:

> Se você tiver fé equivalente a um dólar e pedir algo de dez mil dólares, isso não funcionará. Não dará certo. Jesus disse: "Conforme a... fé", e não de acordo com a vontade de Deus para a sua vida, no tempo que Ele achar oportuno, se estiver de acordo com a vontade dele, caso ele possa incluir seu pedido em sua agenda apertada. Ele disse: "Faça-se conforme a vossa fé".
>
> Entretanto, posso desejar um Rolls Royce e ter fé correspondente a uma bicicleta. Adivinhe o que receberei? Uma bicicleta.[72]

Assim, a capacidade divina para abençoar passa a depender supostamente de nossa fé.

---

69 Woodward, Kenneth L.; Gibney Jr., Frank. *Saving souls — or a ministry? Newsweek*, p. 53, July 1987.

70 Ibid.

71 Tilton repreende os ouvintes que não pagam os votos feitos a seu ministério. Um dos maiores problemas enfrentados por seu ministério é como lidar com as pessoas que fazem votos e não podem pagá-los, quando os resultados prometidos não se concretizam. (Cf. *Success in Life,* 5 de abril de 1991.)

72 *Praise the Lord.* Programa exibido na Trinity Broadcasting Network em 21 de setembro de 1990.

Observe como Price e Tilton se esquivam da oração "se for a tua vontade". Essa é uma característica dos mestres da Palavra da Fé. Como já afirmamos, eles gostam de citar João 14.14: "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei". Contudo, 1 João 5.14 é, evidentemente, um dos textos ausentes no repertório deles: "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa *segundo a sua vontade*, ele nos ouve". Hagin chega a afirmar que essa verdade não faz parte do Novo Testamento:

> Visto que não entendíamos o que Jesus disse e que havíamos passado por uma lavagem cerebral religiosa, em vez de sermos ensinados pelo Novo Testamento, jogamos fora as promessas de Deus e nos agarramos a algo que Jesus não disse e lhe acrescentamos algo: "Tudo ficará bem, se estiver de acordo com a vontade de Deus; mas isso pode não ser a vontade dEle". Entretanto, você não encontrará esse tipo de conversa no Novo Testamento.[73]

Hagin escreveu também: "Não é bíblico orar: 'Se esta for a vontade de Deus'. Quando as pessoas colocam um 'se' na oração, passam a orar com dúvida".[74]

No entanto, 1 João 5.14 inclui, de forma inequívoca, a conjunção condicional "se". Além disso, Romanos 8.27 afirma que o próprio Espírito Santo, "segundo a vontade de Deus... intercede pelos santos".

O que o movimento Palavra da Fé diz acerca de Tiago 4.13-16? O ensino fundamental deles não contradiz completamente essa passagem?

> Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina

73 Hagin, Kenneth E. *How Jesus obtained his name*. Tulsa: Rhema. Cassete sonoro n. 44H01.

74 _____. *Exceedingly growing faith*. Tulsa: Faith Library, 1983. p. 10.

que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna.

O que podemos dizer a respeito da ênfase que o movimento Palavra da Fé atribui à riqueza material e a prosperidade? É nisso que consiste a verdadeira fé? Não.

Em vez de enfatizar a importância da riqueza, a Bíblia nos adverte quanto ao perigo de procurá-la. Os crentes — em especial os líderes da igreja (1 Tm 3.3) — devem ser imunes ao amor ao dinheiro (Hb 13.5). O amor ao dinheiro conduz a todos os tipos de males (1 Tm 6.10). Jesus avisou: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lc 12.15). Em contraste profundo com a ênfase do evangelho do movimento Palavra da Fé, a ênfase de acumular dinheiro e bens nesta vida, Jesus declarou: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam" (Mt 6.19). A contradição irreconciliável entre o evangelho do Palavra da Fé e o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo é resumido magistralmente nas palavras de Mateus 6.24: "Não podeis servir a Deus e às riquezas".

Consciência cristã ou ciência cristã?

O conceito de que o universo (incluindo Deus)[75] é governado por leis espirituais impessoais não é bíblico. É uma negação da soberania e providência de Deus. Esse ensino não passa de deísmo. Além disso, o conceito de que podemos usar palavras, misticamente, para

75 Supostamente, Deus falou, certa vez, a Charles Capps: "Você está sob ataque do maligno, e não posso fazer nada a respeito. Você restringiu minha atuação com as palavras de sua boca" (*The Tongue*, p. 67).

controlar a realidade está muito distante do padrão bíblico da fé, em especial conforme revelado em Hebreus 11.[76] Ambas as idéias têm elementos mais em comum com a seita chamada Ciência Cristã do que com a verdade bíblica.

A maior parte dos mestres do movimento Palavra da Fé nega, com veemência, que seus ensinos tenham qualquer ligação com a Ciência Cristã ou com outras seitas metafísicas. Charles Capps escreveu:

> Veja: às vezes, quando começo a ensinar a respeito disso, as pessoas dizem que isso parece *Ciência Cristã*. Uma senhora cutucou o marido, em um culto, no Texas, e disse: "Isso é semelhante à Ciência Cristã". (Minha esposa os ouviu.)
>
> *Não é Ciência Cristã*. Gosto do que diz o irmão Hagin: "*Isso é consciência cristã*!".[77]

Em seguida, acrescentou: "Não, não é Ciência cristã. Não nego a existência da doença. Nego-lhe o direito de existir neste corpo, porque sou o Corpo de Cristo".[78]

Entretanto, a linha de separação entre ambas é muito sutil. É um fato inegável que muitas das principais doutrinas do movimento Palavra da Fé são similares às da Ciência Cristã. Existe uma razão para isso. Uma linha direta de relacionamento une o movimento Palavra da Fé atual às seitas metafísicas surgidas nas primeiras décadas do século XX, incluindo a Ciência Cristã.

---

76 Ao que parece, muitos dos heróis da fé citados em Hebreus 11 não tinham fé suficientemente forte — caso a definição de fé do movimento Palavra da Fé seja válida. Com certeza, os que passaram por escárnios, açoites, algemas e prisões (v. 36), os que andaram peregrinos, necessitados, afligidos e maltratados (v. 37), os que viveram em desertos, montes, covas e antros da terra (v. 38) não devem ter sido muito habilidosos em criar a própria realidade deles. Apesar disso, eles obtiveram aprovação divina para a sua fé (v. 39). Isso ocorre porque Hebreus 11 ensina que a fé verdadeira está relacionada à obediência a Deus, e não ao fato de que Ele nos concede bens materiais.

77 Capps, Charles. *The tongue:* a creative force. Tulsa: Harrison, 1976. p. 27. Ênfase no original.

78 Ibid. p. 43.

Essa ligação foi documentada de maneira cuidadosa e conclusiva na crítica excelente ao movimento Palavra da Fé, intitulada *A Different Gospel* (Um Evangelho Diferente), escrita por D. R. McConnell.[79] Ele registra o desenvolvimento do Palavra da Fé, mostrando que praticamente todas as principais figuras do movimento tiveram como mentores Kenneth Hagin ou um de seus discípulos mais próximos. Todas as principais doutrinas do movimento podem ser encontradas nos ensinos de Hagin.

Além disso, McConnell demonstra, de modo convincente, que os ensinos do Palavra da Fé não têm origem em Hagin; ele os obteve de um evangelista chamado Essek William Kenyon, que pregava a cura pela fé .[80] Hagin não se apropriou apenas das *idéias* de Kenyon. McConnell inclui diversas páginas de texto, em colunas, que comprovam, de forma irrefutável, que Hagin plagiou repetidamente longas seções, *palavra por palavra*, do material escrito por Kenyon.[81]

Por que isso é importante? Porque McConnell também revela que as raízes do pensamento de Kenyon estavam entrelaçadas com as seitas metafísicas. Ele era uma pessoa que curava por meio da fé alheia, não de acordo com a tradição pentecostal, e sim com a tra-

79 McConnell, D. R. *A different gospel.* Peabody, Mass.: Hendrickson, 1988.
80 Ibid. p. 3-14.
81 Ibid. p. 8-12. McConnell também afirma que Hagin plagiou os escritos de John A. MacMillan, um ministro da Aliança Cristã e Missionária. W. R. Scott apresenta fortes evidências de que essas acusações são verdadeiras. De maneira específica, parece irrefutável que Hagin escreveu pelo menos três quartos de seu o livro *The Authority of the Believer,* copiando-o, palavra por palavra, de um artigo de revista que tinha esse mesmo título e fora escrito por MacMillan. (W. R. Scott. *What's wrong with the faith movement?* Apêndice B, p. 2-10. Artigo não publicado.) Scott também documenta que Hagin plagiou a obra *God's Plan for Man* (Lwrenceville, Ga.: Dake Bible Sales, 1949), escrita por Finis Jennings Dake. (Ibid. Apêndice A, p. 1-2.) Dake foi um pastor famoso das Assembléias de Deus e autor de uma Bíblia de estudo pentecostal.
O padrão de plágio de Hagin deveria lançar dúvidas sobre a sua credibilidade. Com certeza, esse procedimento invalida muitas de suas alegações no sentido de haver recebido esses ensinos por inspiração divina.

dição de Mary Baker Eddy e da Ciência Cristã. Ele freqüentou uma escola especializada em preparar palestrantes para as seitas metafísicas e científicas. Ele importou e adaptou ao seu sistema a maior parte das idéias essenciais que essas seitas propagavam,.[82] Foi dele que Hagin absorveu tais idéias.[83]

Em resumo, o livro de McConnell é uma revelação devastadora a respeito do movimento Palavra da Fé. Demonsta, de maneira irrefutável, que os mestres desse movimento devem seu desenvolvimento a grupos como a Ciência Cristã, o swedenborgismo, a teosofia, a Ciência da Mente e o Novo Pensamento — e não ao pentecostalismo clássico. Isso revela que, em seu âmago, os ensinos do movimento Palavra da Fé são corrompidos. A procedência inegável de suas doutrinas é herética — e não cristã.

A triste verdade é que o "evangelho" anunciado pelo movimento Palavra da Fé não é o evangelho do Novo Testamento. Suas doutrinas são um sistema híbrido, uma mistura de misticismo, dualismo e neognosticismo que toma emprestado, generosamente, os ensinos das seitas metafísicas. Seus ensinos perversos têm causado males incontáveis à igreja, em geral, e aos carismáticos, em particular. De acordo com as palavras do apóstolo Pedro, o movimento Palavra da Fé é uma "heresia destruidora" (2 Pe 2.1). Não nos admira o fato de que esse movimento seja tão repleto de cobiça e materialismo — e tão espiritualmente falido — como as mais grotescas seitas do culto das cargas.

O movimento Palavra da Fé pode ser o sistema falso mais perigoso que procedeu do movimento carismático, até ao momento. Visto que tantos carismáticos estão inseguros quanto ao objetivo das Escrituras e julgam que não podem ignorar as histórias de pessoas

82 McConnell, D. R. *A different gospel*. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1988. p. 15-56.
83 Ibid. p. 57-76.

que afirmam ter recebido visitas de Cristo, eles são particularmente suscetíveis às mentiras desse movimento — e muitas vezes estão confusos para respondê-las.

No entanto, a despeito das afirmações dos mestres do movimento Palavra da Fé, nosso Deus não é apenas uma fonte de bens. Somos servos dEle, e não o contrário. Ele nos chamou a uma vida de serviço e adoração repletos de amor, e não a uma supremacia semelhante à dEle. Deus nos abençoa, mas nem sempre de modo material. Não podemos, de maneira alguma, "preencher nosso cheque" e esperar que Ele cumpra nosso roteiro. A bem da verdade, nenhum crente genuíno deveria desejar essa situação. A vida do crente é uma vida gasta na busca da vontade de Deus — e não uma estratégia para conseguir que Ele se harmonize à nossa vontade. Ninguém que rejeita a verdade fundamental pode viver de modo genuíno para a glória de Deus. E ninguém que conhece a libertação do pecado e do egoísmo realizada pela graça de Deus jamais deveria estar disposto a trocar sua liberdade pela "carga" sem valor das doutrinas do movimento Palavra da Fé.

Como devemos responder ao movimento carismático?

Nas páginas iniciais deste livro, afirmei que conheço vários carismáticos comprometidos, sensatos, respeitáveis, dedicados à Palavra de Deus. Diversas igrejas e crentes individuais carismáticas rejeitam muitos dos erros apontados neste livro. Não estou afirmando, de maneira alguma, que todos os carismáticos são absolutamente iguais. É evidente que, no movimento existem muitos extremos e variações de doutrina carismática, estendendo-se desde a ortodoxia evangélica até à heresia repugnante.

Confrontar o erro

Sou grato aos carismáticos que têm coragem de confrontar o erro em seu movimento, e convocam todos os carismáticos a voltarem-se à perspectiva bíblica — desejo ardentemente que mais carismáticos se unam a essas fileiras. Com certeza, no movimento carismático existem vozes importantes e eficazes que têm demonstrado mais disposição do que a maioria dos não-carismáticos para confrontar as heresias criadas por esse movimento. As críticas mais contundentes ao movimento Palavra da Fé, por exemplo, procederam de autores carismáticos.[1] Chuck Smith, pastor carismático da

1 Entre eles, encontram-se: D. R. McConnell — *A Different Gospel* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1988), do qual recomendo o capítulo 12; Bruce Barron — *The Health and Wealth Gospel* (Downers Grove: IVP, 1987) e Gordon Fee — *The Disease of the Health and Wealth Gospels* (Costa Mesa: Word for Today, 1979). A revista do ministério

Calvary Chapel, em Costa Mesa (Califórnia), escreveu uma crítica sincera ao extremismo carismático.[2] John Goodwin, pastor da Calvary Chapel, em San José, escreveu uma crítica sucinta e excelente à Terceira Onda.[3]

Agradeço a Deus por esses homens e pela coragem deles. No entanto, estou convencido de que as sementes do erro que desejam combater são inerentes às doutrinas que distinguem a posição carismática: o conceito de que Deus ainda está revelando verdades além da Escritura; o ensino da subseqüência, a distinção entre o batismo do Espírito Santo e a salvação — criando, assim, duas classes de crentes —, e o misticismo inato das doutrinas carismáticas, que encoraja as pessoas a menosprezarem a razão, supervalorizarem os sentimentos e abrirem a mente e o coração a espíritos e poderes que eles não podem entender. Enquanto esses conceitos estiverem no âmago da fé carismática, o erro e o extremismo continuarão a crescer no movimento.

Este livro é um apelo a meus amigos carismáticos, para que reexaminem suas crenças. Também é um convite aos não-carismáticos que consideram insignificantes e triviais as diferenças doutrinárias entre carismáticos e não-carismáticos. Todos os verdadeiros cren-

---

carismático de Raul Ries também publicou um artigo excelente e objetivo expondo os erros do movimento Palavra da Fé (Tom Fontanes, "Positive Confession", *Passport,* Jan.-Feb. 1988, p. 11-17). O boletim *Media Spotlight*, de Albert James Dager, apresenta análises excelentes dos relacionamentos carismáticos, embora Dager simpatize com os ensinos básicos deles. Boa parte das informações das fitas cassetes mencionadas no Capítulo 12 deste livro foram dadas pelo Christian Research Institute (CRI), de San Juan Capistrano, uma organização predominantemente carismática. O CRI tem produzido grandes quantidades de material impresso e muitas fitas cassetes expondo os erros do movimento Palavra da Fé. Seu discernimento bíblico e sua erudição cuidadosa são extraordinários.

2 Smith, Chuck. *Charisma vs. charismania.* Eugene, Ore.: Harvest House, 1983.

3 Goodwin, John. Testing the fruit of the vineyard. *Media Spotlight, Special Report: Latter-Day Prophets.* Redmond, Wash.: Media Spotlight, 1990. p. 24-30. Goodwin e sua equipe ajudaram-me bastante na localização das fontes primárias de algumas das fitas cassetes citadas no Capítulo 6.

tes podem concordar em que a compreensão adequada da Escritura é algo que devemos preservar com vigor. De modo semelhante aos bereanos, que se mostraram nobres, examinemos as Escrituras com cuidado e diligência "para ver se as coisas" são, "de fato, assim" (At 17.11). Pergunte a si mesmo, com toda a honestidade: *Estou pondo minha ênfase na Palavra viva de Deus, encontrada nas Escrituras, ou em meus sentimentos e experiências?*

Uma palavra final

Muitos dos que lêem um livro como este ficarão preocupados com seu efeito sobre a unidade do corpo de Cristo. Por favor, entenda que não desejo causar separação entre os crentes carismáticos e os não-carismáticos. É impossível existir esse tipo de separação entre crentes que se reúnem no terreno comum da Palavra de Deus. As divisões nocivas ocorrem apenas quando alguém se afasta da Palavra e permite que o erro se introduza furtivamente, para ameaçar o rebanho. Meu principal interesse é convocar a igreja a assumir um compromisso com a pureza e a autoridade das Escrituras e, assim, *fortalecer* a unidade da igreja verdadeira.

Talvez o dano mais sério infligido à igreja pelo movimento carismático seja precisamente na questão da unidade. Quem sabe quantos milhares de igrejas já se dividiram por causa dos ensinos carismáticos? O número é, certamente, admirável. Como vimos, a doutrina carismática é, por si mesma, divisora, visto que ergue uma cerca entre os crentes comuns e aqueles que eles julgam ter alcançado um nível superior de espiritualidade. Portanto, a separação entre carismáticos e não-carismáticos foi estabelecida pelos conceitos intrínsecos do próprio sistema carismático.

Tenho certeza de que muitos carismáticos estão cônscios dessa dificuldade. Mas ela é intensificada por outra tendência: a disposi-

ção de aceitar, em nome da unidade, tudo e todos — embora isso signifique ignorar perspectivas doutrinárias bastante equivocadas — contanto que as pessoas manifestem alguma evidência dos dons espirituais.

Por causa desta predileção por ambigüidade doutrinária, inclusivismo e altruísmo para com pessoas de diferentes contextos, o movimento carismático tem conseguido, involuntariamente, tornar-se um tipo de força ecumênica mundial, a força em que se tornaria o Conselho Mundial de Igrejas, conforme muitos liberais imaginavam.[4] Católicos, cristãos ortodoxos orientais, protestantes e membros de diversas seitas já estão unidos sob a bandeira carismática. Em vez de ser uma característica positiva de crescimento, essa influência ecumênica pode se mostrar um efeito duradouro e potencialmente desastroso do fenômeno carismático do século XX.

Um escritor destacou a ironia da união entre o movimento carismático e o ecumenismo:

> É incoerente que um movimento que afirma estar em contato direto com o Espírito Santo, possuir todos os dons (como os de profecia, apostolado, palavra de sabedoria), comunicar-se diretamente com Deus, por meio do falar em línguas e outras formas, possa incluir, simultaneamente, católicos romanos, protestantes conservadores e liberais, amilenistas, premilenistas, calvinistas, arminianos, aqueles que negam a inspiração verbal da Bíblia e aqueles que rejeitam a expiação vicária de Cristo na cruz.

4 Em alguns casos, porém, a tendência ecumênica não é inconsciente; pelo contrário, é cuidadosamente planejada. David du Plessis, por exemplo, foi muito sincero a respeito de seu entusiasmo pelo movimento ecumênico. Diversos outros líderes carismáticos, incluindo John Wimber, defendem o ecumenismo. Concordo com esta afirmação de Peter Masters e John Whitcomb: "A grande maioria dos líderes carismáticos ainda sonha com uma igreja ecumênica e mundial sob a liderança do papa. O movimento carismático espalhou-se extensivamente na Igreja Católica Romana. Embora a vasta maioria dos sacerdotes empregue a terminologia e os métodos de adoração carismáticos, as doutrinas do catolicismo permanecem completamente intactas". (*The charismatic phenomenon.* London: The Wakeman Trust, 1988. p. 9-10.)

Aparentemente, o Espírito Santo não se preocupa em comunicar qualquer informação para corrigir todas essas diferenças — muitas delas, cruciais e outras, incorretas. Toda essa comunicação direta com o Espírito não tem feito nada para corrigir os erros mais básicos. Tampouco produz, entre os carismáticos, unidade a respeito da natureza e propósito de vários dons. Esse movimento não soluciona nenhuma questão teológica; não produz qualquer avanço no conhecimento bíblico, nem produz cristãos mais espirituais. Tamanha efusão do Espírito de Deus produziria tão pouco?[5]

Gordon Clark também escreveu sobre os perigos do ecumenismo carismático. Ele citou[6] o artigo de uma revista carismática que celebrava a invasão do pentecostalismo no catolicismo romano. Ele disse:

Diversos fatores abalam imediatamente qualquer leitor atento. Em primeiro lugar, a experiência das línguas é importantíssima. Se não é verdade dizer que nenhuma outra coisa importa, ao menos parece verdade dizer que nada importa tanto como esse dom. O falar em línguas é a principal característica do cristão dedicado. A implicação clara é que a veneração da virgem Maria não é contestável, se alguém fala em línguas. Há pouco valor na justificação tão-somente pela fé; pode-se aceitar o mérito do tesouro dos santos e admite-se a transubstanciação, caso se fale em línguas. E, ainda mais básico, coloca-se a tradição no mesmo nível que a Escritura e asseverar novas revelações da parte de Deus, se alguém fala em línguas. Observe bem, o ministro pentecostal [mencionado no artigo em foco] disse: "Não há tentativa [por parte dos protestantes carismáticos] de fazer prosélitos [católicos carismáticos]". Em outras palavras, o romanismo é aceitável, se alguém fala em línguas.[7]

5 Edgar, Thomas R. The cessation of the sign gifts. *Bibliotheca Sacra*, v. 145, n. 580, p. 385, Oct.-Nov. 1988.
6 O'Connor, Edward D. Gentle revolution: the catholic pentecostal movement in retrospect. *Voice,* Sept. 1971.
7 Clark, Gordon E. *First Corinthians:* a contemporary commentary. Nutley, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1975. p. 225.

O ecumenismo carismático destrói, continuamente, qualquer ligação anterior do movimento carismático com a ortodoxia bíblica. Na Ásia, novas seitas carismáticas têm surgido, seitas que mesclam budismo, taoísmo, confucionismo e outros falsos ensinos com as doutrinas carismáticas ocidentais.[8] O movimento carismático no todo é incapaz de defender-se dessas influências. Como podem confrontar grupos errôneos — mesmo os abertamente pagãos? Pois, no movimento carismático, a unidade é uma questão de experiências religiosas compartilhadas, e não de comunhão de ensino. Se a doutrina não é importante, por que *não* aceitar grupos de budistas carismáticos? Na verdade, isso é exatamente o que está ocorrendo.

Assim, enquanto a doutrina carismática causa divisão entre os grupos ortodoxos, possui o efeito contrário nos grupos que não o são. Os carismáticos têm se unido a grupos e indivíduos que os cristãos são ordenados a evitar (2 Jo 9-11). Infelizmente, vários carismáticos têm se tornado participantes da obras más daqueles que negam os ensinos de nosso Senhor (v. 11).

Suspeito que os carismáticos — inclusive aqueles que reconhecem a severidade desses problemas — afirmarão que o legado de seu movimento contém mais fatores positivos do que negativos. Como evidência, indicarão os efeitos do chamado avivamento carismático e o crescimento numérico do movimento em todo o mundo. Dirão que o ministério carismático revitaliza igrejas e alcança os perdidos, até nas partes mais remotas da terra. Entretanto, a natureza ecumênica da maior parte dessa renovação e expansão nega o argumento de que ela seja uma obra de Deus.

---

8 Um grupo carismático extremista de Taiwan, a Igreja do Novo Testamento, liderado pelo falso profeta Elias Hong, fez uma clareira na floresta da montanha Shuang Lien, no centro de Taiwan, rebatizada de monte Sião, onde esperam pelo ressurgimento do Senhor em breve. Os adeptos do grupo, milhares de pessoas, fazem prosélitos em toda a Ásia, e a influência da seita é crescente ("Alleluia!", *Asiaweek,* p. 46-51, Oct. 1989).

Infelizmente, a verdade é que o legado do movimento carismático assemelha-se mais ao caos e à confusão doutrinária. A maneira como os carismáticos tratam a espiritualidade é incorreta e repleta de ilusão potencial. Em ambos os lados da cerca carismática, existem crentes inseguros, desapontados e feridos. Alguns estão desesperados. A "boa vida" espiritual da qual ouviram falar em sermões e aulas de Escola Dominical parece ignorá-los. Onde encontrarão a chave para viver de modo realista e prático a rotina da vida cristã ?

A única resposta correta é (e sempre foi) na Palavra de Deus. Pois nela Deus nos revelou toda a verdade necessária para que O sirvamos e vivamos para a sua glória. Infelizmente, percebemos, com freqüência, que o movimento carismático tende a afastar as pessoas da Palavra de Deus, preferindo o misticismo e o subjetivismo pessoais. Não dê ouvidos ao canto da sereia.

> *Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo, por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pe 1.3-8).*